COLECÇÃO

CAMINHOS DA REVOLUÇÃO

Anatoli Lunatchárski • Vladímir Bontch-Bruévitch
Alexandra Kollontai • Mikhaíl Cholokhov • Alexandre Fadéiev
Vsévolod Ivánov • Abdulla Kakhkhar • Vera Imber
Valentin Katáev • Borís Lavreniov • A. Zóritch • Kornei Tchukóvski
Konstantin Fédine • Máximo Górki • Iuri Guerman
Elizaveta Drábkina • Vera Panova

DA TEMPESTADE NASCERAM...

Relatos da Revolução de Outubro

edições Avante!

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

DA TEMPESTADE NASCERAM...

Tradução, revisão e arranjo gráfico: *Colectivo das Edições «Avante!»*

© VAAP, Agência de Direitos de Autor da URSS

Direitos de tradução
em língua portuguesa
reservados por

EDITORIAL «AVANTE!»
Lisboa, 1979

CAMINHOS DA REVOLUÇÃO/7

DA TEMPESTADE NASCERAM...

RELATOS DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

EBRADIL – EMPRESA BRASILEIRA DE DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS LTDA
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE LIVROS
RUA GENEBRA, 139 – TEL: 34-4653 – CEP-01316 – S. PAULO

edições Avante!

ÍNDICE

Nota da Editora ... 9

Anatoli Lunatchárski
O SMÓLNI NAQUELA GRANDE NOITE ... 13

Vladimir Bontch-Bruévitch
I. COMO LÉNINE REDIGIU O DECRETO SOBRE A TERRA 17
II. O ESCUDO NACIONAL SOVIÉTICO ... 20

Alexandra Kollontai
O PRIMEIRO SUBSÍDIO ... 23

Mikhail Cholohov
O MALANDRETE ... 27

Alexandre Fadéiev
A EXPLORAÇÃO DE METÉLITSA ... 55

Vsévolod Ivánov
A LETRA «C» ... 69

Abdulla Kakhkhar
OS CEGOS VÊEM A LUZ ... 77

Vera Imber
O CRIME DE NOR-BIBI ... 93

Valentine Katáev
O SONO ... 115

Boris Lavreniov
O QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO ... 121

A. Zóritch
A AFRONTA 171

Kornei Tchukóvski
O COMISSÁRIO DO POVO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA 185

Konstantin Fédine
GÓRKI ENTRE NÓS 195

Máximo Górki
KAMÓ 207

MÍTIA PÁVLOV 216

Iuri Guerman
DZERZJÍNSKI E RÓSSOL 217

Elizaveta Drábkina
MEDITAÇÃO 231

Vera Panova
TRÊS RAPAZES DIANTE DE UM PORTAL 237

NOTA DA EDITORA

«Nós fomos os primeiros a quem coube a sorte de falar ao povo da vida socialista, de como foi conquistada.» Estas palavras de Alexandre Fadéiev poderiam ter sido repetidas por outros autores que damos a conhecer no presente livro: destacados participantes da Grande Revolução de Outubro, grandes escritores e jornalistas soviéticos. Entre eles figuram A. Lunatchárski, primeiro Comissário do Povo da Instrução Pública e grande figura da cultura, o académico V. Bontch-Bruévitch, autor de muitas obras de história da Revolução Russa, A. Kollontai, activa participante nos combates de Outubro, e os escritores Máximo Górki, Mikhaïl Chólokhov, Konstantin Fédine, Vsévolod Ivánov, Valentin Katáev, Iuri Guerman e outros.

... O fragor de milhares de vozes, como a ressaca, rola para o Smolni. O clarão das chamas das fogueiras reflecte-se nas janelas e arranca à escuridão, à bruma da meia-noite, as silhuetas de soldados vermelhos armados, de marinheiros com fitas de metralhadora cruzadas sobre o peito, de soldados com gorros de pele e de carros de assalto. Os destacamentos revolucionários partem para os seus postos de combate. O conto de A. Lunatchárski que abre o livro intitula-se: *O Smólni Naquela Grande Noite*. O Smólni, estado-maior central do povo em armas a 25 de Outubro (7 de Novembro) de 1917, é o palco histórico em que começa a narração daqueles ásperos dias, dias de heroísmo e abnegação, da Revolução de Outubro. Porém, os contos que aqui publicamos não falam apenas daqueles «dez dias que abalaram o mundo». Falam também dos anos heróicos da guerra civil, em que se defendiam as conquistas de Outubro; por vezes levam-nos ao passado, aos anos da clandestinidade revolucionária e, por fim, dão a conhecer o trabalho pacífico do povo soviético, construtor da nova sociedade. Nos contos não oferecem interesse apenas os acontecimentos his-

tóricos, mas também aquilo a que poderíamos chamar «biografia da alma do povo»: a embriaguez e o júbilo dos primeiros dias da revolução vitoriosa, a consciência, bem depressa adquirida, de que a vitória de Outubro não é o fim, mas antes o começo da edificação do primeiro Estado de trabalhadores do Mundo, o começo de uma longa luta pela transformação socialista da Pátria. No imenso país, arruinado por quatro anos de guerra imperialista, em que não havia rádio, quase não circulavam comboios e o correio trabalhava com muita dificuldade, penetravam nos mais afastados confins as ideias e os pensamentos de Lénine de que o povo era já senhor da situação. Os operários e os camponeses respondiam ao apelo do Partido e esqueciam os seus interesses pessoais para dar todas as suas forças e, quando assim era preciso, a vida na luta pelo novo regime. «O trabalho e a luta são terríveis, mas o meu coração, nesta luta, mantém-se vivo e continua a ser o mesmo de antes», disse aos seus amigos um dos combatentes da Revolução, de que se fala no livro. Do coração vivo da Revolução que começou a 25 de Outubro de 1917 falam os contos reunidos neste volume. «Quanto mais de nós se afasta este grande dia — disse Lénine — tanto mais clara se torna a importância da revolução proletária na Rússia...»

DA TEMPESTADE NASCERAM...

ANATOLI LUNATCHÁRSKI

O académico A. V. Lunatchárski (1875-1933) foi uma relevante personalidade da cultura soviética. Filiou-se aos 17 anos numa organização social-democrata. Colaborou nos jornais bolcheviques *Vperiod* (*Avante*) e *Proletari* (*O Proletário*) sob a direcção de V. I. Lénine. Depois do triunfo da Revolução de Outubro desempenhou durante muitos anos o cargo de Comissário do Povo da Instrução Pública da República Socialista Federativa Soviética da Rússia.

Lunatchárski era um destacado tribuno e publicista, historiador das literaturas russa e da Europa ocidental, autor de várias obras dramáticas e de brilhantes ensaios críticos sobre a literatura soviética. É conhecida a elevada estima que V. I. Lénine tinha por Lunatchárski. Dizia: «É um homem excepcionalmente dotado. Sinto um fraco por ele... Gosto muito dele, sabe, é um excelente camarada!»

O SMÓLNI NAQUELA GRANDE NOITE

Todo o Smólni está profusamente iluminado. Uma multidão excitada vai e vem pelos corredores. Em todas as salas reina uma agitação febril, mas a maior torrente humana aflui, em verdadeiros e impetuosos remoinhos, ao canto do corredor do andar de cima: ali, na última sala ao fundo, encontra-se reunido o Conselho Militar Revolucionário. Umas quantas raparigas, meio mortas de cansaço, enfrentam com heroísmo o fantástico embate dos que chegam para receber esclarecimentos e ordens, para pedir alguma coisa ou queixarem-se de alguém.

Quando se caía naquele turbilhão, por toda a parte se viam rostos entusiastas, mãos que se estendiam para agarrar instruções ou credenciais.

Tarefas e nomeações de enorme importância ali mesmo se estabeleciam; ali mesmo eram ditadas para as máquinas de escrever que matraqueavam sem parar, eram assinadas a lápis em cima do joelho, enquanto algum camarada jovem, feliz com o trabalho que lhe fora confiado, corria já no automóvel a louca velocidade, nas trevas da noite. Na última sala ao fundo, sem por um instante

se afastarem da mesa, uns quantos camaradas enviavam as suas ordens, como caudais de enegia eléctrica, às cidades sublevadas da Rússia, em todas as direcções.

Não posso recordar sem assombro esse espantoso trabalho, e considero a actuação do Comité Militar Revolucionário nos dias de Outubro como uma das manifestações da energia humana, demonstrativa das inesgotáveis reservas que um coração revolucionário tem em si e daquilo que é capaz quando por ele chama a voz tonante da revolução.

A reunião do II Congresso dos Sovietes começou à tarde, na Sala Branca do Smólni.

Entre os que ali se encontravam reinava um ambiente solene, de festa. A emoção era imensa, mas não havia o menor sinal de pânico, apesar de se combater em torno do Palácio de Inverno e de incessantemente chegarem notícias qual delas mais alarmante.

Ao dizer que não havia pânico refiro-me aos bolcheviques e à imensa maioria do Congresso, que apoiava os seus pontos de vista. Pelo contrário, os elementos «socialistas» de direita estavam cheios de pavor e raiva, desorientados e nervosos.

Quando por fim se abriu a sessão, ficou inteiramente claro qual era o estado de ânimo do Congresso. Os discursos dos bolcheviques eram acolhidos com transbordante entusiasmo. Com calorosas provas de admiração foram ouvidas as intervenções dos marinheiros que ali se tinham apresentado para contar a verdade acerca dos combates que se travavam em volta do Palácio de Inverno.

Com que interminável e atroadora ovação foi recebida a notícia, tão longamente esperada, de que o Poder Soviético penetrara por fim no Palácio de Inverno e que os ministros capitalistas tinham sido detidos! Entretanto, o tenente Kuchine, um menchevique que desempenhava um papel de grande importância na organização do Exército daqueles tempos, subiu à tribuna e ameaçou-nos de que iria trazer imediatamente a Petrogrado os soldados da sua Frente. Leu umas resoluções contra o Poder Soviético, adoptadas pelos 1.º, 2.º e 3.º Exércitos... — continuou a enumerar até ao 12.º, incluindo o especial — e terminou ameaçando de modo directo aqueles que se tinham atrevido a empreender a «aventura» de Petrogrado.

Aquilo não assustou ninguém. Como também não infundiu medo o anúncio de que o mar camponês se levantaria encrespado diante de nós e nos tragaria a todos.

Vladímir Ilitch sentia-se como peixe na água: alegre, trabalhava sem descanso e, a um canto, já escrevera os decretos sobre o novo Poder, destinados a converterem-se um dia — agora tivemos essa certeza — nas mais relevantes páginas da história do nosso século.

Acrescento a estas linhas, escritas ao correr da pena, as minhas recordações acerca da designação do primeiro Conselho de Comissários do Povo. Isto teve lugar numa saleta do Smólni, onde os casacos e os gorros de Inverno estavam estendidos em cima das cadeiras e tudo e todos se apertavam em volta de uma mesa debilmente iluminada. Íamos escolhendo os dirigentes da Rússia renovada. E a mim parecia-me que a escolha era com frequência demasiado casual: constantemente temia que fosse excessivamente grande a falta de consonância entre as gigantescas tarefas e os homens que para elas eram escolhidos, que eu conhecia bem e que ainda não me pareciam preparados para o desempenho de uma ou outra especialidade. Lénine, com certo ar de enfado, esquivava-se às minhas observações ao mesmo tempo que me dizia sorridente:

— É para agora; depois se verá. Precisamos de gente de responsabilidade para todos os cargos. Se não servirem, podemos substituí-los.

Quanta razão tinha! Uns, é evidente, foram substituídos; outros mantiveram-se nos seus postos. Quantos, que tinham iniciado não sem timidez o trabalho confiado, se mostraram depois, plenamente, à sua altura! Alguns — não só entre os espectadores mas também entre os participantes da revolução — sentiam, como é lógico, vertigem ante as grandiosas perspectivas e dificuldades que pareciam insuperáveis. Lénine, com maravilhosa serenidade de ânimo, examinava as tarefas a realizar e lançava-se no seu cumprimento, como o hábil piloto empunha o leme do enorme transatlântico.

VLADÍMIR BONTCH-BRUÉVITCH

Foi um dos membros mais antigos do Partido Comunista da União Soviética. Participou activamente nas revoluções de Fevereiro e Outubro de 1917. Durante muitos anos colaborou com V. I. Lénine. Desde os primeiros dias da Revolução até 1920, Bontch-Bruévitch desempenhou o cargo de chefe da Secretaria do Conselho de Comissários do Povo. Mais tarde foi redactor-chefe da Editorial *Jizn i Znánie* (*Vida e Saber*), bem como organizador e director do Museu Estattal de Literatura. Escreveu numerosos trabalhos de história do movimento revolucionário na Rússia, de História, crítica literária e etnografia.

I

COMO LÉNINE REDIGIU O DECRETO SOBRE A TERRA

Quando o Palácio de Inverno foi tomado pelas tropas revolucionárias e Vladímir Ilitch, que estava muito inquieto pela lentidão de acção dos nossos chefes militares, respirou por fim aliviado, retirou imediatamente o disfarce simples que trazia no rosto e, rodeado pelos seus velhos amigos políticos, apresentou-se na sessão do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, que esperava o desenlace dos acontecimentos.

Não é possível comparar com um trovão, foi algo de maior, de verdadeiramente impressionante: um vendaval de sentimentos humanos agitou a sala quando Vladímir Ilitch apareceu na tribuna. Foi aberta a reunião. E de novo ressoaram vivas, aclamações, gritos de júbilo... Assim, impetuosa, transbordante de fogoso entusiasmo, decorreu a histórica e célebre reunião.

Deu-se por fim solução a todos os assuntos e, a altas horas da noite, encaminhámo-nos para a minha residência, para ali dormirmos. Ceámos qualquer coisa. Depois de cear, procurei fazer quanto era necessário para o repouso de Vladímir Ilitch, que estava excitado mas, como é evidente, abatido pelo cansaço. Com muita dificuldade, conseguimos convencê-lo a que acei-

tasse a minha cama, num pequeno quarto independente, onde tinha à sua disposição uma secretária, papel, tinta e livros.

Eu deitei-me no quarto ao lado, num divã, e decidi não dormir enquanto não estivesse completamente certo de que Vladímir Ilitch já dormia. Para melhor segurança, fechei bem, com todas as chaves, correntes e trancas, as portas de entrada e engatilhei os revólveres, pensando que podiam entrar em casa e prender ou matar Vladímir Ilitch, pois era aquela a nossa primeira noite apenas, e tudo se podia esperar! Cautelosamente, anotei imediatamente num papel os números que conhecia dos telefones dos camaradas, do Smólni, dos comités distritais operários e dos sindicatos, não acontecesse que com a pressa me esquecesse.

... Vladímir Ilitch, no seu quarto, apagara já a luz. Presto atenção para verificar se dorme. Nada se ouve. Começo a conciliar o sono e estou já quase a adormecer quando, de repente, se acende a luz no quarto em que se encontra Vladímir Ilitch. Ouço que se levanta quase sem fazer barulho, entreabre silencioso a porta do meu quarto e, convencido de que «durmo» (devo dizer que estava acordado), aproxima-se cauteloso nas pontas dos pés, para não acordar ninguém, da secretária; senta-se, abre o tinteiro e, depois de desdobrar uns papéis, lança-se no trabalho...

Escrevia, riscava, lia, emendava, punha-se de novo a escrever. Por fim começou aparentemente a passar a limpo. Amanhecia já, avistavam-se os cinzentos alvores da tardia madrugada outonal de Petrogrado quando Vladímir Ilitch apagou a luz, se deitou e adormeceu.

De manhã, na altura de nos levantarmos, eu avisava toda a gente da casa para que não fizessem barulho, pois Vladímir Ilitch estivera trabalhando toda a noite e certamente estaria muitíssimo fatigado. De repente, quando ninguém esperava, saiu do quarto completamente vestido, enérgico, fresco, decidido, alegre, a gracejar.

— Saúdo-vos no primeiro dia da Revolução Socialista! — disse a todos, e o seu rosto não dava sinais do menor cansaço, como se tivesse dormido magnificamente. Na realidade, apenas tivera duas ou três horas de sono, depois de vinte horas de espantoso trabalho. Quando todos se reuniram para tomar o chá e Nadejda Konstantínovna — que também passara a noite connosco — saiu do seu quarto, Vladímir Ilitch tirou do bolso umas folhas de papel, já escritas a limpo, e leu-nos o seu famoso Decreto sobre a terra.

— Agora falta apenas promulgá-lo, dá-lo a conhecer e difundi-lo amplamente! E que experimentem então fazê-lo voltar para trás! Ficar-se-ão pela vontade, pois não haverá poder algum capaz de tirar este decreto aos camponeses e de devolver a terra aos latifundiários. Esta é uma importantíssima conquista da nossa Revolução de Outubro. A revolução agrária será levada a cabo e consolidada hoje mesmo.

Quando alguém lhe disse que ainda haveria nos diferentes lugares toda a espécie de desordens e lutas em torno da terra respondeu imediatamente que tudo isso eram já ninharias que se resolveriam sempre que se compreendesse o verdadeiro fundo da disposição e nela se penetrasse. E começou a explicar em pormenor que aquele decreto seria especialmente aceitável para os camponeses por o ter baseado nas petições contidas em todos os mandatos dos camponeses aos seus deputados e que tinham sido recolhidas nas recomendações gerais ao Congresso dos Sovietes.

— Mas todos eles eram socialistas-revolucionários. Por conseguinte irão dizer que os copiámos — observou um dos presentes.

Vladímir Ilitch sorriu.

— Pois que digam. Os camponeses verão claramente que nós apoiaremos sempre todas as suas justas reivindicações. Devemos aproximar-nos por completo dos camponeses, da sua vida e dos seus anseios. E se alguns imbecis se rirem, pois que riam. Nunca pensámos entregar aos socialistas-revolucionários o monopólio dos camponeses. Somos o principal partido do governo e, depois da ditadura do proletariado, a questão camponesa é a mais importante. Naquele mesmo dia, à tarde, tinha de ser promulgado no Congresso o Decreto sobre a terra. Decidiu-se que devia ser imediatamente dactilografado e entregue à imprensa, para que no dia seguinte aparecesse em todos os jornais. Naquele mesmo instante ocorreu a Vladímir Ilitch a ideia de dar publicidade ao Decreto e que fossem inseridos em todos os jornais, com carácter obrigatório, todos os comunicados do governo.

Decidiu-se imprimir imediatamente o Decreto sobre a terra, em separata, com uma tiragem não inferior a cinquenta mil exemplares, e que em primeiro lugar devia ser distribuído entre os soldados que voltavam às suas aldeias, pois por eles o Decreto chegaria com a maior rapidez ao mais profundo das massas. A decisão foi magnificamente cumprida nos dias seguintes.

Pouco depois dirigimo-nos a pé para o Smólni, depois apanhámos um eléctrico. Vladímir Ilitch, ao ver a ordem exemplar que reinava nas ruas, estava resplandecente de alegria. Com impaciência esperou que a tarde chegasse. Depois da aprovação pelo Segundo Congresso dos Sovietes da Rússia do Decreto sobre a paz, Vladímir Ilitch leu com voz clara o Decreto sobre a terra, que foi aceite com entusiasmo e por unanimidade.

Enquanto o aprovavam, enviei-o por mensageiros a todas as redacções de Petrogrado, e para outras cidades mandei-o sem demora pelo correio e pelo telégrafo. Os nossos jornais tinham-no composto previamente e, de manhã cedo, foi lido imediatamente

por centenas de milhares, por milhões de pessoas. Toda a população trabalhadora o acolheu com júbilo. A burguesia recebeu-o com silvos de serpente e latidos de raiva em todos os seus jornais. Mas quem fazia então caso deles?

Vladímir Ilitch estava alegre.

— Só isto — dizia — já deixará marca na nossa história por muitos e muitos anos.

A época de fecundo e criador trabalho revolucionário iniciava-se com grande êxito. Durante muito tempo Vladímir Ilitch continuou a manifestar o seu interesse pelo Decreto sobre a terra; desejava saber constantemente quantos exemplares, para além dos jornais, tinham sido distribuídos entre os soldados e os camponeses. A pequena brochura com o Decreto era reeditada muitas vezes e distribuída gratuitamente em grande quantidade não só nas capitais da província e sedes de distrito como em todos os municípios da Rússia.

O Decreto sobre a terra tornou-se realmente conhecido por todos. Talvez nenhuma lei tenha tido no nosso país uma tão ampla difusão como aquela que foi alcançada por este decreto, que constitui uma das leis fundamentais da nossa nova legislação socialista, a que Vladímir Ilitch dedicou tantas forças e energias e a que concedia tão grande importância.

II

O ESCUDO NACIONAL SOVIÉTICO

Criar o escudo nacional do nosso País Soviético era tarefa de grande importância, pois esse escudo deveria distinguir-se radicalmente, pelo seu conteúdo, de quanto encerravam os escudos dos Estados capitalistas.

Na Secretaria do Conselho de Comissários do Povo recebeu-se um projecto de escudo feito a aguarela. Tinha a mesma forma redonda e os mesmos emblemas de hoje, porém, a meio, via-se uma comprida espada desembainhada. E parecia que aquela espada dominava todo o desenho. O punho perdia-se entre feixes de trigo, na parte inferior do desenho, e a afiada ponta enterrava-se pelos raios de Sol que enchiam toda a parte superior do ornamento geral.

Vladímir Ilitch encontrava-se no seu gabinete a conversar com I. Sverdlov, F. Dzerjinski e mais alguns camaradas quando o projecto de escudo foi posto em cima da mesa, na sua frente.

— Que é isto? O escudo?... Tem interesse ver — e fixou o olhar no desenho, debruçando-se sobre a mesa. Todos nós rodeávamos Lénine e começámos a observar com curiosidade o projecto de escudo apresentado pelo desenhador das oficinas tipográficas da Direcção de Emblemas e Moedas do Estado.

O desenho, quanto ao seu aspecto exterior, estava bem feito. Sobre um fundo vermelho brilhavam os raios de um Sol nascente, rodeado por um semicírculo de feixes de trigo em cujo interior se distinguiam claramente uma foice e um martelo, enquanto no escudo, cruzando-o de baixo para cima, campeava, dominante, como que num aviso para todos, uma afiada espada de aço de Damasco.

— É interessante!... — comentou Vladímir Ilitch. — Tem conteúdo. Mas para quê esta espada? — e olhou-nos a todos.

— Lutámos, combatemos e continuaremos a combater até ficar assegurada a ditadura do proletariado e atirarmos para fora das nossas fronteiras os guardas brancos e os intervencionistas, mas isto não quer dizer que a guerra, os espadalhões, a violência militar venham alguma vez a predominar entre nós. Nós não precisamos de conquistas. A política das conquistas é-nos completamente estranha. Nós não atacamos, repelimos os ataques dos inimigos internos e externos. A nossa guerra é defensiva e a espada não é o nosso emblema. Devemos empunhá-la com firmeza para defender o nosso Estado proletário enquanto no nosso país houver inimigos, enquanto nos atacarem, enquanto nos ameaçarem, mas não quer dizer que isto acontecerá sempre...

— O socialismo triunfará em todos os países, isso não oferece dúvida. A fraternidade dos povos será proclamada e levada a cabo no mundo inteiro, nós não precisamos da espada, ela não é o nosso emblema... — repetiu Vladímir Ilitch.

— Do escudo do nosso Estado Socialista devemos tirar a espada... — continuou a dizer Vladímir Ilitch, e riscou-a com um lápis de ponta afiada e um sinal de correcção, que repetiu na margem direita do escudo.

— No restante, o escudo esté bom. Aprovemos o projecto e depois o voltaremos a ver e a examinar no Conselho de Comissários do Povo. Mas tudo isto tem de ser feito o mais cedo possível...

E assinou o desenho.

Devolvi o projecto ao desenhador da Direcção de Emblemas e Moedas do Estado que lá se encontrava e pedi-lhe que emendasse o escudo.

Quando o desenho nos foi apresentado pela segunda vez, já sem espada, concordámos em o apresentar ao escultor Andréiev. Ele achou necessário fazer algumas correcções de carácter técnico;

voltou a desenhar o escudo, tornou mais espessos os feixes de trigo, reforçou o brilho dos raios de Sol, e foi como se desse a tudo maior relevo e expressividade.

O escudo oficial da República Socialista Federativa Soviética da Rússia foi aprovado nos começos do ano de 1918.

ALEXANDRA KOLLONTAI

Alexandra Kollontai, diplomata soviética, nasceu em 1872 e morreu em 1952. Tendo-se alistado no movimento revolucionário nos anos noventa, tomou parte activa nos combates de Outubro de 1917. Conhecia de perto V. I. Lénine.

Depois da Revolução foi Comissário do Povo de Assistência Social do Estado, esteve à frente do Secretariado Feminino Internacional da Comintern e representou o Estado Soviético como embaixatriz plenipotenciária na Noruega, no Médio Oriente e na Suécia.

As memórias de A. Kollontai acerca da Revolução de 1917 foram várias vezes publicadas na URSS. Baseando-se nelas, D. Granine fez o guião do filme *O Primeiro Visitante*, rodado nos estúdios Lenfilm.

O PRIMEIRO SUBSÍDIO

Aquele Outubro de 1917 foi cinzento e ventoso. O vento agitava as copas das árvores no jardim do Smólni, do edifício de intermináveis e sinuosos corredores, de grandes e luminosas salas, com aquele vazio próprio das mansões oficiais, onde se levava a cabo um trabalho intenso, que o mundo nunca conhecera.

Havia dois dias que o Poder passara para as mãos dos Sovietes. Do Palácio de Inverno eram donos os operários e os soldados. O governo de Kérenski já não existia. Mas cada um de nós compreendia que aquilo era apenas o primeiro degrau da dura escada que conduzia à emancipação dos trabalhadores e à criação de uma república nova, laboriosa, sem precedentes na Terra.

O Comité Central do Partido dos bolcheviques alojava-se numa pequena sala lateral com uma simples mesa ao centro, jornais nas janelas e no soalho e umas quantas cadeiras. Já não sei a razão por que ali fui, mas recordo, isso sim, que Vladímir Ilitch nem sequer me deixou colocar a questão. Ao ver-me, decidiu imediatamente que eu devia fazer alguma coisa mais necessária do que aquilo para que me propunha.

— Vá agora mesmo encarregar-se do Ministério da Assistência Social do Estado. Tem de o fazer imediatamente.

Vladímir Ilitch estava tranquilo, quase alegre. Gracejou um pouco e, em seguida, começou a tratar de outro assunto.

Não me recordo porque fui até lá sozinha, apenas me ficou gravado na memória aquele húmido dia de Outubro em que cheguei à porta do Ministério da Assistência Social do Estado, que se encontrava na Rua de Kazán. O porteiro, de elevada estatura e boa presença, com barba branca e uniforme cheio de galões, entreabriu a porta e examinou-me dos pés à cabeça.

— Qual dos seus chefes está agora aqui? — tentei eu informar-me.

— As horas de visita para petições terminaram — atalhou cortante o velho de galões e boa presença.

— Mas eu não venho fazer qualquer petição. Dos altos funcionários quem está aqui?

— Já lhe disse, e em russo, que as solicitações são recebidas da uma às três, e agora veja o relógio, já passa das quatro.

Eu insisti, ele manteve-se na sua. De nada serviram razões. As horas da visita tinham terminado. E tinha ordem para não deixar entrar ninguém.

Apesar da proibição tentei subir pela escadaria.

Mas o casmurro velho levantou-se diante de mim como um muro intransponível, sem me deixar avançar um passo.

E tive de partir sem nada conseguir, pois tinha pressa de chegar a um comício. E os comícios naqueles dias eram o mais importante, o fundamental. Ali, entre as massas de soldados e os pobres da cidade, se decidia a questão da existência do Poder Soviético, se o manteriam os operários e os camponeses fardados ou se venceria a burguesia.

Na manhã seguinte, muito cedo, tocou a campainha da residência onde me instalara ao sair da cadeia em que Kérenski me metera. O toque era insistente.

Abrimos. Apareceu um mujique, muito pequeno, com samarra, *laptis* (*) e barbas.

— É aqui que vive o Comissário Popular Kollontai? Tenho de o ver. Trago aqui este papelinho para ele, do bolchevique principal, de Lénine.

Olho e vejo que efectivamente aquele bocado de papel está escrito e assinado pelo punho de Vladímir Ilitch:

«Entregue-lhe quanto ele tenha a haver pelo cavalo dos fundos da Assistência Social do Estado.»

O mujique, pachorrento, ia-me contando tudo. Nos tempos do tsar, em vésperas de Fevereiro, tinham-lhe requisitado o cavalo para as necessidades da guerra. Promeeram-lhe pagá-lo a preço razoável. Mas foi passando o tempo e não recebeu qualquer aviso

(*) Espécie de tamancos. *(Nota da edição portuguesa.)*

para o pagamento. Então o mujique foi a Piter (*) e esteve dois meses a bater às portas de todas as instituições do Governo Provisório, sem qualquer resultado. Atiravam-no como uma bola de uma repartição para outra. Foi gastando a paciência até se lhe acabar o dinheiro. E foi naquele momento que soube haver uns homens, chamados bolcheviques, que devolviam aos operários e aos camponeses tudo o que os tsares e os latifundiários lhes tinham tirado, tal como o que fora arrebatado ao povo durante a guerra. Para isso, só precisava de receber um papelinho do bolchevique principal, de Lénine. E aquele mujique pequenote encontrara Vladímir Ilitch no Smólni. Antes que começasse a amanhecer, fê-lo levantar-se e conseguira o papelinho que me mostrava, mas que não entregava.

— Quando receber o dinheiro, entrego. Entretanto, é melhor que fique na minha mão. É mais seguro.

Que havia eu de fazer com o mujique pequenote e o seu cavalo? O Ministério continuava nas mãos dos funcionários do Governo Provisório. Eram tempos estranhos: o Poder estava já nas mãos dos Sovietes, o Conselho de Comissários do Povo era bolchevique, mas as instituições oficiais, como carruagens lançadas, continuavam pelos carris da política do Governo Provisório.

Como encarregar-se do Ministério? Pela força? Fugiriam todos e ficaríamos sem funcionários.

Resolvemos agir de outra maneira: convocar uma reunião de delegados do sindicato de empregados subalternos. Era presidido pelo mecânico I. Egórov. O sindicato era muito especial — um verdadeiro sortido de profissões — e era formado por quantos, em relação ao quadro correspondente, trabalhassem na qualidade de pessoal subalterno: carteiros, irmãs de caridade, encarregados do aquecimento, guarda-livros, escriturários, mecânicos, operários e operárias da fábrica de cartas de jogar, guardas e enfermeiros.

Examinámos a situação. Actuou-se de um modo executivo. Elegemos um Conselho e na manhã seguinte fomos encarregar-nos do Ministério.

Entrámos. O porteiro dos galões, que não simpatizava com os bolcheviques, não tinha assistido à reunião. O seu gesto era desaprovador, mas deixou-nos passar. Começámos a subir a escadaria; no sentido contrário ao nosso descia um rio de funcionários, dactilógrafas, guarda-livros, chefes... Desciam a correr, precipitadamente, nem queriam olhar-nos. Nós para cima, eles para baixo. A cabotagem dos funcionários começara. Apenas ficaram algumas pessoas. Afirmaram estar dispostas a trabalhar connosco, com os

(*) Petrogrado. *(Nota da edição portuguesa.)*

bolcheviques. Entrámos nas secções e nos escritórios do Ministério. Estava tudo vazio. As máquinas de escrever abandonadas, os papéis atirados para o soalho. E os livros de contabilidade tinham sido guardados. Estavam fechados. E não tínhamos as chaves. Também não estavam ali as chaves da Tesouraria.

Quem as teria? Como íamos nós trabalhar sem dinheiro? A Assistência Social do Estado era uma instituição cujo trabalho não era possível deter, pois abrangia os asilos, os mutilados de guerra, as oficinas de ortopedia, os hospitais, os sanatórios, os lazaretos, os reformatórios, os colégios de meninas e as casas de cego... Enorme campo de acção! De todos os lados pressionavam, exigiam... E não tínhamos as chaves. Mas o mais tenaz de todos era o mujique pequenino que viera com o papel assinado por Lénine. Todos os dias mal amanhecia já ele estava à porta.

— Que há sobre o pagamento do cavalo? Era muito bom. Se o animal não fosse tão forte e resistente não punha tanto empenho em que mo pagassem.

Passados dois dias apareceram as chaves. A primeira saída da Caixa de Assistência Social foi o pagamento do cavalo que o governo tsarista tirara, pelo engano e pela força, àquele camponês, ao mujique baixinho, que com tanta tenacidade tinha conseguido receber por completo, com o papel assinado por V. I. Lénine, a soma que lhe cabia.

O Malandrete é um dos «Contos de Don», de Mikhail Chólokhov, um dos clássicos da literatura soviética. Escritos por meados da década de vinte, nos começos do seu trabalho literário, estes contos reúnem todas as qualidades de grande arte que iriam manifestar-se mais tarde, com singular força, em *O Don Tranquilo, Terras Desbravadas* e *O Destino de Um Homem.*

«Como uma flor da estepe, como uma pincelada viva, aparecem os contos do camarada Chólokov — escrevia já em 1926 A. Serafimóvitch, um dos mais velhos escritores soviéticos. — Simplicidade, clareza, e o objecto da narração surge como se o tivéssemos diante dos olhos. A linguagem, rica de imagens, é a mesma florida linguagem que os cossacos falam. Concisão, e essa concisão está cheia de vida, de emoção e de verdade.»

O MALANDRETE

Michka sonha que o avô cortou na horta uma boa vara de cerejeira e que se encaminha para ele, agitando-a no ar e ordenando, severo:

— Chega-te cá, Makhailo Fomitch, que vou sacudir-te nesse sitio onde nascem as pernas!

— Mas porquê, avôzinho? — pergunta Michka.

— Porque tu, na capoeira, tiraste à galinha da poupa todos os ovos que ela tinha no ninho e levaste-os para a feira, para andares no carrossel!

— Avôzinho, este ano ainda não andei no carrossel! — grita Michka com espanto.

Mas o avô passa a mão pela barba com gravidade e dá uma grande pézada no chão:

— Deita-te, velhaco, e baixa os calções!...

Michka lança um grito e acorda. O coração bate-lhe com violência, como se realmente tivesse experimentado a vara. Entreabre

um nadinha o olho esquerdo: na *khata* (*) há luz. A aurora desponta já atrás da pequena janela. Michka levanta a cabeça e escuta umas vozes no alpendre; a mãe dá um grito, balbucia umas palavras e ri com alegria, enquanto o avô tosse e um desconhecido mastiga entre dentes, rude: «Bu-bu-bu...»

O rapazito esfrega os olhos e vê que a porta se abre, para se fechar com estrondo. O avô entra em casa, apressado, aos saltinhos, os óculos a balançarem-lhe no nariz. Michka a princípio pensa que veio o *pope* (**) com os cantores da igreja (pois na Páscoa, quando o pope vem, o avô também se agita assim), atrás do avô entra pela casa um soldado tremendo, com capote preto e gorro com uma fitas... mas sem pala. A mãe pendurou-se-lhe do pescoço, aos gritos. No meio da *khata* um homem estranho faz balouçar a mãe, pendurada ao seu pescoço, e pergunta com uma voz atroadora:

— Onde está o meu herdeiro?

Michka, assustado, esconde-se por baixo da manta.

— Míniuchka, filhinho, que fazes aí adormecido? O teu pai voltou do serviço! — anuncia a mãe aos gritos.

E antes que Michka tenha tempo de pestanejar, o soldado apodera-se dele, atira-o para o alto, para o tecto, e apanha-o para o apertar contra o peito, picando-o muito com o arruivado bigode nos lábios, com a cara, com os olhos. O bigode está molhado com alguma coisa salgada. Michka tenta soltar-se mas não consegue.

— Que bom bolchevique está a crescer nesta casa!... Não tarda que estejas mais alto que o teu pai... Oh, oh, oh! — exclama trovejante e, sem reparar em mais ninguém, brinca com Michka: tão depressa o senta na palma na manápula como lhe dá voltas e o atira de novo para o mesmo barrote do tecto.

Depois de aguentar e voltar a aguentar, Michka farta-se, franze a sobrancelha para o avô e, com cara de poucos amigos, agarra-se ao bigode paterno.

—Larga-me! Eu já sou crescido e tu pegas em mim como se eu fosse um menino!...

—Quantos anos tens, cachorro?

—Vou a caminho dos oito — responde Michka, resmungão, olhando de lado.

— Lembras-te, meu filho, que no ano passado te fiz uns barcos? Lembras-te que os fomos deitar à água na lagoa?

— Lembro!... — grita Michka e, com timidez, abraça o pescoço do pai.

(*) Casa camponesa da Ucrânia e do Sul da Rússia. *(Nota da edição portuguesa.)*

(**) Padre. *(Nota da edição portuguesa.)*

E agora é que começa a valer a brincadeira: o pai monta o filho nos ombros, segura-o bem pelas pernas e põe-se a dar voltas e mais voltas pela casa; depois, começa a dar coices e a relinchar como um cavalo, e Michka, com a emoção e o entusiasmo, nem consegue respirar. A mãe puxa-lhe pela manga e grita:

— Vai brincar para o pátio!... Estou a dizer-te para ires, meu danado! — e pede ao pai: — Larga o rapaz, Fomá Akímitch! Fazes o favor de o largar!... Nem me deixa ver-te bem a cara, falcão reluzente. Estou dois anos sem te ver e tu só te entretens com ele!

O pai tira Michka dos ombros e diz-lhe:

— Corre, vai brincar com os rapazes e vem depois. Quero dar-te uns presentes que te trouxe.

Michka sai e fecha a porta, mas não de todo; pensa em escutar do alpendre o que dizem na *khata*, mas logo se lembra que nenhum dos rapazes sabe que o seu pai voltou e, pelo pátio e pela horta, pisando os regos de batatas, encaminha-se a correr para a lagoa.

Depois de tomar banho na água pestilenta e estagnada, Michka deixa-se cair na areia, mergulha pela última vez e, saltando ao pé coxinho, enfia os calções. Quando já tem a firme disposição de voltar a casa, aproxima-se Vitka, o filho do pope.

— Não te vás embora, Michka! Vamos tomar banho e depois para casa brincar. A minha mãe dá licença que venhas...

Michka puxa com a mão esquerda os calções, que lhe escorregaram, endireita o suspensório no ombro e responde de má vontade:

— Não quero brincar contigo. As tuas orelhas cheiram mal...

Vitka pisca malicioso o olho esquerdo, enquanto vai tirando dos esquálidos ombros a camisola de malha:

— Isso é da escrofulose, mas tu és um mujique e a tua mãe pariu-te ao pé de uma cerca!...

— Tu viste?

— Ouvi, quando a nossa cozinheira estava a contar isso à minha mamã.

Michka escava a areia com o pé e olha Vitka de alto a baixo.

— A tua mãezinha mente! Em compensação o meu pai lutou na guerra, enquanto o teu é uma sanguessuga que engole as empadas dos outros!...

— Malandrete!... — grita esganiçado o filho do pope, torcendo a boca.

Michka apanha uma pedra polida pelas águas, mas o filho do pope contém as lágrimas e diz a sorrir muito carinhoso:

— Não lutes, Michka, não te zangues por isso! Queres que te dê o meu punhal, o de ferro?

Os olhos de Michka reluzem de contentamento e atira a pedra para o lado, mas, ao lembrar-se do pai, responde com orgulho:

— O meu pai trouxe-me da guerra um melhor que o teu!

— Mentes! — afirma Vitka, incrédulo, a morder a palavra.

— Tu é que mentes!... Quando eu digo que trouxe é porque trouxe!... E também uma espingarda a valer...

— Ora vejam como ele se tornou rico! — troçou Vitka invejoso.

— E além disso tem um gorro, um gorro com franjas e umas letras de ouro, como as do teus livros.

Vitka, de testa franzida e a coçar a barriga muito branca, procura durante um bom bocado imaginar alguma coisa que surpreenda Michka.

— Pois o meu papá bem depressa será arcebispo, enquanto o teu foi pastor. Percebes?...

Cansado de estar parado, Michka dá a volta e encaminha-se para a horta. O filho do pope chama:

— Michka, Michka, quero dizer-te uma coisa!

— Diz.

— Chega cá!...

Michka aproxima-se e olha de lado, desconfiado.

— Vá, diz!

O rebento do pope, sorrindo, começa a saltitar pela areia com as suas pernas fininhas, cambadas, e atira-lhe com maldade:

— O teu pai é um *comuna*! Quando morreres e a tua alma subir ao céu, Deus dirá: «Por o teu pai ter sido comunista, vai-te para o inferno»... E lá os demónios hão-de cozer-te nos caldeirões...

— E julgas que não te cozem também?

— O meu papá é sacerdote!... Tu, estúpido ignorante, não entendes nada de nada...

Michka teve medo. E em silêncio volta a correr para casa.

Pára diante da sebe da horta e grita ao rebento do pope, ameaçando-o com o punho:

— Vou perguntar ao meu avô. E se for mentira, nem te lembres de passar à frente da minha porta!

E tinha já saltado a sebe e corria para casa, vendo um caldeirão onde o coziam vivo... Abrasa-se ali e, à sua volta, ferve o creme de leite com borbulhas de espuma. Sente calafrios nas costas; depressa, depressa, tem de chegar quanto antes junto do avô e perguntar-lhe...

Mas, por pouca sorte, havia uma porca que ficou entalada na pequena cancela da cerca. A cabeça está fora enquanto o corpo continua dentro; o animal fazia esforços para se libertar, firmando-se nas patas, enroscando o rabo e lançando aflitivos grunhidos. Michka deita-lhe a mão; tenta abrir a cancela, mas a porca começa a soltar roncos, que pareciam estertores. Monta então nela; e a marrã, com um forte puxão, arranca a cancela e, em alvoroço pelo pátio, galopa para a eira. Michka esporeia-a nos flancos com os calcanhares e cavalga com tanta velocidade que o vento lhe atira os cabelos para trás. Junto à eira apeia-se de um salto; olha e vê que o avô, de pé no terraço do alpendre, o chama com um dedo.

— Chega aqui, velhaco!

Sem suspeitar do motivo por que o chamava, Michka volta a lembrar-se de repente do caldeirão do inferno e corre rápido para o avô.

— Avozinho, avozinho, há diabos no céu?

— Quem te vai dar os diabos sou eu!... Vou cuspir-te num certo sítio e tiro-te o cuspo com a vara!... Ah velhaco, patife! Porque ias a cavalo na porca?...

Agarra Michka pelo cabelo e chama a mãe, que está na divisão maior da casa:

— Anda cá ver este espertalhão do teu filho!

A mãe logo aparece.

— Porque lhe estás a puxar os cabelos?

— Porquê? Vi-o montado a cavalo na porca e a levantar a poeira do caminho!...

— Na porca prenha? — exclama a mãe em espanto.

Antes que Michka abra a boca para se justificar, já o avô tirou o cinto; com a mão esquerda agarra as calças para que não lhe caiam e com a direita mete-lhe a cabeça entre os joelhos. E enquanto lhe vai dando umas correadas, diz muito severo:

— Para que não montes mais na porca! Para que não montes mais na porca!

Michka ia começar a gritar, mas o avô admoesta-o:

— Então, meu filho de gato, não tens pena do teu pai? Vem cansado do caminho, ainda agora se deitou e já começas a fazer alvoroço? É isso?

Tem de se calar. Procura atirar um pontapé ao avô mas não o alcança. A mãe deita a mão a Michka e aos empurrões fecha-o na *khata*.

— Deixa-te estar aí, castigo da tua mãe!... Eu é que vou tratar de ti. E não há-de ser como o avô: arranco-te o couro!

O avô, sentado agora no banco da cozinha, olha de quando em quando para as costas do neto.

Michka volta-se para ele, com o punho enxuga a última lágrima e, encostando o rabo à porta, afirma:

— Está bem, avô... hás-de-mas pagar!

— Que é isso miserável? Estás a ameaçar o teu avô?

O neto, ao ver que o avô começa outra vez a tirar o cinto, cautelosamente, entreabre um pouco a porta.

— Com que então estás a ameaçar-me? — pergunta de novo o avô.

Michka desaparece pela porta. À espreita, olhando pelo postigo, observa atentamente cada movimento do avô; depois, avisa:

— Deixa, avozinho, deixa estar!... Que te hão-de cair os dentes e depois eu não te mastigo a comida!... Nem que me peças de joelhos!

O avô vem ao alpendre e vê que pela horta, entre o cânhamo revolto e verde, corre a ruiva cabeça de Michka e, por um instante, vislumbra os seus pequenos calções azuis. O velho ameaça-o durante um bom bocado, agitando uma muleta, mas por entre a barba e o bigode esconde-se, brincalhão, um sorriso.

*

Para o pai é Minka; para a mãe, Míniuchka; para o avô, quando está de boa maré, o velhaco, e quase sempre, quando as sobrancelhas cinzentas pendem emaranhadas por cima dos olhos, chama-o assim: «Tu Mikailo Fomich, anda cá para eu te dar um puxão de orelhas!»

Para todos os outros, para as comadres mexeriqueiras e a garotada, para toda a *stanitsa* (*) é Michka e o malandrete.

Sua mãe trouxe-o ao mundo ainda solteira. E embora um mês depois se casasse com o pastor Fomá, pai da criança, a alcunha de «malandrete» ficou com ele, como uma chaga, para toda a vida.

Michka é magrito; os cabelos, pela Primavera, eram como finas pétalas de girassol, mas em Junho o Sol queimou-os e ficaram alvoroçados em mechas de diferentes tons; a cara é tal e qual um ovo de pardal, todo salpicado de sardas, e o nariz, dos raios solares e dos contínuos banhos na lagoa, está esfolado e arranhado. Tudo o que Michka tem de bonito são os olhos. Estreitos, olham por entre as pestanas, azuis e marotos, semelhantes a dois pedacinhos de gelo do rio.

Por aqueles olhos e pelo seu carácter inquieto, turbulento, é Michka querido pelo pai. Trouxe-lhe do serviço militar — como presente — um bolo de Viazma, dos anos da vovó, mais duro que uma pedra, e umas botinhas um tanto usadas. A mãe embrulhou as botinhas numa toalha e guardou-as na arca. Quanto ao bolo,

(*) *Stanitsa* — aldeia cossaca. *(Nota da edição portuguesa.)*

mesmo naquela tarde, Michka partiu-o às marteladas na soleira da porta e comeu-o sem deixar uma migalha.

Na manhã seguinte Michka acorda com o nascer do Sol. Enche a concha da mão com água morna que tirou da panela de ferro e com ela espalha pela cara a porcaria da véspera; depois corre para o pátio para se secar.

A mãe anda atarefada com a vaca; o avô, que está sentado no poial da porta a apanhar fresco, chama Michka:

— Mete-te por baixo do celeiro, velhaco! Esteve aí uma galinha a cacarejar. Deve ter posto ovo!

Michka, sempre disposto a brincar com o avô, enfia-se de gatas por baixo e sai pela outra ponta e... adivinha quem te viu! Dando aos calcanhares, corre pela horta até à lagoa e volta a cabeça de quando em quando para ver se o avô está a olhar para ele. Entretanto chega à vedação e as urtigas picam-lhe as pernas. E o avô, resmungando, continua, espera que espera. Impaciente, mete-se também por baixo do celeiro. Suja-se todo com a porcaria das galinhas, enquanto esquadrinha na sufocante e húmida escuridão, e, dando nas traves umas dolorosas pancadas na cabeça, vai até ao fundo.

— Mas que burro me saiste, Michka, palavra!... Não acabas de procurar e não encontras nada... Achas que a galinha ia pôr aí?... Não, aqui, ao pé desta pedrinha tem de estar o ovo. Mas onde estás tu, velhaco?

Em resposta, silêncio. O avô sai debaixo do celeiro e sacode das calças os excrementos das galinhas. Semicerrando os olhos, olha com vagar na direcção do charco e, ao avistar Michka, agita a mão...

Os rapazes, que rodearam Michka junto da lagoa, perguntam-lhe:

— O teu pai esteve na guerra?

— Esteve.

— E que fazia ele lá?

— Olha que pergunta! Combatia!...

— Mentira!... O que ele fazia era matar piolhos e roer ossos na cozinha!...

Os rapazes riem às gargalhadas, saltam em volta de Mihcka, dando-lhe beliscões. Lágrimas de amargura e de ofensa nascem nos olhos do filho do soldado; como se ainda fosse pouco, Vitka, o rebento do padre, fere-o com as suas palavras:

— É comunista o teu pai? — interroga ele.

— Não sei...

— Eu sei que é comunista. O meu papá disse-me esta manhã que o teu pai vendeu a alma ao diabo. E disse também que não tarde que enforquem todos os comunistas!...

Os rapazes calam-se e Michka sente que o seu coração se encolhe. Vão enforcar o pai? Mas porquê? Rangendo os dentes, responde:

— O meu pai tem uma grande espingarda e há-de matar todos os burgueses!

Vitka, adiantando um pé, diz em tom de triunfo:

— As mãos não lhe chegam para isso! O meu papá não lhe dará a santa bênção, e sem bênção não pode fazer nada!...

Prochka, o filho do merceeiro, com as aletas do nariz dilatadas, dá um empurrão a Michka no peito e grita:

— Não tenhas tanto orgulho no teu paizinho!... Ele roubou coisas no armazém quando rebentou a revolução e o meu pai já lhe prometeu: «Bom, logo que o regime mude, o primeiro de que me hei-de encarregar há-de ser Fomá, o pastor!

Natachka, a irmã de Prochka, incita, batendo os pés de raiva:

— Dêem-lhe, rapazes! De que estais à espera?

— Batei no filho do comunista!

— Malandrete!

— Dá-lhe com força, Prochka!

Prochka agarra uma vara e bate com ela no ombro de Michka; Vitka, o filho do padre, passa uma rasteira a Michka e fá-lo cair desamparado na areia.

Os rapazes, aos gritos, atiram-se ao caído. Natachka, com um guincho agudo, finca-lhe as unhas na garganta. Um dá-lhe uma dolorosa patada na barriga.

Michka, depois de repelir Prochka, levanta-se num salto e aos ziguezagues, como uma lebre acossada pelos galgos, corre para casa. Atrás dele, os rapazes assobiam, atiram-lhe pedras, mas não tentam agarrá-lo.

E enquanto não se viu entre o verde cânhamo, Michka não recobra o alento. Sentado na terra húmida e aromática, enxuga o sangue do arranhão do pescoço e começa a chorar; de cima, infiltrando-se por entre a folhagem, o sol procura olhar Michka nos olhos, seca-lhe as lágrimas da cara e, carinhoso como a mãezinha, beija-o no alto da cabeça, coberta por alvoroçados cabelos ruivos.

Fica sentado um bom momento, até que se lhe sequem os olhos; depois, levanta-se e, arrastando os pés com desânimo, volta ao pátio, devagarinho, calado.

No telhado, o pai está a untar de alcatrão as rodas da carroça. O gorro descaiu-lhe para a nuca, os atilhos estão pendentes e a camisa azul tem umas riscas brancas no peito. Michka aproxima-se de lado e pára junto da carroça. Durante um longo momento fica em silência, depois, ganhando coragem, toca no braço do pai e pergunta num murmúrio:

— Pai, que fazias tu na guerra?

O pai sorri às escondidas por baixo do bigode ruivo e responde:

— Combater, meu filho!

— Pois os rapazes... os rapazes dizem que tu só matavas piolhos!...

O choro volta a apertar-lhe a garganta. O pai rompe em gargalhadas e toma Michka nos braços.

— Estão a mentir, meu filho! Eu ia num barco. Num barco grande ia pelo mar, nele navegava eu; depois fui combater...

— Contra quem?

— Contra os senhores, meu querido. Tu ainda eras pequenito e eu tive de ir por ti à guerra. Há uma canção que o diz.

O pai sorri e, olhando para Michka, marcando compasso com o pé, entoou baixinho:

Ai, Mikahíl, meu Michka, meu amorzinho!
Não vás à guerra, vai o teu paizinho.
Teu pai é velhote, já gozou a vida...
E tu és jovenzito, solteiro ainda...

Michka, esquecido da ofensa que os garotos lhe fizeram, começa a rir; ri porque os ruivos bigodes do pai se eriçam sobre o lábio, tal como os juncos com que a mãezinha faz as escovas; por baixo do bigode os lábios dão estalinhos cómicos e a boca abre-se como um redondo buraco negro.

— Não me estorves agora, Michka — disse o pai —, vou arranjar o carro. À noite, quando te deitares, vou contar-te coisas da guerra!

*

*   *

O dia prolonga-se interminável, como um longo e afastado caminho da estepe. Põe-se o Sol, pela *stanitsa* passa uma manada de cavalos, o pó volta a assentar e, no céu enegrecido, avista-se, tímida, a primeira estrelita.

Michka é devorado pela impaciência; mas a mãe, como se o fizesse de propósito, anda muito atarefada com a vaca, munge calmamente o leite, mete-se no estábulo e ali fica uma hora inteira. Michka segue-a como a sombra acompanha o corpo.

— Vamos cear cedo?

— Tens tempo, impaciente, não vais morrer de fome!...

Mas Michka não se afasta dela nem um passo; se a mãe entra no estábulo, também ele ali se mete, atrás dela; se a mãe vai à

cozinha, ele segue atrás. Pegou-se a ela como uma sanguessuga, agarra-se à saia e teima:

— Mãe!... Dá-me já a ceia!...

— Deixa-me em paz, minha sarna!... Tens fome? Pega num bocado de pão e come!

Mas Michka não desiste. Nem sequer um cachação que a mãe lhe dá o acalma.

À ceia engole à pressa e a correr uma sopa de alho e vai depressa para a sala grande. Tira os calções, atira-os para longe, para trás da arca, dá uma corrida e com um salto enfia-se na cama, por baixo da manta da mãe, feita com retalhos de várias cores. E ali, encolhido, espera que o pai chegue e lhe conte coisas da guerra.

O avô, de joelhos, está diante dos ícones murmurando as suas orações e inclinando-se até bater com a cabeça no chão. Michka levanta-se um pouco na cama: o avô, a quem custa muito arquear as costas, apoia-se com a mão esquerda a uma mesa e a testa dá uma pancada no soalho de madeira. Na continuação da pancada, Michka dá com o cotovelo na parede, que ressoa: bum!...

O avô volta a murmurar e a inclinar-se batendo no soalho. Michka dá outra cotovelada, faz ressoar de novo a parede. O avô irrita-se e gira o corpo para Michka:

— Vou dar-te uma sacudidela, danado! Ai, perdoa-me Senhor!... Se voltas a bater outra vez, atiro-te com a vela.

Se o pai não tivesse entrado no quarto grande, a surra teria sido inevitável.

— Porque vieste deitar-te aqui, Michka?

— Eu durmo com a mamã.

O pai senta-se em silêncio na beira da cama e, em silêncio, começa a retorcer as guias do bigode. Depois de meditar um momento diz:

— Vou deitar-te no outro quarto com o avô.

— Eu não quero dormir com o avô!

— Porquê?

— Os bigodes cheiram muito mal, do tabaco!

O pai retorce novamente as guias do bigode e suspira:

— Sim, meu filho, tens de dormir com o avô.

Michka puxa a manta para cima e, olhando com um olho, responde ofendido:

— Pai, tu ontem dormiste no meu sítio, por isso, hoje... Vai tu dormir com o avô!

Senta-te na cama e, abraçando a cabeça do pai, sussurra-lhe ao ouvido:

— Deita-te com o avô, porque a mamã, contigo, com certeza não vai dormir! Tu também empestas a tabaco!

— Está bem, vou dormir com o avô, mas não te conto nada da guerra.

E levantou-se para se dirigir à cozinha.

— Pai!

— Que queres?

— Anda, deita-te aqui — concede Michka, suspirando, e levanta-se. — Mas tu vais contar-me coisas da guerra, não vais?

— Sim, vou contar.

O avô deita-se junto à parede, e Michka é instalado do outro a lado. Não tarda em chegar o pai. E depois de encostar um banco à cama, senta-se e acende um fedorento cigarro.

— Vou contar-te o que aconteceu uma vez... Lembras-te que, atrás da nossa eira, havia uns terrenos semeados do merceeiro?...

Michka lembra-se de que antes brincava num alto trigal aromático. Saltava a cerca da eira e metia-se pelo trigal. Ficava enterrado nele até à cabeça, e os bigodões negros das espigas faziam-lhe comichões na cara. Cheirava a pó, a margaridas e ao vento da estepe. A mãe costumava dizer a Michka:

— Não te metas muito pelo trigo, Míniuchka. Podes perder-te!...

O pai, depois de uma pausa, disse, afagando o cabelo de Michka:

— E lembras-te de quando íamos os dois mais para lá do Túmulo Arenoso? Estava ali o nosso pão...

Michka recorda de novo: para além do Túmulo Arenoso, ao longo do caminho, encontrava-se a franja estreita e arqueada do seu trigal. Quando ali chegaram, o pai de Michka, toda a franja estava destroçada pelo gado. Em sujos montões, viam-se as espigas, esmagadas contra a terra, enquanto balançavam ao vento as hastes vazias. Michka recorda que o pai, tão grande e forte, torceu a cara, numa horrível careta, enquanto algumas lágrimas lhe corriam para o bigode. Então Michka também chorou ao vê-lo...

À volta, o pai perguntou ao dono da seara vizinha:

— Diz-me, Fedot, quem destruiu o meu trigo?

E Fedot cuspiu para o chão e respondeu:

— O merceeiro. Quando levava o gado para o mercado, meteu a direito pela tua courela...

... O pai aproxima mais o banco e prossegue:

— O merceeiro e os outros ricaços apoderavam-se de toda a terra, e nós, os pobres, não tínhamos onde semear. Assim se passava em todo o lado. Não era só na nossa *stanitsa*. Muito dano nos faziam então... Como começaram os apertos, pus-me a trabalhar como pastor; depois levaram-me para o serviço militar. No exército passava mal. Os oficiais, por qualquer ninharia, moíam-me a cabeça... Apareceram depois os bolcheviques e o

chefe deles, chamado Lénine. Tinha um ar simples, mas nele havia mais sabedoria que num sábio, embora o seu sangue fosse o nosso, de mujique. E os bolcheviques fizeram-nos umas perguntas tão estranhas, que nos deixaram de boca aberta. «Porque é que andais vós — diziam — mujiques e operários a papar moscas?... Agarrai os senhores e os chefes pelo cachaço e expulsai-os à vassourada. Tudo é vosso!...»

Com estas palavras deram-nos coragem. Puxámos pelo miolo e vimos que era verdade. Tirámos aos senhores as terras e as herdades, mas eles fartaram-se depressa da má vida, levantaram o lombo e viraram o pau contra nós, contra os mujiques e os operários, com a guerra... Estás a perceber, meu filho?... E então aquele Lénine, o chefe dos bolcheviques, levantou gente como o lavrador levanta a terra com a charrua. Reuniu os soldados e os operários e atirou-os à paulada contra os senhores. Malharam-lhes que foi uma beleza! Os soldados e os operários começaram a chamar-se Guarda Vermelha. Pois bem, nessa Guarda Vermelha estive eu. Vivíamos num casarão enorme que se chamava Smólni. Os corredores ali, meu filho, são compridíssimos e há tantas salas que uma pessoa se pode perder nelas.

— Uma noite estava eu de guarda à entrada. Estava frio no pátio e não levava mais roupa de abafo que o capote. O vento era como uma navalha... De repente, vejo sair daquele casarão dois homens, que passam diante de mim. Quando já estavam perto reconheço um deles: é Lénine. Chega-se e pergunta-me com carinho:

— Não tens frio, camarada?

— E eu respondo-lhe: — Não, camarada Lénine. Nem o frio nem espécie alguma de inimigos serão capazes de nos quebrar. Não tomámos o Poder nas nossas mãos para o irmos entregar aos burgueses!...

— Ele desatou a rir e apertou-me a mão com força. Depois, devagar, encaminhou-se para o portão.

O pai fica em silêncio e tira da algibeira a bolsinha do tabaco; range o papel entre os dedos, ouve-se o raspar do fósforo, e Michka vê, nos eriçados bigodes arruivados, uma pequena lágrima, clara e reluzente como uma daqueles gotas de orvalho que, pelas madrugadas, pendem das folhas das urtigas.

— Ele era assim. Preocupava-se com todos. O seu coração sofria por cada soldado... Depois daquilo, eu via-o muitas vezes. Passava na minha frente e assim que me via, voltava-se e perguntava-me a sorrir:

— Com que então os burgueses não poderão quebrar-nos, hem?

— Não têm músculos para isso, camarada Lénine! — costumava eu responder.

— E aconteceu como ele dizia, meu filho. Apoderámo-nos da terra e das fábricas, e aos ricaços que nos chupavam o sangue demos-lhes uma patada!... Quando fores crescido, não esqueças que teu pai foi marinheiro e durante quatro anos derramou o seu sangue pela comuna. Nessa altura já eu estarei morto e Lénine também, mas a nossa causa viverá eternamente... Quando fores grande, combaterás pelo Poder Soviético como combateu o teu pai?

— Cambaterei — grita Michka e salta da cama para se pendurar no pescoço paterno; mas esquece-se que junto dele está deitado o avô e dá-lhe um pontapé na barriga.

O avô dá um grunhido furioso e estende a mão para agarrar Michka pelo cabelo, mas o pai envolve o filho com os braços e leva-o para a sala grande.

Nos seus braços fica Michka adormecido. Antes, pensa durante um bom bocado em Lénine, o homem maravilhoso, nos bolcheviques, na guerra, nos navios... Primeiro, ouve vozes que parecem vir de longe, depois sente o cheiro acre do suor e do tabaco camponês; depois os olhos fecham-se, como se alguém lhe tivesse apertado as pálpebras com as palmas das mãos.

Mal adormece, vê em sonhos uma cidade; as ruas são largas e as galinhas espanejam-se nas cinzas espalhadas; na *stanitsa* há muitas, mas na cidade muitas mais ainda. As casas são exactamente como o pai descreveu: uma *khata* imensa, coberta de juncos verdes; como o pai da chaminé levanta-se outra *khata* e na chaminé desta outras mais. E assim sucessivamente. A da última *khata* toca no céu.

Michka vai pela rua, com a cabeça descaída para trás, observando tudo; de repente, sem que se saiba de onde, aparece um homem altíssimo, com uma camisa vermelha, que vem direito ao seu encontro.

— Escuta, Michka, por que andas a vadiar pelas ruas? — pergunta-lhe com muito carinho.

— O avô deixou-me ir brincar um bocadinho — reponde Michka.

— E tu sabes quem eu sou?

— Não, não sei...

— Eu sou o camarada Lénine!...

Michka, com o susto, sente as pernas a tremer. Tenta lançar-se a correr, mas o homem da camisa vermelha agarra-o pelo braço e diz-lhe:

— Tu, Michka, não tens nem uma pitada de vergonha. Sabes muito bem que luto pela gente pobre. Porque não te alistas nas minhas tropas?

— O meu avozinho não me deixa!... — tenta Michka desculpar-se.

— Bom, como quiseres — responde o camarada Lénine — mas sem ti os meus problemas não se resolvem! Tens de te alistar nas minhas tropas e não se fala mais nisso!...

Michka agarra-lhe a mão e garante com muita firmeza:

— Está bem, vou alistar-me, sem perguntar a ninguém, nas suas tropas e lutarei pela gente pobre. Mas se o avozinho começa a dar-me com a vara por causa disso, tu defendes-me, sim?

— Naturalmente — afirma o camarada Lénine, e afasta-se pela rua fora enquanto Michka sente que, de satisfação, até lhe falta o fôlego. Não pode respirar, tenta gritar qualquer coisa, mas tem a língua ressequida...

Michka mexe-se na cama, dá uns pontapés no avô e acorda.

O avô resmunga em sonhos e dá estalos com os lábios; pelo postigo vê que, para além da lagoa, empalidece suavemente o céu e umas nuvens rosadas, como espuma ensanguentada, deslizam para o Oriente.

*

* *

A partir daí, todas as noites o pai conta a Michka qualquer coisa da guerra, de Lénine, das terras por onde passou.

Um sábado, ao anaiotecer, o guarda do Comité Executivo traz ao pátio um homem baixinho, com capote e uma pasta de couro debaixo do braço. O guarda chama o avô e comunica-lhe:

— Trago-lhes como hóspede um camarada funcionário dos Sovietes. Vem da cidade e vai passar a noite em vossa casa. Dê-lhe de cear, avô.

— Nós, claro está, nada temos contra isso — responde o avô. — Mas você, senhor camarada, tem a credencial correspondente?

Michka assombra-se com a sabedoria do avô e, com um dedo metido na boca, fica parado a escutar.

— Tenho, avô, trago tudo em ordem — garante a sorrir o homem da pasta e entra na sala grande.

O avô segue o hóspede e Michka o avô.

— Que assuntos o trazem por cá? — interroga o avô pelo caminho.

— Venho fazer as novas eleições. Elegeremos o Presidente e os membros do Soviete.

Algum tempo depois, chega o pai, da eira. Após saudar o recém-chegado, diz à mamã para servir a ceia. Depois de comerem, o pai e o forasteiro sentam-se juntos num banco; o hóspede abre a pasta de couro, tira de lá um monte de papéis e começa a mostrá-los ao pai. Michka, impaciente, empoleira-se de lado, tentando ver. O pai tira um postal e mostra-o a Michka:

— Olha, Michka, este é Lénine!

Michka arranca a fotografia das mãos do pai, crava nela os olhos e abre uma grande boca em surpresa: no retrato vê-se em corpo inteiro um homem de pequena estatura que não traz camisa vermelha, mas um casaco. Tem uma mão metida na algibeira das calças e com a outra, estendida, aponta para a frente. Michka fixa bem nele os olhos e examina-o de alto a baixo num instante; com força, para sempre, ficam gravadas na sua memória as sobrancelhas arqueadas, o sorriso que se esconde no olhar e nas comissuras dos lábios, cada uma das feições do rosto...

O forasteiro tira a fotografia das mãos de Michka, guarda-a na pasta, que fecha à chave, e vai deitar-se. Já despido, deitado, prepara-se para dormir, quando ouve ranger a porta. Levanta a cabeça:

— Quem é?

Pelo chão deslizam sussurrantes uns pés descalços.

— Quem anda aí? — volta a perguntar o hóspede e, inesperadamente, vê Michka junto da cama.

— Que queres tu, pequeno?

Michka durante um minuto permanece quieto, em silêncio; depois, enchendo-se de coragem, diz:

— Anda, bom homem... dá-me Lénine!...

O forasteiro cala-se, deita a cabeça para fora da cama e olha o garoto.

O medo apodera-se de Michka. E se de repente ele se torna mesquinho e não lha dá?

Tentando dominar a tremura na voz, precipitado, engasgando-se, cochicha:

— Dá-mo para sempre e eu... eu ofereço-te uma caixa de lata, boa, e também todas as tampinhas que tenho e... — deixando cair a mão com um gesto de desespero, acrescenta: — E as botas que o meu pai me trouxe, dou-tas também!

— Mas para que precisas tu de Lénine? — pergunta o forasteiro com um sorriso.

«Não mo vais dar...» — passa fugaz pela mente de Michka. Baixa a cabeça para que não se vejam as lágrimas, e responde em voz surda:

— Se peço, é porque preciso!

O forasteiro dá uma gargalhada, tira a pasta debaixo do travesseiro e dá o retrato a Michka. O garoto esconde-o por baixo da camisa, aperta-o contra o peito, contra o coração, com força,

muita força e, a correr, vai para a sala grande. O avô acorda e pergunta:

— Que andas tu a mexericar à meia-noite? Quantas vezes te disse para não beberes leite antes de te deitares. Estás a ver, agora deu-te vontade... Mija no balde do lixo. Porque eu não vou levar-te para o pátio só para verteres águas!

Michka, sem repontar, deita-se; continua a apertar o postal com ambas as mãos e tem medo de se voltar, não vá amarrotá-lo. E assim adormece.

Quando acorda, ainda não amanheceu. A mãe acaba de ordenhar a vaca e vai levá-la ao prado. Ao ver Michka junta as mãos em assombro:

— Que te deu na tripa, maroto? Porque te levantaste tão cedo?

Michka aperta o retrato por baixo da camisa, passa junto da mãe e enfia-se por baixo do celeiro.

Em volta cresce a bardana e levanta-se impenetrável um muro de urtigas. Michka avança de rastos, afastando com a mão o pó e a porcaria das galinhas; arranca uma folha de bardana amarelenta de tão velha, envolve com ela a fotografia e põe-lhe uma pedra em cima para que o vento não a leve.

Desde manhã até ao cair da noite não parou de chover. O céu está coberto por um manto cinzento azulado, no pátio espumam as poças, correm à porfia os regueiros de água pela rua.

Michka teve de ficar todo o dia em casa. Começa já a anoitecer, quando o avô e o pai se preparam para ir à reunião do Comité Executivo. Michka enfia na cabeça o gorro do avô e segue-os. O Comité Executivo está instalado na casa do guarda da igreja. Ofegando, Michka trepa pelos sujos degraus até ao alpendre e entra na casa. Por baixo do tecto flutua o fumo do tabaco, a sala estava à cunha. Junto da janela, sentado a uma mesa, o forasteiro conta qualquer coisa aos cossacos ali reunidos.

Michka, às escondidas, entra e senta-se num banco lá ao fundo.

— Quem está de acordo em que Fomá Kórchunov seja o presidente? Peço-lhes que levantem a mão!

Prókhor Lisenkov, genro do merceeiro, que está sentado na frente de Michka, grita:

— Cidadãos!... Peço que se retire a sua candidatura. Não é homem de conduta honrada. Já quando, como pastor, tratava dos nossos cavalos, isso se viu!...

Michka vê que Fedot, o sapateiro, se levanta do peitoril da janela e, agitando as mãos, começa a dizer:

— Camaradas, aos ricaços não lhes convém que o pastor Fomá seja o presidente, mas ele é do proletariado e está pelo Poder Soviético...

Os cossacos abastados, que se acumulam junto da porta, põem-se a bater com os pés e a dar assobios. No Comité Executivo arma-se alvoroço:

— Não precisamos de pastores!

— Se voltou do serviço militar, que vá trabalhar como pastor!

— Fora com Fomá Kórchunov!

Michka olha o rosto pálido do pai, que está de pé junto do banco, e também empalidece, receando por ele.

— Silêncio, camaradas!... Quem armar barulho ponho-o lá fora! — ameaça o forasteiro aos gritos, descarregando na mesa sonoros murros.

— Elegeremos um dos nossos, um cossaco!...

— Não faz cá falta!

— Não queremos! — berram os cossacos e Prókhor, o genro do merceeiro, mais do que qualquer outro.

Um cossaco enorme, com um brinco numa orelha e um casaco roto e remendado, salta para um banco.

— Irmãos... Estão a ver para onde vão os tiros!... Os ricaços, à traição, querem pôr-nos como presidente um dos deles!... E depois, voltar a...

Por entre o furioso rugir da multidão, Michka só ouve palavras soltas, que o cossaco do brinco grita:

— A terra... as novas distribuições... aos pobres, barro e areia... as terras negras ficarão com elas...

— Que seja Prókhor o presidente... — berram junto da porta.

— Prókhor, Prókhor!... É o melhor!... Ele, ele!...

Com muita dificuldade serenam um pouco. O forasteiro, de testa franzida e deitando muitos perdigotos, vocifera durante muito tempo.

«Deve estar a dizer palavrões», deduz Michka.

O forasteiro pergunta com voz dura:

— Quem vota a favor de Fomá Kórchunov?

Sobre os bancos levantam-se numerosas mãos. Michka também levanta a sua. Alguém, saltando de banco em banco, vai-as contando em voz alta:

— Sessenta e três... sessenta e quatro — e sem olhar para Michka, assinalando com o dedo a sua direita levantada, prossegue: — Sessenta e cinco!

O forasteiro aponta num papel e grita:

— Os que estão a favor de Prókhor Lisenkov que levantem a mão!

Fazem-no vinte e sete cossacos ricos e o moleiro Egor, todos ao mesmo tempo. Michka olha à sua volta e levanta também a sua. O homem que conta os votos, ao chegar onde ele está, olha-o de alto a baixo e agarra-o por uma orelha, magoando-o:

— Ah, o grande velhaco!... Foge-me daqui antes que te dê uma surra nesse lombo! Está a votar com os grandes!...

Em volta estalam as gargalhadas enquanto o homem leva Michka aos empurrões para a saída. O garoto lembra-se de como fala o pai, quando resmunga com o avô e, escapando pelos sujos degraus, protesta:

— Tu não tens o direito...

— Eu já te dou os direitos!...

E sente-se ofendido, muito amargurado, como todos os ofendidos.

Ao chegar a casa, chora algumas lágrimas e queixa-se à mãe, que lhe responde com enfado:

— Para que vais aonde não és chamado? Metes o nariz em tudo. Que castigo eu tenho contigo!

Na manhã seguinte, quando estão a comer soam ao longe uns acordes, fracos pela distância. O pai pousa a colher e diz, a limpar o bigode:

— É uma banda militar!

Michka voa do banco, como se o vento o arrastasse. Ouve-se bater uma porta no saguão, atrás do postigo, ressoam os seus passos: tap, tap, tap...

Também o pai e o avô saem para o pátio, enquanto a mãe assoma à janela.

Lá ao fundo da rua avança como uma vaga, verde e ondulante, uma coluna de soldados vermelhos. Na frente, os músicos tocam uns clarins enormes, rufa o tambor, e os sons marciais espalham-se por toda a *stanitsa*.

Michka olha com ansiedade para todo o lado. Desorientado, gira no mesmo lugar uns instantes; depois, lança-se em corrida para os músicos. Sente no peito uma grande opressão que lhe sobe à garganta... Observa as caras alegres e poeirentas dos soldados vermelhos, os músicos com as bochechas inchadas, e naquele momento resolve de uma vez para sempre: «Vou com eles, vou combater!...»

Recorda o sonho que teve, e isso dá-lhe nova coragem. Agarra-se à cartucheira do soldado da ponta.

— Para onde vais? Vais combater?

— Pois claro! Como não havia de ir?

— E por quem combateis vós?

— Pelo Poder Soviético, tolo! Anda, vem aqui para o meio!

E empurra Michka para o centro da formação. Um a rir, dá-lhe um piparote no alto da cabeça, no despenteado remoínho, outro, sem parar, tira do bolso um sujo torrão de açúcar e mete-o na boca do garto. Na praça ressoa uma voz que parte das primeiras filas:

— Al-to!...

Os soldados vermelhos estacam, dispersam-se pela praça, deixam-se cair aos grupos à fresca sombra do muro da escola. De Michka aproxima-se um combatente vermelho, alto, bem barbeado, com o sabre à cintura. Abrindo os lábios num sorriso, pergunta:

— De onde saíste tu, meu borreguinho? Que andas para aqui a fazer no nosso rebanho?

Michka compõe um grave semblante e, puxando pelos calções que lhe caem, replica:

— Vou convosco, para combater!

— Camarada chefe do batalhão! — grita um soldado vermelho. — Leva-o como ajudante!

Todos soltam uma gargalhada. Michka começa a pestanejar confuso, mas o homem, que tem o surpreendente nome de «chefe do batalhão» franze a sobrancelha e pergunta severo, com voz dura:

— Porque estais a relinchar, imbecis? Claro que o vamos levar, mas com a condição... — o chefe do batalhão volta-se para Michka e diz: — As tuas calças só têm um suspensório e isso assim seria uma vergonha para nós... Olha, eu tenho dois suspensórios, e todos os outros também. Corre e que a tua mãe te cosa o outro. Nós esperamos-te aqui... — depois volta-se para o muro e grita, piscando o olho: — Teréchtchenko, anda e traz ao novo soldado vermelho uma espingarda e um capote!

Um dos que se deitaram junto do muro levanta-se, leva a mão à testa em continência e responde:

— Às suas ordens!... — e afasta-se apressado ao longo do muro.

— Vá, depressa! Corre! E que a tua mãe te cosa já o outro suspensório!...

Michka fita severo o chefe do batalhão:

— Não te atrevas a enganar-me!

— O quê! Que estás a dizer? Então eu fazia isso?...

A casa fica longe da praça. Michka chega ao portão a correr, muito cansado. Vem arquejante. Junto ao portão despe as calças em plena corrida e veloz, com os pés descalços, entra na *khata* como um turbilhão.

— Mãezinha!... As calças... Cose-me o outro suspensório!...

Mas na *khata* reina o silêncio. Em cima do forno, como um negro enxame, zumbem as moscas. Percorre apressado o pátio, a eira, a horta; não estão em parte alguma nem o pai nem a mãe nem o avô. Entra como uma flecha na sala grande e os seus olhos vão tropeçar num saco. Com uma faca corta uma comprida tira, mas não tem tempo de a coser. Além disso, não sabe. Apressado,

prende-a com um nó às calças, passa-a por cima do ombro, volta a atar à frente e, a correr, mete-se por baixo do celeiro.

Retira a pedra, lança um olhar fugaz à mão de Lénine que aponta para ele, Michka, e, ganhando fôlego, diz num murmúrio:

— Bom, estás a ver?... Eu também me alistei nas tuas tropas!...

Envolve de novo, cuidadosamente, a fotografia na folha de bardana, guarda-a no peito e sai disparado, rua abaixo. Com uma mão aperta o postal contra o peito, com a outra segura as calças. Ao passar em frente da sebe da vizinha, chama:

— Aníssimovna!

— Que queres?

— Diz à minha família que não me espere para comer!

— Para onde vais com tanta pressa, malandro?

Michka acena com a mão:

— Para o serviço militar!...

Chega a correr à praça e fica petrificado de espanto. Na praça nem vivalma. Junto do muro estão espalhadas beatas, latas vazias de conservas, vêem-se umas grevas abandonadas e, mesmo lá para o fim da *stanitsa*, ouvem-se surdamente os sons da música e os passos dos que marcham, ressoantes sobre o caminho duro.

Soluços saltam da garganta de Michka, dá um grito e, correndo quanto pode, procura alcançá-los. E tê-los-ia apanhado, sem dúvida alguma, se não tivesse acontecido um acidente: em frente ao pátio do correeiro tropeça com um cachorro amarelo, de grande rabo, que está atravessado no caminho, cortando-lhe a passagem e mostrando-lhe os dentes. E enquanto Michka faz um desvio por outra rua desaparecem os acordes da música e o barulho cadenciado dos passos.

*

*   *

Passados uns dois dias chega à *stanitsa* um destacamento de uns quarenta homens. Os soldados trazem botas cinzentas de feltro e engordurados casacos de operário. O pai vem do Comité Executivo para comer e diz-lhe o avô:

— Prepara, paizinho, trigo no celeiro. Veio uma unidade de requisição. Começa o sistema de contingentação de produtos.

Os soldados vão de casa em casa: rebuscam com as pontas das baionetas na terra, nos palheiros, encontram o trigo enterrado e levam-no em carroças para o celeiro colectivo.

Chegam a casa do presidente. O que vem na frente, puxando uma fumaça no cachimbo, pergunta ao avô:

— Enterraste trigo, velho? Confessa!...

O avô passa a mão pela barba e responde com orgulho:

— Como? O meu filho é comunista!

Entram no celeiro. O soldado do cachimbo avalia uma tulha com um olhar e sorri.

— Leva, velho, o trigo dessa tulha e fica com o outro para comer e semear.

O avô atrela à carroça o veterano Savraska; tosse, entre arquejos, carrega oito sacos, deixa cair uma mão com pena e leva o trigo ao celeiro colectivo. A mamã, porque lhe dá pena ver sair o pão, choraminga um tanto. Michka, depois de ajudar o avô a encher os sacos, vai brincar com Vitka, o rebento do padre.

Mal se sentaram na cozinha e enfileiraram no chão uns cavalinhos de papel, entraram por ali os soldados. O padre, enredando as pernas nas dobras da sotaina, sai a correr ao seu encontro, agita-se e pede-lhes que entrem em casa, mas o soldado do cachimbo diz severamente:

— Vamos ao celeiro! Onde guardam o trigo?

Da sala grande salta, toda despenteada e com muitos sorrisos, a mulher do padre.

— Imaginem os senhores que não temos nem um grão de trigo!... O meu marido não percorreu ainda a paróquia...

— Vocês têm cave?

— Não, não temos... Antes, guardávamos o trigo no celeiro...

Michka lembra-se que, na cozinha, Vitka e ele enfiavam por vezes numa grande cave e diz, voltando a cabeça para a mulher do padre:

— Então o Vitka e eu não nos metíamos por baixo do chão, na cozinha? Já se esqueceu?...

A mulher do padre, empalidecendo, larga uma gargalhada:

— Estás enganado, pequeno!... Vitka, era melhor que fossem brincar para o jardim!...

O soldado do cachimbo pisca o olho e sorri a Michka:

— Como se desce lá abaixo, rapaz?

A mulher do padre, a torcer os dedos, exclama:

— Será possível que os senhores acreditem numa rapazinho tolo? Eu garanto-lhes que não temos cave!

O padre, repuxando as dobras da sotaina, propõe aos soldados:

— Camaradas, não quereis comer qualquer coisa? Vamos para dentro de casa!

A mulher do padre, ao passar junto de Michka, dá-lhe um doloroso beliscão no braço, ao mesmo tempo que sorri carinhosa:

— Vá, meninos, vão para o jardim. Deixem-nos tranquilos aqui!

Os soldados trocam um olhar entre si e começam a andar pela cozinha, batendo no chão com as coronhas das espingardas. Junto da parede, afastam a mesa e retiram a esteira. O soldado do cachimbo levanta uma tábua do soalho, espreita a cave pelo buraco e meneia a cabeça:

— Vocês não têm vergonha? Diziam que não tinham trigo e toda a cave está cheia dele!...

A mulher do padre fita Michka com olhos tão ferozes que o fazem sentir medo e vontade de ir para casa quanto antes. Michka põe-se de pé e encaminha-se para o pátio. A mulher do padre corre atrás dele a soluçar, agarra o pequeno pelo cabelo e começa a arrastá-lo pelo chão.

A espernear consegue soltar-se e foge para casa sem olhar para trás. Com uma voz que o choro afoga conta tudo à mãe; mas esta em vez de o consolar leva as mãos à cabeça:

— Que hei-de fazer de ti?... Foge-me da vista, antes que te dê uns açoites!

A partir daí, depois de cada ofensa, Michka enfia-se por baixo do celeiro, tira a pedra, desenrola a folha de bardana e, molhando o retrato com as suas lágrimas, conta a Lénine as suas desditas e a ele se queixa dos que o ofendem.

Passou uma semana. Michka aborrece-se. Não tem com quem brincar. Os rapazitos vizinhos não se dão com ele: além da alcunha de «malandrete», puseram-lhe outro nome, que aprenderam com os adultos. Gritam atrás de Michka:

— Eh, tu, comunistazinho! Cachorro comuna! Põe-te a pau...

Uma tarde, chega Michka da lagoa e mal entra na *khata* ouve o pai a falar em tom brusco e a mãe a soluçar muito e a lamentar-se, como se chorasse um morto. Da porta, Michka vê o pai enrolar o capote e calçar as suas botas de soldado.

— Para onde vais, pai?

O pai começa a rir e responde:

— Vê se convences a tua mãe, meu filho!... Aflige-me a alma com os seus gritos. Vou para a guerra e não me larga...

— E eu vou contigo, pai!

O pai afivelava o cinturão e põe na cabeça o gorro com as faixas.

— Sempre dizes coisas! Palavra! Não podemos ir os dois ao mesmo tempo!... Quando eu voltar, vais tu. Se também fores, quem semeará o trigo, quem o ceifará? A mãe já tem que lhe chegue com a lida da casa e o avô já está velho...

Ao despedir-se do pai, Michka contém as lágrimas e até sorri. A mãe, como da primeira vez, pendura-se no pescoço do pai. Ele afasta-a de si com força, enquanto o avô se limita a tossir, beijando o soldado e sussurrando-lhe ao ouvido:

— Fomá... meu filho!... Não será melhor que não vás? Talvez se arranjem sem ti... Se em má hora te matam, estaremos perdidos!...

— Cala-te, pai... Não se pode proceder assim. Se cada um se esconde por baixo das saias da mulher, quem vai então defender o nosso Poder?

— Bom... sim a tua causa é justa.

O avô volta-lhe as costas e, sem que ninguém o note, enxuga uma lágrima. Acompanham o pai até ao Comité Executivo. No pátio agrupam-se uns vinte homens com espingardas. O pai pega também numa espingarda e, depois de beijar Michka pela última vez, começa a caminhar com os outros pela rua, até ao fundo da *stanitsa.*

Michka volta a casa com o avô. A mãe, cambaleando, a arrastar os pés, vai atrás. Na *stanitsa* poucos latidos se ouvem e quase não se vêem luzes.

Está coberta pela escuridão da noite como uma velha com o seu negro manto. Começa a pingar; para além da *stanitsa,* sobre a estepe, fulgura, veloz, um raio e ressoam, surdos e prolongados, os fragores de um trovão.

Chegam a casa. Michka, que veio calado todo o caminho, pergunta ao avô:

— Avozinho, o meu pai vai à guerra contra quem?

— Deixa-me em paz!...

— Avozinho!

— Que queres?

— Contra quem vai o pai combater?

O avô, depois de pôr a tranca na porta, responde:

— Má gente que apareceu à nossa volta. Os da *stanitsa* chamam-lhes horda, mas a mim está-me parecendo que são autênticos bandidos... E o teu pai foi lutar contra eles.

— E são muitos, avô?

— Dizem que são perto de duzentos... Bom, velhaco, toca a dormir! Já chega de passeios!

Pela noite, vozes acordam Michka. Apalpa na cama: o avô não está.

— Onde estás, avozinho?

— Chiu!... Dorme, traquinas!

Michka levanta-se e, às apalpadelas, chega à janela. O avô, em ceroulas, está sentado num banco; com a cabeça fora da janela aberta, escuta. O rapazito procura também ouvir e distingue para além da *stanitsa,* no profundo silêncio, o frequente estampido de uns disparos; depois, candenciadamente, ressoam descargas cerradas.

Ta... tra-ta-ta-ta!...Ta...ta...

Era como se estivessem a pregar pregos.
O medo apodera-se de Michka. Apertando-se contra o avô pergunta:
— É o meu pai que está a disparar?
O avô cala-se e a mãe volta a chorar e a lamentar-se.
Até de manhã ouve-se o tiroteio muito para além da *stanitsa*, depois, tudo fica em silêncio. Michka, todo encolhido, empoleira-se no banco e adormece. O seu sono é agitado, nada alegre. Ao amanhecer, pela rua, em direcção ao Comité Executivo, vem a galope um grupos de cavaleiros. O avô acorda Michka e sai a correr para o pátio.
No Comité Executivo levanta-se uma negra coluna de fumo e o fogo alastra pela casa. Pelas ruas passam impetuosos homens a cavalo. Um deles aproxima-se e pergunta ao avô:
— Tens cavalo, velho?
— Tenho!
— Pois engata-o à carroça e vai... No juncal estão os vossos comunistas!... Carrega-os e podes trazê-los para que os parentes os enterrem!...
O avô atrela rapidamente o *Savraska*, empunha as rédeas com mãos trémulas e, ao trote rápido do animal, sai do pátio.
A *stanitsa* alarma-se ruidosa; os bandidos apressam-se a levar o feno das eiras, degolam as ovelhas. Um deles salta do cavalo diante do pátio de Aníssimovna. E o abndido, fazendo tilintar o sabre, aparece no alpendre, senta-se num degrau, descalça-se, rasga ao meio o florido xaile de Aníssimovna, dos dias de festa, descalça as sujas meias, tira-as e envolve os pés nos dois pedaços do xaile.
Michka entra na sala grande, estende-se na cama e tapa a cabeça com a almofada; só se levanta quando ouve ranger a porta. Sai disparado para o alpendre e vê que o avô, com a barba molhada pelas lágrimas, entra com a carroça e o cavalo pelo pátio.
Atrás, na carroça, jaz um homem descalço, com os braços caídos e muito abertos; a cabeça, com os solavancos, bate no taipal de trás, um sangue negro e espesso corre e espalha-se pelas tábuas...
Michka, cambaleando, aproxima-se da carroça, olha o rosto fendido pelas sabradas: aparecem os dentes, negros, uma das faces está pendurada, arrancada de um golpe com o osso, e num olho, muio aberto e injectado de sangue, está pousada, balançando, uma mosca verde.
Sem ainda adivinhar, com tremuras de assombro, Michka afasta dali os olhos e olha para baixo; ao ver uma camisola de marinheiro, de riscas brancas e azuis, empapadas em sangue,

vacila como se lhe tivessem batido atrás nas pernas; olhos muito abertos, olha de novo o rosto enegrecido e imóvel e salta da carroça.
— Paizinho, levanta-te! Levanta-te, paizinho querido!... — cai da carroça e tenta correr, mas as pernas vergam; de gatas arrasta-se até à escada do alpendre e finca a cara na areia.

*
* *

O avô tem os olhos profundamente encovados, a cabeça treme, com grandes sacudidelas, os lábios murmuram qualquer coisa de imperceptível.
Durante muito tempo e em silêncio afaga os cabelos de Michka, depois, olhando para a mãe, caída sobre a cama, diz num sussurro:
— Vamos, netinho, vamos para o pátio...
Agarra Michka pela mão e leva-o para o alpendre. Ao passar em frente da porta da sala grande, Michka fecha os olhos e começa a tremer: ali, em cima da mesa, calado, de semblante grave, jaz o pai. Lavaram-lhe o sangue, mas diante de Michka aparece o olho paterno, colorido e vidrado, e a grande mosca verde nele pousada.
O avô, durante algum tempo, desata a corda do poço; entra na cavalariça, tira «Savraska»; limpa-lhe a espuma dos flancos com a manga, põe-lhe o freio e escuta: pela *stanitsa* ouvem-se gritos e gargalhadas. Em frente do pátio vão homens a cavalo; brilham na escuridão as brasas dos cigarros, ouvem-se as suas vozes:
— A esses já lhes demos o contingente... No outro mundo vão aprender a não tirar o pão à gente!
Afasta-se o som dos cascos dos cavalos, o avô inclina-se para Michka e sussurra-lhe ao ouvido:
— Eu sou velho e não posso montar a cavalo... Vou montar-te a ti nele, netinho, e vai à aldeia de Pronine. Que Deus te acompanhe... Eu vou ensinar-te o caminho... Deve estar ali o destacamento que passou com a música pela nossa *stanitsa*... Diz-lhes que venham, que apareceu um bando... Compreendentes?
Michka faz um aceno de cabeça. O avô monta-o no cavalo e ata-lhe as pernas à sela com a corda, para que não caia; através da eira, pela frente da lagoa e das patrulhas dos bandidos, conduz *Savraska* para a estepe.
— Olha, ao pé daquele outeiro há um barranco; vai sempre ao longo dele. Não vires para nenhum lado... Indo sempre a direito chegarás à aldeia. Ala! A caminho, querido!...

O avô beija Michka e dá em *Savraska* uma suave palmada. A noite está clara, de luar. *Savraska* lança-se num trotezinho ligeiro, relincha e, ao sentir no lombo a leve carga, abranda o trote. Michka incita-o com as rédeas, dá-lhe umas palmadinhas no pescoço e salta, balanceando-se na sela.

Codornizes assobiam com brio na verde espessura dos trigais. Pelo fundo do barranco corre cantante a água de uma fonte, o vento traz a sua agradável frescura.

Micka sente medo por estar sozinho na estepe e abraça-se ao quente pescoço de *Savraska*, apertando-se contra ele muito encolhido, a tremer de frio.

O barranco ergue-se, desce, volta a erguer-se. Michka tem pavor em olhar para trás, murmura muito baixinho, procurando não pensar em nada. O silêncio congelou-se nos seus ouvidos. Tem os olhos fechados.

Savraska abana a cabeça, relincha e apressa o trote. Michka entreabre um pouco os olhos e vê em baixo, no sopé do monte, umas fracas luzinhas amarelas. O vento traz uns latidos.

Uma suave alegria aquece por uns instantes o peito de Michka. Esporeando *Savraska* com os calcanhares, grita-lhe:

— Arre!...

Os latidos ouvem-se mais perto. Num alto avistam-se confusos os contornos de um moinho.

— Que vem lá? — gritam do moinho.

Michka, em silêncio, faz parar *Savraska*. No sonolento casario ressoam alvoroçados os cantos dos galos.

— Alto! Quem vem lá!... Pára ou disparo!...

Michka, assustado, puxa as rédeas, mas *Savraska*, que farejou a proximidade de outros cavalos, solta um relincho e avança a galope sem fazer caso dos puxões do seu cavaleiro.

— Alto!

Junto do moinho soam tiros. E o grito de Michka perde-se entre o matraquear dos cascos dos cavalos. *Savraska* lança um rouco soluço e encabrita-se para cair pesadamente sobre o flanco direito.

Michka, por uns segundos, sente na perna uma dor horrível, insuportável, e o grito fica-lhe nos lábios. *Savraska* deixa cair sobre a perna todo o peso do seu corpo, cada vez maior.

O bater dos cascos aproxima-se. Chegam a galope dois cavaleiros. Sabres a tilintar, saltam dos cavalos e debruçam-se sobre Michka.

— Minha mãe, mas é um rapazinho!

— Será possível que o tivéssemos morto?

Alguém enfia a mão pela camisa de Michka, que sente na cara um forte cheiro a tabaco. Uma voz anuncia muito alegre:

— Está são e salvo... O cavalo não lhe terá esmagado a perna?

Ao desmaiar, Michka comunica num fiozinho de voz:

— Está um bando na *stanitsa*... Mataram meu pai... Incendiaram o Comité Executivo e o meu avozinho diz que marchem para lá imediatamente!

Diante dos olhos mortiços de Michka começam a girar uns círculos de cores...

Passa na sua frente o pai, a retroceder as guias dos bigodes arruivados, ri, e num olho está pousada, a balancear, uma grande mosca verde. Aparece o avô, meneando a cabeça em ar de censura; depois, a mãezinha, e depois, um homem baixo, de grande testa, com a mão estendida e a mão aponta mesmo para ele, Michka.

— Camarada Lénine!... — diz Michka, numa vozinha que se tornou surda. E fazendo um esforço, levanta um pouco a cabeça e sorri, estendendo os braços para a frente.

«Coube-nos a nós em sorte, pela primeira vez, falar-lhes da vida socialista, de como foi conquistada», dizia Alexandre Fadéiev, referindo-se à geração de escritores soviéticos chegados à literatura com a Revolução de Outubro.

O próprio Fadéiev (1901-1956) participou na Revolução e na guerra civil no Extremo Oriente. Aos dezassete anos, em companhia de guerrilheiros, percorreu milhares de quilómetros pelas veredas da taiga. Os anos de luta deixaram na alma do futuro escritor marcas indeléveis de heroísmo e tragédia.

Naqueles dias foram queimados vivos pelos intervencionistas, no forno de uma locomotiva, Serguei Lazó, dirigente dos guerrilheiros do Extremo Oriente, e Vsévolod Sibírtsev, primo do escritor.

Aos acontecimentos da guerra civil naquelas terras são dedicados os romances de Fadéiev *A Derrota* e *O Último Udegué*, bem como numerosos contos e reportagens. *A Exploração de Metélitsa* é um dos capítulos do romance *A Derrota*.

A EXPLORAÇÃO DE METÉLITSA

Ao enviar Metélitsa fazer uma exploração em campo inimigo, Levinson, chefe do destacamento, tinha-lhe ordenado que voltasse a todo o custo naquela mesma noite. Mas a aldeia onde era enviado o chefe de secção estava na realidade muito mais longe do que Levinson supunha: Metélitsa partira do destacamento por volta das quatro da tarde, e embora esporeasse o seu cavalo com vontade — curvado sobre ele como uma ave de rapina, as aletas do nariz dilatadas, com crueldade e prazer, como que embriagado pela louca cavalgada depois de cinco longos e enfadonhos dias —, a taiga outonal seguia-o incansável, com o sussurro das suas ervas, à luz gélida e triste do dia que findava entre as primeiras sombras crepusculares. Tinha já anoitecido por completo quando conseguiu chegar ao fim da taiga e fez estacar a montada junto a um velho e apodrecido colmeal de Inverno, de telhado meio derruído, sem

dúvida abandonado pelos homens há uma infinidade de tempo.

Prendeu o cavalo e, agarrando-se ao cimo de um carcomido tronco, que se desfazia entre as mãos, trepou por uma parede com o risco de cair na negra fossa que emanava o fétido bafo da madeira putrefacta e de repugnantes ervas enterradas. Nas pontas dos pés, firmado nas sólidas pernas meio vergadas, ali esteve uns dez minutos sem se mover, espreitando, a escutar na noite, invisível contra o negro fundo do bosque, e mais parecido ainda com uma ave de rapina. Diante dele estendia-se um tenebroso vale com escuras medas e arvoredos, oprimido de ambos os lados por elevações de origem vulcânica cujo azeviche se destacava intensamente contra um céu adusto, coalhado de estrelas.

Metélitsa pulou para a sela do cavalo e saiu ao caminho. Os seus trilhos negros, há muito sem trânsito, mal se viam entre as ervas. Os finos troncos das bétulas alvejavam debilmente na sombra, como círios apagados.

Subiu a um outeiro: à esquerda, como antes, estendia-se a negra fileira das elevações vulcânicas, semelhantes ao lombo de um animal gigantesco. Rumorejava o rio. A umas duas verstas, certamente junto do mesmo rio, ardia uma fogueira, que fez recordar Metélitsa a desamparada solidão da vida pastoril; mais além, atravessando o caminho, avistavam-se, imóveis e amarelas, as luzes da aldeia. A fileira de elevações vulcânicas torcia para a direita e ia perder-se na névoa azul; naquela direcção o terreno descia muito. Pelo que via, ali se encontrava o velho leito do rio; ao longo dele, fosco, negrejava o bosque.

«Aquilo é um pântano, não há dúvida», pensou Metélitsa. Sentia frio, pois levava aberto o casacão de soldado, por cima do dólman já sem botões, aberto no pescoço. Resolveu aproximar-se primeiro da fogueira. Prudentemente, tirou a pistola do coldre e meteu-a por baixo do cinto do casacão, e guardou o coldre na bolsa da sela. Não levava espingarda. Parecia agora um homem do campo. Depois da guerra com a Alemanha, muitos andavam assim com capote de soldado.

Estava já muito perto da fogueira quando, de repente, ressoou nas trevas um alarmante relincho. O potro teve um estremecimento e, trémulo o vigoroso corpo, orelhas espetadas, respondeu apaixonado e queixoso. Naquele preciso momento, junto ao fogo, começou a dançar uma sombra. Metélitsa vibrou uma forte chicotada e ergueu-se juntamente com o animal encabritado.

Ao lado da fogueira, com os pequenos olhos apavorados e muito abertos, agarrando o chicote com uma mão e o outro braço levantado dentro da folgada manga, como que para defender a cara, estava de pé um rapazito de cabelo preto, com *laptis* e calções rotos, envolvido num casaco grande, que não era seu,

atado à cintura com uma corda. Metélitsa, enfurecido, fêz estacar o cavalo mesmo diante do nariz do rapazito, a ponto de o atropelar, e ia já gritar impetuoso e grosseiro, quando, de repente, viu diante dele aqueles olhos apavorados por cima da manga larga, os calções que deixavam ver os joelhos, e o pobre casaco, para a estatura do patrão, de onde emergia, lastimoso e infeliz, um fino e gracioso pescoço de menino...

— Que fazes aí como uma estaca?... Assustaste-te hein? Ai, pardalito, pardalito, que tonto me saíste! — exclamou desconcertado Metélitsa, involuntariamente, com aquele rude tom carinhoso que nunca usava com as pessoas e que apenas reservava para os cavalos. — Está ali plantado à espera que o matem!... E se te tivesse esmagado?... Ah, que tolo! — repetiu já abrandado por completo, sentindo que a presença daquele rapazito e toda a sua extrema pobreza despertavam nele um sentimento impreciso, de pena, brincalhão e infantil... O rapazinho com muito esforço recobrou o alento, que o susto lhe cortara, e baixou o braço.

— E tu porque te atiraste a mim como um zaragateiro — respondeu o rapazito, procurando falar com razões e ares de pessoa crescida, mas ainda encolhido. — É para uma pessoa se assustar, pois estou aqui a guardar cavalos...

— Ca-valos? — repetiu Metélitsa arrastando a palavra com ar divertido. — Ora vejam — pôs a mão na cintura, recuou para olhar o rapazito com olhos semicerrados, movendo apenas as pestanas inquietas e, de repente, começou a rir com tão francas gargalhadas, com tão altas notas, cheias de alegria, que ele próprio ficou espantado por soltar tais sons.

O rapazito, na sua perturbação, começou a respirar agitado, com desconfiança, mas ao ver que tudo aquilo, longe de ser assustador, ganhava um cariz extraordinariamente divertido, levantou tanto a pele da testa, que o nariz foi repuxado ao mesmo tempo, arrebitado, e soltou também o seu riso, agudo e travesso. Metélitsa, com a surpresa, deu mais força às suas gargalhadas e ambos, sem que o tivessem combinado, assim estiveram uns minutos incitando-se mutuamente, em alegre desafio: um inclinava-se para a frente e para trás na sela, com a dentadura brilhante à luz da fogueira, e o outro, caindo sobre as nádegas, apoiava as mãos na terra, e empinava a barriga para cima a cada novo acesso de hilaridade.

— Muito me fizeste rir, patrãozinho! — conseguiu dizer por fim Metélitsa tirando um pé do estribo. — És um estouvado, naturalmente... — e apeou-se para estender as mãos para o fogo.

O rapazito deixou de rir e ficou a olhá-lo com sério e agradável pasmo, como se dele esperasse novas coisas, as mais estranhas e extraordinárias.

— Tu também és alegre, diabo! — sentenciou passado um instante, pronunciando com clareza e precisão cada palavra, como que resumindo as suas convicções.

— Eu? — respondeu Metélitsa manhoso. — Eu, amigo, sou um paz de alma...

— Pois pregaste-me um grande susto — reconheceu o garoto. — Tenho aqui os cavalos. Estava a assar umas batatas...

— Batatas? Magnífico!... — Metélitsa sentou-se ao lado sem largar as rédeas. — Mas onde vais tu buscar as batatas?

— Olha que pergunta!... Há por aí uma quantidade delas! — e com a mão o garoto fez um gesto indicando em volta.

— Portanto, rouba-las?

— Roubo-as... Deixa-me segurar-te o cavalo... Ou é um potro?... Não tenhas medo, amigo, que eu não o deixo fugir... Bom poldrozinho — disse o rapazito, observando com entendida mirada o animal, magro, musculoso, de boa estampa e tenso ventre. — E de onde és tu?

— Sim, não é mau o potro — concordou Metélitsa. — E tu de onde és?

— Dali — respondeu o garoto, apontando para as luzes. — De Ianikheza. Aquela é a nossa aldeia... Cento e vinte casas certas, nem mais nem menos — explicou, repetindo palavras que não eram dele e atirando uma cuspidela.

— Bem... pois eu sou de Vorobiovka, do outro lado daqueles montes... Já ouviste falar nela?

— De Vorobiovka? Não, não ouvi falar, deve ser longe...

— Sim, é longe.

— E que vens fazer à nossa aldeia?

— Não sei como te hei-de explicar... O assunto, amigo, leva muito tempo a contar. Penso em comprar cavalos. Segundo dizem, vocês aqui têm muitos... E eu, amigo, sou doido por eles — afirmou Metélitsa com velhacaria e fervor. — Passei a vida a tratar deles, mas dos outros.

— E julgas que estes são meus? São do patrão...

O rapazito tirou da manga a mão pequenina e suja e com o cabo do chicote começou a afastar a cinza, atraindo para si, habilmente, as enegrecidas batatas.

— Queres comer? — perguntou. — Também tenho pão, embora seja pouco...

— Obrigado, apanhei uma enfartadela. Estou até aqui! — mentiu Metélitsa, levando a mão ao pescoço, e só naquele instante compreendendo quanto era grande a fome que tinha.

O garoto partiu uma batata, soprou, meteu metade na boca sem lhe tirar a pele, deu-lhe uma volta com a língua e, movendo as agudas orelhas, começou a mastigar com apetite. Quando a comeu, olhou para Metélitsa e, com a mesma clareza e precisão com que o qualificara de alegre, manifestou:

— Sou órfão. Há meio ano que estou só no mundo. O meu pai foi morto pelos cossacos. Minha mãe violaram-na e assassinaram-na também e ao meu irmão também lhe deram a morte...

— Os cossacos? — repetiu Metélitsa, com um estremecimento.

— Eles, pois! Mataram-nos sem razão. E deitaram fogo à casa. Não foi só à nossa. A doze pelo menos. Todos os meses apareciam a cavalo. Agora também há aí uns quarenta homens. E mais para lá da nossa aldeia, em Rakítnoe, onde fica a câmara municipal, está lá desde o princípio do Verão um regimento inteiro. As barbaridades que eles fazem!... Come batatas.

— Mas porque não fugiram?... Com o bosque que vocês têm... — Metélitsa começou a levantar-se.

— De que serve o bosque? Não se pode lá viver muito tempo. Além disso o terreno é pantanoso, atasca-se uma pessoa para sempre naquela papa...

«Tal como eu pensava» — pensou Metélitsa ao recordar o que supusera.

— Repara no que vamos fazer — disse, pondo-se de pé. — Trata do meu cavalo, que eu vou a pé até à aldeia. Porque, pelo que estou a ver, aqui nas vossas proximidades, em vez de se comprarem cavalos, corre um homem o perigo de lhe tirarem o último que lhe resta...

— Tens assim tanta pressa? Espera mais um bocadinho!... — pediu-lhe o pastorzito, logo entristecido e levantando-se também. — Uma pessoa aborrece-se para aqui sozinha — explicou com voz queixosa, olhando para Metélitsa com olhos implorantes, muito abertos, húmidos.

— Não é possível, amigo — respondeu Metélitsa, com um gesto de impotência. — A noite é o melhor que há para explorar... Eu volto daqui a nada e vamos deixar o potro peado. Onde pára por lá o chefe principal deles?

O rapazito explicou-lhe como podia encontrar a *isba* onde se alojava o chefe do esquadrão e a melhor maneira de passar pelas hortas atrás das casas.

— Há muitos cães na vossa aldeia?

— Muitos, mas não mordem.

Orientando-se pelas indicações que lhe dera o pequeno pastor, Metélitsa atravessou umas quantas vielas, contornando a igreja, e acabou por dar com a sebe pintada do jardim do padre. (O chefe do esquadrão encontrava-se naquela casa.) Metélitsa percorreu com um olhar o interior do jardim e, nada vendo de suspeito, saltou a sebe silenciosamente.

No jardim entrelaçava-se cerrada a ramagem, mas as folhas tinham já caído. Metélitsa, contendo o galopar do coração, quase sem respirar, enfiou-se na espessura dos ramos. Os arbustos desapareceram de repente, cortados por uma alameda, e à esquerda, a uns quarenta metros, viu luz numa janela. A janela estava aberta, dentro encontravam-se homens sentados. A luz caía suavemente por igual, sobre as folhas caídas, e as macieiras, iluminadas nos seus contornos, erguiam-se fantásticas, como de ouro.

«Aí está o que eu procuro», pensou Metélitsa, com uma tremura nervosa na cara, ardendo já todo ele no fogo do temerário arrojo que costumava empurrá-lo, incontrolável, a cometer as mais loucas empresas; e enquanto calculava se teria alguma utilidade escutar a conversa daquela gente na sala iluminada, sabia já que, na realidade, não se iria embora dali sem que o tivesse feito. Ao cabo de uns minutos, encontrava-se atrás de uma macieira, mesmo ao pé da janela; escutando com ansiedade e gravando bem na memória quanto *ali* acontecia.

Eram quatro, e estavam sentados a uma mesa, ao fundo da casa, jogando às cartas. À direita, encontrava-se o padre, velhote e baixinho, de poucos e finos cabelos alisados, como que empastados, e penetrantes olhos muito vivos; movia habilmente sobre a mesa as mãos pequeninas, magras, dando as cartas em silêncio com os seus dedos de boneco e tentando dar uma rápida espreitadela, por baixo, a cada carta que entregava; fazia-o com tanta manha, que o seu vizinho, de costas para Metélitsa, agarrava veloz as cartas, olhando-as temeroso, e escondia-as de imediato precipitadamente, por baixo da mesa. De frente para Metélitsa estava sentado um oficial bonitote, gordo e indolente, de bondosa aparência e com um cachimbo entalado nos dentes; talvez devido à sua gordura, Metélitsa tomou-o pelo chefe do esquadrão. No entanto, depois, sem que ele próprio soubesse o motivo, interessava-se mais pelo quarto jogador, homem de cara flácida e macilenta e pestanas imóveis; usava uma *papakha* (*) negra e uma capa caucasiana em que se envolvia depois de jogar cada carta na mesa.

Contra tudo o que Metélitsa esperava ouvir, os reunidos falavam das coisas mais vulgares, sem interesse algum; boa parte da conversa girava em torno do jogo.

— Aposto oitenta — disse o que estava de costas para Metélitsa.

(*) Gorro alto de pele. *(Nota da edição portuguesa.)*

— É pouco, vossa senhoria, isso é pouco — respondeu o da *papakha* negra. — Cem, sem olhar — acrescentou com displicência.

O gordo e bonitote, semicerrando os olhos, olhou as suas cartas e, tirando o cachimbo da boca, elevou a aposta para cento e cinco.

— Passo — manifestou o primeiro, voltando-se para o pequeno padre, que tinha as cartas que sobravam.

— Era de esperar... — replicou com preguiça o da *papakha* negra.

— Tenho culpa que não me calhasse bom jogo — desculpou-se o primeiro, dirigindo-se ao padre pequenino em busca de apoio.

— Sempre pouquinho a pouquinho — gracejou o padre, semicerrando levemente os olhos e soltando uma risadinha, pequena, muito pequena, como se querendo acentuar com ela toda a insignificância das atitudes do seu vizinho. — Já o vimos ganhar duzentos e tantos... Conhecemos as suas tretas!...

E ameaçou com o dedo, sorrindo astuto, hipócrita e servil.

«Olha que bicho», pensou Metélitsa.

— Ah, o senhor também passa? — perguntou o padre pequenino ao oficial, displicente. — Tome as que ficam, tenha a bondade — disse ao da *papakha* negra e, sem descobrir as cartas, entregou-lhas.

Durante um minuto estiveram batendo na mesa com as cartas encarniçadamente até que o da *papakha* negra perdeu. «E ainda tinha farronca o olhos de besugo», pensou Metélitsa com desprezo, sem saber se ir-se embora ou esperar um pouco mais. Mas não podia ir, porque aquele que tinha perdido se voltou para a janela e Metélitsa sentiu o seu penetrante olhar, espantosamente fixo, cravado com terrível precisão.

Entretanto, o que estava sentado de costas começou a baralhar as cartas. Fazia-o com cuidado e economia de esforços, tal como costumam benzer-se as velhas ainda não muito idosas.

— E Netchitailo continua sem vir — comentou o displicente, bocejando. — Pelo que vejo, teve sorte. Era melhor que eu tivesse ido com ele...

— Os dois? — replicou o da *papakha* negra, desviando os olhos da janela. — Ela teria aguentado com os dois! — acrescentou, torcendo a boca.

— A Vassionka? — disse o padre. — Oh!... Essa aguentava!... Tivemos aqui um sacristão, um verdadeiro touro; mas isso já eu contei aos senhores... Embora Serguei Ivánovitch não o tivesse consentido. Nunca... Sabem o que me confessou ontem em segredo? «Eu — disse-me — vou levá-la comigo, não tenho medo

de me casar com ela, eu...» Ui! — exclamou de repente o padre, tapando a boca com a palma da mão, enquanto cintilavam os seus inteligentes olhos. — Que cabeça a minha! Fugiu-me a língua sem querer. *Vade retro*, não digas nada! — e com fingido espanto, agitou as mãos. Apesar de todos, tal como Metélitsa, terem visto a hipocrisia e o disfarçado servilismo de cada um dos seus gestos e palavras, ninguém lho disse na cara e todos riram dos seus gracejos.

Metélitsa, agachando-se, afastou-se da janela, de lado. Acabava de virar para a alameda transversl qundo, de repente, foi esbarrar com um homem que trazia pelos ombros o seu capote de cossaco. Atrás dele, viam-se mais dois.

— Que fazes tu aqui? — perguntou assombrado o homem, segurando com involuntário movimento o capote que, com o encontrão, lhe ia cair dos ombros.

Metélitsa recuou com um salto e lançou-se em corrida pelos arbustos.

— Alto! Agarrem-no! Esse! Vem cá!... Eh! — soaram ao mesmo tempo várias vozes e atrás dele estrondearam secos os tiros.

Ziguezaguendo entre os arbustos, perdido o gorro, Metélitsa corria ao acaso, mas as vozes vibravam estridentes, guinchadas, na sua frente, e uns furiosos latidos vinham da rua.

— Aí está! Agarrem-no! — gritou um lançando-se para Metélitsa com o braço estendido.

Uma bala assobiou mesmo junto da orelha do fugitivo. Metélitsa disparou também. O homem que corria atrás dele tropeçou e tombou por terra.

— Estás enganado, não me apanhas... — gritou Metélitsa com ar de triunfo, sem acreditar, até ao último momento, que pudessem deitar-lhe a mão.

Mas alguém, corpulento e pesado, caiu sobre ele, pelas costas, e derrubou-o com o peso do seu corpanzil. Metélitsa procurou libertar uma mão, mas um golpe cruel na cabeça deixou-o aturdido...

Depois começaram a espancá-lo todos ao mesmo tempo e, já a perder o conhecimento, continuava a sentir no corpo aquelas pancadas intermináveis, uma atrás de outra...

... Metélitsa voltou a si num palheiro, grande e escuro; estava caído sobre a terra húmida e a primeira coisa que sentiu foi aquela fria humidade do chão que lhe trespassava o corpo. Logo recordou o que lhe acontecera. As pancadas que lhe deram ainda lhe martelavam a cabeça. Tinha os cabelos empastados com sangue seco e também sentia o sangue coagulado na testa e na cara.

O primeiro pensamento coerente que lhe veio à cabeça foi: «Será possível escapar?» Não podia acreditar de modo algum que depois de quanto conhecera na vida, depois das suas proezas e dos triunfos que sempre o tinham acompanhado em todas as aventuras e lhe trouxeram fama e respeito entre os homens, fosse acabar jazendo por terra, apodrecendo como qualquer dos simples mortais. Observou todo o palheiro, apalpou os buracos e fendas e até tentou arrombar a porta. Esforço inútil!... Em todo o lado ia esbarrar com a madeira, inerte e fria, e as fendas eram tão irremediavelmente estreitas, que por elas nem o olhar podia enfiar-se; apenas deixavam passar, com grande esforço, a fraca claridade daquele amanhecer de Outono.

Apesar disso, procurou mais uma e outra vez até se convencer com inexorável e fatídica certeza de que, na realidade, não escaparia daquela vez. E quando ficou definitivamente convencido de que assim ia ser, a questão da sua própria vida e morte logo deixou de o interessar. Toda a sua força física, todas as potências da sua alma se concentraram na resolução de um problema que, embora não tendo qualquer importância do ponto de vista da sua própria vida e morte, constituía agora para ele o mais importante. Como poderia ele, Metélitsa, sempre até então aureolado pela fama de arrojado e valente, demonstrar aos homens que o iam matar que não os temia e os desprezava profundamente?

Ainda não tivera tempo para o pensar, quando para lá da porta ouviu barulho. Rangeu o ferrolho e, juntamente com a pálida luz acinzentada e trémula, da madrugada, entraram no palheiro dois cossacos armados, com franjas nas calças. Metélitsa afastou as pernas, semicerrou os olhos e ficou a olhá-los fixamente.

Eles, ao verem-no, pararam indecisos junto da porta; o que vinha atrás começou a ofegar agitado.

— Vem connosco, paisano — disse por fim o da frente sem má vontade e até com certo ar de culpa.

Metélitsa, firme, concordou com um aceno de cabeça e saiu.

Ao cabo de uns instantes estava na frente de alguém que já conhecia — o da *papakha* negra e da capa caucasiana — na mesma sala por cuja janela espreitara na noite passada do jardim do padre. Ali mesmo, empertigando-se na cadeira e fitando-o surpreendido, mas não severo, encontrava-se o oficial bonitote, gordo e de aspecto bonacheirão, que Metélitsa na véspera tomara pelo chefe do esquadrão. Agora, ao examinar os dois com mais profundidade, compreendeu, por alguns sinais quase imperceptíveis, que o comandante não era o oficial bonacheirão, mas o outro, o da capa caucasiana.

— Podem retirar-se! — ordenou o da capa com voz cortante, olhando os cossacos que continuavam parados à porta.

Os cossacos, empurrando-se precipitados, saíram apressadamente da sala.

— Que fazias tu ontem no jardim? — inquiriu rápido, colocando-se na frente de Metélitsa e cravando nele os olhos, precisos e imóveis.

Metélitsa, em silêncio, aguentou trocista o olhar, movendo levemente as negras pestanas e dando a entender com toda a sua atitude que, fossem quais fossem as perguntas e os processos para o obrigarem a responder, nada responderia que pudesse satisfazer os seus interrogadores.

— Deixa-te de graças — disse-lhe o chefe, sem se aborrecer nem levantar a voz o mínimo que fosse, mas num tom que indicava saber quanto se passava na alma de Metélitsa.

— Que quer que eu faça? Falar por falar? — respondeu Metélitsa, sorrindo condescendente.

O comandante do esquadrão permaneceu calado uns instantes, observando o rosto do preso, impassível, picado pelas bexigas e coberto de sangue seco.

— Tiveste bexigas há muito tempo? — perguntou.

— O quê? — Metélitsa ficou desorientado.

Ficou desorientado porque naquela pergunta do comandante não se sentia troça nem qualquer escárnio, mas sim simples interesse. No entanto, Metélitsa corou mais do que se tivessem rido e troçado dele: aquela pergunta era em todos os aspectos uma tentativa para estabelecer entre ambos certas relações humanas.

— Tu és daqui ou vieste de algum lado?

— Basta, vossa senhoria!... — rugiu Metélitsa, iracundo e resoluto, punhos cerrados, congestionado, contendo com muito custo a ânsia de se lançar contra ele. Gostaria de ter acrescentado mais alguma coisa, mas naquele momento o impulso converteu-se numa ideia. Porque não agarrar realmente aquele homem negro, de cara balofa, de uma serenidade tão repulsiva, eriçado com aquele sujo pêlo arruivado e estrangulá-lo ali mesmo? A ideia surgiu-lhe tão clara e imperiosa, que Metélitsa, sem acabar as palavras, deu um passo em frente com as mãos trémulas, com o rosto picado das bexigas banhado num suor repentino.

— Oh! — exclamou pela primeira vez, com vigorosa voz, aquele homem, surpreendido, mas sem recuar uma polegada nem afastar os olhos de Metélitsa.

Este parou indeciso, de pupilas cintilantes. Então o homem tirou a pistola do coldre e agitou-a mesmo diante da cara do preso. Metélitsa conseguiu dominar-se e voltou-se para a janela, onde ficou num silêncio de desprezo. Depois, por mais que procurasse intimidá-lo com a pistola, ameaçando-o com os mais horrorosos castigos, por muito que lhe pedissem para falar, prometendo-lhe

a completa liberdade, não pronunciou uma só palavra e nem sequer se dignou olhar para os que o interrogavam.

Quando o interrogatório estava no seu ponto máximo, entreabriu-se um pouco a porta, e uma cabeçorra cabeluda, com grandes olhos estúpidos e assustados, apareceu pela abertura.

— Bom — disse o comandante do esquadrão. — Já os reuniram? Vai dizer aos dois rapazes que se encarreguem deste valentão.

Os mesmos dois cossacos que ele já conhecia deixaram-no sair primeiro para o pátio e, depois de lhe apontarem a cancela da sebe, começaram a caminhar atrás dele. Embora Metélitsa não olhasse para trás, sentia que os dois oficiais o seguim também. Chegaram ao adro da igreja. Ali, junto da *isba* de troncos do sacristão, juntava-se a gente da aldeia, rodeada por todo o lado por cossacos a cavalo.

Sempre parecera a Metélitsa que não gostava das pessoas, que as desprezava com os seus mesquinhos e enfadonhos trabalhos, com tudo aquilo que as rodeava. Acreditava que lhe era completamente indiferente o conceito que fizessem dele, ou o que dissessem acerca dele, nunca tivera amigos e não se esforçava por os ter. E no etnanto, tudo o que de maior e importante fizera na sua vida, realizara-o, sem se dar conta disso, por e para as pessoas, para que estas reparassem nele, se sentissem orgulhosas dele, o admirassem e o enaltecessem. E agora, ao erguer a cabeça, abarcou imediatamente, não só com o olhar mas também com o coração, aquela multidão ondulante, garrida e silenciosa, de mujiques, crianças, camponesas assustadas com as suas saias e aventais, mocinhas com alvos lenços floridos na cabeça e vigorosos cavaleiros com mechas de cabelo caídas para a testa, todos tão reluzentes, galhardos e limpos como nos cromos; as suas longas sombras vivas, que dançavam na verde erva nova, e mesmo as antigas cúpulas da igreja, que se erguim sobre eles, estavam iluminadas por um sol fraco, como que congelado no céu frio.

«Belo!» esteve a ponto de exclamar em entusiasmo, aberto imediatamente, por completo, a toda aquela vida, clara e pobre, que mexia e respirava irradiando luz em volta, fazendo-o estremecer intimamente. E, mais impetuoso, com menor esforço, avançou com passo leve, de felino, o elástico corpo balanceante, quase sem tocar na terra. Quantos se encontravam na praça voltaram-se para ele e também perceberam, com a respiração entrecortada, a força, ágil e felina como o seu andar, que encerrava aquele corpo flexível e activo.

Passou por entre a multidão, olhando por cima dela, mas sentindo a sua silenciosa e concentrada atenção, e parou diante da pequena escada. Os oficiais, quando o alcançaram, subiram ao alpendre da entrada.

— Aqui, aqui — disse o comandante do esquadrão, apontando o lugar a seu lado, Metélitsa subiu os degraus de um salto e pôs-se a seu lado.

Agora todos o viam bem, músculos tensos, esbelto, cabelos negros, com macias botas de pele de rena, camisa desabotoada, cingida por um cordão de grande borlas verdes, penduradas por baixo do casacão; os seus olhos, com brilho de ave de rapina, voavam distantes para o lugar onde, entre o véu cinzento da madrugada, se avistavam serenas, magestosas, as cristas das montanhas.

— Quem conhece este homem? — perguntou o comandante, ao mesmo tempo que ia passando o olhar, agudo e penetrante, por cada um dos rostos.

E todo aquele em que se detinha o cortante olhar, pestanejava inquieto e baixava a cabeça; só as mulheres, sem forças para afastar os olhos, o olhavam mudas, inexpressivas, com medrosa e ávida curiosidade.

— Ninguém o conhece? — voltou a perguntar o comandante, carregando trocista na palavra «ninguém», como se soubesse que, pelo contrário, todos conheciam ou deviam conhecer aquele homem. — Vamos agora mesmo esclarecer isso... Nietchitailo! — gritou, apontando para o lugar onde, num potro alazão claro, que volteava airoso, vinha um oficial alto de grande capote cossaco.

A multidão agitou-se num surdo rumor, os que estavam na frente voltaram-se para trás: um homem com um colete preto abria caminho aos empurrões, decidido, por entre as pessoas, inclinando tanto a cabeça que só se via o gorro de pele.

— Passagem, passagem! — pedia constantemente, afastando as pessoas do caminho com uma mão e puxando com a outra o que trazia atrás.

Chegou por fim junto da escada e viu-se então que trazia aos puxões um rapazinho de cabelo preto e com um grande casaco. O garoto resistia, fincava os pés no chão e tão depressa punha os olhos muito abertos em Metélitsa como no chefe do esquadrão. O rumor da multidão aumentou, ouviram-se suspiros e sufocados murmúrios femininos. Metélitsa olhou para baixo e, de repente, reconheceu o pastorzito de olhos apavorados e fino e gracioso pescoço de menino a quem deixara o cavalo no dia anterior.

O mujique que o levava pela mão tirou o gorro deixando a descoberto a cabeça loura, entremeada de cabelos brancos, como se a tivessem polvilhado com sal e, inclinando-se para o comandante, começou a dizer:

— Aqui lhe trago este meu pastor...

Mas, receoso sem dúvida de que não lhe escutassem todo o discurso, baixou-se e perguntou ao rapazinho, apontando Metélitsa com o dedo:

— É aquele?

Durante uns segundos, o pastorzito e Metélitsa estiveram a fitar-se cara a cara: Metélitsa, com fingida indiferença; o pequeno pastor com espanto, simpatia e compaixão. Depois o garoto pôs os olhos no comandante do esquadrão e nele os deteve um instante, como que pasmado; depois, olhou o mujique que, segurando-o pela mão, inclinado, aguardava ansioso; o rapazito soltou um profundo suspiro e negou tristemente com a cabeça... A multidão mantinha um silêncio tão absoluto que se ouvia o inquieto agitar do bezerro no estábulo do sacristão; naquele momento, as pessoas estremeceram e a multidão ondulou, para de novo ficar imóvel...

— Não tenhas medo, tonto, não tenhas medo — procurava convencê-lo o mujique, com trémula e carinhosa voz, sentindo-se medroso e pouco tranquilo por si, apontando precipitadamente um dedo para Metélitsa. — Não pode ser outro... Anda, confessa, con-fes-sa, não tenhas medo! Maldito bicho! — irritou-se de repente e, com toda a sua força, torceu a mão do pequeno. — Sim, é ele, Vossa Senhoria. Quem havia de ser, senão...? — e começou a levantar a voz, como que a justificar-se, enquanto amachucava o gorro com ar humilde. — O que acontece é que o garoto tem medo. Como pode ser outro, se ele deixou o cavalo selado e o coldre na bolsa?... Chegou ontem à noite atraído pela fogueira. «Trata do meu cavalo», disse, e veio à aldeia. O garoto ficou à espera e, quando já clareava, ao ver que ele não voltava, trouxe o cavalo selado com o coldre na bolsa. Como pode ser outro?

— Quem chegou? De que coldre está a falar? — perguntou o comandante, esforçando-se inutilmente por compreender do que se tratava.

O mujique, ainda mais desorientado, continuava a amachucar o gorro e, aos tropeções, baralhando as palavras, contou que o seu pastor lhe trouxera pela manhã um cavalo que não era dele, com sela e um coldre de pistola na bolsa da sela.

— Ora vejam lá — respondeu o comandante do esquadrão. — Com que então ele não quer cantar? — e apontou o garotinho com a cabeça. — Bom, dá-mo cá que nós o interrogaremos à nossa maneira...

O garoto, empurrado pelas costas, ia-se aproximando do alpendre, mas não se atrevia a subir. Então o comandante, descendo os degraus, agarrou-o pelos ombros magros, trémulos e, puxando-o a si, cravou nos olhos da criança, abertos de horror, os seus, penetrantes, pavorosos...

— Ai-i-i! — lançou o rapazito imediatamente a chorar, com os olhos em branco.

— Que vai acontecer agora? — perguntou a suspirar uma camponesa sem poder conter-se.

Naquele instante, um corpo elástico e rápido lançou-se do alpendre. As pessoas afastaram-se bruscamente, ao mesmo tempo, com as mãos encrespadas. O comandante do esquadrão de cossacos caiu derrubado...

— Disparem!... Mas o que é isto?... — começou a vociferar o oficial bonitote, adiantando a mão impotente aparentemente e esquecido, aparvalhado e tolo, de que também sabia apertar no gatilho.

Vários cavaleiros se enfiaram por entre a multidão, dispersando-a com os seus cavalos. Metélitsa, que caíra sobre o inimigo com todo o seu peso, procurava agarrá-lo pela garganta, mas este, aberta a capa de cossaco, parecida com umas asas negras, debatia-se como um morcego, e levava a mão ao cinturão com dedos convulsos, procurando tirar a pistola. Conseguiu por fim desafivelar o coldre e, quase no mesmo instante em que Metélitsa o agarrava pela garganta, disparou contra ele à queima-roupa, várias vezes seguidas...

Quando os cossacos, que acorreram apressados, levavam Metélitsa puxando-o pelas pernas, ainda ele se aferrava à erva rangendo os dentes, fazendo esforços para levantar a cabeça, mas ela caía-lhe inerte e arrastava-se pela terra.

— Nietchitailo! — gritou o oficial bonitote. — Reúne o esquadrão. O senhor vem também? — perguntou ao comandante, com cortesia, mas fugindo-lhe com os olhos.

— Vou.

— O cavalo do comandante!...

Meia hora depois o esquadrão cossaco, bem armado para o combate, saía da aldeia e galopava encosta acima, pelo mesmo caminho por onde Metélitsa viera na noite anterior.

VSÉVOLOD IVÁNOV

A Sibéria é a terra onde veio ao mundo Vsévolod Ivánov, escritor da velha geração, nascido em 1895 e morto em 1963. Ali, em diferentes vilas e aldeias se passaram a sua infância e a sua juventude. Foi empregado do comércio, marinheiro, cómico ambulante, saltimbanco e tipógrafo de jornal. Iniciou o seu trabalho literário nos primeiros anos da Revolução. Conduziu-o ao campo da literatura Máximo Górki, que agrupava e organizava os intelectuais russos naqueles anos.

Deram grande popularidade a V. Ivánov as suas *Histórias de Guerrilheiros* e, posteriormente, *Parkhomento*, ensaio biográfico de forma romanceada, que tem por protagonista esse chefe militar da guerra civil. *O Comboio Blindado 14-69*, sobre temas da Revolução, posto em cena no Teatro de Arte de Moscovo, baseia-se num dos contos de Ivánov e já faz parte do repertório clássico soviético.

O conto *A Letra «C»* fala-nos de acontecimentos que tiveram lugar durante a guerra civil, de que foi testemunha e participante o próprio autor.

A LETRA «C»

Iván Semiónovitch Pankrátov gostava de repetir despreocupadamente que morreria de pé diante da caixa dos tipos e que tirariam o seu cadáver da tipografia como se tira uma letra do componedor: com a cara para a parede e não para o tecto. Os seus camaradas de trabalho tinham estima por ele, por aquela sua despreocupação, pela sua coragem, pelos seus alegres cabelos brancos e pelas cinco rugas que, como cicatrizes, lhe sulcavam a cara avermelhada, e costumavam dizer que um homem com tais rugas tinha de ter passado por muitos ventos e marés.

Havia já algum tempo que Iván Semiónovitch notava como a vista começava a faltar-lhe e como o mundo ia perdendo as suas cores: desapareciam as alegres nuvens e o cinzento entardecer começava mais cedo. Embora o tivessem passado da galé para a composição de cartazes, continuava a fazer muitos erros. Depois

de lhe apresentarem mil desculpas, encarregaram-no de distribuir os originais e desfazer as composições. Mas também por essa altura Iván Semiónovitch não perdeu a coragem; limitou-se a comentar que, aparentemente por causa da velhice, começavam a tremer-lhe as mãos. Dos olhos nada disse. Na sua vida devia ter calado muitas outras coisas.

Os seus amigos, conhecedores da sua despreocupação e beleza de alma, compadeciam-se e, antes que Iván Semiónovitch começasse a desfazer a respectiva composição, punham uns papelinhos escuros nas divisões da caixa. O velho cumpria a tarefa pedida, e eles, na manhã seguinte, mandavam tirar as letras das divisórias, retiravam os papelinhos e faziam de novo o trabalho do camarada, porque Iván Semiónovitch, devido à sua cegueira confundia os tipos e não os punha onde devia ser: queria pôr um «k» no seu compartimento e este ia parar ao seu vizinho, o dos «l». Aos novos tipógrafos temia-os, pois lhe era difícil diferenciar cada nova cara, que parecia desvanecer-se naquela azulada neblinha...

No dia em que a nossa narrativa começa, veio trabalhar pela primeira vez, como auxiliar na minerva, Michka Blagovéchtchenski. O tal Michka era jovenzito — teria uns dezasseis anos — e era mau. Na sua breve existência de vagabundo e mendigo já tivera tempo de percorrer toda a Rússia e de estar nas capitais. Apresentou-se a trabalhar de má vontade, aumentada pelos rumores que circulavam pela cidade de que, do deserto, atacavam os *basmatches* (*), em união com os *atamanistas*, e que a ofensiva era dirigida pelo atamán Kachimírov, famoso pela sua crueldade; Michka era cobarde e vangloriava-se da sua cobardia e por isso, precisamente, ninguém acreditava nela. Chegou à tipografia logo de manhã. O aprendiz estava já a recolher os caracteres trocados por Iván Semiónovitch, Michka recebeu-o com uma sarcástica gargalhada. O velho entrava com passo leve e firme.

Deteve-se à entrada, e a asa alva do seu cabelo branco ergueu-se mais acima do dintel.

Então, o oficial ajustador Erchov chamou Michka de parte, atrás da minerva, e pôs-lhe diante do nariz o punho impregnado de cheiro a terebentina, ao mesmo tempo que franzia as curtas e bravias sobrancelhas. Michka não abriu bico. Mas Iván Semiónovitch compreendeu que lhe tinham imposto silêncio.

O céu estava encoberto por nuvens baixas. Havia semanas que não parava de chover. Do subsolo, através da areia, subia a greda com fedor repugnante. Lento, a favor da corrente do

(*) Bandos armados que actuavam ao serviço da contra-revolução na Ásia Central. *(Nota da edição portuguesa.)*

Amú-Dariá, navegava para a pequena cidade de P. o barco «A Onda da Revolução». Trazia o barco duas companhias de soldados vermelhos, artilharia de campanha e munições. Vinha em socorro da cidade porque, efectivamente, os *bascmatches* vindos do deserto avançavam para ela. Navegava com lentidão, dado que o rio Amú-Dariá, que corre entre as areias do deserto, muda frequentemente de curso, tem muitos bancos e baixios, a sua corrente, impetuosa, oferece perigo e, para mais, os bandidos tinham destruído as bóias e havia muito que não ficara no mundo quem as reparasse. Quando chegava a noite, o barco ancorava, e sempre que o fazia armava-se bulha: os soldados exigiam que, apesar de tudo, seguissem em frente... E com razão, pois era mais perigoso dormir que navegar. O marulhar de remos dos botes *basmatches* não se ouvia, confundindo-se com o sussurro dos juncos agitados pelo vento... O barco apagava as luzes; os marinheiros engatilhavam as espingardas. Por fim, foi comunicado aos soldados que a cidade se encontrava já a umas dez ou quinze verstas apenas. Mas começou a chuva abundante, o céu escurecera. Arenosos montículos, pardacentos e amarelos, apertavam as impetuosas águas do Amú-Dariá.

Num dos montículos avistava-se uma árvore gigantesca sem folhas e sem mais ornato que um ninho de corvos. Os marinheiros saltaram para a margem e subiram ao montículo. O corvo não os deixava trepar à árvore, atacava-os (junto da árvore viam-se carapaças vazias de pequenas tartarugas. Aparentemente os corpos alimentavam-se com elas). Relampejou um raio, e, naquele instante, um marinheiro prudente disparou contra o corvo. O trovão afogou o estampido. Uma planura pardacenta e azulada estendia-se na frente deles infinita e pedregosa. E mais longe perfilavam-se uns cerros lilases. Nada indicava a proximidade da cidade. Os tripulantes estavam confusos. Durante muito tempo discutiram em voz baixa, para por fim se decidirem a fundear. E então o vento trouxe o fedor do subsolo do ribeiro. A corrente da âncora, muito tensa, tremia vibrante sobre as ondas pequenas e turvas. Corria o rio com as suas águas barrentas, amareladas, densas e frias...

O Comité Revolucionário Urbano esperava o barco havia algum tempo, o cais há dois dias que estava engalanado com bandeirinhas vermelhas (desbotadas e algumas delas arrancadas pela chuva torrencial). Como metade dos habitantes da cidade eram cossacos, o Comité Revolucionário receava que muitos deles se passassem para os *basmatches* e *atamanistas* e (enquanto a parte restante da população fora mobilizada) não se atrevia a chamar os cossacos para a defesa da praça. Os cossacos, apesar da chuva e da lama, andavam de cá para lá, bem armados, com cantos e acordeões trazidos da frente, e tudo aquilo aumentava a intranquilidade. Os que se

encontravam nas trincheiras dos arrabaldes tinham na sua frente o deserto, e olhavam muito para a cidade, escutando com nostalgia os sons que de lá partiam. O deserto estava escuro e húmido.

Mais adiante, a umas vinte verstas, entre os montículos, por baixo das entrelaçadas copas de uns arbustos, cobertos com gualdrapas e xaireis, dormiam os *basmatches*; o atamán e general Kachimírov estava entre eles. Quase tinham atravessado o Kizil-Kum; a cidade já não se encontrava distante; uma vez que a passassem chegariam ao Amú-Dariá e, para além do rio, esperava-os Khiva, bendita e aromática! No entanto, tanto os *basmatches* como o atamán Kachimírov acreditavam na força da cidade. Conseguiram por fim apanhar um kirguis, um cantor uiantchi vagabundo que vinha de Khiva e se dirigia para Bukhará. O cantor disse-lhes que desde há três dias os russos estavam a desviar o Amú-Dariá; eram verdadeiros colossos e a sua força não podia descrever-se nem sequer numa canção. Então o atamán Kachimírov desfechou-lhe um tiro à queira-roupa. Os *basmatches* pensaram tratar-se de um espião. Rebrilharam os molhados arreios, tilintaram as esporas e os cavaleiros, ao galope dos seus cavalos, partiram em direcção à cidade.

E a cidade, que se encontrava debaixo de chuva, cheia de lama e poças, havia três dias que efectivamente andava a abrir um canal. Uma noite, o barco «A Onda da Revolução», ancorado a quinze verstas da cidade, começou a balouçar de repente. Os tripulantes ensonados iam já começar a abrir fogo. O marulhar da água cessara. Na chuvosa manhã seguinte, os soldados viram que o rio se tinha afastado uns duzentos metros. O barco tombava para um lado enterrado no lodo.

Enterrados em lama até aos joelhos, os marinheiros levaram uma lancha para o rio. Os nodosos ramos das árvores submersas apareciam em todo o lado, limosos e negros. Enormes peixes que não tinham tido tempo de escapar, palpitavam escuros sob a chuva em charcos diminutos. Os marinheiros vogavam já para a cidade. À sua chegada, o Comité Revolucionário decretou uma mobilização complementar e requisitou pás e picaretas.

Muito mal alinhados, partiram para abrir um canal que fizesse fluir a água até ao barco. Caía uma chuva miudinha, nuvens baixas, acinzentadas, encobriam o céu...

Na tipografia estava frio, os tipos estavam empastados, pois não havia terebentina, nem petróleo, nada que lhes tirasse a tinta e esta congelara, endurecera, e os rolos da minerva saltavam por cima dos caracteres sem a eles aderirem. Tinham levado os operários para abrir o canal e ali tinham ficado apenas Iván Semiónovitch e Michka.

Como era seu hábito, Ivan Semiónovitch andava de cá para lá esforçadamente entre os cavaletes das caixas, com as mãos atrás das costas, tossindo de quando em quando e pesaroso por não ter ninguém a quem conta uma divertida anedota que lhe viera à cabeça. Michka, para que não o mobilizassem ferira-se num pé, com um prego, e coxeava; enraivecido, cortava estreitas tiras de papel, para as colar em cruz nas janelas, a fim de que o estrondo dos canhões não partisse os vidros. Iván Semiónovitch, depois de andar de um lado para o outro, fitou as vidraças e disse ser altura de as limpar, pois estavam bastante sujas. Michka arreganhou os dentes. Naquela mesma manhã tinham limpo os vidros; além disso, a chuva já não os lavara bem? Mas o velho, com a despreocupação de sempre, continuava olhando para as janelas que já quase não via. De repente, pela porta da tipografia, apareceu Tulumbáev, comissário militar da cidade.

Tulumbáev, homem enérgico, de costas um tanto corcovadas, com um papel na mão, cuidadosamente escrito, disse que, segundo informações recebidas, os *basmatches* e *atamanistas*, sob o comando do general Kachimírov, avançavam sobre a cidade, vindos do deserto, e alcançariam as nossas trincheiras dentro de hora e meia, duas horas o máximo. O Comité Revolucionário comunicava aos operários da tipografia que a sorte da cidade estava nas suas mãos. No clube cossaco fora convocado um comício, porém os cossacos não iriam se pelas esquinas não se colasse um apelo onde se incluísse o texto do telegrama enviado pelo centro directivo, concedendo igualdade de direitos sobre os prados e a ceifa aos cossacos e aos turkemenos. Não havia tempo de ir ao barco à procura dos operários; além disso ninguém se podia dirigir ali, pois era preciso falar às pessoas, actuar. E Tulumbáev entregou ao velho o original.

— Quando se pode vir buscar o apelo impresso? — perguntou.

E o velho respondeu-lhe:

— Dentro de quarenta minutos!

O comissário militar apertou-lhe a mão; depois ergueu a sua à testa e, fazendo alarde de marcialidade, enérgicos os movimentos, saiu rápido. Nas vidraças das janelas continuava a cair uma chuva miudinha; tudo estava calmo, mas na cidade começava a agitação: não sabiam para onde levar as metralhadoras, se para o Comité Executivo se para as trincheiras dos arrabaldes. Pelas ruas estendiam um cabo.

Iván Semiónovitch, com o original nas mãos, só via diante de si um compacto véu cinzento, sulcado por linhas iguais. Sentia no pescoço uma dor surda, incompreensível, e umas pontadas nas fontes, e custava-lhe muito voltar a cabeça. Michka andava apalermado de um lado para o outro, irascível e lamuriento, tendo já

medo dos próprios gritos e dando patadas no chão. Vociferava que não queria morrer por culpa de um diabo velho que sempre fingira ser compositor. Não queria ser fuzilado. Era uma pena padecer agora por não ter aprendido a tempo a compor razoavelmente, conhecendo, como conhecia alguma coisa, a caixa de imprensa. Enchendo-se de coragem, agarrou o braço de Iván Semiónovitch, com a sua grande mão, incrivelmente pesada, e puxou-o para a frente da caixa; rodeou veloz o cavalete, pôs-se na frente do velho e, encostando o peito à madeira enegrecida da tinta, começou de novo a gritar:

— Vão-me fuzilar por culpa tua! Os meus vão-me fuzilar... Anda, põe-te a compor!

O papel contraía-se, diminuindo. As linhas amalgamavam-se e desapareciam. Naquele instante, Iván Semiónovitch recordou de repente as palavras que lhe disseram sua velha esposa, que recentemente morrera, olhando-o condoída: «Tu, Iván Semiónovitch, como o tavão, tens já o voo curto mas muito zumbido.» Que seria dele dali em diante?... E aos olhos da mulher vieram as lágrimas. Aquelas lágrimas muito tinham entristecido Iván Semiónovitch. Acreditou então que a velha não queria deixar o mundo, que lhe dava pena despedir-se da vida. Mas agora, com o original nas mãos, cujo texto não via, compreendeu que andara muitos anos enganando-se a sim mesmo, que os outros, compadecendo-se dele, o enganavam também. Entendeu o sentido de muitas conversas, porque havia sempre tão poucas composições para desfazer e o motivo por que os tipógrafos lhe diziam que havia pouco trabalho e que podia ir para casa descansar. Iván Semiónovitch saía e ia passear pela cidade, pensando em como decorria suportável e digna a sua velhice. E acontecia que era um velho trapalhão presumido que aguentavam na tipografia sem nada que o justificasse, trabalhando por ele, dando-lhe de comer... E agora, por incapacidade sua, por culpa sua... O coração estremeceu-lhe fatigado. Seria possível que a cidade se perdesse por culpa sua?

Michka continuava a apertá-lo:

—Vá, vá!... — e os seus insultos eram inesgotáveis.

Iván Semiónovitch puxou com fúria por uma caixa, a terceira a contar de cima. O cavalete estremeceu. Marcou no componedor dez espaços; atirou a caixa para o cavalete e alguns tipos caíram. Logo a seguir, tirou um «C» — por ele começavam todos os apelos — mas pareceu-lhe que não tinha tirado um «C», mas qualquer outra letra, antes daquela ou perto dela. Examinou com cuidado o tipo. Estava frio, empastado, opaco, como que completamente gasto e apagado. Olhou desamparado para a janela e também ela lhe pareceu enevoada, coberta por uma trémula teia de aranha, rosada. Aproximou mais o tipo dos olhos. O desvanecido e confuso oval de uma letra rebrilhou entre os seus dedos lisos, velados, como que rejuvenescidos. Mas não se podia distinguir que letra era aquela. Impossível!... E o componedor começou a tremer-lhe na mão.

Impossível?... Portanto, ele, um velho tipógrafo, um operário, em nada podia ajudar, de maneira alguma, a sua classe e os camponeses mais pobres erguidos em defesa da Revolução Socialista?... Um velho operário como ele não saberia concentrar suficientemente os seus esforços para distinguir umas letras? Naquele momento em que se dicidia a sorte de muitos soviéticos não iria ser capaz de fazer alguma coisa? Assim enfraquecera tanto a sua força de vontade? Não, não podia ser assim e não seria assim!

Os pensamentos acudiam à sua mente com rapidez febril. Sentia um leve calafrio nos pés. Ardia-lhe a cabeça. Secara-se-lhe a garganta. Cumpriria a sua tarefa, conseguiria o seu objectivo, obrigando-se a distiguir as letras!

O seu cérebro pareceu flamejar de repente. O velho empertigou-se impelido pela alegria inaudita do trabalho criador. Lágrimas lhe rolaram pela cara, levando-lhe a neblina que lhe cobria os olhos. Viu com nitidez a caixa e os tipos de imprensa... «Camaradas» era a primeira palavra que ia compor, com os caracteres maiores.

O tipo voltou-lhe de novo aos dedos, a partir da palma da mão. Ao olhar com atenção aqueles dedos recordou que, havia muito tempo, neles não via rugas. Mas para que estava agora a preocupar-se com rugas? Pois quando via mal, tinha tirado da caixa não a letra «C», mas a «B», que se encontrava na divisória ao lado. Pôs a letra (B) no seu lugar e disse em voz alta:

— Enganei-me — e os seus dedos firmes, descrevendo um semicírculo diante do componedor, trouxeram a letra «C»; depois a «A», a seguir a «M» e assim sucessivamente...

Então, Michka afastou-se devagar do cavalete, olhando para os lados com temor; depois alisou o cabelo e pôs-se a preparar as regretas para ajustar a composição na galé. Feita esta operação, podia-se levar tudo para a máquina e começar a imprimir. Escolheu primeiro a galé mais nova, mas logo, com novo ânimo, piscando o olho, disse para si: «Eu sabia que o velho era um manhoso de alto lá com ele. Como ele nos enganou a todos!» E pegou na galé mais suja e bolorenta. Iván Semiónovitch, que continuava a sentir aquele extraordinário prazer, acompanhado por umas leves pontadas no peito e por uma ligeira dor nas fontes, ia compondo apressadamente linha após linha. Por vezes, parecia-lhe ter esquecido alguma palavra e relia com cuidado: tudo estava bem. Voltava a compor, e de novo pensava que lhe escapara algum vocábulo, agora de uma importância extraordinária. Cuspiu com tristeza,

atou a composição com uma corda, pô-la na platina e empunhou a manivela para dar volta à prensa e fazer com que os rolos untassem de tinta os tipos. As suas mãos estavam encharcadas em suor; o seu rosto exalava vapor.

— Dá-lhe ao volante — começou Michka a gritar, enquanto colocava no tambor, por baixo dos dentes, a folha de papel de parede (era nesse papel que os apelos se imprimiam).

Iván Semiónovitch viu as letras da prova. Há quantos anos não lia as provas das suas composições? Mas não havia tempo para recordações. Michka guinchava já:

— Lê e corrige, tio Iván!

E encontrou uma gralha: em vez de «mortal» estava impresso «mirtal»; pegou no punção para tirar a letra enganada e substituí-la pela verdadeira, mas naquele instante o punção desapareceu diante dos seus olhos; depois perdeu de vista o cabo e os seus dedos sumiram-se na névoa e a mão desapareceu também. Deixou cair o punção e, agarrando-se com força à manivela da minerva, olhou em volta. A tipografia esfumara-se. Uma neblina purpúrea e turva era todo o seu mundo exterior. Disse então:

— Põe o papel, Michka!

Michka lançou um assobio e ordenou-lhe que continuasse a dar ao volante. Pouco depois, chegou apressado um soldado para levar os apelos. Entregaram-lhe todos — setenta exemplares — esquecendo-se de retirar o seu.

Meia hora depois, os cossacos enchiam já as trincheiras. As metralhadoras apontavam para o deserto. Os *basmatches* recuaram. E cinco horas mais tarde chegava o barco pelo canal aberto até ao Amú-Dariá. Toda a cidade correu a recebê-lo. Levaram Iván Semiónovitch em ombros, sem que ele soubesse como e para onde o levavam. Os cossacos, ao mesmo tempo e certamente com alguma arrogância, saudaram o barco com um sonoro hurra. Continuava a chover e as pequenas gotas caíam na cara de Iván Semiónovitch. Alguém lhe pergunton:

— Estás a ver? Que grande barco!

E ele respondeu:

— Estou a ver!

Mas diante dele apenas se estendia um infinito véu, no meio do qual brilhava um minúsculo círculo: o Sol.

Abdulla Kakhkhar (1907-1968) nasceu em Kokand, antiga cidade uzbeque. A infância do futuro escritor decorreu nas aldeias do vale de Ferganá. Filho de um ferreiro durante muito tempo perseguido pela alcunha de «kutchmantchi», quer dizer, mendigo, vagabundo, Abdulla Kakhkhar foi mais feliz que seu pai. A primeira escola soviética aberta numa aldeia uzbeque — tinha o nome simbólico de Futuro — abriu-lhe as portas. em jornais e na revista *Literatura Soviética* e durante vários anos foi dirigente da União de Escritores do Uzbequistão.

Os romances de Abdulla Kakhkhar *As Luzes de Kochtchinar* e *Passarinho Pequenino*, bem como a sua peça de teatro *O Tapete de Seda*, foram traduzidas nas línguas de muitos povos da URSS.

Abdulla Kakhkar traduziu brilhantemente para o uzbeque obras de Górki, Púchkine e Gógol e a epopeia de Tolstói *Guerra e Paz*.

As obras de Abdulla Kakhkhar foram distinguidas com o Prémio Nacional da URSS e com o Prémio da República do Uzbequistão.

OS CEGOS VÊEM A LUZ

Não é você mollah Umar?
Não é a si quem espera
a flecha para o javali?

(de uma velha canção)

E assim, Akhmat Palván esperava a morte. Embora fosse mais exacto dizer que a morte esperava Akhmat Palván...

Ele não sentia o menor desejo de passar para o outro mundo, mas, amarrado como um borrego, guardado por um quadrilheiro que também se tinha encarregado das funções de verdugo, não podia gritar «sim» para um lado e «não» para o outro.

O carrasco era um jovem de pequena estatura, mas de forte constituição. Quando empurrou Akhmat, este vacilou como um débil junco e caiu de costas, magoando as mãos, atadas com todo o cuidado.

O verdugo deu em Akhmat um doloroso coice e fê-lo levantar-se.

Já de pé, Akhmat moveu cuidadosamente os ombros para ver se não teria alguma fractura ou luxação, porém, amargamente disse para si que as fracturas ou as luxações já não tinham para ele a menor importância.

O carrasco voltou a empurrar Akhmat, desta vez com menos violência. O condenado à morte deu rapidamente uns passos, ou antes, coxeou uns passos e viu-se na frente do pequeno montículo onde, apoiado em coxins, estava meio deitado o *zarolho kurbachí* (*), vestindo uma chilaba às riscas cheia de porcaria. À direita do *kurbachí* estava sentado um ulema corcovado, e à esquerda, um tebib indu de pele amarela; atrás deles acomodara-se o dono da casa, um velhote pequenino e inquieto que parecia um morcego.

O *kurbachí* acabava de devorar um bom prato de *plov* (**). Na cara picada das bexigas brilhavam umas manchas de azeite, e grandes bagos de arroz branqueavam na espessa e emaranhada barba. Numa outra altura, o seu feroz aspecto poderia infundir terror ao mais intrépido, mas agora, cheia a pança pela abundante comida, enfartado, parecia ter-se desconjuntado e sentia-se mergulhado numa pesada lassidão. Uma modorra irresistível paralisava todos os músculos do seu obeso corpo, e o *kurbachí* em vão se esforçava por atiçar a sua acalmada fúria.

Abrindo com dificuldade o seu olho que via, que naqueles instantes mal distinguia qualquer coisa, encheu de ar os pulmões e gritou:

— Aborto do diabo! Vamos ouvir imediatamente os odiosos nomes dos teus sequazes?

Akhmat Palván ficou em silêncio. Podia acaso acrescentar o mínimo que fosse ao que já dissera? Sim, ele tinha morto Ismaíl Efendi, mas não tivera outro cúmplice que não fosse o seu machado.

O *kurbachí* considerava Ismaíl o seu principal lugar-tenente e, na realidade, era ele a asa direita daquele abutre. Em Alkarmazar, quando a bala de um cavaleiro vermelho atravessou de lado a lado o peito de Ismaíl Efendi, o *kurbachí* levou o seu companheiro do ponto onde o combate era mais renhido e, segurando-o na sela, com ele galopou para as montanhas. Se não os tivessem perseguido tão de perto, o *kurbachí* teria vendado a ferida do seu fiel visir, porém os cavaleiros com estrelas vermelhas nos

(*) Cabecilha de um bando de *basmatches. (Nota da edição portuguesa.)*

(**) Prato nacional uzbeque, à base de arroz, carne de carneiro e hortaliças.

seus biculos gorros perseguiam com tal fúria os fugitivos que de modo algum podiam pensar em parar.

Por fim, já de noite, depois de ter perdido metade dos seus homens, o *kurbachí* chegou ao *kichlak* (*) onde vivia Akhmat Palván. Quase exangue, Ismaíl Efendi pediu que o deixassem ali, em casa de uma pessoa de confiança.

O *kurbachí* tinha naquele *kichlak* dois ou três partidários pelos quais poria as mãos no fogo. Mas nas suas casas não podia deixar Ismaíl Efendi, pois pertenciam a beis, e o *kurbachí* sabia perfeitamente que os cavaleiros vermelhos tratavam com receio e hostilidade a gente rica e respeitada. O *kurbachí* considerou que o refúgio mais seguro para Ismaíl Efendi seria, em tais circunstâncias, a casa de um pobre, e deixou o moribundo na miserável choupana de Akhmat Palván.

Akhmat Palván encarregou-se de Ismaíl Efendi e, por ordem do *kurbachí*, teve de prometer que não só se comprometia a tratar do ferido, como lhe garantiria uma tranquilidade que nada pudesse perturbar. Akhmat cumpriu a sua promessa antes que na impenetrável escuridão se apagasse o martelar dos cascos dos cavalos que levavam o *kurbachí* e os seus homens para lugares menos perigosos.

Akhmat Palván não esperou que Ismaíl Efendi se curasse ou morresse. Receoso de que o *kurbachí* voltasse para levar consigo o amigo, serenou o ferido com uma machadada; tranquilizou-o para sempre.

Trinta e sete dias depois de Ismaíl Efendi ter sido enterrado numa profunda cova, o *kurbachí*, a quem um dos beis do *kichlak* dera conta do procedimento de Akhmat, capturou-o e carregou-o como se fosse um alforje, diante da sela de um cavalo. Akhmat passou dois dias sacudido no lombo da besta para que, precisamente quarenta dias depois da morte de Ismaíl Efendi, o *kurbachí* pudesse cobrar o sangue do seu fiel amigo e lugar-tenente.

Akhmat encontrava-se agora frente a frente com o seu inimigo e esperava que este falasse.

Mas o *kurbachí* calava-se porque o esforço que fizera para atear no seu peito a chama da vingança lhe esgotara as energias. Vencido pela modorra, deixou cair a cabeça para o peito, e o corcovado ulema, o tebib de pele amarela e o velhote parecido com um morcego ouviram os seus roncos.

Sentados no pequeno alto, o ulema, o tebib e o velhote entreolharam-se desconcertados, procurando não pôr os olhos no ver-

(*) Povoação da montanha.

dugo nem nos homens da quadrilha, que se tinham apeado e esperavam sombrios.

Por fim, o ulema, ganhando coragem, deu uma leve cotovelada no *kurbachí*. Este teve um estremecimento, levantou a cabeça e, olhando para o céu, recordou imediatamente que o ocaso devia levar os seus homens a um ataque ao *kichlak* vizinho, onde tinha de ajustar contas com alguns camponeses, seus inimigos. Como o Sol já ia baixo e para o anoitecer faltariam no máximo duas ou três horas, o *kurbachí* resolveu: «Tem de se acabar com este canalha...» E o seu único olho, que relampejava como o de um lobo, fixou-se em Akhmat Palván.

Akhmat aguentou aquele olhar ameaçador e não baixou os seus olhos cansados, mas firmes.

Inclinando-se bruscamente para a frente, o *kurbachí* vociferou com toda a força dos seus pulmões:

— Renegado imundo! Pensas, por acaso, que em vez do carrasco, tens atrás uma ou duas vidas?

Akhmat moveu atrás das costas os dedos inchados e disse, fitando de frente o *kurbachí*:

— Meu bei, disse-lhe tudo, não posso acrescentar mais nada... Ismaíl Efendi matava os pobres, eu matei-o a ele e agora pode também matar-me... Mas, antes que os meus dias acabem, gostaria de fazer uma obra grata a Alá, para que Ele...

— Cala-te, piolhoso! — gritou o *kurbachí*. — Não profanes o sagrado nome!

— Posso acaso pensar em cometer um sacrilégio? — sorriu tristemente Akhmat Palván. — Não, bei, na minha última hora devo pensar noutra coisa. Imploro-lhe humildemente, bei, que me permita fazer uma obra grata a Alá, de que o meu sábio bei possa tirar proveito.

— Que proveito podes trazer-me tu? — bramiu enfurecido o *kurbachí*.

— O meu bei — disse Akhmat — é forte como o leão e eu sou fraco como a abelha. Mas o meu bei sabe que o leão esteve a pontos de morrer por ter desprezado a abelha. Não me despreze, poderoso bei, eu lhe direi um segredo.

A ira ou o riso, não se sabe, crisparam o rosto do *kurbachí*, mas ele sufocou aquele gesto, convertendo-o num bocejo. Depois de assim ter mostrado que não sentia o menor desejo de continuar a conversa, disse aborrecido:

— Estou a ver-te por dentro, cachorro!

— Está a ver-me com um olho, mas poderia ver-me com os dois — objectou com firmeza Akhmat e, ao captar a perplexidade e a ira impressas na cara do *kurbachí*, acrescentou com muita gravidade. — Meu bei, o seu olho esquerdo está privado da luz porque o inundou um líquido escuro. Porém, eu posso devolver-lhe a luz porque conheço o segredo da cura dos cegos.

Ao ouvir a palavra «cura», o tebib indu, que não entendia muito bem o uzbeque estremeceu e perguntou ao ulema que dissera aquele homem condenado a morrer.

O ulema, salpicando o seu uzbeque com palavras árabes, explicou-lhe o sentido das palavras de Akhmat e o tebib pôs nele os seus olhos, não já com indiferença, mas com muito interesse.

«Claro que está a mentir» — pensou o tebib, mas logo duvidou desta conclusão e a si perguntou: — «E se na grande mentira deste homem existir um grão de verdade?»

O *kurbachí* voltou-se de repente para o tebib e disse-lhe:

— Tebib, ofereço-lhe o segredo deste tinhoso. Sei que não é muito entendido na arte da medicina, pois nem sequer pode expulsar do seu corpo a doença que o sacode três dias por semana como o diabo a um pecador. Aceite o segredo da cura dos cegos e que ele multiplique a sua arte!

O *kurbachí* largou uma gargalhada e reclinou-se nos coxins que o inquieto dono da casa se apressara a ajeitar-lhe. E se não fossem os coxins com certeza o *kurbachí* teria sufocado com o riso: de tal modo era sacudida a sua avultada pança. A súbita alegria do *kurbachí* contagiou os outros. Até o grave ulema não pôde evitar um sorriso e o velhote parecido com um morcego parecia estar pretes a desconjuntar-se. O tebib foi o único que não participou naquele indigno regozijo.

Por fim, o *kurbachí* pôs-se sério e, ganhando fôlego, disse:

— Estou farto de ouvir as patranhas desse idiota. Fale com ele, tebib!

O *kurbachí* aconchegou-se nos coxins e, enxugando com um lenço o suor que lhe banhava a cara, acrescentou com maligno sorriso:

— Ao fim e ao cabo, o gato não mata o rato de repente, brinca algum tempo com ele... Também nós vamos brincar, tebib. Não acha?

O tebib concordou em silêncio e voltou-se para Akhmat.

— Conseguiste curar algum cego? — perguntou secamente.

— Não — respondeu Akhmat com toda a simplicidade. — Eu não curei ninguém, mas o meu mestre devolveu a luz a um. O cego voltou a ver, mas o meu mestre perdeu a vista e morreu pouco depois.

— Porque morreu?

— Porque tinha dado a sua luz a outro.

Akhmat moveu novamente os dedos entorpecidos e acrescentou tranquilamente:

— Eu também ficarei cego quando der a luz ao olho escuro do bei.

O tebib fingiu que aquelas palavras em nada o tinham surpreendido e perguntou num tom ainda mais severo:

— Como se chamava o teu mestre?

Akhmat Palván respondeu que o nome do seu mestre o diria depois, quando todos vissem que Akhmat Palván sabia realmente curar.

O tebib baixou a cabeça e caiu em profunda meditação. Era mais supersticioso que sábio, mas, fosse como fosse, sabia alguma coisa de medicina.

O que Akhmat dizia parecia-lhe impossível, monstruoso, mas recordava-se que, muitos anos antes, os seus mestres lhe diziam repetidamente que na natureza não era possível traçar uma divisória entre o possível e o impossível. Só um ignorante como aquele estúpido *kurbachí* podia rir-se de um tebib que não conseguia curar as suas febres de paludismo. Os mais sábios químicos inclinavam humildemente a cabeça perante as doenças. Porém o que estava oculto aos iniciados... acaso não podia revelar-se a um não iniciado?

O tebib olhou para Akhmat e decidiu-se de repente: acontecesse o que acontecesse, não deixaria escapar a oportunidade.

Tropeçando nas palavras daquele idioma que não dominava, o tebib perguntava a Akhmat que drogas ou ervas eram precisas para curar o *kurbachí*.

Akhmat respondeu que para isso precisava de seis miosótis, dois dióspiros, um ovo, uma colher de mel e meio dedal de cominhos.

Na casa do velhote, bei rico, encontrou-se tudo aquilo, excepto os miosótis, mas para tal foi mandado um cavaleiro.

— Precisas de mais alguma coisa? — perguntou o tebib.

— Preciso — respondeu Akhmat Palván —, preciso de uma caldeira de cobre e uma vela.

O velhote trouxe tudo aquilo de que Akhmat falara e este pedia agora que colocassem a vela diante do olho cego do *kurbachí*, pusessem a caldeira ao fogo e nela deitassem duas malgas de água.

E tudo se fez como Akhmat dissera.

Quando a água começou a ferver, Akhmat ordenou que nela diluíssem o mel e lançassem na caldeira a clara e a gema do ovo, os dois dióspiros e os cominhos.

Um dos guerreiros, sentado junto da caldeira, ia mexendo sempre aquela mistela, e Akhmat disse que dessem àquele homem os miosótis que o seu companheiro trouxera. Depois, Akhmat ordenou que contassem seis florinhas e as deitassem também no recipiente.

O tebib não afastava de Akhmat o seu atento e receoso olhar. Procurava gravar na memória a ordem por que teria de efectuar todas asquelas operações e, ao mesmo tempo, sentia-se invadido pela dúvida.

«E se este homem fosse realmente possuidor de tal segredo!», pensava, calculando as imensas possibilidades que na sua frente se abririam se chegasse a possuir o grande segredo. Em primeiro lugar, não precisaria da protecção do *kurbachí* e poderia livrar-se dele recorrendo a um forte veneno, sem ter de esperar pela ajuda do aço ou da bala de alguém. De facto, para que procurar o favor daquele desapiedado *kurbachí*, quando qualquer cidade da Índia se consideraria feliz em abrir as suas portas ao tebib dono do grande segredo? Talvez então pudesse regressar à sua cidade natal, de onde fora expulso como um trapaceiro, ignorante, devido às intrigas de outros tebibs. Que diriam então aqueles miseráveis invejosos? Que diriam os doutos alfaquis? Onde esconderiam os seus impudicos olhos quando o vissem regressar poderoso e aureolado pela fama de ser o maior entre os grandes tebibs que alguma vez o mundo conhecera?

Assim, mais ou menos, raciocinava para si o tebib indu, com o olhar no fraco fumo azul que saía da caldeira.

Também Akhmat tinha os olhos postos na caldeira.

Quando o vapor começou a encrespar-se e de azul se tornou branco, Akhmat ordenou que tirassem a caldeira do fogo e trouxessem pedras que nunca a água pudesse ter molhado.

— Tragam as pedras! — ordenou o *kurbachí*, ao qual ocorreu naquele instante que antes de fazer o assalto ao *kichlak* vizinho convinha excitar os guerreiros oferecendo-lhes um espectáculo que ele saberia coroar com um divertido mas sangrento acontecimento.

Três homens trouxeram nas abas das suas chilabas três montes de pedras que deixaram cair aos pés de Akhmat Palván.

Akhmat pediu que lhe mostrassem todas as pedras, uma por uma, e a sua escolha deteve-se por fim num pedregulho que deveria pesar umas boas seis ou sete libras.

— Não estou muito certo de que nunca a água tenha molhado esta pedra — disse Akhmat, e ordenou que trabalhassem o pedregulho dando-lhe a forma da relha de um arado.

— Façam o que ele diz! — decidiu o *kurbachí*, e um homenzarrão pegou imediatamente numa ferramenta parecida com aquela que os moleiros usam para dentear as mós e pô-se a trabalhar a pedra.

Akhmat voltou-se para o tebib e disse-lhe:

— Alfaqui, preciso de sangue humano.

— E de onde o vamos tirar? — perguntou preocupado o tebib, que olhou de soslaio para o *kurbachí*.

Este cravou o seu único olho em Akhmat.

— Darei eu o meu sangue! — disse Akhmat e, dirigindo-se ao *kurbachí*, acrescentou: — Bei, ordena ao verdugo que me corte um dedo!

Um surdo rumor percorreu o espaçoso pátio e logo morreu.

O *kurbachí* correu os dedos pela crespa barba e, como se pensasse em voz alta, disse preguiçosamente:

— Teremos de lhe desatar as mãos.

— Será que me receia..., bei? — perguntou Akhmat e olhou atrevidamente para o *kurbachí*.

Os dedos que corriam pela barba crisparam-se e a cara picada pelas bexigas cobriu-se de um acentuado rubor, que a fez parecer ainda mais bexigosa.

— Desamarrem esse porco! — vociferou o *kurbachí*. — Que dois cavaleiros desembainhem os seus sabres e se ponham junto dele, um de cada lado. Tu, carrasco, tira também o teu sabre e está alerta!

Três homens com os sabres desembainhados rodearam Akhmat, e a corda cortada com uma faca caiu no chão. Akhmat levantou os braços e agitou as mãos por cima da cabeça.

— Tragam um cepo e uma taça — ordenou, esfregando os vincos que a corda lhe deixara nos pulsos.

Quando a ordem foi cumprida, Akhmat indicou onde deviam colocar o cepo e a taça.

— Prepara-te, verdugo! — disse em voz baixa — quando eu gritar: «Agora», cortas-me o dedo.

O carrasco tartamudeou umas palavras inteligíveis.

— Alfaqui! — disse Akhmat ao tebib. — Ponha-se aqui e segure a taça.

O tebib desceu do montículo, segurou a taça e colocou-se onde Akhmat lhe indicou.

E Akhmat ajoelhou-se e, dobrando os quatro dedos da mão esquerda, colocou o dedo mínimo em cima do cepo.

Por toda a casa do velho fez-se tão grande silêncio que se ouviu o murmúrio produzido pelas asas de uma borboleta que atravessava o pátio.

O corcovado ulema sentiu-se mal de repente e, lívido, tapou a cara com as mãos. Certamente, o ulema não ouviu o «agora» e o silvo do sabre ao fender o ar.

Quando abriu os olhos, já Akhmat se levantara, erguendo acima da cabeça a mão mutilada, a que o tebib, para parar a hemorragia, lançara uns pós. Akhmat tinha o rosto coberto por grandes gotas de suor e respirava com fatigado e rouco ofegar.

Ao ver pelo canto do olho que a taça já não estava vazia, mas cheia de sangue, o ulema voltou rapidamente a cabeça. Precisamente naquele instante tremeram as semicerradas pálpebras de Akhmat. Olhou para a mão e ao ver que a hemorragia tinha parado perguntou:

— Já está pronta a pedra?

O *kurbachí* gritou como que em eco:

— Já está pronta a pedra? — levantando a mão, acrescentou impaciente: — Tragam-na aqui!

Até ali, o *kurbachí* acreditara que Akhmat o estava a enganar com a esperança de escapar à morte, mas ao ver que deixava cortar um dedo acreditou firmemente que aquele homem incompreensível era capaz de devolver a vista ao seu olho cego. Uma vaga compaixão, ou melhor, uma sombra de compaixão se moveu no selvático coração do *kurbachí*, que fitou Akhmat com mais brandura.

Akhmat continuava a dar as suas indicações, que eram cumpridas como se saíssem da boca do próprio *kurbachí*.

O homenzarrão aproximou-se com a pedra trabalhada em forma de relha de arado, e o tebib, seguindo as indicações de Akhmat, começou a untá-la com a mistela cozida na caldeira. O tebib abandonara a sua grave lentidão, movia-se e manobrava com uma preteza extraordinária, pois já não duvidava de Akhmat e estava convicto de que o grande segredo seria seu. O tebib estava cansado do seu duro e perigoso serviço no destacamento do *kurbachí*.

O tebib levantou a pedra e dirigiu-se com ela para um lugar aberto ao vento, pois Akhmat dissera-lhe que tinha de se deixar secar. Foi naquele instante que o tebib se lembrou de repente que, segundo dissera Akhmat, o possuidor do segredo da cura dos cegos perdia a vista quando devolvia a luz a alguém. Este pensamento assustou tanto o tebib, que tropeçou e por um triz a pedra não lhe escapava das mãos. Mas logo lhe passou pela mente:

«Curarei apenas os ricos, eu próprio serei rico e terei dinheiro bastante para que qualquer pobre aceite ficar cego por mim...»

Animado com este pensamento, o tebib deixou a pedra num sítio arejado e com os olhos interrogou Akhmat.

— O resto eu próprio o farei — disse Akhmat, e o tebib, compondo a expressão de um homem que cumprira um duro dever, subiu para o montículo.

Akhmat seguiu-o com os olhos e, baixando ao nível do ombro a mão que deixara de sangrar, voltou-se lentamente para o *kurbachí* e disse-lhe respeitosamente:

— Se o bei me permite, repousarei um pouco enquanto a pedra seca.

— Repousa, repousa — respondeu-lhe apressadamente o *kurbachí* e todos teriam notado um tom carinhoso na sua voz se ela pudesse soar brandamente.

Akhmat sentou-se de cócoras entre os três guardas e inclinou fatigadamente a cabeça. Se a mão mutilada não descansasse no seu joelho, teria podido acreditar-se que aquele camponês se sentara para repousar uns instantes e logo recomeçar o trabalho na sua horta ou no seu campo. A incompreensível calma daquele homem condenado à morte assombrava o *kurbachí*, chegava mesmo a inquietá-lo.

Até então tinha considerado que conhecia os mais recônditos recantos da alma humana. O *kurbachí* assassinara milhares de pessias, matando guerreiros em combate e lavradores nos campos, vertendo sangue nas arenosas veredas das caravanas ou na terra firme das povoações, tirando a vida a homens e mulheres sem se deter a pensar, em muitos dos casos, quem tinha razão e quem era culpado. Vira na sua frente mais de cem prisioneiros como estava agora vendo aquele camponês entrado nos anos, mas recordava muito poucos, porque só bem poucos, entre muitos, se tinham atrevido a insultá-lo e a amaldiçoá-lo antes de morrer.

Akhmat Palván era para ele incompreensível pelo simples facto de não o amaldiçoar nem lhe pedir perdão e falar sensata e respeitosamente.

Vendo com que serenidade gozava o seu repouso aquele homem incompreensível, o *kurbachí* baralhava na sua memória todos os suplícios que conhecia e não encontrava um que pudesse quebrar a extraordinária tranquilidade de Akhmat.

«Se este diabo insensível quisesse entrar para o meu destacamento valeria por dez homens», pensou o *kurbachí*, e uma raiva misturada com admiração lhe roía o peito, pois sabia que se lhe era possível partir uma pedra não podia torná-la branda.

Cofiando a barba, fazia rodar o *kurbachí* as pesadas mós dos seus pensamentos, até que o ulema se debruçou para ele e lhe disse ao ouvido:

— O tempo passa, meu bei!

O *kurbachí* estremeceu como um moleiro que tivessem acordado de repente da sua modorra e gritou ameaçador:

— Eh, tu, não vai sendo hora de começar?

— Sim meu bei — respondeu Akhmat tranquilamente, levantando a cabeça. — Com certeza que a pedra já está seca... Que a tragam.

O homenzarrão cumpriu apressadamente a ordem. Akhmat pegou a pedra nas mãos e, sem se apressar, apalpou as três arestas da ponta.

— Meu bei — disse, deixando a pedra aos pés — antes de começar a curar-te, gostaria de te pedir...

— ... Que te perdoe a vida? — interrompeu-o o *kurbachí* e o olho que via acendeu-se, triunfante e maligno. — Isso é impossível, amiguinho! É impossível porque tens as mãos tintas de sangue de Ismaíl Efendi...

— Tem razão, meu bei! — disse Akhmat consternadamente. — Mas, diga-me, quem era Ismaíl Efendi antes de se converter na sua mão direita?

— Era um fiel muçulmano e um valente guerreiro do padischá dos muçulmanos! — respondeu grave e até solenemente o *kurbachí*.

— Tinha ouvido isso — respondeu ingenuamente Akhmat. Mas também ouvi dizer que quando o padischá vindo de terra estranha foi expulso do branco palácio à beira do mar, Ismaíl Efendi não quis regressar à sua pátria.

O *kurbachí* concordou com um aceno de cabeça, enfadado.

— Portanto é verdade... — prosseguiu Akhmat com o mesmo ar ingénuo. — Sim, Ismaíli Efendi esqueceu-se da sua pátria e deixou-se ficar em terra alheia, isto é, na nossa terra. E que fez nela? Não se incomode a responder-me, eu mesmo o direi... Ismaíl cavalgava a seu lado, bei, incendiava as nossas povoações, assassinava pessoas, roubava...

Akhmat olhou o *kurbachí* de alto a baixo e gritou:

— Por isso o matei!

— Cão! Porco imundo! — exclamou com rouca voz o *kurbachí*, e a sua mão, procurando o cabo do punhal, apalpou convulso a chilaba.

— A cura!... Bei, esqueceu-se da cura — ladrou à esquerda o tebib, e o ulema fez-lhe eco à direita; apontando para Akhmat com sua mão seca e amarela, murmurou serenamente:

— Não se deixe enganar, *kurbachí*. Pois não vê que o canalha procura uma morte rápida?

— Tem razão, ulema... E você também, tebib — rugiu o kurbachí, resfolegando a custo. — Mas que esse cão não se atreva a brincar comigo. Estás a ouvir-me, miserável?

— Estou a ouvi-lo, meu bei — respondeu Akhmat, ainda mais respeitoso do que antes, se tal era possível. — Perdoe, bei, mas queria saber se a sua cólera não se apaziguara...

— E para que querias sabê-lo? — perguntou o *kurbachí* intrigado.

— Porque tenho menos medo da sua cólera do que da sua bondade...

O *kurbachí* exclamou assombrado:

— Não te entendo!...

— Pois irá entender-me — disse-lhe Akhmat. — Eu quero curá-lo, não é verdade? Pois bem, temo que quando se acenda uma chispa de luz no seu olho em trevas se sinta agradecido e me perdoe a vida.

— Não acho graça alguma às tuas histórias — grunhiu aborrecido o *kurbachí*.

— Espere, bei, não disse tudo...

— Fala... mas tens de ser breve.

— Está bem, meu bei! Aqui tem a minha mão mutilada e aqui tem os meus olhos. Quando eu lhe der a sua luz...

— Compreendo! — interrompeu o *kurbachí*. — Que mais tens a dizer?

— Que não quero, meu bei, que me perdoe a vida... Que falta pode fazer a vida a um pobre que tem de pedir esmola no mercado?

— As tuas palavras parecem sensatas — disse o *kurbachí*, e soltou de repente uma gargalhada. — Mas onde foste tu buscar essa ideia de que tenho a intenção de te perdoar a vida?

Akhmat, que até ali estivera sentado de cócoras, levantou-se, endireitou as costas e, sorrindo nas barbas do *kurbachí*, disse:

— Tenho as minhas dúvidas, bei.

— Pois não as tenhas! — objectou-lhe com sinistra certeza o *kurbachí*. — Sabes que te matarei logo que me tiveres curado... Por isso não te apressas... Não é assim, amiguinho?

— Não, não é assim, meu bei. Já não tardo em curá-lo, mas antes queria ter a certeza de que...

— De quê?

— De que me matará...

— Já te disse...

— Já disse, meu bei...

— Mas então o que queres?

— Quero dizer umas palavras aos seus homens...

— Para quê?

— Para que o meu bei se eufureça...

— Já estou bastante enfurecido...

— Mas é preciso que se enfureça ainda mais...

— E se eu não consentir que digas parvoíces aos meus valentes?

Akhmat sorriu e respondeu à pergunta com outra:

— Será que o meu bei receia as minhas tolices?

O *kurbachí* pôs-se vermelho e, fazendo um aceno de cabeça para os guardas, murmurou como se a si mesmo fizesse a pergunta:

— E se eu dissesse aos meus homens que afiassem os seus sabres numa cabeça estúpida?

— E se um olho cego ficasse sem luz? — disse Akhmat.

O *kurbachí* deu um salto nos coxins e bramiu:

— Diabo! Larga quanto antes as tuas parvoíces!

— Está bem, meu bei — disse Akhmat Palván e, passando com a maior rapidez do atrevimento à humildade, inclinou-se respeitosamente perante o *kurbachí*.

— A mim não digas nada! Diz a eles! — vociferou o *kurbachí*, e apontou a mão com violência para os seus homens, que observavam com vivo interesse o que se estava passando.

Akhmat voltou-se para os guerreiros sentados no chão muito juntos, e eles viram o seu rosto iluminado pelos oblíquos raios do Sol.

— Homens! — gritou Akhmat com voz forte e pura. — Vós olhais-me e pensais: «Este tolo deu um dedo e quer agora dar a luz dos seus olhos ao bei, o seu pior inimigo!» Não o estranheis, pois eu dou apenas o meu dedo e os meus olhos, enquanto vós entregais as vossas próprias pessoas à sanha dos vossos inimigos. Vós próprios os fuzilais, porque matais vossos irmãos e pais e lançais fogo às vossas próprias aldeias. Não acrediteis que o medo me tenha arrebatado a razão. Que separem a minha carne dos meus ossos e os moam com mós de ferro, tudo estou disposto a suportar desde que a verdade das minhas palavras chegem até vós! Eu morrerei dentro de um quarto de hora... Mas antes de expirar gostaria de saber em honra de quê errais pelos montes e desfiladeiros, de espingardas às costas, e vibrais sangrentas feridas nos vossos irmãos, nos pobres como vós. Dizei-me, homens, em honra de quê, haveis trocado o honesto arado do lavrador pela vergonhosa espingarda?

— Cala-te, cala-te, maldito! — gritou o *kurbachí* fora de si. Mas Akhmat nem sequer voltou a cabeça e gritou com voz ainda mais forte:

— Quando o nosso povo exterminar todos os *basmatches*, os ricaços, os cevados beis assustar-se-ão... Mas que tendes vós a temer, os deserdados?

De rosto aceso pela ira, o *kurbachí* fez um sinal ao verdugo para que golpeasse Akhmat com o sabre, de pranchada. O carrasco cumpriu a ordem com indiferença, e Akhmat cambaleou, mas conseguiu recuperar o equilíbrio.

O *kurbachí*, sacudindo dos ombros, com brusco movimento, as mãos do tebib e do ulema, aproximou-se da borda do montículo e rugiu roucamente, a dois palmos de Akhmat:

— Já aguentei bastante tempo a tua conversa imbecil; agora escuta-me tu, amiguinho. Não te matará o sabre do carrasco, como antes tinha pensado, mas uma faca forte como o colmilho de um javali. Mas antes de morreres, o tebib cuidadosamente te arrancará a pele e ordenarei que a estiquem num tambor e tu

ouvirás primeiro como ele soa, batido pela minha mão, e depois verás o punhal que o verdugo irá cravar na tua imunda garganta. Era tudo o que tinha para te dizer. E agora deixa de ladrar como um tolo e mãos à obra!...

Akhmat inclinou-se e pediu com um sinal que lhe dessem a taça. Compreenderam-no, e Akhmat untou a pedra de sangue. Mas os sinais que a seguir fez não foram entendidos, e o *kurbachí*, largando em voz baixa uma praga soez, ordenou-lhe que falasse.

Akhmat pediu que lhe trouxessem palha e com ela fizessem umas torcidas. Depois, chamando o tebib e o dono da casa, pediu-lhes:

— O senhor, meu amo, pegue numa torcida e o senhor, alfaqui, levante a pedra.

Quando lhe obedeceram, Akhmat disse ao velho que acendesse a torcida e a aproximasse da cara do *kurbachí*.

— Isso pode prejudicar o olho são do bei — exclamou, gaguejando, o velhote.

— Tapem-lhe o olho são com um lenço! — ordenou Akhmat, e quando o fizeram, obrigou o tebib e o velhote a ajoelharem-se diante do *kurbachí*.

— Agora acendam a vela e tratem de fazer com que ela não se apague — exigiu.

Acenderam a vela e Akhmat, olhando a oscilante chamazinha, disse ao tebib:

— Alfaqui, aponte com o bico da pedra para o olho doente e mova-a assim, assim...

Akhmat mostrou como aquilo se devia fazer, e o tebib, erguendo a pedra, começou a fazer como lhe diziam...

— Mais devagar, mais devagar — gritou-lhe Akhmat. — Lembre-se de como uma mãe embala o filho.

Mas aparentemente o tebib não sabia como as mães embalam os filhos, pois Akhmat voltou a gritar uma e outra vez:

— Mais devagar, mais devagar!

Mas por mais que o tebib se esforçasse, Akhmat repetia os seus gritos.

— Não é assim, não é assim, alfaqui! Comece outra vez!

Entretanto o irrequieto velho já acendera a quarta torcida de palha e o fumo sufocava o *kurbachí*, que ansiava por recobrar a vista.

Por fim, não pôde aguentar mais e, exasperado pela falta de habilidade do tebib, ordenou colérico:

— Dê-lhe a pedra, tebib! Que o faça ele, como deve ser!

O ulema inclinou-se para o *kurbachí* e sussurrou-lhe umas palavras ao ouvido. Via-se que prevenia o *kurbachí* para que não fosse imprudente. Mas o *kurbachí* largou uma praga e resfolegou iracundo:

— Eu vou ter medo desse aborto!... Para que estão ali o verdugo e os homens com os sabres! Que se aproximem e ele que chegue aqui!

Fizeram subir Akhmat para o estrado e os guerreiros e o carrasco aproximaram-se dele quase a tocarem-lhe.

Akhmat ajoelhou-se diante do bei e disse:

— Meu bei, para que o seu sábio ulema não tenha dúvidas, que também a mim me tapem os olhos.

— Tapem-lhe os olhos! — disse com voz rouca o *kurbachí*, tossindo por causa do fumo.

Depois de terem cumprido a ordem, Akhmat pediu:

— Dê-me a pedra, alfaqui!

Pôs-lhe o tebib a pedra nas mãos e afastou-se despeitado.

— Observe a vela, alfaqui! — disse Akhmat. — E cuide em que a ponta da pedra se encontre sempre diante do olho cego. Vou começar, meu bei.

... A pedra era movida lenta e suavemente nas mãos de Akhmat. Aqueles movimentos avivavam a chama da torcida e o fumo que envolvia a cabeça de Akhmat e a do *kurbachí* era cada vez mais denso. A chama da vela oscilava tremulante atrás de Akhmat e o tebib e todos os presentes fitavam-na, sem ao mesmo tempo perderem de vista as mãos de Akhmat.

Os movimentos daquelas mãos, que não eram guiados pela vista, eram tão preciosos que a ponta da pedra se encontrava sempre diante do olho cego. Mas quando se desviou um pouco, o tebib não teve tempo para o notar, pois Akhmad gritou: «A vela!». E por um instante, o tebib e todos os presentes olharam para ela.

Precisamente naquele segundo, a afiada ponta da pedra perfurou a têmpora do *kurbachí*.

Um segundo depois, o sabre do verdugo fendia sibilante o ar, e o cadáver de Akhmat tombava sobre o *kurbachí*.

Mas antes que o carrasco pudesse limpar o sangue do sabre, derrubou-o uma bala disparada por um guerreiro.

Ao primeiro tiro outros se seguiram. Os homens do defunto *kurbachí* matavam-se uns aos outros e a encarniçada peleja prolongou-se até à meia-noite.

À meia-noite ardia a casa do velhote parecido com um morcego, e o alto archote do incêndio ergueu-se para o céu, anunciando aos *kichlaks* vizinhos a morte do feroz *kurbachí*, que muitos, muitos conheciam pelo «Tigre Zarolho».

A conhecida escritora e poetisa russa Vera Inber nasceu em Odessa em 1890. Nas suas *Obras Escolhidas* figuram versos, pequenas novelas e histórias para crianças. De grande popularidade gozam o seu poema *Meridiano de Púlkov* e o diário de Leninegrado *Quase Três Anos*, onde descreve a vida dos heróicos defensores da cidade nos dias do bloqueio.

Lugar destacado entre as obras de Vera Inber ocupam as narrativas romanceadas sobre a Turkménia Soviética, o Uzbequistão e o Tadjiquistão, onde ela viveu muito tempo. «Ásia Central, o meu coração nunca te esquecerá», dizia a poesia.

Em *O Crime de Nor-Bibi* refere-nos a tragédia de uma mulher jovem que recebe a sua emancipação das mãos do Poder Soviético. Este Poder «condena» Nor--Bibi a ser livre e feliz.

O CRIME DE NOR-BIBI

I

Nor-Bibi está no seu berço e a mãe canta:

Dorme,anjinho!
Quando fores maiorzinha,
terás duas máquinas para coser:
uma de manivela, outra de pedalzinho,
rica filha da minha alma.
Dormes, anjinho?
rica filha da minha alma.
Dormes, anjinho?
As tuas tranças hão-de brilhar
e comerás passinhas azuladas
em bandeja de prata,
rica filha da minha alma.
Boas papinhas
darás aos teus meninos.

Não sofrerás o que eu passo:
que nem o pão me chega,
rica filha da minha alma.
Os teus meninos, bem gordinhos
brincarão como cordeirinhos.
Não morrerão em tenra idade
como me morrem a mim,
rica filha da minha alma.

O pai de Nor-Bibi vende no mercado de Samarcanda pequenas cabaças ocas. Tapadas com borlinhas de crina de cavalo, servem para guardar tabaco de mascar em pó.

Quando a cabaça ainda é muito pequena e tenra, cinge-a com um cordel a fim de lhe dar a forma desejada.

— Com as pessoas acontece o mesmo — gosta de repetir o pai de Nor-Bibi. — A necessidade aperta-nos com força e faz de nós o que quer.

Pouco a pouco, o berço vai-se tornando pequeno para Nor-Bibi. A menina cresce. Tem oito anos, é quesa mocinha. Não sabe ler, nada viu do mundo: só uma vez esteve com o pai no bazar de *tiubeteikas* (*). Vive com sua família a quatro quilómetros de Samarcanda, no caminho de Agalik, não longe da mesquita de Khodjá-Akhrar, cujo acesso lhe está vedado para sempre.

A mesquita, por dentro, é preciosa. As celas do seminário muçulmano dão para um pátio quadrado, limpo e silencioso. Ali vivem os futuros imãs, jovens varões castos. Uma circunstância faz com que o pátio seja surpreendente: as palavras ditas em voz baixa num dos seus extremos voam para o lugar oposto e metem-se pelo ouvido daquele que escuta. Isto não é por acaso; os hábeis artífices preocuparam-se em que o *mulhá* (**), homem santo, não desse excessivo trabalho à sua valiosa garganta ao pregar a suprema sabedoria de Alá.

Nor-Bibi já fez dez anos. Está a aprender todas as ciências e artes femininas: a enlaçar os seus cabelos em finas tranças, a ser submissa, a pintar as pestanas, a picar cebola para os *oladis* (***), a cuidar das crianças e a ajudar a mãe a alimentar os bichos da seda.

Pela Primavera, mal as folhas das amoreiras começam a brotar nos ramos, a mãe faz o que já a avó e a bisavó fizeram:

(*) Barrete oriental, muito usado entre os povos da Ásia. *(Nota da edição portuguesa.)*
(**) Sacerdote islâmico. *(Nota da edição portuguesa.)*
(***) Fritos de farinha, parecidos com filhós, mas mais compactos. *(Nota da edição portuguesa.)*

põe sobre o corpo nu um saquinho com ovos de bicho da sede para que o calor lhes dê vida. Traz o saquinho debaixo do sovaco e olha atentamente os diminutos grãozinhos, como sementes de dormideira, para ver se se tornaram mais claros, pois isto é sinal de que os bichinhos não tardarão em aparecer. Muito precisa a mãe do dinheiro da seda! Quantas esperanças ela põe nos casulos da mísera exploração! Embora os casulos só lhe dêem uns copeques. O açambarcador compra-lhos a um preço ínfimo e manda-os para outros países de onde voltam à Rússia convertidos em seda crua e com uma marca estrangeira. Mas tudo isso está ainda muito longe. Agora, a principal preocupação do pai e da mãe é cumprir todos os velhos costumes que pressagiam a sorte.

O pai pega num punhado de ovinhos e vai a um campo de trevo num dia de feira. Espalha os ovinhos pela terra para que apareçam tantos casulos como gente no mercado e trevo no campo.

Os bichos crescem. Adormecem quatro vezes e em cada uma delas o seu sono dura vinte e quatro horas. Durante esse tempo, largam a pele e imediatamente se tornam maiores. No último período da sua vida atingem um tamanho dez mil vezes maior que aquele que tinham originalmente.

As caixas sobrepostas em que jazem ocupam toda a casa. A família vive já no pátio, num telheiro de Verão situado fora do lar. Ali, à luz do Sol e das estrelas, a miséria vê-se mais: o sujo roupão aparece por baixo das mantas rotas; as vasilhas de cobre estão enegrecidas pelo fumo e cheias de amolgadelas; os púcaros, estão rachados.

A mãe observa com ansiedade aquilo que lhe há-de trazer a seda. Porém os pequenos ovos, reavivados pelo húmido calor sufocante do corpo sem se lavar, extenuado e suado, dão uns bichos fracos, enfermiços.

— Que desgraça, que desgraça! — lamenta-se a mãe a cada muda de pele. — Outra vez adormecem e tardam em acordar. Que criação tão desigual! Só me dá vontade de chorar! Entre os casulos haverá muitos com pintas e enrugados, e muitos duplos dos que não se podem dobrar.

Mas Nor-Bibi tem pouco a ver com isso. A sua obrigação é colher folhas de amoreira. Encarrapita-se na árvore, agarra a fina ponta de um ramo e com a outra mão arranca as folhas que vai colocando na cesta de flexíveis vimes. Quando as mãos se cansam, fica pousada na árvore como um passarinho, contemplando a outra ave, uma cegonha, que mora ali no velho olmeiro. Observa aquela família de pássaros e nela encontra muito de comum com a sua. Também tem muitos filhos e estão sempre esfomeados. A mãe nunca sai de casa. O único que se diferencia é o pai: quase

não passa um dia que não traga alguma rã da lagoa próxima. E Nor-Bibi imagina seu pai, com a sua cara magra e preocupada, voando pelos ares. Os braços estão ocupados com o voo, o albornoz às riscas flutua ao vento e traz debaixo do braço um pedaço de carneiro. Lançando um forte grito de alegria, desce para o muro de barro e dali salta para o chão. A mãe, entretanto, está já a limpar o arroz para o prato de arroz à uzbeque. Ilusões, histórias infantis!...

Mas o tempo das histórias vai passando. Nor-Bibi tem agora doze anos. Sentada com as suas amigas no pátio, pinta as sobrancelhas. Depois de com uma malga tirarem água do canal, as raparigas dissolvem nela a pintura. A seguir, molham um palito e passam-no pela base do nariz, unindo as duas sobrancelhas. Tão depressa inclinam a cabeça para a direita como para a esquerda; pela cara correm fios de água azul, mas as mocitas não os enxugam, para não estragar a futura beleza. De mão em mão, passa um espelhinho, enfeitado com um aro metálico e conchinhas. Conversam entre elas.

— Senta-te aqui ao sol, Sara-Khan, não estejas à sombra, pois começa a pingar toda a pintura e não fica boa.

— Dá-me o espelho, Halkhar. Eu com certeza vou ser a mais bonita. Amanhã volto a fazer as tranças.

— Ouvi dizer, meninas, que há mulheres que andam sem sobrancelhas, com os olhos nus. Não é uma falta de vergonha? Eu não compreendo essas mulheres.

— Queres um bocadinho de pão, Nor-Bibi? Vão-te os olhos atrás dele...

— Traz o espelho, Adalat.

— Passa-mo a mim, Charifa.

E assim precisamente, com a cara azulada e um bocadinho de pão nas mãos, vê Nor-Bibi o rico vizinho Mir-Chakhid. E como é bela, a mais linda de todas, e seu pai é pobre, Mir-Chakhid compra-a para que seja uma das suas mulheres.

Pela primeira vez, Nor-Bibi tapa o rosto com o *chachván* (*). A princípio gosta, porque se sente já crescida. Porém ao olhar através daquela rede de crina de cavalo e ao ver um damasqueiro em flor (é Primavera), não o roconhece. Flores cinzentas, como que de cinza e pó, cobrem os ramos. Nor-Bibi levanta o *chachván* e, por um instante, a árvore incendeia-se de novo como uma chama rosada, enquanto o Sol brilha sobre ela com um intenso azul. A cegonha, da brancura do algodão e de boca escarlate,

(*) Véu uzbeque de crina de cavalo com que as mulheres ocultavam o rosto. *(Nota da edição portuguesa.)*

está pousada no verde olmeiro. Mas o véu desce e tudo se apaga.

Pois bem, Nor-Bibi já se casou. Como sua mãe anunciara, tem duas máquinas de coser — uma de manivela, a outra de pedal — e mais uma, que fala: um gramafone. Mas de que vale isso se o marido é velho e ela não o ama? Desdita feminina vulgar, tão velha como o mundo. Quanto à primeira mulher de Mir-Chakhid, esqueceu os tempos em que também tinha doze anos. Não perdoa a juventude. E além disso tem mau coração.

Mir-Chakhid é ciumento. Uma vez, ao reparar que a sua jovem esposa se põe nas pontas dos pés para espreitar para o pátio vizinho, manda que os seus trabalhadores levantem mais o muro. E por muito depressa que Nor-Bibi cresça, mais rápido se levanta a cerca.

As pernas da jovem esposa são ágeis e sente vontade de correr. Corre pelo pátio atrás do burrinho mas logo a primeira mulher lhe grita:

— Estou a ver, estou a ver que queres matar o futuro filho do teu marido, o menino robusto que não tardará em nascer! Não olhes para a porta; se o fizeres a criança terá os lábios grossos. Não saias quando chover, se o fizeres o menino virá ao mundo com manchas na cara. Que te ensinaram em tua casa, linda mendiga?

Mir-Chakhid esperava um filho, mas nasce uma filha.

— Eu já esperava, eu já esperava — lamenta-se a primeira mulher. — Bem te avisei. Tu vais ver, Mir-Chakhid querido, como ela não vai parir mais que raparigas. Há mulheres com tão pouca vergonha!

A filhinha de Nor-Bibi está no seu berço e a mãe, quando ali não está ninguém, canta-lhe:

Dorme, meu anjinho!
Quando fores uma moça bonita,
hás-de casar-te com um homem novo,
embora tenhas uma casa pobre,
rica filha do meu coração.
Serás a primeira para o teu marido,
e não a segunda, nem a terceira.
E qualquer fruto das tuas entranhas
ele o acolherá com sincera alegria,
rica filha do meu coração.
Têm culpa a maçã ou a romã
de não terem nascido alperce?
E serás tu de pior condição
que a maçã ou a romã,
rica filha do meu coração?

O tempo passa. Por vezes acontece que as mesmas raparigas que havia uns anos pintavam juntas as sobrancelhas voltam a encontrar-se no pátio. Todas elas se casaram há muito, algumas começaram já a murchar. Os seus filhos brincam ali perto. As sombras das crianças vão-se tornando sempre mais longas, pois se aproxima o pôr do Sol. As mulheres estão tristes, a velhice prematura alonga-se diante delas como outra grande sombra.

Conversam:

— Senta-te aqui, ao sol, Sara-Khan. Estás tão pálida! Andas doente, não andas?

— Queres pegar ao colo no meu filho, Nor-Bibi? Não tiras os olhos dele...

— Ouvi dizer, irmãzinha, que há mulheres que vão à rua de cara descoberta. Eu não entendo essas mulheres!

— Pois eu entendo — afirma inesperadamente Nor-Bibi.

— Cala-te, cala-te, Nor-Bibi, tu sempre foste rebelde. Olhavas por cima da cerca. Por vezes contrarias o teu marido e guerreias com a sua primeira mulher. Não é verdade?

Nor-Bibi escuta em silêncio. Não, aquilo não é verdade, ela é tão submissa como as outras. E tão desamparada como elas. Mas as vizinhas repetem assustadas:

— Cala-te, cala-te, não digas mal do véu. Ele tapa a cara e ninguém nele lê nada. Isso é uma grande coisa para as mulheres. Sem véu é pior. Lembra-te do que aconteceu a Huldjamal.

— E que aconteceu a Huldjamal? — pergunta uma mulher de Djizak, que não conhece as histórias do lugar.

— Não sabes? Pois vamos contar-te já. Huldjamal era nossa amiga. Uma noite, depois de ter estado um bocado no pátio, entrou em casa. Se soubesse o que lhe ia acontecer, não entrava. Mas quem podia adivinhar? No pátio estava frio, era Inverno, enquanto em casa ardia o *sandal* (*). Ali se encontrava o irmão de seu marido. Hudjamal sentou-se, a aquecer-se, junto ao *sandal* e o seu rosto enrubesceu com o calor. Quando o seu marido voltou estava mais vermelha que uma papoula. E a seu lado o cunhado. O marido olhou-a e disse-lhe: «Anda comigo que quero mostrar-te as compras que fiz.» Ela saiu para o pátio e então ele gritou: «Isto para que não fiques corada com o meu irmão!» E deu-lhe quatro punhaladas. Huljamal tombou morta.

A mulher de Djizak calou-se, e também as outras ficaram em silêncio. Que hão-de dizer?...

(*) Espécie de braseiro quadrangular em que ardem carvões sem chama. *(Nota da edição portuguesa.)*

Passa o tempo. Chega o ano de 1917. Na Rússia têm lugar apaixonantes acontecimentos, e na mesquita de Khodjá-Akhrar, que se ergue no caminho de Agalik, brilham rejuvenescidas as pinturas do tecto; tal como antes, jovens de famílias ricas estudam o Alcorão, e o surpreendente pátio do seminário muçulmano continua difundindo com nitidez a voz do *mulhá* de brancas barbas.

O Museu da Luta contra a Contra-Revolução, estes verdadeiros anais da guerra civil no Oriente, só se inaugurará em Tashkent dentro de muitos anos. O Museu ainda não foi reunido, tudo está ainda disperso. As suas peças encontram-se ainda espelhadas pela região: espingardas inglesas de último modelo e velhos mosquetes de pederneira dos *basmatches*, cartucheiras, sabres e mocas de fabrico artesanal ou provenientes da fábrica de Liège, selas de montar, cantis de campanha com bainha de couro, *túmuris* ou amuletos contra mau-olhado e balas, punhais com turquesas no punho, adagas de Kachgar; entre elas aquela com que um famoso cabecilha *basmatche* degolou lentamente, durante uma hora, uma mulher; abriu-a desde o ventre até à garganta, até pôr a descoberto uma ponta do coração ainda palpitante. Os habitantes da aldeia da vítima, de joelhos rogavam ao *kurbachí* (*) que lhes fizesse a grande mercê de a matar de uma vez. Mas o *kurbachí* não a deixava morrer. Conhecia bem a arte de matar lentamente. E enquanto movia a afiada adaga do ventre à garganta, dizia sereno:

— A que descobre o seu rosto mostra ao mesmo tempo o coração. Eu não faço mais que continuar a tua obra, minha filha.

— Estás enganado, sábio varão — clamava a gente da aldeia, prostrada na terra. — Estás enganado, grande senhor! Não foi ela. Ela nunca tirou o véu. Juramos.

— Pois se não foi ela, foi outra — respondeu o *kurbachí*. — Para mim é a mesma coisa.

II

O tempo passa. Dão-se grandes e pequenos acontecimentos. Entre os pequenos, é digno de menção o desmoronamento da cerca no pátio de Mir-Chakhid. A cerca de adobe estragou-se muito depois das chuvas torrenciais, mas Mir-Chakhid não se atreve a repará-la.

— Vão dizer que Mir-Chakhid é rico — comenta ele com a sua primeira mulher. — Vão dizer: Muito rico ele deve ser para

(*) Chefe *basmatche*. *(Nota da edição portuguesa.)*

logo correr a resguardar os seus bens de olhares estranhos. Mas que riqueza é a minha? Eu sou um pobre, um mendigo. O que é um jornaleiro em comparação com os três que eu tinha antes? O que significa uma máquina de coser comparada com as três que já tive? Três: duas que cosiam e uma que cantava. Eu não sou mendigo.

Nor-Bibi fizera já vinte e cinco anos. Considerava-se uma mulher de idade, mãe de três filhos. Outros três tinham morrido apesar de terem nos seus *tiubeteikas* infantis penas de mocho contra o mau-olhado. Nem este poderoso remédio serviu para alguma coisa. Os meninos morreram de desinteria num Verão sem que Nor-Bibi soubesse a causa das suas mortes, nem como evitá-las.

Dão-se grandes e pequenos acontecimentos. Por uma brecha no muro, Nor-Bibi olha a rua e vê sempre qualquer coisa nova. Vê o primeiro automóvel e o primeiro camião que vêm substituir os burros e os camelos. Um aeroplano, aéreo corcel, voa para além das montanhas e desce junto da encosta, onde, segundo se diz, construíram um grande espaço para ele, chamado aeródromo.

Entre as mulheres que passam pelo caminho de Agalik, vêem-se algumas que vão já de cara descoberta. Os nobres jovens do seminário, criados na penumbra, saem, semicerrando os olhos, pelo grande portão de Khodjá-Akhrar e dali se afastam para sempre. Apertam contra o peito os livros cujas páginas estão sulcadas por arabescos. Os rapazes uzbeques permanecem na sala de chá lendo jornais. Junto da antiga mesquita abre-se um consultório médico numa pequena casa branca. Os meninos vão à escola. Aparecem jardins de infância.

Nor-Bibi vê tudo aquilo mas continua a viver como antes. «Tudo isto está bem para os jovens — pensa — mas eu... Para onde vou? Tenho filhos. Tenho de lhes dar de comer. E eu não tenho dinheiro.»

E continua a viver como antigamente. Porque, apesar da sua cerca destruída, Mir-Chakhid é ainda muito forte. Arrasta-se trémulo aos pés do Poder Soviético, mas vive. Já não tem um jornaleiro, nem um burro, apenas conserva como propriedade ás suas duas mulheres.

— Eu sou o mais modesto dos camponeses individuais — afirma, apertando a mão contra o coração. — Como é que eu, que era uma aranha e um escorpião, me vou atrever a entrar no kolkhós, nessa associação de ilustres camponeses pobres? Como ousarei olhar a cara sábia do presidente do kolkhós, que foi meu jornaleiro? Não, amigos, perdoem-me, mas não me peçam isso.

— Sou indigno disso. Até me dá vergonha entregar por contrato os casulos de seda. Eu não permitiria que uns miseráveis bichos trabalhassem para o nosso amado Poder Soviético. Que para ele trabalhem só as rosas e os rouxinóis, que são tão belos como ele. Quanto a mim, eu vos agradeço! Quantas vezes me encontrei na sala de chá com o sericicultor Azimdján! Mandaram-no de Samarcanda para o distrito para nossa ilustração e convencimento e eu tornei-me muito amigo dele. Sentava-me a seu lado, tomávamos chá e conversávamos sobre a vida. Que pena que um homem assim fosse tão censurado pelo camarada Urkabáev, o vice-secretário do Comité do Partido de Samarcanda! Destituiu-o do seu cargo.

— O camarada Urkabáev chegou num pequeno automóvel verde. Desceu do carro perto da cooperativa e dirigiu-se em segredo para a casa de chá. Se não receasse ofendê-lo, diria que até se escondeu atrás de um olmeiro, como fazem as crianças quando brincam às escondidas inocentemente. Azimdján, como de costume, estava a beber o seu chá. O camarada Urkabáev continuava cauteloso atrás do olmeiro, observava como, fatigados e corcovados pelo peso das suas preocupações, acudiam à sala os nossos camponeses em busca de conselho. De repente, saindo de trás da árvore, gritou em voz estentórea: «Eu estou aqui escondido e tu onde estás? Achas que o teu lugar é na sala de chá?»

— Pena, pena que padecesse sem motivo uma pessoa tão digna! E quem havia de mandar vir para o substituir? Até me dá vergonha dizer! Uma mulher! Mete-se à força pelas casas, a rebuscar por toda a parte com os seus olhos manhosos. Que desgosto tão grande!

— Nesse mesmo dia, o camarada Urkabáev esteve em vários sítios do nosso indigno lugar e muitas outras respeitáveis pessoas sofreram também. Ai que desgosto tão grande! Apresentou-se, por exemplo, o camarada Urkabáev no jardim de infância. Por lá corriam e faziam travessuras os felizes meninos soviéticos. Os meus não! Eu sou indigno disso. Corriam em liberdade os meninos, cantavam canções às flores e eram tão lindos como elas. Que mais queriam? E para mais estava com os pequenitos uma rapariga que eu conheço há muito tempo. Pois, o camarada Urkabáev ordenou-lhe que abandonasse o seu posto. Por que razão, amigos? Ai que desgraça tão grande!

Tudo aconteceu tal e qual como conta Mir-Chakhid.

Mas ouçamos também o camarada Urkabáev.

Num primaveril dia de repouso, juntamente com os seus amigos e com aqueles que tinham chegado de Moscovo, foi ver a velha cidade de Samarcanda e as suas magníficas antiguidades. Urkabáev e os seus amigos encaminham-se para o Registan. Lêem a inscrição que figura no arco do pórtico ocidental do seminário de Chir-Dor e que acaba por ser uma autocaracterização do seu construtor. O artista define-se assim:

«Edificou um seminário tão alto que elevou a terra até ao zénite do firmamento. Nem com o decorrer dos anos alcançará a águia da razão, não obstante o vigor e esforço das suas hábeis asas, o vértice superior deste pórtico. Nem com os séculos chegará o destro funâmbulo, pela corda tensa da fantasia, ao cimo dos seus minaretes para ele vedados. Quando o arquitecto erigiu, com perfeita exactidão, o arco do pórtico, o céu, tomando-o por uma nova lua, mordeu o dedo de puro assombro.»

— Completa ausência de autocrítica! — lamenta-se Urkabáev.

Lida a inscrição, entram na torre e sobem por uma escada em caracol, com tão empinados degraus que com certeza irão sentir depois fortes dores nos jarretes. Saem por fim da pétrea escuridão para os altos espaços celestiais, varridos pelo vento. Um tanto atenuados, mas nítidos, como um coro de diversas vozes, chegam o tilintar e os sons das ferramentas artesãs, o forte golpear dos ferreiros e o fino martelar dos latoeiros, o ténue sopro dos soldadores, os zurros dos asnos e os guizos dos camelos, o vibrar das cordas dos instrumentos musicais e as monótonas canções, todas as ressonâncias dos séculos XIII, XIV e XV. E, inesperadamente, vem de qualquer lado e aumenta cada vez mais um som de um género inteiramente diferente: um camião aproxima-se. E Urkabáev, homem do segundo quinquénio, sorri enternecido.

Os moscovitas espreitam com ansiedade a distância. No horizonte, com claras arestas de cristal, perfilam-se os contrafortes das montanhas de Tian-Chan. Junto do minarete, até às próprias montanhas, alonga-se uma cidade, amarela e plana, com as ténues veias dos seus floridos jardins. De vez em quando, naquele mar de barro, levanta-se uma alta onda azulada. São várias aquelas ondas: Hurr-Emir, Bibi-Khanum, Khak e Zinda, e longe, muito longe, o observatório de Ulug-Bek, o famoso neto de Tamerlão. Além, ao sul, avista-se uma pequena elevação: Khodjá-Akhrar.

— Que silêncio! Que paz! — exclamam entusiasmadas os moscovitas.

Urkabáev limita-se a suspirar:

— Sim, sim, bela paz! Vós não estais informados de nada. Olhais e vedes um belo espectáculo: a antiguidade e o mundo exterior. Mas aqui tudo isto está em ebulição, fervilha. Olhai para além... Aquilo é a mesquita de Khodjá-Akhrar, e em volta o *kichlak*. Vou-lhe contar um caso — anuncia com triste entusiasmo. — Não vos apoieis a esse tijolo, está um tanto frouxo. Um dia cheguei lá. Tinham-me dado como certo que todos os sericicultores do lugar, por causa desconhecidas, andavam de lado, todos para a mesma banda. Mas que doença tão estranha será esta, disse eu para mim. E por que razão só ataca os sericicultores?

— Aproximei-me da casa de chá e, sem ser visto, pus-me a

observar. Realmente, todos andavam de lado, agarravam o cotovelo esquerdo com a mão direita e coxeavam ao andar. Terão alguma chaga no sovaco, pensei. Só me faltava isto! E o que imaginam que era? O seu instrutor para a vivificação dos ovos nas incubadoras era um tal Azimdjan, um tipo suspeito. Tinham-no mandado para lá porque não havia outro. E, como é natural, no Trust da Sede do Uzbequistão tinham-lhe dado termómetros para que os distribuísse entre os sericicultores. Não sei se sabem que neste assunto tudo depende da temperatura, pois os bichos da seda não gostam de frio. Se estiver menos de vinte e três graus imediatamente deixam de comer, pela indolência que neles entra. E nós fazemos todo o possível por melhorar a sericicultura. O instrutor de incubação, como é lógico, deve visitar diariamente, duas vezes, todos os postos de criação e verificar se tudo está em ordem. Mas Azimdjan, em vez de lá ir pessoalmente, mandava que os camponeses fossem à sala de chá, com o termómetro no sovaco, para que em vez de ir ele ver a temperatura, fosse a temperatura que o viesse ver a ele. Muito bem, Azimdjan olhava o termómetro e via que ele marcava trinta e sete graus ou qualquer coisa assim, isto é, a temperatura do corpo humano. «Muito valor vocês têm. Abram portas e janelas para que entre o fresco.» E, é evidente, os bichos definhavam.

Todos riem, mas Urkabáev fica pensativo:

— Não, a coisa não tem graça nenhuma. É triste, muito triste. E agora vereis o que aconteceu mais tarde. De caminho, passei pelo jardim de infância do distrito. Recebeu-me a encarregada, uma rapariga melosa, astuta. E garantiu: «Aqui tudo caminha divinamente e somos muito felizes. Meninos, para a formatura!» Saíram os pequenos... Estavam transparentes de fraqueza. E começaram a cantar em uzbeque, com umas vozes fininhas:

Lírios somos de um belo jardim
Alimentamo-nos de sol e vento...

Ao recordar a cançar, Urkabáev revolve-se na torre com tanta fúria que nuvens de pó de tijolo se soltam dos seus cotovelos.

— E, naturalmente, era verdade, não mentiam as criaturas. De facto alimentavam-se de sol e vento, porque as suas rações eram roubadas sistematicamente. Comprovei-o. Nem podem imaginar o dano que aquela fulana fez. Já nem me refiro às crianças. Não é preciso dizer que os vamos alimentar muito bem para que se recomponham, mas os adultos vão levar muito tempo para esquecer isto. Precisamente quando os jardins de infância e os infantários são os melhores propagandistas do Poder Soviético

entre as mulheres. E as daqui estão enfeitadas com grinaldas de filhos...

— Bem dito! — comenta um dos moscovitas. — Você é um poeta.

O novo instrutor de incubação, a rapariga de «olhos astutos», chamava-se Chura Potápova. Era filha de um engenheiro agrónomo da região do Volga e tinha nascido em terra de cogumelos e bagas, onde nem sequer se sabia o que era um bicho da sede.

Uma vez, a mulher do engenheiro agrónomo Potápov adoeceu com tuberculose. E começou a parecer-se com a maçã de cera que se encontrava na sala de jantar, em cima da mesa do canto com uma toalha de lã. Ao ver aquele rosto amarelento, com manchas avermelhadas nas faces, Potápov limitava-se a pestanejar com pena, pigarreando preocupado, apesar de o médico lhe garantir que o «processo decorria normalmente».

Até que num cinzento dia de Primavera, também o próprio médico manifestou inquietação:

— Era preciso levá-la para o sul! Para a Crimeia ou para o Cáucaso.

— E que vamos comer? — perguntou Potápov com aspereza.

Ambos ficaram em silêncio. Chura que, por aquela altura, tinha um ano, deslizava de gatas sobre um jornal onde se comunicava que a casita do balseiro, no Marne, passara de novo para as mãos dos aliados, depois de um longo combate.

— Se fosse para o Turquestão — disse Potápov —, talvez pudéssemos ir. Lá, em Tashkent são precisos engenheiros agrónomos. Escreveu-me um camarada que mo disse.

— Magnífico! — exclamou o médico com alegria. — Isso é no sul, há sol, precisamente do que ela precisa. Não deixem de ir! Dentro de três ou quatro meses não reconhecerá a sua mulher.

E de facto, seis meses depois, em Tashkent, diante do caixão de Lisa, sua mulher, quase não a reconhecia, tão cruelmente a ceifara o sol subtropical e o pó do terreno calcário.

Junto da campa de Lisa cresceu um álamo, com incrível rajidez, como se quisesse alcançar os seus famosos congéneres de Tashkent, plantados pelo general Kaufman ao conquistar aquelas terras. Nos primeiros tempos, só aquele álamo prendia Potápov ali. Mas mais tarde começou também a amar os lugares da região. Nem sequer recordava já com frequência a defunta Lisa. Só uma vez, por causa da sua estadia em Tchimgana, num sanatório de montanha, disse a Chura:

— O doutor tinha razão. O clima ali, nas montanhas, é magnífico. Mas antes da revolução não nos deixavam sequer aproximar-nos, e depois, a tua mãe já tinha morrido.

Em cada Primavera, Potápov verificava o crescimento da filha. Quando a cabecita de claros cabelos louros conseguiu alcançar o ombro do pai, Chura era já instrutora de sericicultura. Quanto ao pai, ocupava-se com a hibridação de casulos no Instituto de Sericicultura.

No dia em que propuseram a Chura ir com urgência a Samarcanda Potápov ficou triste.

Era a sua única filha. Nunca se tinham separado. Foram juntos ao viveiro do Instituto. Começava a Primavera. Havia ali amoreiras de todas as espécies — vulgares, anãs, em arbusto, piramidais, esféricas, serpenteadas — e todas elas ostentavam já avultados botões. Destacava-se em especial uma, formosa, de grandes folhas, trazida do Japão.

O pais e a filha iam e vinham pela alameda, passeando, sem chegar a uma casinha branca. Nesta, completamente isolados, encontravam-se os bichos da sede em experiência, contagiados por pebrina. Deles cuidavam colaboradores especializados.

— Lembras-te, papá, quando adoeci com difteria e tive também de ficar isolada? — disse Chura rindo.

Potápov, pensativo, concordou com um aceno de cabeça.

— Parece que ficaste triste — disse Chura. — Mas eu não posso deixar de ir. Como poderia eu ser do Konsomol se não fosse para lá? Além disso, eu também quero. Pois este será o meu primeiro trabalho independente. Haverá ali que vivificar duzentas e quarenta e cinco caixas de ovos.

— Eu compreendo que devas e queiras ir. Mas, para que hás-de ir imediatamente para outro distrito. Não achas que seria melhor aqui?

— E a ti não te parece que da tua parte seria oportunismo?

Potápov encarou a filha e respondeu:

— Sim.

— Perfeitamente! Uma vez que o constatas, confessa o teu erro e arrepende-te dele.

Potápov voltou a olhar a filha e respondeu:

— Arrependo-me. Mas peço-te uma coisa, Chura: que me escrevas com a maior frequência possível. Peço-te encarecidamente! E acerca de tudo. Escreves?

Chura pôs os olhos no pai e afirmou:

— Escrevo.

III

Quando por Samarcanda correu a notícia de que, em cada bairro, uma comissão especial ia determinar os que eram dignos

de ter passaporte e os que não eram, a muitos aquilo não agradou. E entre os descontentes encontrava-se Mir-Chakhid.

— Eu receio, meus amigos — dizia —, que esse livrinho onde, segundo me contaram, a palavra «passaporte» está escrita em seis línguas, nos faça chorar seis vezes o tempo em que não o tínhamos. Reparai em mim, por exemplo. Que necessidade há de escrever acerca de mim nesse papel, quando no meu coração está escrito há tanto tempo que sou um uzbeque honrado e bom? É certo que um dia fui rico, mas isso já lá vai. E uma vez que já lá vai, para quê pensar no que já não existe? E digo-vos mais. Que vai acontecer se as nossas mulheres quiserem também ter o seu passaporte individual? Acaso quererá a mulher obedecer ao marido se o nosso solícito Poder Soviético lhe entregar um livrinho em que estejam anotados o seu nome, idade e mais dados, como se fosse uma ovelha da qual se sabe quantas tetas tem e de que pata coxeia?

Ao argumentar deste jeito, Mir-Chakhid tinha em conta a sua segunda mulher, Nor-Bibi. Cada vez com maior frequência, os olhos dela faiscavam com fulgores que davam muito que pensar. Ao cabo de uns dias, Mir-Chakhid voltou a dizer aos seus simpatizantes:

— Sim, meus amigos! Soube por acaso que minha mulher Nor-Bibi esteve no Comité de Makhallá, para falar disso do passaporte. Como é natural, ofendeu-me extremamente que tomasse tal decisão sem me consultar. Quando voltei a casa disse-lhe umas quantas palavrinhas. Confio que tenha agora mudado de opinião. Eu acho que ela não precisa de passaporte algum. Que viva muitos anos, mas se morrer, Alá a reconhecerá sem necessidade de passaporte, pois todos os seus dados particulares os traz ela marcados no corpo. Eu, como bom escrivão, escrevi-lhe na pele tudo o que é preciso. E não é possível, amigos, confundi-la com qualquer outra mulher.

Foi por aquela altura que Potápov recebeu a primeira grande carta de Chura.

«Querido papá: Aquele Azimdján, o que demitiram antes de eu chegar, era um autêntico sabotador. Gelou quase todos os bichos-da-seda, pois, como sabes, esta Primavera vai fria, e ele, em vez de mandar aquecer as estufas, fazia abrir as janelas. O pior de tudo é que agora, quando for preciso abri-las, ninguém quererá fazê-lo, desconfiarão. Assim acontece sempre: um mau funcionário, além de prejudicar o trabalho, dificulta o dos seus camaradas. Disseram-me que começam aqui a espalhar-se comentários como este: "Antes, quando não existiam instrutores de incubação de espécie alguma, saíam os bichos tão lindos..." Vês o que isto significa e a responsabilidade que me cai nos ombros? E ainda tu resistias a que eu viesse!

«Quero agora contar-te onde me encontro. Vivo numa mesquita. Nunca tal eu teria imaginado! As antigas celas foram adaptadas para incubadoras e numa delas vivo eu. Aqui se conservam ainda o buraco, enegrecido pelo fumo, da lareira, e a estante para os livros. Durmo no mesmo nicho apertado em que antes dormia um seminarista. A minha estação de sericicultura atende tanto os kolkhozianos como os camponeses individuais. A alguns dou-lhes ovos, mas, como é natural, prefiro dar-lhes bichos da seda. O pior é que todos vêm buscar os bichos à mesma hora, depois do trabalho. Esperam em bicha com os seus canastros, e as minhas ajudantes e eu ficamos rebentadas. Tenho três ajudantes: duas delegadas do kolkhós e uma do Soviete da aldeia. Entendo-me com elas num uzbeque bastante decente.

«As amoreiras estão perto, mas, como é natural, não são arbustos, mas árvores muito altas e dá trabalhos trepar por elas. As folhas apanham-nas os rapazinhos da povoação. Àquele que me traga um bom braçado, dou uma caixa de ovos vazia. E eles trabalham bem.

«O mau é que quase todas as amoreiras se erguem ao longo dos caminhos e estão cobertas de pó. As folhas, nesse estado, não servem. E receio dá-las aos bichos, lavadas e húmidas, porque podem provocar-lhes diarreia. Diz-me o que devo fazer.

«Preocupa-me a questão da ventilação. Aqui não há janelas, só há portas para o pátio interior; este, naturalmente, está tão bem construído que se se disser em voz baixa uma palavra num extremo ouve-se no lugar oposto.

«Ficas a saber que, numa das celas, encontrei um monte de cartazes do Trust da Seda do Uzbequistão; já os conheces, aqueles verdes e amarelos, que têm no centro um enorme bicho da seda e instruções em volta em língua uzbeque. Acontece que o tal Azimdján não distribuiu os cartazes a ninguém e limitou-se a deixá-los num canto.

«Visitou-me o instrutor do distrito. Mas melhor será que te peça conselhos a ti. Ainda que não sejam do Partido, ao fim e ao cabo és um velho especialista e, ao mesmo tempo, meu pai.

«Bem, até à próxima, papá! Espera-me uma noite de vela. Com certeza, pelo amanhecer, irão aparecer os bichos da sede, pois já apareceram "exploradores". A propósito, já reparaste que os bichinhos recém-nascidos, quando deslizam pelo tule para as folhas de amoreira, se empurram como as pessoas no eléctrico e se juntam da mesma maneira para passar por um mesmo orifício? Perdoa estas minhas digressões.

Chura»

Segunda carta.

«Querido papá: há algum tempo que não te escrevo; tenho estado muito ocupada, mas agora estou com menos trabalho. Os lotes fundamentais de bichos da seda foram já entregues. Saíram-me bonitos, há muito poucos fraquinhos. Ontem visitei as explorações às quais fornecemos bichos da seda. Uma das minhas kolkhozianas, Mukhabbat, foi comigo. É uma mulher magnífica, do Partido. Já não é nova, tem netos, mas conserva um bom humor inesgotável. Quando me fala da sua vida sorri, embora a sua vida esteja muito longe de ter sido fácil. Um exemplo disso é o seu casamento. Era a sétima filha de uma família pobre. Casou-se quando já se contava entre as "solteironas", aos dezasseis anos. Até então ninguém a quisera levar como esposa, devido à sua pobreza. Por fim, saiu-lhe um noivo, e rico ainda por cima. Tinha tapetes, mantas, albornozes e um *samovar*. Mukhabbat casou-se com aquele homem e, durante três dias, gozou a contemplar as suas riquezas, especialmente o *samovar*. Mas depois aconteceu que tudo aquilo era alheio, alugado. Primeiro, apareceu um amigo do marido e levou os tapetes, o segundo foi-se com as mantas, o terceiro com mais alguma coisa. Só ficou o *samovar*, mas também o vieram buscar.

«— Então — contava-me Mukhabbat —, sentei-me junto do *samovar* e abracei-o com força, apertando a cara contra ele. Estava frio, enquanto eu ardia. Eu chorava, ele calava-se. Apesar de tudo, levaram-no. Hoje, tudo isto me dá vontade de rir. Eu era uma rapariguinha tonta, pobre e ignorante! Chorava e ria sem saber porquê.

«Isto disse ela.

«Como te ia dizendo, fomos as duas juntas. Chegámos a casa de um kolkhoziano. Chamámos. Não aparecia ninguém. Sol e silêncio. Mas que silêncio! Somente as dormideiras cabeceavam no terraço de barro e zumbiam as abelhas. Por fim abriram-nos a porta e entrámos em casa. Recebeu-nos uma ressequida velha centenária, com sinais peludos na cara e uma grande papada. O seu véu era antiquíssimo e ela própria uma ruína. Da casa contígua chegou outra velha no mesmo estilo e pouco depois mais outra. Depois, apareceu um velho mais ou menos da mesma idade. Chegaram a correr uns rapazitos. Um verdadeiro plenário! Mukhabbat perguntou:

«— Onde estão os outros? A trabalhar?

«— A trabalhar — responderam. — Na horta e no pomar (o seu kolkhoz é de hortaliças e fruta).

«De repente, uma menina, já grandinha, comunicou-nos em russo:

«— Os nossos estão na vinha. Trouxeram *azot* (*). Adubo.

«E todos aqueles velhos e velhas caducos acenaram sorridentes com a cabeça e começaram a repetir satisfeitos: '*Azot*! *Azot*!' Era a única palavra russa que conheciam. Mais tarde, quando nos fomos embora, gritei-lhes:

«— *Khair* (**)! *Azot*!

«E eles responderam-me:

«— *Azot! Azot!*

«Mas antes tínhamos observado os bichos da seda. Estavam numa sala hermeticamente fechada, numa pequena esteira pendurada do tecto e tapados com uma manta de algodão. Ali tinham frio e pouco ar. Imediatamente lhes tirei a manta e abri as janelas de par em par. Depois Mukhabbat disse-me:

«— Tu não sabes o que a seda significa para as nossas mulheres. É o começo da sua emancipação. O dinheiro da seda é dinheiro das mulheres. O que é preciso é vigiar para que sejam mesmo elas a entregar os casulos. E assim, o dinheiro irá com certeza parar às suas mãos. Pois às vezes elas trabalham e o dinheiro recebem-no os homens.

«Bem, papá, até à próxima. Tua filha

Chura»

Terceira carta.

«Papá, se soubesses o que aconteceu!... Vou contar-te... Mukhabbat e eu fomos outra vez inspeccionar. Diante de uma casa, disse-me:

«— Temos de entrar por um instante, embora more aqui uma pessoa má, Mir-Chakhid. A sua segunda mulher, Nor-Bibi, é muito infeliz, ainda hoje. Embora a nova vida passe pela rua, não lhe entra em casa. Tem três filhos. A terceira criança é ainda muito pequenina e está doente. Onde há-de ir com ela? E se a deixa em casa, a primeira mulher a martirizará.

«Entrámos. A casa é grande e boa, está forrada com notificações, do inspector de finanças, do pagamento de impostos. Há muito de tudo: malgas, bandejas, jarros... Um monte de mantas. O dono da casa desfaz-se em salamaleques. Traz um lenço atado à cintura; portanto, ainda quer agradar. Brilha a *tiubeteika* atirada para traz; portanto, sente-se contente com a sua pessoa. Na mesma sala encontram-se as crianças. A mais pequenita tem as pernas tortas.

«Digo:

«— Tem de a levar ao médico. Está raquítica.

(*) Nitrato. *(Nota da edição portuguesa.)*
(**) Até à vista (em uzbeque). *(Nota da edição portuguesa.)*

«E ele leva a mão ao coração. Falo-lhe do raquitismo e ele agradece-me. É evidente que se ri de mim. Uma mulher está de pé, ao lado. Eu pergunto em voz baixa a Mukhabbat:

«— Será possível que seja Nor-Bibi?

«E Mukhabbat responde-me também em voz baixa:

«— Não, não é ela. Esta é a primeira mulher. Espera, vou perguntar onde está a outra.

«Mas não houve tempo para o fazer.

«Vais ver o que aconteceu.

«Aproximo-me para ver os bichos da seda. A própria família vivifica os ovos e os bichos acabam de sair. E a primeira mulher amontoa-os empurrando-os com um papelinho.

«Aviso:

«— Não faças isso, irmã, vais esmagá-los. Tens de os apanhar com uma pena de galinha. Vou buscar uma.

«Saio para o átio a pensar: «Não é possível que não tenham galinhas.» Olho e vejo que num recanto, ao lado de uma talha, está uma pena de pega. «Bom — digo para mim —, esta também serve.» Baixo-me e, atrás da talha, chega-me um gemido. Aproximo-me mais. Acontece que a talha está encostada à porta de uma casa de arrumações. Não sei por que razão, imagino que ali se encontra de cama, doente, a pobre Nor-Bibi, e que a têm escondida... E mal o penso (tudo isto se dá em menos de um minuto), ouço os passos do dono da casa que me segue e me diz adocicado:

«— Como és boa, irmã instrutora! Quanto te preocupas por nós e pelos nossos míseros bichos da seda! Mas há muito tempo que não temos galinhas.

«E eu respondo-lhe com a mesma doçura:

«— Não tem importância, irmão Mir-Chakhid, uma pobre pena de pega também serve.

«E faço de conta que nada ouvi...

«Papá, não posso continuar a escrever-te. Parece-me que andam vespas a voar. E para mim são mais terríveis que os ratos e as aranhas, embora estes gostem dos bichos da seda como loucos. Mas as vespas são as mais terrívei. Vou ver que zumbidos são estes. Depois te contarei o resto. Se soubesse o que aconteceu depois!...»

E depois aconteceu o seguinte:

Kurkmas Nizámov, secretário da célula do Komsomol no kolkhós, abria com um tractor sulcos entre as videiras, para semear trevo e ervilhas. Aquilo era um novo processo para aproveitar o terreno livre nas vinhas. E como tal processo tinha os seus inimigos, que garantiam que tal sementeira esgotaria completamente a terra e deixaria pouco suco para as vides, decidira-se fazer a prova apenas num síttio.

Conduzia Kurkmas o tractor com cuidado, pois via que o seu *Fordson*, excessivamente largo, podia danificar as delicadas cepas. Teria sido melhor um *Inter*, tractor mais estreito, mas não havia nenhum e Kurkmas estava inquieto. Tinha a *tiubeteika* encharcada em suor, e a tulipa silvestre que levava na orelha ia murchando em contacto com a cara ardente.

Chura, envolta em nuvens de pó, corria atrás do tractor, gritando:

— Pára, Kurkmas!

Mas ele continuou até ao fim da fileira e então perguntou:

— Que se passa? Estou a ouvir gritos nessa poeirada, mas não sei quem grita. Que aconteceu? Cada minuto é precioso, e tu vens interromper-me com os teus gritos...

— Espera, que este minuto é mais importante.

E Chura, queimando as mãos no tractor, aquecido pelo sol, e segurando-o por uma roda, não fosse ele partir, contou a Kurkmas o que se passava.

Mir-Chakhid dissera a verdade. Agora era difícil confundir Nor-Bibi com qualquer outra mulher. Os seus «dados particulares» estavam marcados com sangue. Singularmente profunda era a cicatriz que partia de um olho e ia perder-se entre os revoltos cabelos.

Nor-Bibi estava naquela pequena casa de arrumações, sentada numa manta rota, abrançando os joelhos com os dois braços e de olhos na terra do chão.

— Tem febre, camarada — garantia Mir-Chakhid trémulo. — Aquela febre em que as pessoas tremem muito aos sacões, desmaiam e perdem sangue. Não é verdade. Nor-Bibi, querida esposa, que tens febre?

Mas Nor-Bibi calava-se. E em silêncio a olhavam Kurkmas, Chura, Mukhabbat e o miliciano do distrito. Depois a médica do consultório disse-lhes:

— Foi boa ideia termos trazido a maca. Deitem-na com cuidado, camaradas.

Quando levavam Nor-Bibi, Urumbai, o miliciano do distrito, também com uma tulipa na orelha, pois era o tempo delas, disse a Mir-Chakhid:

— Tua mulher viverá. A doutora vai curá-la. É bom. O que é mau é que tu fiques com vida depois disto. Anda, vai depressa para onde te estão esperando há muito tempo, há vários anos, não os faças esperar mais.

IV

O velho seminário muçulmano de Khodjá-Akhrar, onde se educaram tantos nobres jovens, estava abarrotado de mulheres. Aquilo era um comício espontâneo, que ninguém preparara antecipadamente. Simplesmente, em poucos minutos espalhara-se a notícia de que Nor-Bibi, já restabelecida, vinha do hospital para visitar a instrutora vinda de Tashkent, para estar um pouco com ela e beber uma chávena de chá junto de um damasqueiro. Quando se soube, as mulheres da aldeia, kolkhozianas e camponesas individuais, quantas estavam livres naquele momento, encaminharam-se para a mesquita sem que antes o combinassem. Não tardou que enchessem todo o pátio. Chura, que não esperava aquela avalanche, só teve tempo de pendurar os cartazes que tinham ficado por distribuir, aqueles que Azimdján retivera. E o quadrado pátio de pedra coloriu-se de verde e amarelo. O gigantesco bicho da seda rastejava pelas paredes da mesquita entre as portas de madeira talhada. E o cartaz principal (que aliás era o único), em que se via uma jovem uzbeque, em parte parecida com Nor-Bibi, mas com a insígnia da Internacional Comunista da Juventude ao peito, campeava à entrada, à maneira de saudação.

Mukhabbat abriu o comício, batendo três vezes as palmas para chamar a atenção. E o pátio, com as suas magníficas condições acústicas, repetiu nitidamente os três estalidos. Espalhou-se o sussurro das roupagens femininas, ondularam os lenços de cabeça as echarpes, os chailes. Depois, tudo ficou em silêncio. Era a hora do crepúsculo. E Primavera. Sobre o seminário muçulmano de Khodjá-Akrar havia um quadrado azul de céu, adornado, como correspondia em tal momento, por uma meia lua clara.

No meio do pátio, junto de um damasqueiro, sentada num banco, encontrava-se Nor-Bibi.

— Irmãs! — disse Mukhabbat. — Diante de vós está uma mulher, Nor-Bibi. Todas nós a conhecemos. Falemos um pouco da sua vida.

Novamente se ouviu o sussuro da seda e mais uma vez se fez silêncio.

— No passado, as nossas mulheres estavam submetidas a cinco amos. Não vos parece que eram muitos? Pois era assim. O primeiro era Alá. O segundo, o emir. O terceiro, aquele que dava trabalho e em cuja mercê, e em cujas mãos se encontravam a terra e a água. O quarto, o *mulhá*. E o quinto, o marido. Irmãs, nós vamos julgar a mulher Nor-Bibi por ter acabado com quatro amos e ter conservado o quinto. Antes da Revolução vendiam-nos por dinheiro, por arroz, trocavam-nos por toda a espécie de mercadorias. Ainda crianças, éramos casadas à força com velhos (porque choras, Nor-Bibi?). Sim, entregavam-nos aos velhos, que já tinham outras mulheres. Roubavam-nos a nossa infância e nós calávamo-nos. Nor-Bibi, tu és culpada por te teres calado durante tanto tempo. É culpada, irmãs? — perguntou Mukhabbat.

E suas irmãs, com os olhos molhados pelas lágrimas, responderam:

— É culpada!

— Levanta-te, Nor-Bibi, e olha-nos cara a cara. Tu cometeste o crime de ter acreditado pouco nas tuas próprias forças. Receavas deixar o marido, temias que o Poder Soviético te abandonasse a meio do caminho, que ele, que está longe e é grande, não visse a tua vida pequena. E contudo, viu-a. O Poder Soviético sou eu, somos todas nós, és tu mesma, Nor-Bibi. És jovem, Nor-Bibi, lembra-te disto. És sã e podes trabalhar.

— Eu pouco sei fazer, Mukhabbat — respondeu Nor-Bibi muito baixo, mas o surpreendente pátio repetiu as suas palavras com tanta clareza que todas a ouviram.

— Sabes fazer pouco? — e Mukhabbat correu o olhar pelo pátio como que procurando a resposta...

Mais tarde, Chura contava da seguinte maneira a seu pai o que acontecera:

«Imaginas? Nor-Bibi falou em voz baixa, muito baixa, mas todas a ouviram.

«— Eu — disse — pouco sei fazer.

«E Mukhabbat, que é bonita, inteligente, de ouro puro, corria os olhos pelo pátio como se procurasse uma resposta. E naquele instante saltaram-lhe aos olhos os cartazes que Azimdján escondera. Sobretudo o da uzbeque com os casulos. E a minha amiga Mukhabbat estendeu para ele o seu dedo nodoso e moreno, dizendo:

«— Aquilo sabes tu fazer, não é verdade? Diante de ti estão abertos todos os caminhos, mas tu tinhas-te esquecido disso.

«Que pena, tenho tanta pena que não presenciasses como julgaram Nor-Bibi! E condenaram-na... à liberdade e à felicidade.»

Uma Vela Branca se Avista..., *Casario na Estepe*, *Vento de Inverno* e *A Portinhola de Ferro no Muro*, bem como quase todos os contos e novelas de Katáev (nascido em 1897) são dedicados à história da Revolução.

Natural de Odessa, cidade meridional, Katáev foi testemunha dos tempestuosos acontecimentos revolucionários na Ucrânia. Nos anos 20, durante a guerra civil, por ali passou o glorioso 1.° Exército de Cavalaria de Budiónni, sobre o qual se compuseram canções, lendas e contos. O conto *O Sono* dá-nos a conhecer um episódio da vida do 1.º Exército de Cavalaria durante a guerra civil.

O SONO

O sono representa a terça parte da vida humana. Contudo, a ciência ainda não conseguiu estabelecer o que é o sono. Num velho dicionário enciclopédico li:

«Até agora só é possível conjecturar qual é a causa imediata desse estado.»

E já me dispunha a fechar o espesso volume, porque nada mais encontrara acerca do sono, quando vi na coluna ao lado umas encantadoras linhas que lhe eram dedicadas:

«A arte representa alegoricamente o sono através da figura de um homem com asas de borboleta, que segura na mão uma papoila.»

Aquela ingénua mas bela metáfora impressionou-me.

Quero falar de um espantoso caso de sono digno de ser registado na história.

A 30 de Julho de 1919 as unidades do Exército Vermelho, dispersas, abandonaram Tsaritsin e começaram a sua retirada para o Norte. Aquela retirada durou quarenta e cinco dias. O comando só dispunha de uma unidade capaz de combater: o Corpo de Exército de Semión Mikháilovitch Budiónni, que contava com cinco mil e quinhentos sabres. Em comparação com as forças do inimigo, parecia um número insignificante.

No entanto, cumprindo a ordem que recebera, Budiónni aguentava todos os golpes do inimigo, protegendo assim a retaguarda do exército em retirada.

Pode dizer-se que se tratou de um só combate que se prolongou por dezenas de dias com as respectivas noites. Nas breves tréguas nem sequer se podia comer devidamente, nem dormir, nem lavar-se, nem tirar a sela ao cavalo.

Aquele Verão foi extraordinariamente quente. Os combates travavam-se num sector relativamente estreito, entre o Volga e o Don. Contudo os soldados passavam dias e dias sem água. A situação não consentia desvios na direcção tomada, nem que se perdesse ainda que apenas meia hora para alcançar os poços, que se encontravam a umas verstas de distância.

A água tinha mais valor que o pão. O tempo mais ainda do que a água.

A certa altura, no começo da retirada, o Corpo de Exército teve de fazer frente a vinte ataques no decorrer de três dias.

Vinte ataques!

Os soldados, em incessante combate, tinham ficado sem voz. Combatiam sem poderem arrancar um grito das suas gargantas ressequidas.

Terrível quadro: cargas de cavalaria, sabres erguidos, rostos crispados, encharcados num suor sujo, e nem um só grito...

Não tardou que ao suplício da sede, da mudez, da fome e do calor se juntasse outro: o da luta contra um sono irresistível.

Um ordenança que chegou, coberto de pó, com uma ordem, caiu da sela e adormeceu junto às patas da sua montada.

O ataque findava.

Os soldados mal podiam aguentar-se nas selas. Tornava-se impossível continuar a lutar contra o sono.

Anoitecia. O sono fechava os olhos dos homens. As pálpebras pareciam magnetizadas. Os olhos adormeciam. O coração, inchado de sangue pesado e imóvel, como mercúrio, detinha-se lentamente, e juntamente com ele detinham-se e abatiam-se de repente as mãos, pesadas como chumbo, afrouxavam os dedos, oscilavam as cabeças e os gorros resvalavam para a testa.

A fantasmagórica e azulada escuridão da noite estival envolvia lentamente os cinco mil e quinhentos soldados, que balanceavam nas selas como pêndulos.

Os comandantes dos regimentos aproximaram-se de Budiónni para receber ordens.

— Todos a dormir — disse Budiónni, sublinhando a palavra «todos». — Ordeno que todos repousem.

— Camarada chefe... Mas... sem sentinelas? Sem esculcas?

— Vamos dormir? todos a dormir...

— Mas quem...? Mas quem, camarada chefe...?

— Eu — disse Budiónni, levantando um pouco a manga esquerda e aproximando os olhos do seu relógio, com uma correia negra.

Olhou rápido para o mostrador, onde na escuridão se acendiam já os números e os ponteiros fosforescentes.

— Tudo a dormir. Todos sem excepção! Todo o Corpo de Exército! — disse levantando a voz alegremente. — Dou exactamente duzentos e quarenta minutos de repouso.

Não disse quatro horas. Quatro horas era muito pouco. Disse «duzentos e quarenta minutos». Deu o máximo que se podia dar naquela situação.

— E não vos preocupeis com mais nada — acrescentou. — Eu estarei de vela durante o sono dos soldados. Pessoalmente. Sob a minha responsabilidade. Duzentos e quarenta minutos e nem mais um segundo. O sinal para se porem de pé será um tiro de pistola.

Budiónni bateu no coldre da *Mauser*, que sempre trazia suspensa na ilharga, e esporeou levemente o *Kazbek,* o seu baio do Don, escuro de suor.

Um único homem velava ao sono de todo o Corpo de Exército. Aquele homem era o comandante da unidade. A transgressão dos regulamentos militares era monstruosa. Mas não havia outro remédio. Um por todos e todos por um. Era aquela a férrea lei da Revolução.

Cinco mil e quinhentos homens deixaram-se cair, como um só homem, na opulenta erva do barranco.

Alguns ainda tiveram forças para tirar as selas e pear os seus cavalos. Depois adormeceram com as selas a servir de almofadas.

Os outros caíram junto dos animais ainda por desselar e, com as rédeas nas mãos, caíram num sono que parecia uma morte repentina.

Aquele barranco semeado de homens adormecidos parecia-se com um campo de batalha em que todos tivessem morrido.

Budiónni cavalgava lentamente em torno do campo. Seguia-o Gricha Kovaliov, o seu ordenança, rapaz de dezassete anos. Aquele rapazote de tez citrina mal se aguentava na sela e fazia esforços terríveis para manter erguida a cabeça, pesada como chumbo.

Assim davam voltas e mais voltas ao acampamento o comandante do Corpo de Exército e o seu ordenança, dois homens acordados entre cinco mil e quinhentos homens adormecidos.

Semión Mikháilovitch era então muito mais jovem que agora. Magro, de sobrancelhas negras, malares salientes, muito moreno, com longo e espesso bigode na sua cara de camponês quase alaranjada pelo sol.

Cavalgando em torno do acampamento, por vezes reconhecia à luz da lua este ou aquele soldado e sorria por baixo do bigode, com o terno sorriso de um pai que se debruçasse sobre o berço do filho adormecido.

Lá estava Gricha Valdman, gigante de bigode ruivo, que se deixara cair de costas sobre a erva como um carvalho abatido por um raio, a cabeça na sela de montar e a *Mauser* no seu enorme punho, que não se conseguiria abrir mesmo estando adormecido. O seu peito era largo e volumoso como um caixote. Levantado para as estrelas, subia e descia compassadamente, ao som dos seus roncos de titã, que sacudiam as ervas. A sua outra manápula cobria a terra tépida, como que a dizer: «Vem cá e experimenta tirar esta terra a Gricha Valdman!»

Ali dormia também como morto Iván Bélenki, cossaco do Don, com o seu gorro caído para os olhos. À ilharga não tinha um afiado sabre de cossaco, mas uma espada. Uma enorme durindana requisitada em casa de um latifundiário coleccionador de armas antigas. Centenas de anos estivera aquela espada pendurada ociosa sobre o tapete persa do escritório do aristocrata. O cossaco do Don Iván Bélenki requisitara aquela espada, afiara-a como uma navalha de barba e fazia-a cumprir a sua missão nos combates contra os brancos. Em todo o Corpo de Exército não existiam braços tão compridos e fortes como os de Iván Bélenki. Em certa altura, Iván foi a uma rica herdade procurar forragem para o seu cavalo. Pediu à dona da casa que lhe vendesse um pouco de feno. A mulher disse-lhe:

— Não tenho. Não me ficou mais que aquele monte de gabelas.

— Eu peço muito pouco — disse Iván Bélenki choramingão. — Um braçado, só o necessário para dar uma ração à minha pileca.

Está bem — disse a mulher —, se é só um braçado, leva-o.

— Obrigado, patroa.

Iván Bélenki, cossaco do Don, aproximou-se do monte das gabelas e levantou-o todo de uma só vez.

A mulher ficou boquiaberta. Na sua vida nunca vira braços tão compridos. Enfim, que podia agora fazer? Iván Bélenki pigarreou e encaminhou-se com o feno para o acampamento. Mas não se sabia o que lhe acontecera pelo caminho, pois a verdade é que se apresentou sem feno e mais morto que vivo. Tremiam-lhe as mãos e os dentes eram como que castanholas. Não podia pronunciar uma palavra...

— Que te aconteceu, Iván?

— Ai... é melhor não me perguntarem. Pregou-me um susto! Que o diabo o leve!

Os soldados estavam assombrados. Que teria acontecido que assim pudesse assustar Iván Bélenki, o mais intrépido de todos?

Iván não conseguia serenar.

— Que o diabo o leve!... Que susto me pregou aquele maldito! Assim o ponham a assar no outro mundo!

— Mas o que aconteceu?

— Que rebente!... Agarrei naquele maldito feno... Que o fogo o consuma todo!... Leveio-o e, de repente, dentro dele mexeu-se qualquer coisa... Maldita seja a mãe desse danado desertor!

Aconteceu que no feno se escondia um desertor. Iván tinha-o levantado juntamente com o monte das gabelas. O desertor agitou-se pelo caminho dentro do feno, como um rato, saiu de lá e pregou um tremendo susto ao intrépido Iván Bélenki.

De novo Budiónni sorriu com terno e viril sorriso, passando cuidadosamente por cima da cabeça do seu soldado Iván Blénki e da sua afiada espada, que reflectia como um espelho a azulada lua cheia.

A noite ia passando. Moviam-se sobre a cabeça os ponteiros do relógio de estrelas da noite da estepe. Não tardaria que tivesse de acordar os soldados.

De súbito, *Kazbek* estacou e espetou as orelhas. Budiónni escutou e ajustou o bivaque caqui chamuscado de um lado pelo fogo de uma fogueira.

Pela beira do barranco aproximavam-se uns cavaleiros. As suas sombras, uma após outra, encobriam a lua. Budiónni ficou imóvel. Os cavaleiros desceram para o acampamento. O que ia à frente deteve o seu cavalo e inclinou-se para um soldado que acordara uns minutos antes do tempo concedido e estava a pôr as grevas junto de uma agonizante fogueira. O cavaleiro tinha na mão um cigarro. Queria acendê-lo.

—Eh! — disse ao soldado. — De que *stanitsa* sois vós? Dá-me lume!

— E tu quem és?

— Não vês?

O cavaleiro inclinou-se mais para o soldado. À luz da luta brilhou o galão de coronel. Tudo estava claro. Uma patrulha de oficiais na escuridão tinha ido parar ao acampamento dos soldados vermelhos e tomara-os por gente sua. Aquilo queria dizer que os brancos andavam perto. Não se podia perder um segundo. Budiónni saiu cautelosamente da sombra e levantou a pistola. No silêncio da madrugada ressoou o tiro. O coronel tombou. Como molas, os soldados puseram-se de pé. A patrulha de oficiais foi capturada.

— A cavalo! — gritou Budiónni.

Um minuto depois, os cinco mil e quinhentos soldados tinham já montado. Passou mais um minuto e, ao longe, nos primeiros raios de Sol da estepe, banhada em orvalho, via-se o pó que levantava, ao aproximar-se, a cavalaria dos brancos. Semión Mikháilovitch ordenou que se ocupassem posições de combate. Deixaram ouvir a sua voz as três baterias do quarto grupo de artilharia ligeira. Começou a batalha.

...Ao recordar este episódio, Semión Mikháilovitch disse a certa altura, sorrindo pensativo:

— Sim, cinco mil e quinhentos soldados dormiam como um só homem na terra. E como ressonavam! Os seus roncos sacudiam a erva.

Semión Mikháilovitch semicerrou os olhos, olhou o mapa suspenso da parede e repetiu alegre:

— Sacudiam a erva!

Estávamos no gabinete de Budiónni no Conselho Militar Revolucionário. Na rua caía um daqueles grandes nevões moscovitas.

Imaginei aquele maravilhoso quadro. A estepe. A noite. A Lua. O acampamento adormecido. Budiónni montado no seu *Kazbek* e, atrás dele, atacado por um sono irresistível, balanceava na sela um rapaz de tez citrina, com umas murchas papoilas atrás da orelha e uma borboleta, adormecida, no seu ombro quente e poeirento.

Ano de 1933.

BORÍS LAVRENIOV

O nome de Borís Lavreniov (1891-1959) está ligado à juventude da literatura e do teatro soviéticos. Segundo o próprio escritor, «nasceu literariamente em virtude da Revolução». Em 1927 foi posta em cena pela primeira vez a sua obra *O Derrubamento*, que continua hoje a ser representado no Teatro de Arte e noutros teatros. Borís Lavreniov amava os temas dramáticos. Esta tendência manifesta-se com singular força nas suas novelas e contos, cheios de heróico romantismo da época da Revolução. Entre eles figuram *Vento, Falemos de Uma Coisa Simples* e *O Quadragésimo Primeiro.*

O QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO

À memória de Pável Dmítrievitch Júkov

Capítulo primeiro

QUE O AUTOR ESCREVEU EXCLUSIVAMENTE PORQUE A NECESSIDADE OBRIGA...

Ao amanhecer, o refulgente cerco de sabres cossacos quebrou-se por um instante ao norte, fendido por ardentes rajadas de metralhadora, e, numa última e corajosa investida, abriu caminho pela brecha ao *agroselhado* comissário Evsiukov.

Apenas conseguiram sair do círculo mortal, que cingia a aveludada ribanceira, o *agroselhado* Evsiukov, vinte e três homens e Mariutka.

Cento e dezanove homens e quase todos os camelos ficaram caídos para sempre no gelado talude arenoso, entre as serpenteantes malhas dos *saxáules* (*) e os vermelhos junquilhos das tamargueiras.

Quando comunicaram ao *essaúl* (**) Burgia que os restos das forças inimigas tinham escapado, repuxou o abundante bigode com

---

(*) Arbustos da Ásia Central. *(Nota da edição portuguesa.)*
(**) Posto militar nas tropas tsaristas e de guardas brancos, correspondente ao de capitão. *(Nota da edição portuguesa.)*

a enorme garra de fera, bocejou abrindo muito a boca, parecida com o fundo negro de um cinzeiro, e rugiu com gana:

— Pois que vão! Para quê persegui-los? Para cansar os cavalos? De qualquer maneira a morte espera-os nas areias. Volve-e-er... garupas!

E entretanto, o *agroselhado* Evsiukov, os vinte e três homens e Mariutka, com ágil arrancada de enfurecido chacal da estepe, lançaram-se para os imensos, infinitos areais.

O leitor deve estar já a arder na curiosidade de saber por que razão se chama «agroselhado» a Evsiukov.

Tudo será explicado em seguida.

Quando Koltchak cortou a linha férrea de Oremburgo com uma massa humana eriçada de espingardas, fazendo recuar as surpreendidas locomotivas — para que depois se cobrissem de ferrugem em afastadas vias mortas —, a República do Turquestão ficou sem tinta preta para os cabedais.

Chegaram tempos de estrondo, confusão e couro para todo o uso.

Arrancado ao grato ambiente do lar e atirado para o calor e os frios, para as chuvas e os dias secos, entre o penetrante silvo das balas, o corpo humano precisa de um revestimento sólido.

E assim apareceu na humanidade a moda dos blusões de couro.

Em todo o lado os tingiam de preto — com acerados reflexos azulados —, severo e firme como os seus próprios donos.

Mas agora, no Turquestão, não havia tal tinta.

O Estado-Maior revolucionário teve de requisitar as anilinas germânicas com que tingiam a vaporosa seda dos seus chailes as uzbeques do vale de Ferganá e os afelpados arabescos dos seus tapetes as esposas turkmenas, de lábios secos, dando-lhes toda a vistosa gama de cores de uma ave do paraíso.

Começaram a tingir-se com aqueles pós as peles frescas de carneiro, e a seguir todo o Exército Vermelho do Turquestão refulgiu de repente com os vários tons do arco-íris: groselha, laranja, limão, turquesa, lilás...

O destino, na forma de fiel de armazém picado das bexigas e prévia apresentação da correspondente ordem do Estado-Maior, deu a Evsiukov umas calças e um blusão de uma intensa cor groselha.

A cara de Evsiukov tem também desde menino um matiz groselha salpicado de sardas ruivas, e a sua cabeça, em vez de cabelo, está coberta por uma suave penugem de pato.

Se a isto acrescentarmos que a sua estatura é baixa, a sua compleição maciça e toda a sua figura perfeitamente ovalada, reconheceremos que, com o blusão e as calças, tem de parecer-se, como

se assemelham duas gotas de água, a um pintado ovo de Páscoa.

Nas costas de Evsiukov, as correias do seu marcial aparato cruzam-se num X e parece que, se se voltar, vai aparecer um V, anunciando:

Xristós Voskrés! (*)

Mas não há que ter cuidados, porque Evsiukov não acredita na Páscoa nem em Cristo.

Acredita no Soviete, na Internacional, na Tcheka e no pesado revolver fosco que a sua mão enérgica e nervosa empunha.

Os vinte e três que saíram para o norte com Evsiukov, livres do mortal cerco de sabres, são soldados vermelhos como muitos outros. Dos mais vulgares.

E entre eles, Mariutka diferencia-se.

Filha de um pescador, orfã de pai e de mãe, Mariutka é daquela aldeiazita de pescadores que se encontra no amplo delta do Volga, perto de Astrakan, lugar transbordante de água e coalhado de juncos e ervas.

A partir dos sete anos, passou doze escarranchada num banco gordurento das tripas do peixe, com umas calças de lona embreada, que não faziam rugas, e abrindo com uma faca os ventres escorregadios e prateados dos arenques.

E quando apregoaram por cidades e aldeias que se recrutavam voluntários para a Guarda Vermelha — ainda não era exército — Mariutka, de repente, espetou a faca no banco e foi alistar-se com as suas calças que não faziam rugas.

A princípio punham-na fora irritados, mas, depois, ao verem que todos os dias se apresentava teimosa, acabaram por rir e alistá-la como guarda vermelho, com todos os direitos e emolumentos, depois de assinar um papel comprometendo-se a renunciar ao modo de vida feminino e a não ter filhos antes da vitória definitiva sobre o capital.

Mariutka, magra, esbelta como um vime ribeirinho, tem umas tranças ruivas enlaçadas à maneira de coroa por baixo do pardo e alto gorro turkmeno. Os seus olhos oblíquos e travessos brilham com amarelo fulgor felino.

O principal na vida de Mariutka são os sonhos. Gosta muito de sonhar e também lhe agrada escrever com um coto de lápis, em qualquer pedaço de papel, as linhas torcidas em declive de uns versos.

(*) Cristo ressuscitou! *(Nota da edição portuguesa.)*

Isto toda a unidade o sabia. Quando chegavam a uma cidade que tivesse jornal, lá estava Mariutka pedindo uma folha de papel nas repartições militares.

Passando a língua pelos lábios, secos de emoção, copiava com letra cuidadosa as suas poesias, punha um título a cada uma e assinava em baixo: *Versos de Maria Bássova.*

As suas poesias eram variadas. Tinham como tema a Revolução, a luta, os seus dirigentes. Escrevera uma dedicada a Lénine:

Lénine, herói nosso, proletário
havemos de fazer-te um monumento alto
pois derrubaste do tsar o palácio
e puseste-te de pé sobre o trabalho

Levava as suas líricas criações à redacção. Ali voltavam os olhos esbugalhados para aquela rapariga delgadita, com samarra e uma carabina de soldado de cavalaria, pegavam nos versos sem saírem do seu espanto e prometiam-lhe que os iam ler.

Mariutka lançava sobre todos o seu olhar sereno e ia-se embora.

O secretário da redacção, espicaçado pela curiosidade, punha-se a ler aquilo atentamente. Os seus ombros levantavam-se e começavam a tremer até que a boca soltava uma irreprimível gargalhada. Acudiam os colaboradores e o secretário, engasgado de riso, recitava-lhes os versos.

Os jornalistas choravam a rir nos peitoris das janelas, pois naqueles tempos as redacções não andavam cheias de móveis.

Na manhã seguinte, Mariutka apresentava-se de novo. Observando esquadrinhadora o convulso tremer das bochechas do secretário, punha-se a recolher os seus originais e dizia, como uma lição bem decorada:

— Não se podem publicar, não é? Não estão trabalhados. E eu que lhes procuro o miolo, os desbasto bem! Que se há-de fazer? Tenho de os apurar mais! Porque resistirão tanto? Raios partam isto!

E ia-se embora, encolhendo os ombros perplexa, o alto gorro turkmeno descaído para a testa.

Mariutka não acertava com a lírica, mas com a espingarda tinha uma magnífica pontaria. No destacamento de Evsiukov era o melhor atirador e nos combates encontrava-se sempre perto do *agroselhado* comissário.

Este apontava-lhe com o dedo.

— Mariutka, olha! Um oficial!

A rapariga fechava um olho, passava a língua pelos lábios e apontava lentamente. Ressoava o tiro, que nunca falhava.

Baixava a espingarda e ia dizendo:

— Tinta e nove! Raios partam isto!... Quarenta! Raios partam isto!

«Raios partam isto!» era a praga favorita de Mariutka.

Não gostava de palavrões. Quando os diziam na sua frente, franzia a sobrancelha e corava.

A promessa feita por escrito ao Estado-Maior cumpria-a rigorosamente. Ninguém no destacamento podia vangloriar-se de que Mariutka lhe concedesse os seus favores.

Uma noite, Gutcha, um magiar recém-incorporado no destacamento, que há uns dias a olhava com olhos reluzentes, deslizou lascivo até ela. Mas saiu mal da tentativa. Com muita dificuldade lá escapou com três dentes a menos e a testa esfolada. Aquilo tinha sido obra da coronha do revólver...

Os soldados vermelhos riam-se de Mariutka, carinhosamente, mas, nos combates, cuidavam mais delas que de si mesmos.

Empurrava-os para isso uma ternura inconsciente, profundamente escondida por baixo da dura carapaça, de vivas cores, dos seus blusões, a ânsia pelo quente lar abandonado e pelo acolhedor corpo da fêmea.

Assim eram os vinte e três, o *agroselhado* Evsiukov e Mariutka, que caminhavam agora para a morte pelas geladas e grossas areias do deserto.

Corria Fevereiro, sonoro e nevoso, com os harpejos de prata das suas nevadas. Fofos tapetes de congelada penugem cobriam as covas entre as dunas, e sobre os homens e a rapariga que se perdiam na nebulosidade da borrasca abatia-se fragoroso o céu: umas vezes com o ulular selvagem do furacão, outras com o monótono e constante uivo das balas inimigas que cruzavam o ar seguindo-os obstinadas.

Dava trabalho tirar a neve e a areia dos pés de chumbo, calçados com botas desfeitas. Caminhavam com roucos arquejos, lançando bramidos e baba, os camelos famintos, de áspera pelagem.

As planuras formadas pelos vendavais refulgiam com cintilações de sal cristalizado e, em centenas de verstas em redor, o céu estava cortado da terra — com talho de faca carniceira — pela linha enevoada do baixo horizonte.

Na realidade, este capítulo está inteiramente a mais na minha narrativa.

Mais fácil teria sido para mim começar pelo principal, por aquilo de que se vai tratar nos capítulos seguintes.

Mas o leitor deve saber de onde e como apareceram os restos da secção especial de Gúriev, a trinta e sete verstas a noroeste dos poços de Kara Kuduk, por que razão apareceu uma mulher num destacamento do Exército Vermelho, o motivo por que se cha-

mava *agroselhado* ao comissário Evsiukov, e muitas outras coisas deste género.

Cedendo a esta necessidade, escrevi este capítulo.

Mas posso assegurar-lhes que não tem a menor importância.

Capítulo segundo

EM QUE APARECE NO HORIZONTE UMA MANCHA ESCURA QUE SE TRANSFORMA, AO OLHAR COM MAIS ATENÇÃO, NO TENENTE DA GUARDA GOVORUKHA-OTROK

Dos poços de Djan-Gueldí aos de Soi-Kuduk distam setenta verstas, e dali até ao manancial de Uchkán, mais sessenta e duas.

À noite, batendo com a coronha num dilatada raiz à flor da terra, Evsiukov disse com voz gelada:

— Alto! Passaremos a noite aqui!

Acenderam uns ramos secos de *saxaúl,* que arderam com espessas chamas fumarentas, e um círculo escuro se formou em volta, sobre a areia húmida.

Tiraram das mochilas arroz e toucinho. Na caldeira começou a ferver o guisado com acre cheiro a carneiro.

Estavam estreitamente agrupados em torno do lume. Em silêncio, a bater os dentes, procuravam resguardar o corpo dos frios dedos da nevasca, que se metiam por todas as aberturas e orifícios. Aqueciam-se com os pés mesmo junto do fogo e o couro endurecido das botas gretava e rangia.

Os camelos peados faziam soar monótonos os seus chocalhos entre os alvos remoínhos rasteiros.

Evsiukov, com dedos trémulos, enrolou um cigarro em forma de cartucho.

Lançou uma baforada de fumo e, juntamente com ela, saíram lentamente as palavras:

— Bom, camaradas, temos de examinar a questão de para onde iremos agora.

— Para qualquer lado! Tanto faz! — respondeu uma voz amortecida do outro lado da fogueira. — De qualquer maneira estamos perdidos. Para Gúriev não é possível voltar, caiu por lá uma praga danada de cossacos. E se não for Gúriev não temos para onde ir.

— E se fôssemos para Rhivá?

— Ah, Ah! Essa tem graça! Seiscentas verstas, no Inverno, pelo Kara-Kum? E que vamos dar à barriga? Os piolhos que vamos criar nos calções?

Soaram gargalhadas, mas a mesma voz amortecida disse sem esperança:

— Acabou-se! Vamos bater a bota!

Evsiukov sentiu que se lhe encolhia o coração por baixo da dura pele groselha, mas, sem o dar a entender, interrompeu com raiva aquele que falava:

— Ouve lá tu, minha galinha. Não semeies o pânico! O pernil pode esticá-lo qualquer idiota, o que é preciso é puxar pelos miolos para não ir parar onde não convenha.

— Podemos virar para o Forte Alexándrovski. Lá há gente nossa, pescadores.

— Nem pensar — replicou Evsiukov. — Informaram de que Deníkine fez ali um desembarque. Tanto Krasnovódski como Alexándrovski encontram-se em poder dos brancos.

Alguém, adormecido, deixou escapar um gemido dilacerante.

Evsiukov deu uma palmada no joelho, quente da fogueira, e atalhou cortante:

— Basta! Só há um caminho, camaradas, para o Aral! Quando chegarmos ao Aral encontraremos os *nemakanes,* que andam por aqueles lugares da margem; abastecer-nos-emos um pouco, e em marcha para Kazalinsk! E em Kazalinsk encontra-se o estado-maior da frente. Uma vez ali, estaremos em casa.

Calou-se de repente. Ele próprio não acreditava que pudessem lá chegar.

Um que estava deitado perto perguntou, levantando a cabeça:

— E até ao Aral que vamos comer?

Evsiukov voltou a cortar severo:

— Teremos de apertar o cinto. Não somos grandes príncipes! Queres que te dêem sardinhas com mel? Tens de te arranjar com o que houver. Ainda temos arroz, e também um pouco de farinha...

— Para três jornadas?

— E depois? Mesmo que sejam três! E até ao golfo de Tchernich são dez. Temos seis camelos. Quando se acabarem as provisões podemos comê-los. De qualquer maneira, já não servirão para nada. A facada a um, a carne para o lombo de outro. E em frente! Assim havemos de chegar!

Ficaram em silêncio. Mariutka, deitada junto da fogueira, o cotovelo fincado na areia e a cara apoiada na mão, fitava o fogo com olhos inexpressivos, imóveis, de gata. Evsiukov sentiu uma agitação imprecisa.

Levantou-se bruscamente e sacudiu a neve do blusão.

— Acabou-se! A minha ordem é: pôr-se em marcha ao amanhecer. É possível que não cheguemos todos — a voz do comissário vacilou no ar, com um passarinho assustado —, mas há que

ir... porque, camaradas... a Revolução o exige... Pelos trabalhadores do mundo inteiro!

Um após outro, o comissário foi olhando os vinte e três cara a cara. E já não viu nos seus olhos aquele fogo a que estava habituado desde há um ano. Torvos e esquivos, olhavam para baixo, para os lados, com desespero e desconfiança.

— Comemos os camelos e depois teremos de nos comer uns aos outros.

Voltaram a ficar em silêncio.

E de repente, com uma aguda voz estridente de mulher, Evsiukov gritou frenético:

— Sem discussão! Não conheces o dever revolucionário? Caluda! É uma ordem e acabou-se! De contrário, muro de fuzilamento!

Tossiu e sentou-se de novo.

E inesperadamente o que remexia o guisado com a vareta de uma espingarda lançou ao vento o seu alegre apelo:

— Que estais para aí a fazer de monco caído? Vamos ao arroz! Estive para aqui a esmerar-me para quê? Vamos, guerreiros piolhosos!

Tiravam com as colheres compactas bolas de um arroz gordoroso e engoliam-nas queimando-se, com medo de que arrefecessem, e logo que as engoliam formava-se nos lábios uma grossa película de gordura congelada, repugnante, sebosa.

A fogueira apagava-se, espalhando pela noite repuxos de faíscas de uma cor de palha-alaranjada. E os homens apertavam-se mais estreitamente uns contra os outros, adormeciam, ressonavam, gemiam, largavam pragas em sonhos.

Já perto do amanhecer, umas leves pancadas no ombro acordaram Evsiukov. Abrindo com dificuldade os olhos, colados pela neve das pestanas, sentou-se e, como era seu hábito, estendeu instintivamente para a espingarda a mão entorpecida.

— Quieto! Não te irrites!

Inclinada sobre ele, estava Mariutka. Entre a neblina amarelo-acinzentada da nevasca brilhavam os seus olhos felinos.

— Que queres?

— Levanta-te, camarada comissário! Mas caladinho! Enquanto vós roncáveis, eu fui dar uma volta de camelo. De Djan-Gueldí vem uma caravana de kirguizes.

Evsiukov voltou-se para o outro lado. E perguntou ofegante:

— Qual caravana, que estás para aí com mentiras?

— Palavra!... Que eu morra já aqui, raios partam isto! São *nemakanes*. Vêm em quarenta camelos!

Evsiukov pôs-se de pé num salto e assobiou com os dedos. Os vinte e três levantaram-se com esforço, desentorpecendo os membros rígidos, mas ao ouvirem falar da caravana logo espevitaram.

Levantaram-se vinte e dois. O vigésimo terceiro não o fez. Estava embrulhado numa gualdrapa, que tremia com o tiritar daquele corpo em febril delírio.

— Tem febre! — sentenciou Mariutka com autoridade depois de lhe meter dois dedos pela gola do blusão.

— Diabo! E que fazemos agora? Tapai-o com uns cobertores e que continue deitado. Quando voltarmos levamo-lo. Por onde dizes tu que vem a caravana?

Mariutka estendeu a mão para Ocidente.

— Não estão longe! A umas seis verstas. São *nemakanes ricos*. Trazem nos camelos embrulhos assim enormes!

— Bom, já vamos ver. O que é preciso é não os deixar fugir. Quando os avistarmos temos de os cercar por todos os lados. A toda a velocidade. Uns pela direita, outros pela esquerda. Marche!

Começaram a andar em fila por entre as dunas, um tanto agachados, a passo acelerado, animando-se e aquecendo com a marcha.

Do alto de uma duna ondulada viram ao longe na planura do deserto, lisa como uma mesa, as manchas escuras de uma comprida fila de camelos.

Nas bossas dos camelos balanceavam pesados fardos.

— É o Senhor que os envia. Compadeceu-se de nós — disse Gvózdiev, um *molokanin* (*) picado das bexigas, com devota unção.

E Evsiukov, sem se poder conter, respondeu com aspereza:

— O Senhor? Quantas vezes já te disse que não há Senhor algum e que em tudo impera a linha física?

Mas não havia tempo para discussões. A uma voz de comando começaram a avançar curvados, aproveitando cada pequena prega de terreno, cada arbusto. Empunhavam as espingardas com força, até magoarem os dedos, pois sabiam que não era possível deixá-los fugir, que com aqueles camelos iriam a esperança, a vida, a salvação.

A caravana aproximava-se pausada e tranquila. Nas bossas avistavam-se já mantas berrantes e kirguizes com as suas chilabas e as suas *malaiaias* (**) de pele de lobo.

(*) Membro de uma seita religiosa da Rússia chamado *Molokane. (Nota da edição portuguesa.)*

(**) Gorros altos e pontiagudos com grandes orelheiras. *(Nota da edição portuguesa.)*

De repente, numa duna ergueu-se Evsiukov, refulgente com o seu blusão groselha e de espingarda aperrada. No mesmo instante ressoou a sua voz como um toque de clarim:

— Alto! Se tendes armas atirai-as para o chão. Sem resistência: de contrário, faço fogo sobre todos.

Ainda não acabara de gritar e já os assustados kirguises estavam deitados na areia: boca para baixo, trazeiro para cima.

Arquejantes com a corrida, de todos os lados apareciam soldados vermelhos.

— Rapazes, agarrai os camelos! — vociferou Evsiukov em fúria. Mas a sua voz foi apagada pelo estrondo de uma descarga cerrada que partiu da caravana.

Uivaram raivosas balas como cachorros enfurecidos e alguém, ao lado de Evsiukov, tombou de cabeça na areia, braços estendidos, as mãos rígidas.

— Deitar!... Força com eles, diabos! — continuou Evsiukov a gritar, estendendo-se na pendente oposta da duna. Estrondeavam os tiros cada vez com maior frequência.

Gente desconhecida disparava abrigando-se atrás dos camelos.

Não parecia que fossem kirguizes. O seu fogo era demasiado certeiro e preciso.

As balas incrustavam-se na areia precisamente junto dos corpos dos soldados deitados sobre ela.

Ressoava pela estepe o fragor das descargas, mas da caravana os tiros iam diminuindo pouco a pouco.

Os soldados vermelhos começaram a avançar rastejando ou aos saltos.

Quando estavam já a uns trinta passos, ao olhar com atenção Evsiukov viu atrás de um camelo uma cabeça com gorro de pele e o branco capuz cossaco. Atrás dela um ombro e no ombro uma franja dourada.

— Olha, Mariutka! Um oficial!

— Estou a vê-lo.

Vagarosa, apontou. Estalou seco o tiro.

Talvez Mariutka tivesse os dedos gelados, talvez lhe tremessem com a emoção e a corrida, mas o certo é que, mal acabara de dizer: «Quarenta e um, raios partam isto!», levantou-se atrás do camelo um homem com um alto capuz cossaco, de peliça azul, levantando muito alto a espingarda. Na baioneta flamejava um lenço branco.

Mariutka atirou com a espingarda para a areia e, despeitada, verteu umas lágrimas, que espalhou, ao enxugá-las, por toda a cara gretada e suja.

Evsiukov correu para o oficial. Um soldado vermelho adiantou-se, fincando a baioneta na areia para ganhar impulso e correr mais depressa.

— Não lhe toques! Apanha-o vivo! — ordenou o comissário com voz rouca.

Apoderaram-se do homem da peliça azul e lançaram-no por terra.

Os cinco que estavam com o oficial não se levantaram atrás dos camelos: o chumbo perfurante tinha-os ceifado.

Com risadas e pragas, os soldados vermelhos puxavam pelas argolas presas às ventas dos camelos, que resistiam, e atavam-nos em grupos.

Os kirguizes, balanceando os traseiros, iam em corridinhas atrás de Evsiukov e agarravam-no pelo blusão, pelos braços, pelas calças, pelo talabarte, olhando-o na cara com os seus olhinhos oblíquos e queixosos.

O comissário repelia-os com as mãos, afastava-se deles apressado, enfurecia-se e, com o rosto crispado pela compaixão, apontava-lhes o revólver aos narizes achatados e aos malares salientes e queimados.

— Quietos! Para trás! Não quero conversas!

Um kirguiz já de idade, de barba branca e boa samarra agarrou Evsiukov pelo cinturão.

E logo, depressa, muito depressa, começou a lamentar-se sussurrante e bajulador:

— Ah, *bay* (*)... Fazer mal... O kirguiz precisar camelo para viver. Sem camelo, morrer! Os teus, *bay*, não fazer isso; os teus dinheiro querer, nós dar. Dinheiro em prata, dinheiro do tsar... notas de Kérenski... Diz quanto teus querer para devolver camelos?

— Vê se entendes, idiota, que nós, agora, sem camelos, morreremos também. E eu não roubo, mas, por necessidade revolucionária, tenho de os levar por uso temporário. Vós, diabos *nemakanes*, podeis chegar a pé à vossa terra, enquanto nós morremos com certeza.

— Ah, *bay*, tu bom não ser. Dá camelos, toma notas de Kérenski... — continuava com a sua ladainha o implorante.

Evsiukov livrou-se dele:

— Olha, vai para o diabo! Já disse o que tinha a dizer e acabou-se! Já chega de palavras. Toma este recibo, e fica aqui tudo.

E estendeu ao kirguiz um recibo escrito a lápis num bocado de jornal.

(*) Senhor feudal na Ásia Central. *(Nota da edição portuguesa.)*

O kirguiz deitou-o fora, caiu de bruços sobre a areia e, tapando a cara com as mãos, começou aos gritos.

Os outros continuaram de pé, calados; nos seus olhos negros oblíquos tremiam, silenciosas, as lágrimas.

Evsiukov voltou-lhe as costas e lembrou-se então do oficial prisioneiro.

Viu-o entre dois soldados vermelhos. Ali estava de pé, sereno, com a perna direita um pouco avançada, cingida numa bota alta sueca, de feltro, e fumava olhando para o comissário com um sorriso trocista.

— Quem és tu? — inquiriu Evsiukov.

— O tenente da Guarda Govorukha-Otrok. E tu? — perguntou por sua vez o oficial, soprando o fumo do cigarro.

E ergueu a cabeça.

E quando fitou os soldados vermelhos cara a cara, Evsiukov e todos os outros viram que as suas íris eram azuis, muito azuis, como se na nívea espuma de sabão do branco dos olhos flutuassem dois glóbulos de superior anil francês.

Capítulo terceiro

SOBRE ALGUNS ABORRECIMENTOS DE UMA VIAGEM, SEM CAMELOS, PELA ÁSIA CENTRAL E AS EMOÇÕES DOS COMPANHEIROS DE COLOMBO

Nas contas de Mariutka, o tenente da Guarda Govorukha-Otrok devia figurar já com o número quarenta e um.

Mas a rapariga, fosse pela emoção ou pelo frio, falhara o tiro.

E o tenente continuava no mundo, como um número que sobrasse na lista dos seres vivos.

Por ordem de Evsiukov revistaram os bolsos do cativo e nas costas do dólman de anta encontraram uma algibeira pequena e dissimulada.

O oficial tentou encabritar-se, tal como um poldro da estepe, quando uma mão de soldado vermelho apalpou o secreto esconderijo, mas, como o seguraram com força, só a tremura dos lábios e a palidez do rosto denunciaram a sua agitação e receio.

Com cuidado, Evsiukov desdobrou sobre a sua pasta de campanha aquele embrulhinho coberto por um pano e começou a ler com ansiedade os documentos que trazia. Cravando neles os olhos, meneava a cabeça com ar pensativo...

Naqueles papéis dizia-se que o tenente da Guarda Vadim Nikoláievitch Govorukha-Otrok estava autorizado pelo governo do almirante Koltchak, Regente Supremo da Rússia, a representá-lo com plenos poderes junto do governo transcáspico do general

Deníkine. O tenente, segundo se comunicava numa carta, deveria informar oralmente o general Dratsenko acerca das instruções secretas que levava.

Depois de dobrar os documentos, Evsiukov guardou-os bem no peito e perguntou a Govorukha:

— Que instruções secretas leva, senhor oficial? Terá que nos contar tudo, sem aldrabices, já que é prisioneiro de combatentes vermelhos e eu, o comissário Arsenti Evsiukov, sou chefe deles.

Os olhos azuis-marinhos do tenente ergueram-se para Evsiukov. Sorrindo sarcástico, bateu os calcanhares.

— Oh, *monsieur* Evsiukov?... Muito gosto! Infelizmente não tenho plenos poderes do meu governo para entabular negociações diplomáticas com tão notável personalidade.

As sardas de Evsiukov tornaram-se mais pálidas que o rosto. Troçavam dele diante de todo o destacamento.

O comissário puxou pelo revólver.

— Escuta lá, franganinha branca, não armes em tolo. Ou desembuchas ou engoles uma bala!

O tenente encolheu os ombros.

— Pode ser que sejas comissário, mas és um palerma! Se me matasses não adiantavas absolutamente nada.

O comissário baixou o revólver e largou um palavrão.

— Vou fazer-te bailar o *gopak,* filho da puta. E vais cantar tudo isso — rosnou.

Sorriu de novo o tenente, com a mesma comissura dos lábios.

Evsiukov cuspiu com raiva e afastou-se.

— Então, camarada comissário? Mandamo-lo para o outro -mundo? — perguntou um soldado vermelho.

O comissário coçou com a unha o nariz esfolado.

— Não... não convém. Este é peixe graúdo. Temos de o levar a Kazalinsk. Lá, no Estado-Maior, arrancam-lhe tudo o que for preciso.

— Mas para quê carregar com este diabo? Sabe-se lá se nós chegamos...

— Agora também já recrutamos oficiais?

Evsiukov empertigou-se e gritou:

— E tu que tens com isso? Sou eu que o levo e respondo por isso! E não há mais conversa!

Ao voltar-se viu Mariutka.

— Ah, Mariutka. Entrego-te sua senhoria. Muito olho nele! Se te foge, esfolo-te viva!

A rapariga, sem dizer uma palavra, pôs a espingarda ao ombro e aproximou-se do prisioneiro.

— Anda. Chega cá. Ficas à minha guarda. Mas não imagines que lá por eu ser mulher me vais escapar. A trezentos passos

ponho-te teso como um arenque. Falhei uma vez, não esperes pela segunda, raios partam isto!

O tenente olhou-a de soslaio, a conter o riso e fez-lhe uma elegante reverência.

— Encantado por ser prisioneiro de uma amazona tão formosa.

— O quê?... Que estás para aí a grasnar? — replicou Mariutka, fulminando-o com o olhar. — Velhaco! Com certeza, fora os passos de baile, não sabes fazer mais nada... Não dês muito à língua. Ala, toca a andar! Em frente, marche!

Naquela noite dormiram na margem de uma lagoa. Da água salobra, coberta de gelo, saía um fedor a podre e a iodo.

Dormiram como cepos. Depois de tirarem as mantas e os tapetes aos camelos, enrolaram-se neles para gozarem o seu paradisíaco calor.

Mariutka, para ter maior segurança durante a noite, atou fortemente o tenente da Guarda, de pés e mãos, com a áspera e comprida corda de um camelo e, depois de prender à cintura a parte que restava, enrolou a ponta na mão direita e apertou o punho.

Rebentaram em volta as gargalhadas. Um tal Semianni, de olhos esbugalhados, gritou:

— Olhai, irmãos! Vede como Mariutka está enfeitiçando o seu adorado. Ali o tem já pelo beicinho!

Mariutka voltou-se para os que riam.

— Fora daqui. Para o diabo! Raios partam isto!... Achais graça?... E se ele foge?

— Tola! Achas que vai jogar a única cabeça que tem? Para onde vai ele fugir no deserto?

— Seja como for, assim está mais seguro. Anda, dorme, cavalheiro maluco.

Meteu o tenente, com um empurrão, debaixo da manta, e deitou-se ao lado.

É agradável dormir debaixo de um cobertor de lã, ao abrigo do aromático feltro que conserva a fragância da cálida estepe em Julho, e o perfume do absinto e das infinitas areias granulosas. Deleita-se o corpo, embalado pelo mais doce dos sonos.

Evsiukov ressona debaixo do tapete. Mariutka agasalhou-se com prazer e com um sorriso sonhador e, de peito para cima, esticado, com os lábios de belo traço apertados, dorme o tenente da Guarda Govorukha-Otrok.

Só a sentinela está alerta. Continua sentado na beira da manta, com a inseparável espingarda entre os joelhos, mais querida que a mulher e a bem-amada.

Esquadrinha vigilante na esbranquiçada bruma da neve enredemoinhada, de onde tilintam surdamente os chocalhos dos camelos.

Agora têm quarenta e quatro camelos. E o caminho é a direito, ainda que penoso.

A dúvida já não se aninha nos corações dos soldados vermelhos.

Arremete o vento com trémulos sibiliantes; penetra, com os flocos de neve, pelas mangas da sentinela. Esta encolhe-se, tiritando de frio, levanta a ponta da manta e põe-na pelas costas. E imediatamente deixam de o espetar as facas de gelo e o corpo começa a aquecer.

Neve, alva neblina enredemoinhada, granulosas areias.

Revolto país asiático.

— Onde estão os camelos? Os camelos? A puta que te pariu!... Maldito sejas, canalha picado das bexigas! Quiseste dormir, não foi?... Que fizeste, miserável? Eu arranco-te as tripas!

A sentinela sente a cabeça às voltas com o terrível pontapé nas costas. Turva-se-lhe a vista.

Neve e alva neblina enredemoinhada.

Véu da madrugada. Imensos areais.

Desapareceram os camelos.

Onde antes se encontravam, vêem-se pegadas de camelos e de homens. Marcas ali deixadas pelos pontiagudos *itchigs* (*) kirguizes.

Certamente, durante a noite, três kirguizes seguiram em segredo o destacamento e depois, aproveitando o sono da sentinela, levaram os animais.

Em magote, os soldados vermelhos permanecem calados. Desvaneceram-se os camelos. Onde ir procurá-los? Já não é possível alcançá-los, encontrá-los nos infinitos areais...

— Fuzilar-te é pouco, filho da puta! — diz Evsiukov à sentinela. Este não responde, mas, nas pestanas, umas lágrimas congeladas parecem-se com pequeninos cristais.

Por baixo da manta aparece o tenente. Olhou, lançou um assobio e comentou escarninho:

— Boa disciplina a soviética! Sois uns tolos!

— Cala a boca, nojento — rugiu Evsiukov e, baixando a voz, que já nem parecia a sua, rouquejou. — Que fazeis aí parados? Em marcha, irmãos!

... Apenas onze homens, um após outro, andrajosos, cambaleantes, escalam com muito custo as altas dunas.

(*) Botas de cano alto e ponta aguda. *(Nota da edição portuguesa.)*

Dez ficaram para trás, como marcos no negro caminho.

Pelo amanhecer, os seus olhos turvos, desamparados, abriram-se uma última vez e para sempre arrefeceram as suas pernas imóveis, inchadas, insensíveis como lenhos, enquanto um estertor rouco lhes fugia da garganta.

O *agroselhado* Evsiukov aproximava-se de cada um dos que jaziam, mas o rosto do comissário já não tinha a cor do seu blusão. Estava escaveirado, cinzento, e as sardas por ele espalhadas pareciam velhas moedas de cobre.

Observava o que tombara e meneava a cabeça. Depois, o cano gelado do seu revólver chamuscava a têmpora do infeliz, deixando-lhe uma ferida que negrejava redonda, quase sem sangue.

Cobriam-no de areia, à pressa, a correr, e continuavam em frente.

As calças e os blusões estavam desfeitos, as botas caíram aos bocados, os pés eram envolvidos em bocados de mantas e nos dedos gelados enrolavam uns trapos.

Dez homens avançam aos tropeções, cambaleando no vendaval.

Só um caminha erguido e tranquilo.

O tenente da Guarda Govorukha-Otrok.

Mais de uma vez os soldados vermelhos disseram a Evsiukov:

— Camarada comissário, vamos andar ainda muito tempo a carregar com aquele tipo? Gasta-se a ração em vão. Além disso, a roupa e o calçado dele são bons, podíamos distribuí-los...

Mas Evsiukov proibiu que se tocasse no tenente.

— Hei-de levá-lo até ao Estado-Maior ou morrerei com ele. Pode contar muitas coisas. Um homem assim não se pode matar sem mais nem menos. Não escapará à sorte que o espera.

O tenente vai amarrado pelos cotovelos com a corda comprida, e a ponta atou-a Mariutka à sua cintura. A rapariga mal pode com os pés. No seu rosto, branco como a neve, apenas cintila o felino fulgor amarelo dos seus olhos, agora imensos.

Em contrapartida o tenente caminha muito fresco. Está apenas um pouco pálido.

Uma vez Evsiukov aproximou-se dele, olhou-o nas íris muito azuis e atirou-lhe, com voz rouca como um latido:

— Nem o diabo te entende! És de ferro ou quê? Com esse ar tão fraco e aguentas por dois. Onde vais buscar tantas forças?

O tenente torceu os lábios no sorriso trocista de sempre e respondeu sereno:

— Nunca me entenderás. É a diferença de culturas. Em ti o corpo domina a alma e em mim a alma domina o corpo. Se quiser, a mim mesmo posso ordenar que não sofra.

— Ora vejam! — disse o comissário, arrastando as palavras.

Erguiam-se de ambos os lados as grandes dunas, brandas, onduladas, movediças. Lá no alto serpenteava a areia empurrada pelo vento, e parecia que aquelas ondulações nunca iriam ter fim.

Caíam os homens, rangendo os dentes, com um grito sufocado:

— Não posso mais. Deixai-me descansar. Faltam-me as forças.

Evsiukov aproximava-se e levantava o que caíra com insultos e pancadas.

— Em frente. O que não podes é desertar da Revolução.

E levantavam-se. Continuavam avançando. Um deles trepou a uma duna. Voltou-se, mostrando a sua caveira e os dentes, num sorriso selvagem, e gritou estentóreo:

— O Aral... irmãos!...

Depois caiu de bruços. Fazendo um supremo esforço, Evsiukov correu até ao cimo. Um azul deslumbrante feriu os seus olhos inchados. Fechou-os e enterrou na areia os dedos retesados.

O comissário nada sabia acerca de Colombo nem que, exactamente como ele, os navegadores espanhóis tinham fincado os dedos na coberta das caravelas ao ouvirem o grito: «Terra!»

Capítulo quarto

EM QUE SE TRAVA A PRIMEIRA CONVERSA ENTRE MARIUTKA E O TENENTE E O COMISSÁRIO PREPARA UMA EXPEDIÇÃO MARÍTIMA

No dia seguinte encontraram um *aúl* (*) kirguiz.

Tinham sentido antes um acre cheiro a fumo de *kiziak* (**) que vinha da parte de trás das dunas e contraía o estômago num espasmo amargo.

Apareceram ao longe as redondas cúpulas avermelhadas das *yurtas* (***) e uns cachorros pequenotes, de patas peludas, lançaram-se rosnando ameaçadoramente ao encontro dos forasteiros.

Os kirguizes saíram para as portas das suas *yurtas* e, condoídos e assombrados, olhavam aqueles cambaleantes despojos humanos que chegavam.

(*) Povoação de nómadas na Ásia Central. *(Nota da edição portuguesa.)*

(**) Esterco prensado e cortado em adobes que se utilizava como combustível na região da estepe. *(Nota da edição portuguesa.)*

(***) Tendas, geralmente redondas, utilizadas como habitação pelos kirguizes e alguns outros povos nómadas. *(Nota da edição portuguesa.)*

Um velho nariz achatado puxou pelos escassos pêlos da barbicha, passou depois a mão pelo peito e disse, inclinando a cabeça:

— A paz seja convosco. Para onde ides, *tiuriás?* (*).

Evsiukov estreitou quase sem força a mão magra e enrugada que o velho lhe estendia.

— Somos vermelhos. Vamos para Kazalinsk. Dá-nos abrigo e qualquer coisa para comer. O Soviete te agradecerá o que fizeres por nós.

O velho, com a barbicha a tremer, perguntou:

— Ui, *bay*... Guerreiros vermelhos? Bolcheviques? Vens da capital, grande chefe?

— Não, *tiuriá*! Não vimos da capital, mas de Gúriev, depois de longa caminhada.

— De Gúriev?... Ui, *bay*! Ui, *bay*! Atravessar todo o Kara-Kum?

Os estreitos olhos dos kirguizes acenderam-se em fulgores de temor e admiração por aquele homem de roupa cor de groselha que, em plenos nevões de Fevereiro, atravessara a pé o terrível deserto de Kara-Kum, de Gúriev ao mar de Aral.

O velho deu umas palmadas e, com voz gutural, arrulhadora, ordenou qualquer coisa às mulheres que chegaram.

Agarrou o comissário pelo braço:

— Vem, *tiuriá*, entrar *kibitka* (**). Dormir um bocadinho, um bocadinho. Dormir; depois, comer...

Mortos de cansaço, deixaram-se cair como fardos, envoltos no fumo e na tepidez das *yurtas*, e assim estiveram a dormir imóveis até ao amanhecer. Os kirguizes, que tinham feito o seu típico arroz, ofereceram-no e foram pródigos. Amistosos, passavam as mãos pelas costas dos soldados vermelhos, de omoplatas salientes.

— Come, *tiuriá*, come. Estar muito magro. Come, para curar.

Engoliam com ânsia, engasgando-se. As barrigas inchavam com o arroz gordurento e muitos sentiam-se mal. Corriam à estepe, metiam os dedos trémulos na garganta até vomitarem e, aliviados, voltavam para comer mais. Derreados, suados, adormeceram de novo.

Só não dormiam Mariutka e o tenente.

Sentada junto das mortiças brasas da fogueira, Mariutka nem se lembrava já de quanto tinham passado.

Tirara da carteira o famoso coto de lápis e desenhava letras e mais letras numa página — pedida a uma kirguiz — do suplemento ilustrado do *Nóvoe Vremia* (*). Enchia toda a página o retrato do conde de Kokóvtsev, ministro das Finanças, e sobre a sua ampla testa iam aparecendo umas linhas em declive.

(*) Tiuriá — amigo. *(Nota da edição portuguesa.)*
(**) Tenda de nómadas. *(Nota da edição portuguesa.)*

Tinha, como era habitual, atada à cintura a comprida corda e com a outra ponta atara atrás das costas as mãos do tenente.

Só por um hora libertara o tenente das suas ataduras para que pudesse comer arroz até se fartar e, quando, empanturrado, se afastou da caldeira, voltou a amarrá-lo.

Os soldados vermelhos gracejavam:

— Tal qual um cão de caça.

— Afeiçoaste-te a ele, Mariutka? Amarra, amarra bem o teu adorado tormento. Não vá por desgraça aparecer por aí Maria Márievna, no seu tapete voador, e levar-te o amado.

Mariutka nem se dignou responder.

O tenente estava agora sentado, com um ombro encostado ao poste central da *yurta*. Os seus olhos azul-marinho seguiam o trabalhoso ir e vir do lápis.

Avançou o corpo quanto pôde e perguntou sereno:

— Que estás a escrever?

Mariutka olhou-o de soslaio por entre a caída madeixa cor de açafrão.

— Que tens com isso?

— Queres escrever uma carta? Dita-me e eu escrevo-a.

Mariutka soltou uma risadinha.

— Olha, que esperto! Para eu te desatar as mãos e uma vez livre dares-me uma paulada e voar... Estás enganado, falcão. Em mim não tocas! Não preciso da tua ajuda. Não estou a escrever uma carta, mas versos.

O tenente esbugalhou os olhos e afastou as costas do poste.

— Versos?... Tu estás a escrever versos?

Mariutka interrompeu o convulso ranger do lápis e ficou mais vermelha que um tomate.

— Estás espantado, hem? Imaginavas que só tu sabias passos de dança e que eu era uma aldeã estúpida? Pois sou tão estúpida como tu!

O tenente lançou os cotovelos para trás; as mãos não se moveram.

— Eu não penso que sejas estúpida. O que acontece é que me espanta! Será acaso tempo para versos?

Mariutka largou o lápis e moveu bruscamente a cabeça, espalhando pelos ombros o ruivo bronze dos seus cabelos.

(*) *Tempo Novo. (Nota da edição portuguesa.)*

— Tens cada uma! Deixas uma pessoa pasmada! Então, na tua opinião, os versos só devem escrever-se em colchões de penas? E se a alma me ferve? E se sonho pintar como, famintos e gelados, atravessámos os areais? Anseio por expor tudo de maneira que as pessoas sintam um nó na garganta. Eu ponho nos meus versos todo o sangue das minhas veias. Ma não os querem publicar. Dizem que tenho de estudar. E onde se arranja tempo para o estudo? Escrevo-os com o coração, tal como dele saem.

O tenente dilatou os lábios num lento sorriso:

— Devias lê-los. Seria muito curioso... Eu percebo de versos!

— Não os entenderias. O teu sangue é de senhor, viscoso. A ti têm de descrever as florinhas, as mulheres bonitas e eu tudo o que tenho é acerca dos pobres, da Revolução — disse Mariutka tristemente.

— Porque não hei-de compreender? — respondeu o tenente. — Pode ser que, pelo seu conteúdo, os sinta como estranhos, mas uma pessoa sempre pode compreender outra.

Mariutka, indecisa, pôs Kokóvtsev de cabeça para baixo. E cravou os olhos no chão.

— Bom, aí vão. Escuta! Mas não te rias! A ti, o teu paizinho com certeza te deu *precetores* até aos vinte anos; mas a mim ninguém me ensinou nada.

— Não riu! Palavra de honra!

— Então ouve! Aqui está tudo descrito. Como lutámos contra os cossacos e como chegámos à estepe.

Mariutka pigarreou. Alterou a voz, tornando-a profunda e grave, e começou a soltar palavras, cortante, rolando os olhos com fereza:

Quando nos atacaram os cossacos,
esses verdugos, do tsar lacaios
nós, bravos soldados vermelhos,
à bala os recebemos.
Muitos eram os cossacos
E de recuar tivemos.
Evsiukov, com decisão heróica
mandou-nos o cerco romper.
Com as metralhadoras
procurámos a salvação,
todos os nossos caíram,
uma vintena escapou...

— E aqui fiquei eu engasgada. Por mais que tente não consigo continuar. Como vou meter aqui os camelos. Raios partam isto! — e quebrou-se a voz de Mariutka.

Perdiam-se na penumbra os dois glóbulos azuis, só no branco dos olhos se reflectiam, húmidas, violáceas, as alegres chamas do braseiro, quando o tenente, depois de um momento de silêncio, comentou:

— Naturalmente, são vigorosos. Há neles muita expressão e sentimento, compreendes? Vê-se que estão escritos com toda a alma — o tenente estremeceu, como se soluçasse, e apressou-se a acrescentar: — Não te ofendas, mas os versos são muito maus. Não estão limitados, falta-lhes arte.

Mariutka deixou cair a página, com desalento, em cima dos joelhos. Calada, levantou os olhos para o tecto da *yurta*. Depois, encolheu os ombros.

— Isso também eu digo, que têm sentimento. Choro toda por dentro, quando conto isto. E quanto a não estarem limados, em toda a parte me dizem exactamente o mesmo que tu. «Os seus versos não estão polidos, não se podem publicar.» Mas como poli-los? Qual é o segredo? O senhor, como *antilectual*, talvez saiba...

Mariutka, na sua emoção, até já tratava o tenente por senhor. Este calava-se.

— É difícil responder — disse por fim. — A poesia, sabe, é uma arte. E toda a arte requer conhecimentos. Tem as suas regras, as suas leis. Por exemplo, se um engenheiro não conhece todas as regras da construção de uma ponte não a construirá; e se a construir, sai-lhe feia e inútil para a sua utilização.

— Bem, isso de pontes... Para as fazer tem de se saber matemática e muitas outras manhas dos *ingenheiros*. Mas os versos trago-os eu cá dentro, no meu coração, desde o berço. E isso é o talento natural...

— Mesmo que seja assim, o talento também se desenvolve com o estudo. O engenheiro é precisamente engenheiro, e não médico, porque desde que nasce sente inclinação para a arte de construir. Mas se não estudar, nunca fará nada.

— Verdade?... As coisas que acontecem! Raios partam isto! Quando acabarmos de guerrear, tenho de ir para uma escola onde ensinem a fazer versos. Há escolas dessas?

— Deve haver — respondeu o tenente pensativo.

— Tenho de ir sem falta. Os versos consomem-se. Arde-me a alma com o desejo de os ver metidos num livrinho com a minha assinatura por baixo de todos eles: *Versos de Maria Básova.*

Apagara-se o braseiro. Na escuridão rugia enfurecido o vento, contra o feltro que cobria a *yurta.*

— Ouve lá, cadete — disse de súbito Mariutka. — Com certeza que te doem as mãos.

— Não muito! Só as tenho dormentes.

— Bom... Jura-me que não pensas em fugir e eu desato-te.

— Mas para onde vou fugir? Para as areias do deserto? Para que os chacais me devorem? Não me detesto assim tanto!

— Seja como for, jura! Repete comigo: «Juro pelo proletariado pobre, que luta pelos seus direitos, e perante a combatente vermelha Maria Básova, que não penso em fugir.»

O tenente repetiu o juramento.

Afrouxou o apertado nó da corda, deixando livres os pulsos inchados.

O tenente mexeu os dedos com deleite.

— Anda, dorme — disse Mariutka, bocejando. — E agora, se fugires serás o último dos canalhas. Toma este cobertor, cobre-te.

— Obrigado, cubro-me com a peliça. Boas noites, Maria...

— Filátovna — acrescentou Mariutka o seu patronímico, com gravidade, e enfiou-se para debaixo da manta.

Evsiukov tinha pressa em informar do seu paradeiro o Estado-Maior da Frente.

Tinha de descansar no *aúl*, aquecer e recompor as forças. Ao cabo de uma semana, decidiu avançar pela costa, rodeando o povoado de Aralsk, e seguir até Kazalinsk.

Na semana seguinte, por uns kirguizes forasteiros, soube o comissário que, a umas quatro verstas dali, uma tempestade de Outono arrojara uma barca de pescadores para a costa do golfo. Os kirguizes garantiam que o barco estava em boas condições. Encontrava-se na margem: os pescadores deviam ter-se afogado.

O comissário foi vê-lo. Era de carvalho amarelo, forte, e estava quase novo. A tempestade não lhe estragara o casco. Apenas tinha a vela rasgada e o leme arrancado.

Depois de uma troca de impressões com os soldados vermelhos, Evsiukov pensou enviar parte da sua gente por mar, sem mais demora, ao estuário do Sirdariá. A barca podia transportar perfeitamente quatro homens e uma pequena carga.

— É o melhor — disse o comissário. — Assim, em primeiro lugar, entregaremos o prisioneiro quanto antes. Pois só o diabo sabe o que ainda pode acontecer pelo caminho. E temos de o fazer chegar, sem falta, ao Estado-Maior. Além disso, ficarão a saber onde estamos e mandarão em nosso auxílio uma patrulha de cavalaria com roupa e mais alguma coisa.

— A barca, com vento a favor, atravessará o Aral em três ou quatro dias, e no quinto estarão em Kazalinsk.

Evsiukov escreveu um relatório e meteu-o no pequeno estojo forrado de tecido, onde vinham os documentos do tenente, que ele sempre trazia consigo no bolso interior do blusão.

Algumas kirguizes remendaram a vela com *mata* (*), o próprio comissário fez um novo leme com bocados de tábua arrancados ao banco da barca.

E numa fria madrugada de Fevereiro, em que um sol baixo, parecido com um disco de cobre polido, deslizava solitário pelo imenso azul-turquesa, levaram o barco, puxado por camelos, até ao limite da crosta de gelo.

Lançaram-no à água e embarcaram os mensageiros.

Evsiukov instruiu Mariutka:

— Serás tu o chefe da expedição. Toda a responsabilidade recai sobre ti. Olho no tenente. Se o deixas fugir, despede-te deste mundo. Entrega-o ao Estado-Maior, vivo ou morto. E se por acaso tropeçarem com os brancos, não consintam que o apanhem vivo. Eia, ao mar!

Capítulo quinto

EXTRAÍDO INTEIRAMENTE DE DANIEL DEFOE, COM A DIFERENÇA DE QUE ROBINSON NÃO TEVE DE ESPERAR POR SEXTA-FEIRA MUITO TEMPO

O Aral é um mar triste.

Margens planas e, ao longo da costa, absinto, areias, lombas em ondulada cadeia descontínua.

As ilhas no Aral são como folhas de sertã: chatas, lustrosas, parecem flutuar estendidas sobre a água sem que quase se vejam os seus contornos nem nelas se aviste vida alguma.

Nem pássaros nem cereais, apenas no Verão chega aquelas solitárias paragens o hálito do homem.

A principal de todas é a ilha de Barsá-Kelmés.

Não se sabe de ciência certa o que o seu nome significa, embora os kirguizes digam ser «perdição dos homens».

No Verão, do povoado de Aralsk chegam à ilha os pescadores. Neste aspecto Barsá-Kelmés é rica; nas suas águas o peixe é abundante.

Mas quando começa a uivar o sudeste outonal, enchendo as águas de carneirinhos de espuma, os pescadores põem-se a salvo na aprazível enseada do seu povoado e não voltam a pôr ali os pés até à Primavera.

Quando não têm tempo de levar todo o pescado, este fica na ilha a invernar, formando pilhas salgadas em telheiros de madeira.

Nos invernos duros, quando a água gela no golfo de Tcher-

(*) Tecido grosseiro de fabrico caseiro. *(Nota da edição portuguesa.)*

nichev mesmo até Barsá, a ilha fica aberta aos chacais da estepe. Correm pelo gelo e têm grandes empanzinadelas de barbo ou de carpa salgada, até que rebentam para ali.

E quando, ao voltar a Primavera, quebra o Sirdariá a costa de gelo com as suas barrentas águas turvas e amareladas da cheia, os pescadores nada encontram do que deixaram abandonado no Outono.

De Novembro a Fevereiro ruge o sudeste, impondo-se o mar em todo o seu respeito. No resto do tempo, só de vez em quando se levantam temporais, e no Verão o Aral mantém-se refulgente e liso como um bom espelho.

Aborrecido é o mar de Aral.

Apenas o alegra uma circunstância: a sua singular cor azul.

É um azul profundo, aveludado, com reflexos de safira.

Em todas as geografias isto é assinalado.

Ao enviar Mariutka e o tenente, o comissário calculava que na semana seguinte seria de esperar bonança. Os kirguizes, guiando-se por velhos presságios seus, anunciavam o mesmo.

E assim se fez a barca ao mar, rumo a Kazalinsk, com Mariutka, o tenente, Semianni e Viákhir, dois rapazes experientes nos riscos do navegar.

Uma suave brisa inchava alegre a vela remendada, sussurrante à passagem de cada onda. Rangia sonolento o leme nas viragens, enquanto junto à borda fervia uma espuma densa, de brilho oleoso.

Mariutka desatara por completo as mãos do tenente — pois para onde podia um homem fugir de uma barca — e Govorukha-Otrok revezava-se com Semianni e Viákhir no governo das escotas.

O prisioneiro conduzia-se a si mesmo.

E quando entregava as escotas aos soldados vermelhos, deixava-se cair no fundo, tapando-se com a manta, e sorria a uns pensamentos enigmáticos, seus, de tenente, que só ele conhecia.

Aquilo inquietava Mariutka. «Porque estará ele tão risonho todo este tempo? Quem o visse diria que ia para sua casa, gozar a vida. Quando o que o espera está bem claro: vão interrogá-lo no Estado-Maior e, depois, passará um mau bocado. Falta-lhe algum parafuso! É doido!»

Mas o tenente, desconhecendo os pensamentos da rapariga, continuava a sorrir.

Sem poder conter-se, Mariutka perguntou:

— Onde te habituaste ao mar?

Govorukha-Otrok, depois de pensar um pouco, respondeu:

— Em Petersburgo... Eu tinha um iate meu... Grande. E navegava pelo litoral.

— Iate?

— Uma espécie de barco... à vela.

— Vejam lá! Como se eu não soubesse o que é um iate. Sei tão bem como tu. Estou farta de os ver aos burgueses no clube náutico de Astrakan. Havia por lá uma quantidade deles. Eram brancos, altos, bonitos, como os cisnes. Pergunto-te outra coisa. Como se chamava?

— «Nelly».

— E que quer isso dizer?

— A minha irmã chamava-se assim. Foi em honra dela que demos aquele nome ao iate.

— É sim, Helena. E em inglês, Nelly.

Mariutka ficou em silêncio, olhando o sol branco que vertia frios jorros de mel reluzente, enquanto descia lento para a aveludada superfície de água azul.

E falou outra vez:

— Água. Que azul tão puro tem! A do Cáspio é verde. Mas aqui, olha como é azul!

O tenente comentou, como se pensasse em voz alta, só para si:

— Em relação à escala de Forel, corresponde-lhe o número três.

— Que estás a dizer? — perguntou Mariutka, ficando inquieta.

— Nada. Estava a falar comigo. Da água. Li na hidrografia que a água deste mar é de uma cor azul muito viva. Forel, um homem de ciência, compôs uma tabela de matizes de água marinha. A mais azul é a do Oceano Pacífico. E esta, segundo essa tabela, aproxima-se do número três.

Mariutka semicerrou os olhos como se quisesse imaginar a tabela de Forel, iluminada com os diferentes tons azuis.

— Formoso azul! Com que se pode comparar! É como... — abriu os olhos e, de repente, cravou as suas íris amarelas, felinas, nos olhos azuis-marinhos do tenente. Lançou o corpo para a frente, toda ela estremeceu e ficou de boca aberta, pasmada, como se tivesse feito uma surpreendente descoberta. — Mãe santa! — exclamou num murmúrio. — Tens os olhos exactamente da cor da água do mar. Sempre que olhava para ti, recordavam-me alguma coisa de muito conhecido. Raios...

O tenente já não abria a boca.

Caudais de sangue alaranjado expandiam-se pelo horizonte, a água tinha ao longe um brilho diferente, de tinta. Começara a soprar uma aragem gelada.

— Vem do Oriente — afirmou Semianni, enquanto se agasalhava no seu esfarrapado capote.

— E muita sorte, se não se levantar o sudeste... — respondeu Viákhir.

— Qual história! Mais umas duas horas e avistaremos Barsá. Se o vento soprar bem, passaremos lá a noite.

Calaram-se. A barca começou a dar solavancos nas plúmbeas cristas das vagas escuras.

Pelo céu felpudo, de um negro-azulado, alongaram-se as nuvens em estreitas franjas.

— Eu não dizia! Aí está a soprar o sudeste.

— Não tarda que Barsá apareça. Tem de estar à esquerda entre a bruma. É um inferno a tal Barsá. Não encontras mais que areias em todo o lado, mesmo que rebentes! E o vento uiva sem parar... Agarra as escotas, peste. Isto não são suspensórios de general.

O tenente não largara a tempo as escotas. A água saltou pela borda e entrou na barca: uma torrente de espuma fustigou os rostos.

— E que culpa tenho eu? Foi porque Maria Filátovna adormeceu ao leme.

— Dormi, eu? Que estás a dizer, malvado? Eu ando agarrada ao leme desde os cinco anos!

As vagas perseguiam-nos, lançando sobre eles as suas altas cristas negras, semelhantes a dragões que se aferrassem às bordas com as suas silvantes fauces.

— Ai, minha mãe! Oxalá cheguem a Barsá quanto antes! Que escuridão! Não se vê nada!

Viákhir olhou para a esquerda. E soltou um grito de júbilo, sonoro:

— É ela! Aí está a canalha!

Através dos salpicos e do nevoeiro, rastejava, intermitente e baixa, uma franja esbranquiçada.

— Rumai à costa! — exigiu Semianni com voz trovejante. — Queira Deus que cheguemos!

Rangeu de repente a popa, o madeirame lançou um longo gemido. A crista de uma vaga abateu-se sobre a barca e a água cobriu-lhes os tornozelos.

— Vazai a água — gritou penetrante Mariutka, levantando-se com um salto.

— Vazá-la?... Como diabo a vamos vazar?

— Com os gorros!

Semianni e Viákhir logo tiraram as *papakhas* (*) e começaram rapidamente a lançar água pela borda fora.

(*) Gorro alto de pele. *(Nota da edição portuguesa.)*

O tenente hesitou por um momento; mas depois, tirando também o seu gorro de boa pele, correu também a ajudar.

A franja branca flutuava à tona de água, vindo para a barca, convertendo-se pouco a pouco numa costa plana coberto pela leve penugem da neve. A agitada espuma aumentava a sua alvura.

Arremetia o vento embravecido, com prolongado uivar, levantando movediços montículos, cada vez mais altos, de água marulhante.

Com fúria, investiu contra a vela, encumeou o seu prenhe ventre e rasgou-a.

A vela estalou com um tiro de canhão.

Semianni e Viákhir lançaram-se para o mastro.

— Segurai os cabos! — comandou Mariutka da popa, com um grito estridente, enquanto empurrava com o peito a cana do leme.

Uma encrespada vaga fragorosa atacou por trás a embarcação, inclinando-a completamente para um lado, e deslizou por ela como uma densa e fria gelatina de cristal.

Quando a barca se endireitou, cheia de água quase até às bordas, nem Semianni nem Viákhir estavam já junto do mastro. Apenas flamejavam os farrapos da vela.

O tenente, sentado no fundo, com água até à cintura, benzia-se com pequenas cruzes.

— Filho de Satanás!... Que fazes aí molhado? Vaza a água! — e pela primeira vez em toda a sua vida soltou grandes palavrões.

Levantou-se o tenente, sacudindo-se como um cachorro, e começou a vazar a água.

Entretanto, Mariutka continuava gritando para a noite, entre o uivar do vento e o estrondo da tempestade:

— Semian-ni-i-i!... Viá-khi-i-ir!

A espuma açoitava crepitante. Não se ouvia a voz humana.

— Afogaram-se os malditos!

O vento levava a barca, meio afundada, para a costa. Agitava-se fervilhante a água em volta dela. Nova investida fê-la encalhar na areia.

— Salta! — gritou Mariutka, dando o exemplo.

O tenente saltou atrás dela.

— Puxa a barca!

Aferrando-se à amarra, cegos pelos salpicos e derrubados muitas vezes pelas ondas, puxaram para a margem o barco que se incrustou pesadamente na areia. Mariutka agarrou as espingardas.

— Vai buscar as mochilas com a comida. Carrega com elas.

O tenente obedeceu submisso. Quando chegaram a lugar

seco, Mariutka largou as espingardas na areia. O tenente deixou as mochilas ao lado.

E Mariutka voltou a gritar para as trevas:

— Semian-ni-i!... Viá-khi-ir!

Ninguém respondeu.

Depois, sentou-se nas mochilas e começou a chorar com tristeza e lágrimas de mulher.

O tenente estava de pé atrás dela, batendo os dentes.

Mas de repente encolheu os ombros e lançou ao vento:

— E esta!... Um verdadeiro conto! Robinson na companhia de Sexta-feira!

Capítulo sexto

EM QUE SE TRAVA A SEGUNDA CONVERSA E SE EXPLICAM OS NOCIVOS EFEITOS FISIOLÓGICOS DA ÁGUA DO MAR À TEMPERATURA DE + 2.º RÉAUMUR

O tenente tocou no ombro de Mariutka.

Tentou várias vezes falar mas o bater dos dentes não lho permitia.

Segurando com o punho a trémula mandíbula proferiu:

— Com choro não se adianta nada. Em vez de estarmos aqui parados, temos de andar. De contrário, ficaremos gelados!

Mariutka levantou a cabeça e respondeu sem esperança:

— E para onde havemos de ir? Estamos numa ilha. Rodeados de água.

— Temos de andar. Eu sei que por aqui existem telheiros.

— E como sabes? Já aqui estiveste alguma vez?

— Nunca. Mas quando estudava no liceu, li que os pescadores constroem por estes sítios telheiros para o pescado. Temos de encontrar um.

— Bom, mesmo que o encontremos... E depois?

— Amanhã veremos. O travesseiro dá bom conselho. Levanta-te, Sexta-Feira!

Mariutka fitou o tenente, assustada.

— Perdeste o tino?... Ai, meu Deus!... Que vou eu fazer contigo? Hoje não é sexta, mas quarta-feira.

— Não tem importância. Não faças caso. Depois falaremos disso. Levanta-te!

Mariutka levantou-se submissa. O tenente baixou-se para pegar nas espingardas, mas a rapariga agarrou-lhe a mão.

— Quieto! Deixa-te de graças! Deste-me a tua palavra de que não fugirias!

O tenente libertou a mão com um puxão e largou roucas e sonoras gargalhadas.

— Pelo que se vê quem perdeu o tino foste tu. Pensa bem, tola! Como posso eu pensar em fugir? Eu só queria levar as espingardas para te poupar a esse peso.

Mariutka serenou; no entanto avisou-o com suavidade e muito séria.

— Pelo que diz respeito à ajuda, obrigada. Mas eu tenho ordem para te levar ao local de destino... Portanto, não posso entregar-te as armas, pois sou responsável por tudo!

O tenente encolheu os ombros, pegou nas mochilas e começou a andar à frente dela.

A areia, misturada com a neve, rangia debaixo dos pés. Estendia-se a costa sem fim, sempre plana, abominavelmente rasa.

Ao longe erguia-se algo acinzentado, coberto de neve. Mariutka cambaleava, derreada pelo peso das três espingardas.

— Não te preocupes, Maria Filátovna! Aguenta um pouco! Aquilo deve ser precisamente um telheiro.

— Oxalá cheguemos depressa. Faltam-me as forças. Estou toda gelada.

Chegaram por fim ao telheiro. Dentro estava escuro como uma goela de lobo e havia um nauseabundo cheiro a peixe, a humidade e a sal bafiento.

O tenente apalpou uns montões que por ali havia.

— Ah! Peixe! Pelo menos, não passaremos fome!

— Se tivéssemos luz... Para lançar uma olhadela em volta. Talvez haja algum recanto resguardado do vento — disse Mariutka com voz queixosa.

— Não queres mais nada? Estás à espera que haja aqui luz eléctrica?

— Podia-se acender peixe... Têm muita gordura.

O tenente voltou a soltar a gargalhada.

— Acender peixe? Não há dúvida que enlouqueceste!

— Eu? Porquê? — replicou Mariutka aborrecida. — Quanto nós não queimámos no Volga!... E arde melhor que lenha!

— É a primeira vez que ouço dizer isso... Bom, e como vamos deitar-lhe fogo?... Isca tenho, mas as aparas onde estão?...

— Ai que calamidade! Que galante te fizeram! Bem se vê que passaste a vida agarrado às saias da tua mãezinha. Toma, tira as balas, enquanto eu arranco umas aparas da parede.

O tenente, com muito esforço, extraiu com os dedos gelados as balas de três cartuchos de espingarda. Mariutka, que já voltava com as aparas, tropeçou nele na escuridão.

— Põe aqui a pólvora... Num montinho... Dá-me a isca.

Brilhou um ponto alaranjado na isca, Mariutka introduziu-a no montinho de pólvora. Ouviu-se soprar um silvo e foi surgindo lentamente uma chamazinha amarela, que envolveu as aparas secas.

— Pronto! — exclamou com prazer. — Apanha peixe... Traz umas carpas, das mais gordas.

Sobre as aparas acesas foram colocando peixes em cruz. Estes torceram-se e logo se inflamaram com intensas e ardentes chamas.

— Agora é só ires pondo... Há comida para meio ano!

Mariutka lançou um olhar em volta. A trémula luz da chama projectava sombras dançantes sobre os enormes montões de pescado. As paredes de madeira estavam cheias de fendas e buracos.

Depois, começou a percorrer o telheiro. Lá do fundo, gritou:

— Há aqui um canto intacto. Deita mais carpas, para que não se apague. Levantarei uns tabiques e farei uma verdadeira casa.

O tenente, encolhido, a tiritar de frio, sentou-se junto do fogo para se aquecer. No canto crepitavam os peixes que a rapariga ia deixando cair. Passado um bom bocado, chamou:

— Já está pronta! Traz luz!

O tenente agarrou pelo rabo uma carpa a arder e dirigiu-se para o canto. Mariutka tinha levantado três tabiques com o peixe, e entre eles ficara um espaço de dois metros e tal.

— Entra e pega-lhes fogo. No centro pus uns quantos. Entretanto, eu vou num instante buscar as provisões.

O tenente enfiou a carpa por baixo da rede de peixes cruzados. Devagar, de má vontade, acabaram por arder. Mariutka voltou, deixou as espingardas no canto e pôs as mochilas no chão.

— Raios partam isto!... Que pena os rapazes!... Afogarem-se assim tão estupidamente!

— Não seria mau secarmos a roupa. Ainda apanhamos um resfriamento.

— E quem te impede? O fogo do peixe aquece bem. Despe-te e seca-a!

O tenente vacilou.

— Seque-se primeiro, Maria Filátovna. Eu espero lá fora. Depois, será a minha vez.

Mariutka olhou compassiva para aquele rosto trémulo.

— Que tolo! Tens manias de grande senhor. Porque te assustas? Nunca viste uma mulher nua?

— Não é por isso... Mas para si talvez seja violento.

— Parvoíces! Todos somos da mesma carne. A diferença é bem pouca! — e ordenou quase aos gritos: — Despe-te, palerma! Batem-te os dentes como uma metralhadora... Que tormento! Estou bem aviada contigo!

... Sobre as espingardas, apoiadas em pirâmide, estava já estendida a roupa a secar.

O tenente e Mariutka estavam sentados um diante do outro, à suavidade do lume; de vez enquando voltavam-se para o fogo para se aquecerem com gosto.

Mariutka tinha os olhos nas costas — brancas, suaves a esbeltas — do tenente. Riu trocista:

— Raios partam isto! Que branquinho tu és! Tal e qual como se te tivessem dado banho em nata de leite.

O tenente pôs-se corado como um tomate e voltou a cabeça. Ia dizer qualquer coisa, mas ao ver o reflexo amarelo que oscilava nos seios de Mariutka, baixou os olhos muito azuis.

A roupa secara. Mariutka pôs a samarra sobre os ombros.

— Temos de dormir. Pode ser que amanhã já tenha amainado o temporal. Foi uma sorte o barco não se ter afundado. Com bonança, talvez acabemos por chegar ao Sirdariá. Lá encontraremos pescadores. Deita-te, eu tratarei do fogo. Quando me der o sono, acordo-te. Assim nos iremos revezando.

O tenente pôs a roupa por baixo dele e tapou-se com a peliça. Afundou-se em profunda modorra; mas muitas vezes gemia em sonhos, Mariutka, imóvel, observava-o.

Encolheu os ombros e pensou:

«Acontece-me cada uma! Pobrezinho! Que ele não se constipe! Em casa deviam tê-lo sempre abafado entre lãs e veludos. É assim a vida. Raios partam isto!»

Pela madrugada, quando pelas fendas do telheiro se vislumbravam os primeiros alvores cinzentos, Mariutka acordou-o.

— Escuta, vigia o fogo. Eu vou à praia. Quem sabe se os nossos não apareceram e não estarão sentados nalgum lado.

O tenente levantou-se com muito custo. Apertando as têmporas com os dedos, disse com voz surda:

— Dói-me a cabeça.

— Não te preocupes... é do fumo e do cansaço. Isso passa. Tira uns biscoitos da mochila, assa uns barbos e come-os.

Pegou na espingarda, limpou-a com a aba da samarra e saiu.

O tenente, de joelhos, arrastou-se para o lume e tirou da mochila um duro biscoito empapado em água. Mastigou-o um pouco e deixou cair o resto, ao mesmo tempo que tombava, como um fardo, sobre a terra, junto ao fogo.

Mariutka abanava o ombro do tenente, chamando-o em tons de desespero:

— Levanta-te!... Levanta-te, maldito!... Aconteceu-nos uma desgraça!

Os olhos do tenente ergueram-se muito abertos, a sua boca abriu-se numa careta de espanto.

— Estou a dizer que te levantes! Que desgraça tão grande! As ondas levaram-nos a barca! Agora é que estamos perdidos!

O tenente olhava-a em silêncio.

Mariutka observou-o com mais atenção e lançou um grito sufocado.

Os olhos azuis-marinhos do tenente estavam turvos, enlouquecidos. A cara, flacidamente apoiada no braço da rapariga, ardia.

— Apanhaste uma gripe! Ai, homem que não presta para nada! E que vou eu agora fazer contigo?

O tenente moveu os lábios.

Mariutka inclinou-se e ouviu que ele dizia:

— Mikhaíl Ivánovitch... não me ponha um *muito mau*... Não consegui decorar... Vou estudar amanhã...

— Que estás aí a resmungar? — inquiriu Mariutka enternecida.

— «Tesouro»... Tus, tus!... Lá vai a perdiz... — começou a gritar de súbito o tenente, pondo-se de pé num pulo.

Mariutka recuou e tapou a cara com as mãos.

O tenente voltou a cair no chão, arranhando a areia com os dedos.

Muito depressa, precipitadamente, balbuciou qualquer coisa de ininteligível, engolindo as palavras.

A rapariga, desesperada, olhou em volta.

Despiu a samarra, estendeu-a no chão e puxou para cima dela com esforço o corpo insensível do tenente. Depois tapou-o com a peliça.

Desamparada, toda encolhida, acocorou-se ao lado. Pela cara magra começaram a deslizar lentas umas lágrimas turvas.

O tenente dava voltas agitado, atirando para o lado a peliça, mas Mariutka, teimosa, voltava a tapá-lo até ao queixo.

Vendo que tinha a cabeça descaída, pôs-lhe as mochilas por baixo.

E olhando para o alto, como se se dirigisse ao céu disse numa grande mágoa:

— Vai morrer... E que vou eu dizer depois a Evsiukov? Que desgraça tão grande!

Debruçou-se para o doente, que ardia em febre, e olhou para o fundo dos seus turvos olhos azuis.

Sentiu uma picadela aguda no peito. Estendeu a mão e, suavemente, afagou aqueles revoltos cabelos encaracolados. Depois ergueu-lhe a cabeça e murmurou com ternura:

— Meu tontinho, de olhinhos azuis!

Capítulo sétimo

QUE AO PRINCÍPIO É EXTRAORDINARIAMENTE CONFUSO MAS SE VAI TORNANDO CLARO PARA O FINAL

Trombetas de prata, de onde pendem campainhas.

Tocam as trombetas, soam as campainhas com fino tilintar de gelo:

Tlin, tlin, dlin, dlin.

Dlin, dlin, tlin, tlin.

E as trombetas lançam os seus típicos:

Tarari, tarari, tarari... taratá... ta-ta-tá...

Não há dúvida de que é uma marcha. Sim, uma marcha. Claro, a mesma que sempre vibra nas paradas.

E a praça, orvalhada pelo sol que se filtra através da seda dos bordos, também é a mesma.

O maestro dirige a banda militar.

De frente para os seus subordinados, mostra as costas e, pela abertura do capote, sai-lhe um rabo, um rabo grande, arruivado, de raposa; na ponta do rabo tem enroscada uma pinha de ouro e à pinha está preso um diapasão.

Com o balancear do rabo, o diapasão dá o tom e indica às cornetas e aos trombones quando devem começar; se algum músico adormece e se atrasa, o diapasão logo lhe bate na testa.

Os músicos põem em acção os seus cinco sentidos. São músicos originais.

Soldados como tantos outros, pertencem a vários regimentos da Guarda Imperial. É uma banda mista.

Mas os músicos não têm nada que se pareça com uma boca. Por baixo do nariz a pele continua lisa. E levam incrustado o bocal da trombeta na venta esquerda do nariz.

A venta direita aspira o ar, a esquerda insufla-o na trombeta. Por isso os *taratás* são tão sonoros, alegres e especiais...

— Pre-pa-ra-dos! Em co-lu-na de hon-ra!

— Em co-lu-na de hon-ra... Ombro... armas!

— Regimento!

— Bata-lhão!

— Compa-nhia!

— Alinhar pela direita! Por pelotões!... Primeiro batalhão! Em frente... Marche!

As trombetas: tarari, tarari. As campainhas: tlin, tlin.

O capitão Chvetsov dança à cabeça dos couraceiros. Tem umas nádegas duras e pretas como presuntos. Um-dois-esquerdo-direito...

— Bravo, rapazes!

— Dram-am, av-gav-gav!
— O tenente! Que se apresente o tenente ao general!
— Qual tenente?
— O da terceira companhia. Govorukha-Otrok, que se apresente ao general!
O general está a cavalo no meio da praça. Tem uma cara corada, um bigode branco.
— Senhor tenente, que escândalo é esse?
— Ah-ah-ah... ah-ah-ah!
— Enlouqueceu? Está a rir-se? Vou dar-lhe... Sabe com quem está a falar?
— Oh-oh-oh!... O senhor não é um general, é um gato, Excelência!
A cavalo está o general. Da cintura para cima é um general como os outros, mas da cintura para baixo tem pernas de gato. Ainda se fossem de gato de raça, mas não, são de gato rafeiro, daqueles mesmo vulgares, cinzentos, de pêlo listado, sujo, que vagueiam pelos pátios e telhados.
Com as garras aferra-se aos estribos.
— Vou entregá-lo a um tribunal militar, tenente! Já se viu isto! Uma parada da Guarda, e de repente aparece um oficial com um umbigo ao contrário!
O tenente olha para si e fica atónito. Por baixo da faixa de São Jorge sai-lhe o umbigo com o intestino delgado, de cor esverdeada, e no entanto o próprio cordão umbilical gira vertiginoso e cintilante em círculos concêntricos. Agarra o umbigo e volta a pô-lo no seu lugar, mas ele salta uma e outra vez.
— Prendam-no! Por faltar ao juramento!
Tira o general a pata do estribo, mostra as unhas, estende-as para o agarrar, mas na garra há uma espora de prata e na espora, em vez da roseta, um olho.
É um olho normal, de íris amarela, redondinha e tão penetrante que entra até ao coração do tenente.
Fecha-se em carinhosa expressão e... fala! Não se sabe por que razão, mas aquele olho fala.
— Não tenhas medo!... Não tenhas medo!... Já passou tudo!
...Uma mão levantou um pouco a cabeça do tenente e este, ao abrir os olhos, viu um rosto muito magro, umas tranças caídas cor de açafrão e o mesmo olho de antes, carinhoso e amarelo.
— Pobrezinho! Que susto me pregaste! Uma semana inteira de tormento contigo! Já pensava que não conseguia salvar-te. Estamos sozinhos, completamente sós numa ilha. Sem remédios nem ajuda de ninguém. Curaste-te apenas com água fervida. Ao princípio só vomitavas... A água é má, salgada, e o intestino não a queria.

Com esforço iam penetrando na consciência do tenente as carinhosas palavras, cheias de inquietação.
Levantou-se um pouco e olhou à sua volta, sem compreender ainda.
Por todo o lado se viam pilhas de peixe. Ardia uma fogueira; por cima dele, de uma vareta de espingarda, pendia uma marmita, onde fervia água.
— Que é isto?... Onde estou?...
— Ah! Já te esqueceste? Não me conheces? Sou Mariutka!
Ele enxugou a testa com a mão fina, translúcida.
A recordar-se, teve um sorriso débil e respondeu num murmúrio:
— Sim... já me recordo. Robinson e Sexta-feira!
— Que coisa! Estás a delirar outra vez? Que mania essa da Sexta-feira! Eu já não sei em que dia estamos. Perdi por completo a conta.
O tenente voltou a sorrir.
— Isto não é um dia... É um nome... Há um romance em que se conta como um homem, depois de um naufrágio, foi parar a uma ilha deserta. O náufrago tinha um amigo e esse amigo chamava-se Sexta-Feira. Nunca o leste? — perguntou, enquanto se deitava de novo em cima da samarra e começava a tossir.
— Não... Li muitas histórias, mas essa não conheço. Deixa-te estar deitado, quietinho, sem te mexeres. Não vás tu adoecer outra vez. Entretanto vou cozer uns barbos. Comes e ganhas forças. Fica sabendo que em toda a semana só bebeste água. Estás transparente como um círio. Deixa-te estar deitado!
O tenente fechou os olhos com lassidão. Na sua cabeça ressoava lento um tilintar de cristal. Ao lembrar-se das trombetas com campainhas, riu baixinho.
— De que te estás a rir? — perguntou Mariutka.
— De nada. Lembrei-me de uma coisa... Quando delirava, tive um sonho muito engraçado.
— Sim, gritavas a dormir. Davas ordens, largavas palavrões... Houve de tudo. O vento uivava, ninguém à nossa volta, eu sozinha contigo, e tu, como se ainda fosse pouco, tinhas perdido o juízo. Senti mesmo medo — teve um calafrio — e não sabia que fazer.
— Como te arranjaste sozinha?
— Já vais ver como fiz. O que eu mais receava era que morresses de fome. Não tinha senão água. Os biscoitos que nos ficaram já tos tinha dado em sopas. Só tinha peixe. Mas para um doente peixe salgado não é grande coisa. Por isso, quando te mexias e abrias os olhos, foi como se me saísse de cima um grande peso.
O tenente estendeu a mão. Pôs os seus dedos finos, belos,

apesar de muito sujos, no braço da rapariga, afagou-o suavemente e disse:

— Obrigado, querida.

Mariutka corou e afastou-lhe a mão.

— Não tens de que me agradecer... Não há razão. Então eu ia deixar que um ser humano morresse? Que sou eu? Uma fera ou uma pessoa?

— Mas eu sou um cadete... Um inimigo. Valia a pena teres tanto trabalho por minha causa. Tu própria mal te aguentas de pé!

Mariutka ficou um instante calada, perplexa. Com um gesto depreciativo, rompeu às gargalhadas.

— Mas que inimigo és tu? Nem aguentas com as calças! É a minha sina. Não te matei logo. Falhou-me o tiro pela primeira vez na vida e a partir daí estou condenada a carregar contigo até ao fim. Toma lá! Come!

E aproximou-lhe do queixo a marmita, onde flutuava, gordurento, ambarino, um pedaço de lombo de esturjão. Duro e cheiroso, exalava um apetitoso e agradável vapor.

O tenente ia tirando bocadinhos da marmita e comendo-os com gosto.

— O que é mau é estar terrivelmente salgado. Queima a garganta.

— Que se há-de fazer? Se tivesse água doce, podia pô-lo de molho. Mas assim, é uma verdadeira desgraça. Peixe salgado e água salgada. Estamos aviados! Raios partam isto!...

O tenente afastou a marmita.

— O quê? Não queres mais?

— Não. Estou cheio. Come tu.

— Eu? Que o coma o diabo! Depois de uma semana, já me enjoa. Não o posso tragar.

O tenente, apoiado num cotovelo, continuava deitado.

— Ai... com que gosto eu fumava agora! — suspirou nostálgico.

— Sim? Porque não me disseste antes? Na mochila de Semianni ficou tabaco. Molhou-se um bocado, mas eu pu-lo a secar. Sabia que ias ter vontade... Os fumadores, depois de uma doença, ainda puxam mais para o tabaco. Aqui o tens.

O tenente agarrou emocionado na pequena bolsa. Os dedos tremiam.

— És de ouro puro, Mariutka. Melhor que uma ama.

— Pelo que vejo, não podes passar sem amas — respondeu Mariutka secamente, pondo-se corada.

— O pior é que não há papel. Esse vosso *agroselhado* tirou-me todo o que eu trazia e o cachimbo perdeu-se.

— Papel?... — repetiu Mariutka pensativa.

Depois, com decisão, virou a samarra com que o tenente estava tapado, meteu a mão na algibeira e tirou um pequeno embrulho.

Desatou o cordel e ofereceu ao tenente várias folhas de papel.

— Toma, faz o cigarro.

O tenente pegou nas folhas e observou-as. Os seus olhos ergueram-se para Mariutka. Brilhavam perplexos com um fulgor azul.

— Mas são os teus versos! Estás em teu juízo? Eu não os quero!

— Fica com eles, maldito diabo! Não me despedaces mais o coração! Raios partam isto!...

O tenente olhou-a fixamente.

— Obrigado. Nunca o esquecerei!

Rasgou um pedacinho de uma ponta, fez com ele um cartucho em forma de cachimbo e, depois de o encher com tabaco, acendeu-o. Através das volutas de fumo, ficou olhando para longe.

Mariutka, que observava com muita atenção, inquiriu de repente:

— Por mais que te olhe, não entendo. Porque tens uns olhos tão azuis? Nunca na minha vida vi em parte alguma uns olhos assim. São de um azul tão profundo que pode uma pessoa afogar-se neles.

— Não sei — respondeu o tenente. — São assim desde que nasci. Muita gente diz que têm uma cor estranha.

— E é verdade... Quando te fizemos prisioneiro, pensei logo: «Que olhos os deste homem!» São perigosos!

— Para quem?

— Para as mulheres. Enfiam-se pela alma. Inquietam.

— A ti também te inquietaram?

Mariutka corou.

— Não perguntes essas coisas! Olha que diabo! Deixa-te estar aí deitado. Vou num instante buscar água.

Levantou-se e pegou na marmita com indiferença, mas, ao sair pelo corredor entre as pilhas de peixe, voltou-se alegremente e disse, tal como antes dissera:

— Meu tontinho, de olhinhos azuis!

Capítulo oitavo

NO QUAL NADA HÁ PARA ESCLARECER

Sol de Março, viragem para a Primavera.

Sol marçagão sobre o Aral, que afaga suave o seu veludo azul

e mordisca com cálidos dentes, fazendo ferver nas veias o sangue da mulher e do homem.

Era o terceiro dia que o tenente se levantava.

Sentado à porta do telheiro, aquecia-se ao sol, contemplando a vida em volta com olhos alegres, de ressuscitado, azuis como o mar. Entretanto, Mariutka percorria toda a ilha.

Da última vez, ao voltar da sua exploração pelo cair da tarde, anunciou com júbilo:

— Ouve. Amanhã mudamo-nos para outro lado!

— Para onde?

— Para ali. Mais longe. A umas oito verstas.

— E o que há por lá?

— Uma casinha de pescadores. Um verdadeiro palácio. Seca, sólida. Até os vidros das janelas estão inteiros. Tem o seu forno, tem alguma louça, embora partida, em cacos... Tudo aproveitável. E o que é principal, o chão é de madeira. Não precisamos de nos deitar na terra. Era para ali que devíamos ter ido logo.

— E quem adivinhava?

— Claro. Além disso, descobri um tesouro. Magnífico achado!

— O quê?

— Uma despensa que lá há, atrás do forno, para as provisões. E ainda lá deixaram algumas coisinhas. Arroz e uns oito quilos de farinha. Já com algum bolor, mas pode-se comer. Com certeza pelo Outono, com o começo dos temporais esqueceram-se dela com a pressa. Agora viveremos, não há razão para nos afligirmos.

No dia seguinte, pela manhã, fizeram a mudança. À frente ia Mariutka carregada como um camelo. Carregou tudo, não consentiu que o tenente levasse nada.

— Deixa-me em paz. Não vás tu adoecer outra vez! Ainda era pior para mim. Não tenhas medo! Eu consigo levar tudo até lá. Pareço fraca, mas tenho muita força.

Por volta do meio-dia chegaram à casinha. Tiraram a neve da entrada e prenderam com uma corda o batente da porta que saltara dos gonzos. Depois de encherem o forno com carpas acenderam-no e, sorridentes de felicidade, sentaram-se diante do fogo.

— De primeira! Como reis!

— Foste magnífica, Mariutka. Ficar-te-ei agradecido por toda a vida... Sem ti teria morrido.

— Um senhorito como és, naturalmente!

Ficou em silêncio uns instantes esfregando as mãos sobre o fogo, e perguntou:

— Bom, agora já temos calor... Mas que vamos fazer daqui em diante?

— Esperar. Não se pode fazer outra coisa.

— Esperar o quê?

— A Primavera. Já não falta muito. Estamos em meados de Março. Mais uns quinze dias e voltarão os pescadores. Vêm com certeza, para pescar, e hão-de ajudar-nos.

— Se for assim, não será mau... Porque com peixe e farinha com bolor não aguentaremos muito tempo. Mais duas semaninhas e acabou-se. Raios partam isto!...

— Porque andas sempre com os raios às voltas? Onde aprendeste isso?

— Diz-se na nossa terra. Os pescadores falam assim para não dizerem palavrões. Não me agradam os nomes feios, embora uma vez por outra com a raiva os deixe sair. Sempre se desabafa...

Virou o peixe no forno com a vareta e perguntou:

— Tu falaste-me de um romance que se passa numa ilha. De um tal Sexta-feira. Conta-me para que o tempo não passe em vão. Sou louca por histórias. A casa de minha tia era costume irem as mulheres do bairro e levavam com elas a velha Gukhnikha. Teria uns cem anos, se é que não tinha mais. Até se lembrava de Napoleão *Boaspartes*. E mal começava a contar, eu encolhia-me a um canto, a escutar, muito quietinha. Quase tinha medo de respirar, não fosse perder alguma coisa.

— Queres que te conte a história de Robinson! Metade já eu esqueci. Passou tanto tempo desde que a li.

— Tenta lembrar-te. É tudo o que recordares conta-me.

— Bom, vou tentar...

O tenente semicerrou os olhos, esforçando-se por recordar.

Mariutka estendeu a samarra no nicho junto do forno e meteu-se naquele canto.

— Senta-ta aqui. Está mais quente!

O tenente também lá se meteu. O forno irradiava já um alegre calor.

— Porque não falas? Começa! Estou cheia de vontade de saber. Morro por histórias!

Apoiando-se nos cotovelos, o tenente começou:

— Vivia na cidade de Liverpool um homem rico. Chamava-se Robinson Crusoe...

— Onde fica essa cidade?

— Na Inglaterra... Vivia portanto um homem rico, chamado Robinson Crusoe...

— Espera!... Dizes que era rico? Mas por que razão em todas as histórias se fala só nos ricos e nos tsares? Dos pobres nunca escrevem histórias.

— Não sei — respondeu o tenente perplexo. — Nunca tinha pensado nisso.

— Deve ser porque eram os próprios ricos que escreviam as histórias. É o que me acontece a mim. Quero escrever versos mas

não tenho instrução para isso. Se a tivesse, que coisas lindas eu escreveria acerca dos pobres! Mas não interessa, eu aprenderei e hei-de escrever.

— Pois bem, como te ia dizendo, o tal Robinson Crusoe teve a ideia de fazer uma viagem à volta do mundo. Para ver como viviam as pessoas. E saiu da cidade num grande barco à vela...

Crepitava o fogo no forno; as palavras do tenente caíam lentas, com intervalos iguais, como gotas de água.

Pouco a pouco ia recordando e procurava contar tudo com todos os pormenores.

Mariutka continuava imóvel, muito atenta, lançando exclamações de entusiasmo nos momentos mais culminantes.

Quando o tenente descreveu o naufrágio do barco, Mariutka encolheu os ombros desdenhosa e perguntou:

— Portanto, afogaram-se todos menos ele?

— Todos.

— Esse comandante devia ter menos miolos que um mosquito ou então tinha bebido tanto que já nem via. Eu não posso acreditar que um capitão deixe morrer toda a tripulação de uma maneira tão estúpida. Quantos barcos e barcaças não se terão afundado no Cáspio! E só se afogam dois ou três pescadores, os outros salvam-se numa jangada.

— Nem sempre. Olha o Semianni e o Viákhir como se afogaram. Portanto tu és uma má capitã ou então também bebeste.

Mariutka ficou espantada.

— Como tu tens resposta para tudo, raios partam isto!... Bom, continua.

Ao chegar ao aparecimento de Sexta-feira, voltou a interrompê-lo:

— Ah! Por isso tu me chamavas Sexta-feira. Como se fosses tu o Robinson?... E dizes que Sexta-feira era negro? Vi uma vez um negro. No circo de Astrakan. Com muito cabelo. E uns lábios assim... enormes... Tinha uma cara que causava espanto! Nós, as rapariguinhas, corríamos atrás dele, a irritá-lo. Ele zangava-se muito e espantava-nos à pedrada.

Ao ouvir a agressão dos piratas, voltou para ele os olhos cintilantes:

— Dez contra um ? Que miseráveis! Raios partam isto...

O tenente terminou a sua história.

Ela, sentindo-se feliz, encostou a cabeça ao ombro do tenente e ronronou sonolenta:

— Foi muito bonito. E sabes muitas histórias como essa? Hás-de contar-me uma todos os dias.

— Gostas?

— Muito. Até fico a tremer. Assim os dias vão parecer mais pequenos. Passará o tempo sem se sentir.

O tenente bocejou.

— Tens sono?

— Não... Sinto-me fraco. Foi da doença.

— Ai, molengão!

Mariutka voltou a levantar a mão e de novo a passou pelo cabelo do tenente. Ele, espantado, ergueu para ela as suas íris azuis.

O seu olhar era uma carícia suave que ia penetrando no coração da rapariga. Esquecida de tudo, inclinou-se para a cara magra dele e apertou contra a barba crescida os seus lábios gretados e secos.

Capítulo nono

ONDE SE DEMONSTRA QUE, AINDA QUE NÃO EXISTAM LEIS PARA O AMOR, É A EXISTÊNCIA QUE DETERMINA A CONSCIÊNCIA

Na lista de mortos de Mariutka, o tenente da Guarda Govorukha-Otrok devia ter sido o quadragésimo primeiro.

Mas foi o primeiro na lista de felicidades da rapariga.

Nasceu no coração de Mariutka uma irresistível afeição pelo tenente, pelas suas mãos finas, pela sua voz serena e, principalmente, pelos seus olhos, de um azul extraordinário.

Aquele azul iluminava a vida.

Ficaram então atirados para o esquecimento o triste mar de Aral, o repugnante gosto do peixe salgado e da farinha com bolor; desvaneceu-se sem deixar sinais a imprecisa ânsia pelo mundo que, fragoroso, se agitava para além daquelas águas escuras. Durante o dia, dedicava-se à sua lida habitual, fazia tortas no forno, guisava o mesmo esturjão de que já estava pelos cabelos e que lhe provocava umas pequenas chagas redondas nas gengivas inflamadas, e só de vez em quando vinha à praia para ver se avistava, adejando em voo inclinado, a tão esperada vela de algum barco.

Ao entardecer, quando o Sol escasso descia do céu primaveril, ia para o seu cantinho junto do forno e, muito encolhida, apertava-se meiga contra o ombro do tenente. E escutava.

Muitas coisas ele contava. E sabia contar.

Os dias deslizavam lentos, oleosos como as vagas.

Uma vez o tenente — que se deleitava à porta do casebre, ao sol, contemplando como os dedos da rapariga arrancavam, com a sua habitual destreza, as escamas de uma carpa bem gorda —

exclamou de repente, semicerrando os olhos e encolhendo os ombros:

— Ora!... Tolices! Para o diabo!...

— Que estás a dizer, querido?

— Digo que são tolices... Tudo na vida é pura tolice. Os primeiros conceitos, as primeiras ideias que incutem em nós. Parvoíces. Sinais convencionais, como nos mapas topográficos. Tenente da Guarda! Para o diabo com o tenente da Guarda. O que eu quero é viver. Ando neste mundo há vinte e sete anos e vejo que nada vivi ainda. Gastei montes de dinheiro, vadiei por todos os países na busca febril de algum ideal, enquanto me consumia um tédio, uma tristeza de morte por causa do vazio e da insatisfação. Mas agora penso: se alguém então me tivesse dito que os dias mais pletóricos da minha existência os ia passar aqui nesta estúpida língua de areia, e no meio deste mar idiota, nunca o acreditaria. De maneira nenhuma.

— De que dias estás a falar?

— Os mais pletóricos. Não compreendes? Como hei-de explicar para que me entendas? Bem, uns dias em que uma pessoa em vez de se sentir em hostil oposição ao mundo inteiro, partícula isolada para uma luta independente, se dilui por completo nesta massa terráquea — e estendeu o braço num largo gesto. — Agora sinto-me confundido com ela, indissoluvelmente. O seu alento é o meu alento. Ouves o respirar da maré?... Não é ela que respira, sou eu, é a minha alma, o meu corpo.

Mariutka largou a faca.

— Tu falas como as pessoas instruídas e nem todas as tuas palavras as entendo. Mas dir-te-ei muito simplesmente que sou feliz agora.

— São palavras diferentes mas exprimem o mesmo. E agora imagino: como seria bom não me ir embora destas absurdas areias ardentes, ficar aqui para sempre, a derreter sob este sol de veludo, viver como uma fera feliz...

Mariutka olhava concentrada para a areia. Como se procurasse recordar qualquer coisa de muito preciso. Começou a rir inesperadamente e respondeu em tom de desculpa:

— Já chega de areiazinhas!... Eu não ficava aqui. Ganha-se muita preguiça e pode-se acabar sem forças para nada. Nem sequer se tem a quem mostrar a felicidade. Em volta não há mais que peixes mortos. Oxalá os pescadores venham depressa. Com certeza que Março já está a dar os últimos suspiros. Sinto muito a falta de pessoas vivas.

— Seremos nós cadáveres?

— Não. Estamos vivos, mas quando acabar a farinha que nos resta, a que tem mais bolor, e que só dá para uma semana, e o escorbuto nos comer, então é que veremos como elas doem. Além disso, tens de compreender, querido, que não estamos em tempo de ficar sentadinhos ao calor do forno. Além, com certeza os nossos se batem; derramam o seu sangue. Cada braço conta. E numa situação como esta, eu não posso ficar aqui, gozando, sem fazer nada. Não foi para isso que fiz o meu juramento de combatente vermelha.

Os olhos do tenente tiveram um sobressalto.

— Mas o que queres fazer? Voltar a ser soldado?

— Com certeza!

O tenente, depois de um momento de silêncio, em que dava voltas entre os dedos a uma apara seca arrancada da ombreira da porta, começou a verter as suas palavras num lento e contínuo ribeiro:

— Como és estranha! Olha, Mariutka, vou dizer-te uma coisa. Estou até à ponta dos cabelos com todas estas loucuras. Quantos anos de sangue e de rancores! Eu não me fiz soldado desde os cueiros. Houve um tempo em que tinha uma vida humana, boa. Antes da guerra com a Alemanha era estudante; estudava filologia. O meu trabalho eram os livros, os meus adorados e fiéis livros. Tinha muitos. Três paredes em minha casa estavam cheias deles, até cima. Por vezes, lá fora, na rua, o nevoeiro de Petersburgo lançava a sua húmida garra às pessoas e tragava-as, mas em minha casa ardia a lareira, bem acesa, e a lâmpada por baixo do quebra-luz azul. Bem recostado numa poltrona, com um livro na mão, sentia-me como agora, completamente livre de preocupações. A alma florescia e eu até ouvia o murmúrio das pétalas a abrirem-se. Como a amendoeira na Primavera. Compreendes?

— Sim, sim... — concordou Mariutka receosa.

— Pois bem, num fatídico dia tudo aquilo rebentou, explodiu em estilhaços pelos ares e foi para os infernos... Lembro-me daquele dia como se fosse hoje. Eu estava na minha casa de campo, no terraço, até recordo que lia um livro. Foi por um entardecer triste, purpúreo, que tudo tingia da cor do sangue. Meu pai veio da cidade de comboio. Chegou agitado da estação, com um jornal na mão. Não disse mais que uma palavra, mas aquela palavra pesava como uma laje de chumbo... A guerra! Terrível palavra! Tão sangrenta como o entardecer. E meu pai acrescentou: «Vadim, o teu bisavô, o teu avô e eu corremos ao primeiro apelo da pátria. Confio em que tu...» Não confiava em vão. Deixei os livros e fui, porque então era sincero...

— Parvoíces! — exclamou Mariutka assombrada. — Então se o meu pai, bêbado, der cabeçadas na parede, eu tenho de fazer o mesmo? Não consigo entender isso.

O tenente suspirou.

— É verdade... Isso não o podes compreender. Nunca pesou sobre ti a carga do nome, da honra da família, do dever... E nós apreciávamos muito tudo isso.

— Bom, e depois?... Eu também amava muito o meu defunto pai; mas se ele era um bebedolas sem vergonha, eu não era obrigada a seguir o seu caminho. Teria mandado o bisavô para a bisavó.

O tenente torceu a boca, em malicioso sorriso.

— Não o mandei. E a guerra perdeu-me. Com as minhas próprias mãos enterrei vivo o meu coração na podridão universal, naquela repugnante fossa. Chegou a revolução. Eu acreditava nela como numa noiva... E ela... Durante toda a minha vida de oficial nunca toquei num soldado, nem com um dedo; mas a mim, na estação de Gomel, uns desertores agarraram-me, espancaram-me, arrancaram-me os galões, cuspiram-me na cara e sujaram-me com o esterco da retrete. Que fiz eu para merecer aquilo? Fugi e consegui chegar aos Urales. Acreditava ainda na pátria. Ansiava voltar a combater pela pátria escarnecida. Pelos meus galões desonrados. Combati e vi que não existe pátria, que a pátria é um descampado tão grande como a revolução. Que ambas gostam de sangue. E que pelos galões não vale a pena fazer a guerra. Então, recordei a única e verdadeira pátria do homem: o pensamento. E de novo me lembrei dos livros, quero voltar para eles, mergulhar neles, pedir-lhes perdão, viver na sua companhia para sempre, e quanto à humanidade, à pátria, à revolução, à podridão da maldita, cuspir-lhe no focinho.

— De maneira que... a Terra vai partir-se ao meio, as pessoas procuram a verdade, atormentam-se, vertem o seu sangue, e tu, entretanto, mandrião, vais ficar a ler historietas deitado junto do forno?

— Não sei... Nem quero saber de nada — gritou frenético o tenente, pondo-se de pé num salto. — Só sei uma coisa: que vivemos no ocaso da Terra. Tens razão em dizer que ela se parte ao meio. Sim, parte-se, quebra-se a velha canalha! Toda arrasada, estripada. Morre precisamente dessa desolação. Antes era jovem, fértil, inexplorada, seduzia com o encanto de novos países e de incalculáveis riquezas. Mas isso acabou. Já nada há de novo para descobrir. Toda a astúcia do homem é empregada para conservar o que acumulou, para subsistir uns séculos, uns anos, uns minutos mais. Técnica. Números mortos. E o pensamento, esterilizado pelos números, debate-se em problemas de extermínio. Exterminar o maior número possível de gente, para que os que fiquem possam continuar a encher a pança e as algibeiras. Para o diabo!... Eu não quero outra verdade senão a minha. Será que os teus bolcheviques descobriram a verdade? Transformar a alma viva do homem por

um vale e uma ração? Basta! Eu já estou fora disso! Não quero manchar-me mais!

— Muito asseadinho é, senhorito! Quer sua senhoria que os outros fossem na merda por si?

— Sim! Que o façam, irra! Que o façam outros que gostem disso. Ouve-me, Mariutka. Quando conseguirmos sair daqui, iremos para o Cáucaso. Lá, perto de Sukhumi, tenho uma casita de campo. Vou enfiar-me na minha casinha para me dedicar aos livros, e para o diabo com tudo o mais! Vida aprazível, tranquilidade. Não quero mais verdade, estou farto, só anseio por serenidade. E tu estudarás. Pois também o desejas, não é verdade? Tu própria te queixavas da tua falta de instrução. Hás-de tê-la. Farei por ti o que for preciso. Salvaste-me da morte e isso nunca se esquece.

Mariutka levantou-se com brusquidão. Mordendo as palavras, lançou-lhe uma censura cheia de dureza:

— Se não compreendi mal, queres que refocilemos os dois, em fornicação, num colchão de penas, enquanto os outros lutam com todas as suas forças pela sua verdade e nós nos regalamos com bombons, quando cada um deles está manchado de sangue? Não é isso?

— Porque dizes as coisas tão grosseiramente? — perguntou ele com pena.

— Grosseiramente? A ti tem de se dar tudo com doçura, com molhinho bem açucarado? Não, ouve-me! Tu difamaste a verdade bolchevique. Dizes que não queres saber dela para nada. Mas alguma vez a conheceste? Sabes em que consiste? Como está empapada de suor salgado e lágrimas humanas?

— Não sei — respondeu com tédio o tenente. — O que causa estranheza é que tu, uma rapariga, tenhas endurecido tanto, ao ponto de já sentires atracção por aniquilar, matar, juntamente com essas hordas de borrachos e piolhosos.

Mariutka pôs as mãos na cintura e arremessou-lhe com coragem:

— Eles poderão ter piolhos no corpo, mas tu tens piolhos na alma, aos montes. Até tenho vergonha de me ter ligado a um tipo como tu. Verme rasteiro, cheio de baba! Mariutka, vamos para a cama fornicar, viver tranquilos na casinha — continuou, imitando-o. — Outros, dobrando a espinha, desbravam os campos, enquanto tu... Filho da puta!

O tenente corou e apertou muito os lábios.

— Não insultes!... Não passes o risco!... Labrega!

Mariutka avançou para ele, levantou a mão e, com todas as suas forças, deu-lhe um bofetão na cara escaveirada, por barbear.

O tenente recuou cambaleante, trémulo, punhos crispados. E lançou com voz entrecortada:

— Tens sorte em ser mulher! Odeio-te... Miserável!

E entrou rapidamente no casebre.

Mariutka, desorientada, ficou a olhar a mão que ainda lhe ardia e, sacudindo-a, disse sem se saber para quem:

— Vejam bem o geniozinho que tem o senhor! Raios partam isto!...

Capítulo décimo

ONDE O TENENTE GOVORUKHA-OTROK OUVE O ESTRONDO DE UM MUNDO QUE MORRE E O AUTOR DECLINA TODA A RESPONSABILIDADE PELO DESENLACE

Depois da zanga, o tenente e Mariutka estiveram três dias sem se falarem. Mas numa ilha não é assim tão fácil o silêncio. E a Primavera reconciliou-os. Espalhava-se por todo o lado ao mesmo tempo, em incontível avanço, irradiando calor.

Havia muito tempo que os seus cascos de ouro tinham partido a ténue blindagem de neve que cobria a ilha. E esta tornou-se suave, de um vivo tom canário, sobre o cristal escuro da água espessa.

Ao meio dia a areia queimava as mãos que lhe tocavam.

No azul carregado do mar, como um aureo disco flamígero, resplandecia o sol, loução, arejado pelos ventos do degelo.

E o sol, os ventos do degelo e o escorbuto, que começava a atormentá-los, aplacaram por completo os últimos ímpetos dos dois. Já não estavam para zangas.

Passavam os dias sempre na praia, deitados na areia, sem afastar os olhos do denso cristal, procurando com os olhos inflamados alguma vela no horizonte.

— Ah, acabou-se-me a paciência! Se dentro de três dias não vierem os pescadores, pum! mato-me com um tiro — garantiu Mariutka, em desespero, fitando o impassível e intenso azul.

O tenente soltou um leve assobio.

— Olha! Chamaste-me verme rasteiro, cheio de baba, e és tu que te rendes? Aguenta, cossaco, e serás ataman. Ataman de bandidos, claro, pois não te resta outro caminho!

— Para que estás a remexer em coisas passadas? Que maçador! Águas passadas não movem moinhos. E se te disse aquelas coisas boas razões tinha. Rebentou-me a raiva que tinha cá dentro, porque és um franganito, um garoto sem experiência. Dá-me coragem! Que pouca sorte a minha! Agarraste-te a mim, tiraste-me o sossego, viraste-me o coração e as entranhas do avesso, diabo de olhos azuis!

O tenente deixou-se cair de costas sobre a areia ardente e, rindo às gargalhadas, agitou as pernas no ar.

— Que te aconteceu? Porque estás a armar em tonto?

Ele continuou com o seu riso.

— Eh maluco! Fala de uma vez!

Mas o tenente só deixou de rir quando Mariutka lhe deu um murro nas costas.

Sentou-se, a enxugar as lágrimas do riso.

— Porque estás a rir dessa maneira?

— Vales um dinheirão, Maria Filátovna. Pões de bom humor seja lá quem for. És capaz de pôr um defunto a dançar!

— Mas que julgas tu? Que é melhor baloiçar sem fim na água, como um tronco cercado de gelos, que não vá parar à costa, nem sequer à que tem em frente? Para que tu próprio enjoes e outros sintam vontade de vomitar ao ver-te?

Ele voltou a rir à gargalhada. E disse a Mariutka dando-lhe leves palmadas no ombro:

— Glória a ti, rainha das amazonas! Sexta-feira amigo! Transformaste-me por completo, injectando-me o elixir da vida. Não quero baloiçar mais na água, entre gelos como esse tronco da tua metáfora. Eu próprio me apercebo de que é cedo para voltar aos livros. Ainda tenho de viver, de ranger os dentes e morder como os lobos, para que os outros sintam que também tenho colmilhos!

— Como? Será possível que te tenhas espevitado?

— Sim, espevitei-me, minha pomba! Obrigado pelas tuas lições! Se agora nos enfrascamos em livros, e vos deixamos a vós a terra em pleno domínio, fareis nela tais tropelias que cinco gerações irão verter depois lágrimas de sangue. Minha querida tontinha. Posto que a cultura vai contra a cultura, há que seguir até ao fim. Até que...

Deixou de falar, como se o alento lhe ficasse suspenso.

As suas íris azul-marinho ficaram fixas no horizonte, acesas num jubiloso fulgor.

Estendeu para lá a mão e proferiu com voz tranquila e trémula:

— Uma vela.

Mariutka levantou-se rápida, como que impelida por uma força interna, e viu que ao longe, muito ao longe, na ténue risca anil entre o céu e o mar, surgia de quando em quando uma chamazinha branca, oscilante: uma vela que o vento inchava.

Apertou com as mãos o peito agitado, sem acreditar ainda no que os seus olhos viam, cravados naquele alvo estandarte há tanto tempo esperado. Com um pulo, o tenente colocou-se a seu

lado, agarrou-a com ambas as mãos, apertando-a ao peito, e começou a bailar com ela, obrigando-a a girar em torno dele.

Levantava muito as pernas magras, enfiadas nas calças andrajosas, enquanto cantava em gritaria:

Bran-queia uma ve-la so-li-tá-ria
no bru-mo-so- mar a-zul
Bim-bam, bim-bum...
Mar a-zul!

— Larga-me, doido! — pediu ela, escapando alegre, ofegante.

— Mariutka, minha tolinha, rainha das amazonas! Estamos salvos! Salvos!

— Diabo maluco! Pelo que vejo, agora já tens gana de sair da ilha e voltar à vida, com as pessoas?

— Tenho muito gana, tenho! Já te disse que tinha!

— Espera! Temos de fazer sinais! Chamá-los!

— Para quê? Eles vêm!

— E se forem para outra ilha? Os *menakanes* diziam que por aqui há uma infinidade delas. Podem passar ao largo. Traz uma espingarda de casa.

O tenente correu para o casebre. E logo saiu empunhando uma espingarda e atirando-a ao ar.

— Não te faças parvo! — gritou-lhe Mariutka. — Dispara três vezes seguidas.

O tenente meteu a arma à cara. Os secos estampidos quebraram o silêncio de cristal; a cada tiro o tenente cambaleava e só agora notava quanto estava fraco.

A vela via-se já com clareza. Grande, de uma cor amarelo-rosada, avançava roçando impetuosa pela água, como a asa de um pássaro alvoroçado.

— Acho estranho... — murmurou Mariutka, enquanto observava atenta. — Que barco será aquele? Não parece de pescadores. É grande de mais.

Na embarcação tinham ouvido os tiros. Balanceou a vela, virou para a outra borda e, inclinando-se, enfiou rápida para a praia.

Por baixo da asa amarelo-rosada emergiu do azul, a pouca altura, o casco negro do barco.

— Tem de ser forçosamente algum barco de vigilância de pesqueiros — disse Mariutka, baixando a voz. — Mas o que não entendo é porque ronda por aqui neste tempo...

A uns cem metros da costa, o barco virou de novo, a bombordo. Na ré ergueu-se a figura de um homem que, levando as mãos à boca, à maneira de porta-voz, gritou qualquer coisa.

O tenente estremeceu, lançando-se para a frente, atirou precipitadamente a espingarda para a areia e, com dois saltos, ficou mesmo à beira-mar. Estendendo os braços, começou a vociferar com frenesi:

— Hurrá!... São os nossos!... Depressa, senhores, venham depressa!

Mariutka cravou na barca o olhar ansiosa e viu... que nos ombros do que empunhava o leme brilhavam franjas douradas.

Agitou-se de um lado para o outro como uma pata alarmada e ficou encolhida e convulsa.

A memória, como um relâmpago, iluminou por um instante diante dos seus olhos um fragmento do passado recente:

Gelo... Água turquesa... O rosto de Evsiukov. As suas palavras: «Se por acaso tropeçardes com os brancos, não consintas que o apanhem vivo.»

Com um gemido de dor, mordeu os lábios e apanhou a espingarda arremessada para a areia.

O grito de Mariutka ressoou desesperado:

— Eh, tu... cadete ascoroso! Para trás!... Estou a dizer-te que venhas para trás, diabo!

O tenente, agitando os braços, continuava de pé, com água pelos tornozelos.

De repente, ouviu nas suas costas o estrondo ensurdecedor e solene de um mundo que se afundava no fogo e na tempestade. Não teve tempo de compreender porque se afastara de um salto para se salvar da catástrofe, e aquele fragor de grande naufrágio foi para ele o último ruído terreno.

Mariutka, com olhos de assombro, olhava o que tombara, movendo involuntariamente o pé esquerdo.

O tenente caíra, mergulhando a cabeça na água. Pelo cristal oleoso corriam em diferentes direcções riachos vermelhos que brotavam do crânio destroçado.

Mariutka aproximou-se e baixou-se. Soltando um grito, rasgou o dólman pelo peito e deixou cair a espingarda.

Na água, preso pelo fio rosado do nervo, fora da sua órbita, flutuava um olho, com ténue oscilação. Tão azul como o mar, fitava-a atónito e queixoso.

Chapinhando de joelhos na água, tentou levantar aquela cabeça inerte, tão de repente desfigurada, caiu sobre o cadáver começou a esfregar a cara contra aqueles despojos, manchando-se com o sangue, enquanto gemia com angústia, mansamente:

— Meu pobrezinho! Que fiz eu? Acorda, minha vida, olhinhos azuis!

Da barca, encalhada na areia, alguns homens olhavam perplexos.

A. ZÓRITCH

A. Zóritch é o pseudónimo do escritor Vassili Lókot (1899-1937), pertencente à geração de escritores soviéticos que entraram na literatura nos primeiros anos da Revolução. Nas décadas de 20 e 30, os contos e artigos satíricos de A. Zóritch apareciam no *Pravda* e no *Izvéstia* e muitas vezes foram publicados em edições especiais. Muitos dos seus contos são dedicados a acontecimentos da Revolução e da guerra civil e a Lénine.

O conto *A Afronta*, escrito com grande vigor dramático, foi inspirado num episódio da vida do famoso microbiologista russo D. Zabolótski.

A AFRONTA

O comboio chegou ao anoitecer, quando atrás dos enormes vidros das janelas da estação, que há muito não eram lavados, se cingia já uma densa e negra bruma.

Cansada de tanto esperar, a multidão precipitou-se violentamente pelos estreitos corredores que levavam ao cais. Era a variegada, turbulenta e inesquecível multidão do ano de 1919. O silvo da locomotiva era para ela como um toque de cornetim chamando para o assalto. Com gritos e pragas, correu para os vagões de mercadorias, varrendo do seu caminho os obstáculos do cais; ouviram-se gritos e guinchos de mulheres, o assustado choro das crianças, o ranger de cestos e baús e o tilintar de vidros partidos. Um minuto depois a sala de espera já estava vazia.

O último a seguir para o cais foi um ancião que vestia um sobretudo forrado de pele com grande gola, já fora de moda. Levava nas mãos uma cesta de casca de tília. O seu rosto lembrava Herzen no maravilhoso retrato de Gué e saltava imediatamente aos olhos: tinha uma bela e ampla testa de pensador e aquele olhar concentrado, profundo e um tanto ausente das pessoas de intensa vida intelectual. Era um famoso microbiologista, era um professor russo, que gozava de fama mundial pelas suas investigações sobre a peste no Oriente; foi depois académico, adquiriu uma popularidade enorme, presidiu a uma das mais im-

portantes instituições científicas da União Soviética e foi eleito muitas vezes, para o Parlamento da República.

Mas naquele momento não era ainda tão conhecido; além disso corria o ano de 1919, em volta tudo borbulhava e fervia como numa caldeira, as ciências tinham passado a segundo plano, e os méritos ganhos nos gabinetes não eram tomados muito em consideração.

Estivera pela manhã, para pedir que lhe reservassem um bilhete de comboio, no Comité Executivo do Soviete daquela pequena cidade, em cujas proximidades trabalhara três meses, combatendo uma epidemia, e entesourara valiosíssimos dados científicos. Porém, o Comité Executivo estava reunido há vinte e quatro horas e o professor não conseguiu o seu objectivo. Em vão o fizeram esperar duas horas e, em vez de um bilhete para o comboio, entregaram-lhe, sem que se soubesse a razão, um vale para que o Comité de Abastecimentos lhe entregasse os produtos que se davam às pessoas que se encontravam em comissão de serviço. O vale especificava que lhe cabiam dois arenques do Cáspio, uma caixa de insecticida e, além disso, tomando em consideração os seus grandes méritos científicos, seis botões de osso para a sua roupa interior. O professor sorriu ao ler o vale e quis entrar no gabinete do presidente do Soviete, mas o guarda, que se encontrava sentado à porta, disse-lhe que a reunião estava no seu ponto mais alto e que lhe tinham dado ordens para não deixar entrar nenhum «chato». Aquela palavra feriu-lhe o ouvido.

— Sou um cientista — disse, erguendo-se muito digno.

— Agora não há cientistas — replicou logo o guarda. — Já não estamos no velho regime.

O professor foi-se embora e, na estação, conseguiu com grandes dificuldades entrar no escritório do chefe. Mas aquele homem, desgrenhado, com barba de muitos dias, aturdido, encharcado em suor e com os olhos vermelhos pela falta de sono, gritou-lhe sem o deixar acabar:

— Não posso, camarada, não posso fazer nada. Somos poucos e não chegamos para tudo. Ainda me põem maluco! É o que lhe digo, professor, há dois dias que não encontro lugar para o cozinheiro de um Estado-Maior! Está a ouvir? O cozinheiro de um Estado-Maior. Ainda não consegui despachar um carregamento de arenques! Compreende? Arenques! E vem o senhor falar-me de nem sei que micróbios!

Aquele pequeno e banal incidente deixou o professor muito contrito. Era um homem honesto, que não vivia divorciado da sociedade, e os acontecimentos que se produziam no país alegravam-no profunda e sinceramente. Mas a ciência, que para ele era tudo na vida, a ciência, a que sacrificara tanto anos, energias, conhecimentos e a alma, parecia-lhe condenada a morrer no vertiginoso e incontrolável turbilhão da revolução. Em volta tudo rangia e se desmoronava. Fechavam-se as universidades, pereciam valiosíssimos laboratórios e bibliotecas, e ele pensava com angústia que aquilo não eram episódios casuais e inevitáveis da guerra, mas o princípio do fim, da catástrofe, porque no país, inculto, selvagem, o povo que tinha tomado o poder não poderia apreciar, proteger nem amar a ciência e os homens a ela dedicados, e tudo ficaria à mercê do acaso, tudo voltaria a ser como cem anos atrás. Meditava acerca da situação e parecia-lhe que passava a primeiro plano aquilo a que ele, mentalmente, chamava ideias utilitárias: as pessoas em toda a parte não faziam mais que distribuir, reunir, recolher, e aquilo assenhoreara-se da vida, enquanto os problemas da cultura se viam cada vez mais relegados e os homens a ela dedicados tornavam-se estranhos para todos, eram incompreendidos e desnecessários.

Aquele pequeno e banal incidente no Comité Executivo e na estação tinham-no enchido de amargura porque, na sua opinião, confirmava mais uma vez os seus angustiosos pensamentos e dúvidas. Não era um ambicioso nem um áugure ególatra, como o eram muitos na fechada casta professoral, e não procurara e nunca exigira honras nem provas de gratidão. Mas a vida que tinha vivido até então tornava-o merecedor, em sua opinião, de que cuidassem dele e lhe prestassem determinadas atenções. No entanto tinham-lhe mandado com indiferença dois arenques e seis botões e tinham-lhe dito que se fosse embora, chamando-lhe «chato». Havia cinquenta anos que lutava pelo triunfo e pela liberdade da razão humana e, em sua opinião, o seu nome, a sua idade, os seus cabelos brancos mereciam respeito, mas tinham-lhe negado uma passagem no comboio porque fazia falta para o cozinheiro do Estado-Maior ou para um saco de arenques e tinham-lhe dito que, com os especuladores, subisse para os tejadilhos dos vagões... Aquilo era injusto e ultrajante, tanto para ele como para a ciência e, embora compreendesse tratar-se de uma mesquinhice, o método analítico ensinara-lhe que até nas gotas microscópicas se reflectiam sempre partículas e fenómenos do todo e pensava, cheio de dor, que aquela indiferença e aquela frieza ilustravam perfeitamente o futuro e a situação da ciência no país, bem como a sua própria sorte...

Por fim, pôs-se na bicha, deixou passar a multidão e, depois, saiu para o cais. O comboio estava já a abarrotar e, apesar do nevão, mesmo os estribos e os tejadilhos estavam cheios de gente. Os que tinham chegado tarde, corriam ao longo das carruagens, forçando em vão as portas e pedindo que lhas abrissem.

— Aqui vai um Estado-Maior! — gritavam lá de dentro para os afastar. — Aqui viaja uma delegação. Passa ao largo !

O professor também batia às portas, mas gritavam-lhe que no vagão estava instalado um balneário, que iam ali bens do tesouro público, que transportavam doentes do tifo ou loucos, que aquela carruagem era para as mães lactentes. Tudo estava à cunha, em toda a parte lhe respondiam com insultos soezes e numa das carruagens, quando quis subir para a plataforma, uma mulheraça bateu-lhe com um saco no peito; o professor quase deu com os ossos no chão, perdeu os óculos e esteve depois um longo instante apalpando na terra gelada e suja. Tinha de entrar no comboio fosse como fosse, mas ele não sabia nem podia fazê-lo, e por isso se agitava desorientado junto do comboio, amparando cuidadosamente nas mãos a cesta com os preparados. A cesta era pesada, doíam os ombros ao professor, e os dedos das mãos estavam entorpecidos por causa do frio. Começara a nevar, e o vento, frio, em rajadas, penetrava até aos ossos. O cais estava escuro e escorregadio, e o professor sentiu-se terrivelmente só, impotente, infeliz e esquecido no meio daquela escandalosa e estranha multidão.

«Sim, sim — pensou —, pelo que se vê tornámo-nos supérfluos, uma vez que os arenques são mais apreciados que a equipagem de um homem de ciência...»

Um marinheiro afável, ruivo, de pómulos acentuados, que vestia um capote de pele rasgado — o professor dera-lhe lume, antes, na sala —, alcançou-o, arrastando pela neve um saco sebento. Sem se deter, batia furiosamente com uma jarra de latão em todas as portas e, quando de dentro lhe respondiam, berrava estentóreo, com voz rouca:

— Eu também tenho tifo! Eu também sou mãe lactente! Abre!

Aliaram-se. O marinheiro largou uma praga, enxugou o suor que lhe corria pela cara e, ao reconhecer o professor, disse:

— Temos de ir até à cauda do comboio, velho! Pode ser que ali se compadeçam de nós. Aqui, os filhos da puta parecem borregos. Arrasta pelo chão essa cesta, que ainda arranjas uma hérnia com tantas corridas!

— Não posso — disse o professor, sombrio. — Levo aqui instrumentos, retortas, objectos frágeis...

— Não interessa, o meu também é frágil! — gritou alegremente o marinheiro. — Levo duas garrafas da rija e meia de álcool puro que me deram uns motoristas. Não te preocupes, se o arrastares pela neve nada se partirá.

O marinheiro voltou a bater numa porta, gritou como um furioso: «Abre, eu também sou maluco!», e continuou a correr.

Correram outra vez ao longo do comboio de uma ponta a

outra e, por fim, alguém se condoeu e lhes abriu a porta da última carruagem. Estava também à cunha, e nos beliches não havia onde alguém se sentar ou colocar uma maleta. Estendido a todo o comprimento, com o seu equipamento junto da cabeça, estava deitado num beliche um barbudo e sombrio soldado, enorme como o colosso de Rodes. O professor pediu-lhe que lhe desse lugar, mas o soldado olhou-o turvo, alargou ostensivamente os seus ombros de ciclope e disse:

— Não vês como estou apertado? Senta-te onde puderes.

Junto de uma pequena fogueira acesa numa prancha de ferro, no chão, umas quantas pessoas aqueciam as mãos. Um jovem soldado que vestia umas folgadíssimas calças de montar de cor azul-celete, apertadas por um cinturão de cavalaria, com gorro cossaco e, por baixo do capote, uma excêntrica blusa de brocado, feita com uma casula, tocava acordeão, sentado à turca. O seu rosto de olhos azuis e límpidos tinha uma expressão travessa. Ao ouvir a conversa entre o professor e o soldado, voltou a cabeça e disse, piscando o olho aos outros:

— Gosta desta canção, senhor do sobretudo?

O rapaz cantou a meia voz, acompanhando com o instrumento:

A Tcheka deitou-lhe a luva,
Lá-la-ri-lá-lá...

Todos começaram a rir com hostilidade, e o colosso de Rodes disse:

— Porque deixasteis subir este burguês?

— E porque pensa o senhor que eu sou um burguês — perguntou sombrio o professor.

— Vê-se pelos óculos — respondeu logo o gigante, para em seguida lhe voltar as costas.

Burguês! O professor recordou como passara aqueles três meses a combater a epidemia, sem comer nem dormir o suficiente, abrigando-se em imundas pocilgas. Com batatas geladas como único alimento, trabalhava vinte horas sem se compadecer da sua saúde nem da sua idade. A cada instante arriscava a vida, ocupado com os micróbios e os preparados. Quantos nervos, cérebro e energias entregara para conjurar a calamidade que ameaçava dezenas de milhar de pessoas! Aquela fora uma das muitas páginas da sua vida. Todas elas, na sua essência, eram iguais, plenas de um trabalho tenaz, duro e honesto. E era agora um mandrião, um burguês, um parasita sem direitos, a quem ameaçavam com a Tcheka e negavam um palmo no beliche...

Exalou um suspiro e sentiu-se outra vez dolorosamente ofendido e, largando a cesta no chão, junto da porta, sentou-se ao lado.

Não sentia desejo algum de conversar, mas o alegre marinheiro de pómulos salientes acomodou-se de cócoras a seu lado e pôs-se a fazer-lhe perguntas. O professor falou abertamente das espiroquetas e dos espirilos. O marinheiro logo se sentiu aborrecido, deixou fugir um bocejo e, quando o professor mencionou os caldos de cultura, disse sem compreender ao que se referia:

— No hospital também nos davam caldo. É uma porcaria. Cá para mim dêem-me sopa de couves com carne, que então engulo o que vier. E se à sopa se juntar uma boa golada de aguardente...

«É este o ideal dos dias de hoje! — pensou amargamente o velho professor. — Sopa de couves com carne, em vez do caldo de Koch! Mas poderá ser realmente de outro modo, se o país e o povo estiveram durante séculos afundados na ignorância, na barbárie e na miséria? Agora tudo foi varrido e as pessoas querem, acima de tudo que lhes dêem de comer até se fartarem; exigem pão e não abstracções. É lógico. É impossível não estar de acordo. Que pode haver de estranho que nós, com os nossos preparados, passemos a terceiro ou décimo plano e que eles não sintam respeito nem interesse pela ciência? Como o pode sentir, de repente e à cacetada, esse barbudo ou esse moço do acordeão, quando o mais provável é que nunca tenham visto o livro de leitura? Por exemplo, Pasteur viveu e dedicou dez anos a um problema concreto e descobriu a lei da reprodução das bactérias, oferecendo pela primeira vez à ciência e ao género humano a possibilidade de se orientar exactamente no mundo invisível e enigmático da microfauna. Mas que pode Pasteur significar para eles e como podem avaliar a grandeza do seu génio quando nada sabem do complexo movimento da matéria do Universo e continuam a acreditar firmemente, como há séculos, que a Terra repousa sobre três baleias e que a chuva é enviada do céu pelo profeta Elias? O genial Mendeléiev criou o sistema periódico dos elementos, que dezenas de gerações irão utilizar. Mas que sentido tem o sistema periódico dos elementos para um analfabeto? Pode acaso admirá-lo quando até a tabuada é chinês para ele? Sim, para amar tudo isto, para velar por isto, para o levar a novos cimos é preciso uma cultura entesourada durante séculos. E nós não a possuímos, no nosso país cultivam-se a barbárie, a ignorância, e agora tudo se desmoronou. Tudo ficará esquecido e nós, homens de ciência, teremos de acabar os nossos dias à margem da vida. Chegará um tempo em que tudo se modificará e há-de vir então um renascimento, mas agora, se declarar que o triunfo do pensamento é mais elevado e valioso que o triunfo da pança, assobiam-me e chamam-me burguês. Se agora me levantar e disser: é uma vergonha, é ultrajante para a Revolução que um velho professor que deu à ciência cinquenta anos de vida esteja

sentado no chão e ninguém lhe estenda a mão e se aperte para lhe oferecer um palmo de lugar no banco, quando um cozinheiro de um Estado-Maior ocupa o espaço de três pessoas, gritam-me com certeza: «E assim é que deve ser! O que nós precisamos é de sopa de couves. Sopa de couves com carne, e não caldo!»

O professor voltou a suspirar e fechou os olhos com muita fadiga. Chegou a noite. Era a primeira noite do tempestuoso ano de 1919. Havia muito tempo que, seguindo um velho e sentimental costume, se habituara a fazer naquelas horas que antecediam a chegada do ano novo, o balanço do passado e pensar no futuro. Ficou a recordar e chegou à conclusão de que no passado a sua vida decorrera de modo que nunca conseguira fazer nada só para si e que tudo sacrificara à ciência, mas agora a ciência andava à beira de um precipício e, como era ela o verdadeiro sentido da sua existência, parecia-lhe que o futuro tinha de ser vazio e triste e, quanto mais pensava nisso, tanto maior era a angústia que lhe enchia o coração...

Adormeceu sem dar por isso e dormiu uma ou duas horas. De repente, uma luz intensa bateu-lhe no rosto. Abriu os olhos, ouviu alguém dizer num murmúrio entrecortado, «Bandidos, anarquistas», e sentiu imediatamente que lhe roubavam o sobretudo. Rodeavam-no três indivíduos, com granadas de mão penduradas dos cintos e que traziam uma lanterna. Na penumbra da carruagem, as suas caras pareciam negras e nos olhos dançavam chispas alegres, loucas, triunfantes.

— Que estão a fazer, senhores? — perguntou perplexo, empregando, sonolento, aquela palavra caída já em desuso.

— Os senhores enforcam-se nos postes! — disse, mordaz, o mais baixo, um homem com cara de ralador, que parecia o cabecilha do trio. — Disseram-nos que o cumprimentássemos da sua parte e que sentiam a sua falta.

Tiraram-lhe o sobretudo, o gorro, o casaco, os sapatos, o relógio, a carteira e até a aliança. Tudo entregou submissamente, sem oferecer resistência, olhando para os lados, como se quisesse pedir às pessoas que pusessem fim àquele novo ultraje à sua velhice, à dignidade humana e à ciência. Mas ninguém se mexeu de onde estava. Todos se calavam, e o soldado de cavalaria, o mocetão que trazia uma camisa feita com uma casula, disse em tom de aprovação:

— Bom sobretudo! Já prestou ao velho bom serviço durante muitos anos, agora que o gozem outros.

O mocetão largou em voz alegre uma grande praga e os seus olhos azuis tornaram-se mais límpidos e transparentes.

O velho professor sentiu-se outra vez, muito dolorosamente, alheio a todos e por todos abandonado e pensou que se no seu lugar

estivesse o cozinheiro certamente os outros teriam saído em sua defesa; mas ele era-lhes indiferente, e ninguém precisava dele, nem naquela carruagem nem na vida. «Chato!». Ao recordar aquela palavra fez uma careta de dor.

Ordenaram-lhe a seguir que abrisse a cesta. Não lhe dava pena o que lhe tinham roubado — o seu estado de ânimo não o levava a pensar nisso —, tudo entregara com absoluta indiferença. Mas aquela cesta continha nas retortas, provetas e cadernos o resultado do enorme trabalho que realizara combatendo a epidemia. Sabia que tudo aquilo tinha um valor incalculável para a ciência e talvez fosse considerado tão importante quanto o foram no seu tempo as investigações de Koch, Lister e Loeffler. A indignação e o medo de que tudo aquilo pudesse ser reduzido a nada com um pontapé fê-lo sentir um calafrio. Entregara tudo o que era seu mas não podia entregar o que pertencia à ciência: seria uma traição que, depois, o faria corar de vergonha enquanto vivesse. Com mãos trémulas agarrou a cesta e apertou-a contra o peito, cobriu-a com o seu corpo e disse para si que se aquilo não fizesse falta a ninguém ele não teria razão para viver...

Mas empurraram-no, e o homem com cara de ralador, agarrando a cesta, abriu-a com um puxão. Pela primeira vez, todos se moveram na carruagem, levantando-se ou olhando com curiosidade dos beliches, por cima dos ombros dos que estavam de pé, para ver o que encerrava aquela cesta pela qual o ancião jogava a vida.

— É álcool? — perguntou com vivacidade o de cara de ralador ao ver os frascos e, pegando num deles, abriu-o e cheirou-o com expressão prazenteira, mas logo torceu o focinho, fez estilhaçar o frasco contra o pavimento da carruagem e perguntou ameaçador:

— Porque gozas connosco, burguês?

Mas logo viu o microscópio. Era um aparelho muito valioso e raro, que constituía o orgulho do laboratório pessoal do professor. O da cara de ralador observou-o com curiosidade e meteu-o no saco.

O trio despojou uns quantos especuladores e alguns passageiros que vestiam melhor que os outros e foi-se embora, prometendo que voltaria na estação seguinte para verificar o conteúdo dos restantes frascos. Aquilo dava a entender que viajavam no mesmo comboio.

Quando os bandidos se afastaram, todos ficaram calados uns instantes. Depois, o marinheiro de pómulos salientes começou a rir e disse:

— Eu pensava que o velho levasse ali sal ou farinha ou tivesse arranjado nalgum lado um bocado de toucinho. Agora

anda muita gente à procura de toucinho. Mas ele leva ali garrafinhas e tubos pequenos. Sempre me saíste um tipo! Para que te arriscate a um balázio por essa porcaria?

Aquilo foi a gota que fez transbordar o copo. De fora entrava o frio e o velho professor sentiu que, em mangas de camisa, ficaria enregelado. A sua mão apalpou no chão o líquido do frasco partido. Em volta todos se riam e uma tristeza torturante, insuportável, invadiu o seu ser. Sentiu uma dolorosa punhalada no coração. Um ardente espasmo apertou-lhe a garganta e levantou-se de repente, sem saber ainda o que ia dizer e fazer. O seu aspecto era tal que logo todos emudeceram, e um especulador, sentado a seu lado, puxou-o pela camisa e disse-lhe cheio de medo: «Não sejas tolo, que será pior!» Porém tinha-se erguido, sem o ouvir, muito hirto, lastimável, ridículo — sem os sapatos, com a presilha do colete arrancada — e a voz majestosa, com a auréola do seu cabelo branco e uma bela expressão de cólera nos olhos e no semblante. Sim, levantou-se e começou a falar.

Foi um discurso confuso e estranho, mas belo, emocionante e apaixonado, em que cada palavra incendiava, parecia um toque de clarim e obrigava a pulsar com força cada coração: tão imenso e vivo era o sentimento que a inspirava e tão orgulhosa a humana indignação que a enchia. Falou da nobre plêiade de homens da ciência que, no correr dos decénios e dos séculos, reunira partícula a partícula elementos do conhecimento naquelas retortas, das quais se tinham ousado rir, quando, na realidade, estavam cheias de um sentido incalculável, profundo e maravilhoso. Falou de Metchnikov que, sem receio pela morte, nele próprio inoculara o tifo para comprovar a acção dos bacilos e deles preservar a humanidade; falou de Arquimedes que, jogando a cabeça, defendeu dos inimigos os seus desenhos; falou de Galileu que, segundo a antiga lenda, gritara à Inquisição: «E no entanto ela move-se»; falou de dezenas de grandes personalidades que tinham sacrificado, pela felicidade das gerações futuras, quanto possuíam: a sua honra, a sua riqueza, a sua vida. Pôs a nu perante aquele estranho auditório os mais recônditos segredos do belo e criador pensamento humano, revelou as complexas e maravilhosas leis que regiam a vida do mundo e, com o entusiasmo, o arrebatamento e a paixão de um fanático, abriu perante aquela gente o majestoso e gigantesco mural da luta travada pelo homem munido de conhecimentos, arrancando audaz, um após outro, os véus que ocultavam os mistérios do mundo. Com dor, com ódio, com emoção, falou das cadeias escravizadoras que durante séculos tinham acorrentado os povos e que pela primeira vez a classe operária russa sacudira. Com um maravilhoso sorriso no semblante, esboçou o fantástico, embriagador e feliz futuro da humanidade, quando esta, livre do

jugo da exploração e da ignorância, fosse dona e senhora das riquezas fabulosas e das possibilidades que a natureza encerrava. Falou da revolução, a única que era capaz de erguer a ciência a tão grandes alturas, e disse quanto era perigoso e terrível que se ouvissem aquelas gargalhadas e que ninguém considerasse valioso e necessário o que os frascos guardavam. Falou da sua própria vida, entregue tão sem reservas à ciência e que tinha um fim tão penoso e triste...

Os seus pensamentos pareciam incoerentes e caóticos, engasgava-se, falava como se estivesse a delirar e vertia na torrente das suas palavras desordenadas e candentes toda a dor da injusta afronta, toda a amargura das suas dúvidas; mas naquele estranho discurso que soava na suja e fria carruagem na última noite do turbulento ano de 1919 existia algo de maravilhosamente emocionante e sincero... Como que envolto em névoa, viu que as pessoas que enchiam a carruagem saíam de todos os cantos e o rodeavam num círculo apertado, mas não lhes distinguia as caras, não podia ver a grande atenção com que o escutavam os soldados, com a respiração suspensa, procurando não perder nem uma só daquelas palavras que pela primeira vez lhes abriam um mundo novo, fabuloso, e não podia compreender que nunca na sua vida tivera auditório mais sensível, mais apaixonado e reconhecido do que aquele. Viu depois que para ele se estendiam mãos e, na sua amargura, pensou que iam bater-lhe ou empurrá-lo. Mas aquelas mãos, amorosamente, puseram-lhe um capote sobre os ombros enregelados e trémulos. Alguém lhe chegou um caixote para que se sentasse e outro murmurou apressadamente: «Umas botas de feltro, dai-lhe umas botas de feltro...»

Continuou a falar, mas o comboio deu um forte puxão e parou de repente. O professor interrompeu a palavra a meio e, sem forças, exausto, sentou-se, tapando a cara com as mãos. Ouviu-se barulho lá fora. Deviam ter chegado a uma estação, mas na carruagem todos se calaram um longo instante, como se temessem afastar o encanto dos minutos anteriores. Depois, o enorme soldado barbudo, que estava deitado no beliche e olhava para cima, resfolegou de repente:

— Não leves a mal, doutor — disse em voz branda e cordial, empregando aquelas palavras, porque assim chamava a todos os que usavam óculos. — Rimo-nos porque somos tolos, porque não compreendemos. Com a cabeça ainda não alcançamos, mas pensas por acaso que o nosso coração não procura a luz? Não te preocupes, não nos desviaremos! Enquanto os miolos não chegarem, o coração nos mostrará o caminho...

O velho professor levantou a cabeça, assombrado com a inesperada cordialidade que soava naquelas palavras e com a simplicidade e a força da fórmula nelas contida. Sim, levantou a cabeça, olhou em volta e viu caras pálidas e comovidas, sorrisos sonhadores e entusiasmados nos lábios e olhos muito abertos que irradiavam uma maravilhosa luz interior... Viu tudo aquilo e sentiu que, de repente, lhe saía de cima um peso torturante e que o seu coração pulsava tão tranquilo e tão alegre como nos distantes tempos da sua despreocupada juventude...

Abriu-se a porta e o homem baixo com cara de ralador saltou agilmente para a carruagem.

— Vamos, burguês — disse —, abre as tuas garrafas!

O professor não se mexeu. Todos se calavam como que petrificados. O homem com cara de ralador olhou assombrado em volta, largou uma praga imunda e deu um passo para a cesta. Mas o soldado barbudo rouquejou de repente com ar terrível, saltou do beliche e, erguendo-se em toda a sua altura, fechou o punho negro e disse:

— Atreve-te e torço-te o pescoço!

O homem com cara de ralador levou a mão à pistola mas, quando os seus olhos tropeçaram nos do soldado, vacilou, baixou a mão, lançou um olhar fugidio pelos rostos de toda aquela gente e, encolhendo a cabeça entre os ombros, apeou-se rapidamente em silêncio...

Os quatro seguiam juntos pela cidade. Nas ruas havia tiroteio e tiravam a roupa às pessoas. Por isso tinham decidido que o professor não fosse para casa sozinho.

Dançava o nevão. Um vento de furacão arrastava pelo céu nuvens baixas, escuras e grávidas: uma neve seca e penetrante feria o rosto e cegava. Vestindo o esfarrapado capote que lhe emprestara o marinheiro de pómulos salientes, calçando as descomunais botas de feltro que lhe dera o colosso de Rodes, tendo na cabeça o lanzudo gorro cossaco do soldado de cavalaria, o professor caminhava sem sentir frio, sem nada sentir que não fosse o desejo de rir despreocupadamente às gargalhadas, como se ri aos dezassete anos. Caminhava e pensava que tudo se resolveria e caminharia o melhor possível, pois naqueles sorrisos entusiasmados e naqueles olhos resplandecentes que vira na carruagem e reflectiam tanta juventude, uma tão apaixonada sede de criação e tanta fé no futuro. Pensava também que se desmoronassem todas as universidades do país e se se convertesse em pó todo o tesouro que durante cem anos tinham acumulado, aquilo não seria uma catásrofe quando a classe triunfante possuía tanta força potencial e instintos tão sãos; pensava que não era um homem supérfluo e que a verdadeira vida e o verdadeiro trabalho só então começavam, pois à ciência, até então privilégio de indiví-

duos isolados, acudiriam agora milhares de homens novos, em cujos olhos brilhava a luz interior dos sonhadores. Recordou os insultos daquele dia e as dúvidas que o torturavam, e tudo aquilo lhe pareceu mesquinho e detestável e o fez sentir-se envergonhado.

O marinheiro de malares salientes, enregelado no seu puído uniforme, ia a seu lado e volta e meia falava no bandido com cara de ralador.

— Aquele passarão... — dizia, rindo e soprando para os dedos, para os aquecer —, aquele pássaro é um furúnculo no corpo da revolução mundial. É um bicharoco, um cabrito desgraçado. Perguntei-lhe: «Quem és tu para partir garrafas científicas?» Respondeu-me: «Sou um comissário.» «Ah, já sei — disse-lhe eu. — Foste nomeado pelo decreto de 42 de Maio para limpar bolsos...»

O soldado barbudo caminha em silêncio, amparava cuidadosamente o professor nos sítios escorregadios e, lá de quando em quando, resmungava com aquela fingida severidade com que as amas costumam falar às crianças:

— Cuidado, cuidado, não vá escorregar! Meu Deus, que distraído o senhor é!

Atrás ia o soldado de cavalaria de olhos azuis, levando nas mãos a cesta com os preparados; ia em cabelo, e na sua revolta cabeleira cintilavam e derretiam-se as estrelinhas de neve. A todo o momento tirava a neve da tampa do cesto e acabou por gritar inquieto:

— Eh, esperem por mim! Deixem-me tirar a casula que estou com medo que os seus bichinhos apanhem frio...

Despiu a blusa de brocado e com ela envolveu cuidadosamente a cesta, atando-a, para que ficasse mais quente, com o seu comprido e sujo cachecol...

— Meu amigos! — dizia o professor comovido, sentindo que a comoção lhe apertava a garganta. — Queridos amigos!

Assim chegaram a casa. O professor convidou-os a todos para que viessem aquecer-se. Entraram, mas o soldado barbudo começou a agitar-se à entrada, tirou com a aba do capote a neve que se agarrara à cesta e disse resfolegando:

— Eu vou à estação... vou buscar o seu óculo. Eu sei em que carruagem eles estão. Esses idiotas tiraram-lho e como vai desenrascar-se sem essa coisa? Eu vou moer as costelas àqueles malditos. Sabem, eu sou um homem tranquilo, manso como um cordeiro, mas quando me zango, desgraçado de quem se ponha na frente. Sou capaz de arrancar um carvalho pela raiz!

— E agora estás zangado? — perguntou curioso o mocetão de olhos azuis.

— Um horror! — respondeu o gigante.

Ninguém sabe do que o velho professor falou com os seus convidados naquela maravilhosa noite de Ano Novo. Mas quando saíram passadas umas horas, e à porta lhes apertaram a mão respeitosamente pela última vez, os seus semblantes pensativos e sonhadores reflectiam um sentimento muito particular e profundo e um grande pensamento iluminara pela primeira vez a sua consciência. Ambos tinham o aspecto de homens que tivessem tomado uma decisão repentina e muito importante...

Uns dez anos depois morreu o professor, e quando o enterraram, com toda a solenidade, dois homens, os seus mais próximos auxiliares e os seus melhores amigos, levavam pelas ruas o seu caixão ao som da triste marcha fúnebre de Chopin.

À esquerda o soldado de cavalaria de olhos azuis. Não mudara muito: tinha apenas uns fios de prata nas têmporas e umas pequenas rugas na testa. Um telegrama fizera-o regressar naquele mesmo dia da Europa, onde, representando os cientistas do País dos Sovietes, apresentara uma comunicação num congresso de biologia. Aquela brilhante comunicação fora unanimemente reconhecida como o acontecimento científico mais transcendente dos últimos anos.

À direita ia o marinheiro de malares pronunciados, já director de um grande instituto ucraniano de investigação científica.

Faltava apenas o barbudo e sombrio soldado. Naquela noite memorável mataram-no na estação. Na manhã seguinte encontraram o seu cadáver ao lado da via-férrea. As suas manápulas, enormes, sujas, apertavam contra o peito, como alguma coisa de imensamente querido, o microscópio que tinha tirado aos bandidos...

KORNEI TCHUKÓVSKI

Nas obras de Kornei Tchukóvski (1883-1969), Prémio Lénine, convivem os géneros mais diversos: o conto em verso *O Doutor Ai-me-dói*, conhecido das crianças de todo o Mundo, uma profunda investigação acerca da poesia de Nikolai Nekrássov, o divertido livro *Dos Dois aos Cinco*, sobre a linguagem das crianças, e brilhantes retratos literários de escritores, músicos e pintores.

Activo participante da actividade literária do país, Kornei Tchukóvski conheceu de perto muitas personalidades destacadas da cultura russa, como Blok, Briússov, Répine, Górki e Maiakóvski. Sobre elas escreveu o seu livro *Contemporâneos*. Um dos relatos dessa obra, dedicado a Anatóli Lunatchárski, é publicado no volume que oferecemos à atenção do leitor.

O COMISSÁRIO DO POVO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

I

Na porta estava pendurado um papel preso ao acaso apenas por uma tacha. Dizia assim:

Comissário do Povo da Instrução Pública
A. V. Lunatchárski
das 2 às 6

Logo se via que aquilo não era um aviso para se cumprir. Estava suspenso às três pancadas, sem a menor pretensão de coisa oficial, e ninguém o tomava a sério: cada um atravessava aquela porta quando queria.

Anatoli Vassílievitch — toda a Petrogrado chamava assim a Lunatchárski — vivia então em Manéjni Pereúlok, perto da ponte Liteini, num pequeno e modesto apartamento, assediado dia e noite por dezenas de pessoas que ansiavam por receber o seu conselho e ajuda.

Professores, operários, inventores, bibliotecários, artistas de circo, futuristas, pintores de todas as tendências e géneros (desde os realistas até aos cubistas), filósofos, bailarinas, hipnotizadores, cantoras, poetas da Proletkult (*) e poetas vulgares e actores dos teatros ex-imperiais dirigiam-se em interminável procissão para a suja escada do apartamento de Anatoli Vassílievitch, situado no primeiro andar. Entravam num apertado vestíbulo que acabou por se chamar «antecâmara».

Isto que estou a contar passou-se no ano de 1918. Não tardou que o papel que estava pregado na porta fosse substituído por outro extraordinariamente impressionante, que afirmava:

O Comissário do Povo da Instrução Pública
A. V. Lunatchárski
recebe no Palácio de Inverno
(tal e tal dia)
e no Comissariado do Povo da Instrução Pública
(tal e tal dia).
Aqui não recebe.

Aquilo não se impunha a ninguém, e às nove da manhã a «antecâmara» estava já apinhada de gente que se sentava num frágil divã, nos peitoris das janelas e em bancos que iam buscar à cozinha. Entre toda aquela multidão de visitantes lembro-me especialmente bem de:

Vsévolod Meyerhold, de aspecto ainda juvenil, de barba por fazer, nervoso, veloz, como se tivesse fugido do torvelinho de um trabalho de loucura;

Vladímir Békhteriev, famoso psiquiatra, sonolento, barbudo, obeso, com uma rude cara de camponês;

o fotógrafo Napelbáum, falador, sociável, vestido com uma folgada blusa de veludo;

Mikhaíl Nikoláievich, o filho de Tchernichévski, calado, baixo, afagava com a sua mão de grossos dedos os volumosos tomos carmesim das obras do seu grande pai, das quais se dispunha a falar com o Comissário do Povo;

o académico Oldenburg, de reduzida estatura, de aspecto pouco sério, buliçoso como um rapazito, vestido com um democrático blusão que lhe ficava curto;

(*) Contracção de *Proletárskaia Kultura*, organização cultural e educativa que existiu naquele período, anexa ao Comissariado do Povo da Instrução. *(Nota da edição portuguesa.)*

o velho romancista Ieronim Ieronímovitch Iassínski, pitoresco, cabelos brancos, elegante e imponente, com sumptuosas sobrancelhas e olhos pequenos, diminutos e manteigosos;

o pintor Iuri Annénkov (todos nós lhe chamávamos Iúrotchka), omnipresente, desembaraçado e talentoso;

Alexandr Kúguel, conhecedor e fanático pelo teatro, ex-rei dos críticos, engenhoso, de cabeleira encaracolada, com um sorriso malicioso nos olhos doridos e fatigados.

Todos iam ver Anatoli Vassílievitch para lhe pedirem conselho e ajuda. Ele estava sozinho no seu pequeno gabinete e recebia cada visitante com um interesse tão vivo, tão extraordinário, como se há muito tempo não pensasse noutra coisa senão em travar conhecimento com aquele homem para conversar ou, se necessário, discutir com ele.

Comigo começou a discutir mal abri a boca.

— Sim — disse —, você está muito enganado. Está sempre a elogiar o seu Whitman dizendo que é o poeta da democracia (*). Porém, o que é a democracia? Espírito pequeno-burguês! Um espantalho para enganar os trabalhadores! A república dos pequenos proprietários! Sim, Whitman...

Levantou-se com juvenil agilidade e começou a andar pela sala de um lado para o outro, expondo os seus pensamentos acerca do «cantor da democracia» norte-americano. Os seus raciocínios rápidos, seguros, fluíam sem vacilações nem pausas. Improvisava-os com brilho artístico, com grande rapidez e naturalidade e não tardou em dizer palavras como «irradiação do espírito», «arquitectura do Universo», «fusão das vontades». Mas esta ênfase ficava bem a Anatoli Vassílievitch, harmonizava-se com a sua voz cantante e com o seu aspecto poético e elegante. Sem fazer qualquer esforço de memória, recitou-me poesias não só de Walt Whitman, como ainda de Verhaeren, Tiútchev e Jules Romains. Deve dizer-se que sabia uma infinidade de poesias em três ou quatro idiomas e que lhe agradava recitá-las num estilo também um tanto teatral.

A sua voz ganhava volume. Parecia estar numa tribuna, pronunciando um discurso diante de uma densa multidão, e para mim tornava-se um tanto estranho que todo aquele fogo fosse dedicado apenas a mim.

No entanto, eu não podia aceitar completamente a sua interpretação da poesia de Walt Whitman. E assim lho dei a saber, muito irritado. Recordo que me agradou muito a sua tolerância,

(*) Eu tinha publicado pouco antes um livro acerca do grande poeta norte-americano Walt Whitman (1819-1892).

o respeito e a simplicidade com que escutou as minhas objecções. Certamente eu as colocava rude e desordanamente; ele, porém, com grande benevolência, insinuava-se no seu pensamento e até me ajudava a formulá-lo com a maior precisão possível para, imediatamente, se revoltar contra ele.

De repente lembrou-me que já era tarde e que a «antecâmara» estava cheia de gente. Abriu a porta e convidou Meierkhold a entrar. Discutia com ele por vezes horas e horas, com muita frequência até às tantas da noite, fazendo intervalos pelo meio.

Decidimos que eu voltaria uns dias depois para terminar a discussão. Esta terminou com o meu pedido a Anatoli Vassílievitch para que escrevesse um pequeno artigo para a nova edição do meu livro sobre Whitman. Anatoli Vassílievitch acedeu com gosto, sem opor os «mas» ministeriais e sem objectar a que ao lado, nas páginas seguintes, se interpretasse a obra do poeta norte-americano de maneira diferente da sua.

— O artigo estará pronto depois de amanhã — e olhou o relógio. — Depois de amanhã... pelas quatro horas.

Eu sabia que Lunatchárski trabalhava quase vinte horas por dia, esquecendo-se muitas vezes de comer e sem dormir o suficiente durante semanas e semanas. Reuniões, horas de recepção, conferências, participação em comícios (não só em Leninegrado, mais ainda em Cronstadt, em Sestroretsk e noutros locais), levavam-lhe todo o seu tempo. Por isso, ao chegar a sua casa à hora marcada, eu tinha a certeza de que ainda não escrevera o artigo. Mas atrás da porta do seu quarto ouvia o matraquear de uma máquina de escrever, e pelas conhecidas palavras que me chegagavam ao ouvido («irradiação do espírito», «arquitectura universal», «nota original na sinfonia única»), compreendi que Anatoli Vassílievitch estava a ditar o artigo. Ditava a correr, com uma rapidez que despertou a minha inveja profissional.

Teria terminado o artigo imediatamente, mas constantemente entrava alguém no quarto.

Escutava atentamente cada um e, se nas palavras do visitante captava alguma coisa que pudesse encerrar interesse, a dactilógrafa tinha de tirar da máquina o artigo a meio e escrever e bater no teclado disposições administrativas, ordens e petições que ele logo assinava, sem hesitar o mínimo que fosse. Quando os visitantes saíam, a dactilógrafa de novo colocava na máquina a página do artigo, e Anatoli Vassílievitch continuava a ditar a partir da palavra em que interrompera, com o mesmo ritmo e a mesma entoação.

A dactilógrafa queixava-se de que, nos últimos tempos, Anatoli Vassílievitch tinha de escrever para a imprensa sempre assim:

com intermitências em que os grandes temas teóricos, ideológicos, eram substituídos por pequenos assuntos.

Contudo, via-se que aquilo nada incomodava Lunatchárski. Então, o seu trabalho (em 1918, em Petrogrado) distinguia-se precisamente por, ao lado de vastos problemas estatais e até de importância mundial, ter de resolver uma multidão de pequenas questões, como, por exemplo, conseguir arando gelado para um albergue de velhas actrizes ou meias para uma casa de crianças situada nas margens do Okhta.

A vida faminta e fria do país arruinado pela guerra exigia imperiosamente de Anatoli Vassílievitch aquela interligação constante do pequeno e do grande e, como em todos os seus cuidados e preocupações, mesmo nos microscópicos, via sempre um grandioso fim — fortalecer as conquistas de Outubro e contribuir deste ou daquele modo para o nascimento e o desenvolvimento de uma cultura nova e sem precedentes da cultura soviética —, entregava com gosto as suas energias a todas as ninharias da vida diária, estimando também essa dedicação a tão nobre tarefa.

Conservo alguns bilhetes que Anatoli Vassílievitch me escreveu naquela época. Todos eles tratam precisamente de «pequenos assuntos» que, mau grado a sua insignificância, deviam contribuir (e contribuíram) para a monumental edificação da cultura soviética.

Eis aqui um deles, extraordinariamente típico. À esquerda tinha escrito à máquina, em coluna, as imponentes palavras:

República Federativa
Soviética da Rússia

Comissariado do Povo
dos Bens da República

Secção de Petersburgo

---

12 de Julho de 1918
N.º 1501

Petersburgo
Palácio de Inverno

Por baixo havia um carimbo que dizia: «República da Rússia. Governo Operário e Camponês. Comissariado da Instrução Pública. Departamento de Arte.»

À direita podia ler-se o seguinte:

«Ao camarada Kornei Ivánovitch Tchukóvski.

Querido camarada: peço-lhe encarecidamente, como bom conhecedor dos contos do camarada Puni, que me dê por escrito a sua competente conclusão quanto a se têm valor para a Editorial do Estado.

O Comissário do Povo
A. Lunatchárski»

As pessoas que não tenham ideia daquela maravilhosa época talvez possam perguntar se devia um dos dirigentes do imponente estado-maior da Revolução interessar-se por uns contitos infantis devidos à pena de um jovenzito desconhecido. No entanto, como é evidente pelo texto do bilhete, Anatoli Vassílievitch estava atento ao que era pequeno, também neste caso, para ir ao encontro dos seus enormes objectivos. Neste bilhete escrito à pressa e a correr vemos reflectida, se observarmos bem, a sua zelosa solicitude pela rápida criação de duas importantes molas da futura cultura soviética: a Editorial do Estado, que existia apenas em embrião e só começou a funcionar passado um ano, e a literatura para as crianças soviéticas, que também ainda não nascera (*).

Agora que as editoriais do Estado publicaram já milhares de livros excelentes e por vezes clássicos de todos os ramos da técnica, da ciência e da arte e a nossa literatura infantil é desde há muito tempo uma força reconhecida mundialmente, torna-se impossível ler sem profunda emoção este papel amarelado que nos fala de tempos em que um destes gigantes — a Editorial do Estado — era uma partícula de pó mal visível, que o primeiro Comissário do Povo da Instrução Pública tinha de patrocinar com tanto zelo, e a Editora Infantil ainda não existia.

Naturalmente que Anatoli Vassílievitch não se preocupava com a arte apenas porque as necessidades de Estado o exigiam; a sua genuína natureza de artista fazia-o apaixonar-se desinteressadamente pelos contos, pelas canções, pelos dramas e pelas sonoras poesias para crianças. Acolhia calorosa e emocionalmente, o seu autor, com cordial gratidão, o mais simples estudo pictórico,

(*) A disposição *Acerca da Editorial do Estado* foi adoptada pelo Comité Executivo Central dos Sovietes de Toda a Rússia a 19 de Maio de 1919. *(Nota da edição portuguesa.)*

cada poesia e cada peça musical, quando tinham a marca do talento. Vi-o escutando Blok (Alexandr Alexándrovitch recitava o seu poema *A Vingança*), Maiakóvski e um autor desconhecido que escrevera um drama histórico em verso. Só um poeta podia escutar assim outros poetas. Agradava-me observá-lo naqueles instantes. O corte artístico da sua personalidade percebia-se mesmo na leve inclinação da cabeça, no garbo com que erguia o tronco, subitamente rejuvenescido, na emoção que o fazia apertar os dedos finos e nervosos nas lapelas do casaco e no entusiasmo com que fitava o declamador.

Lunatchárski amava o teatro mais que qualquer outra arte: mais do que a música, mais do que a pintura, mais do que a poesia. No teatro nunca se sentia indiferente; comovia-se, indignava-se ou sentia uma alegria transbordante e, por muitas que fossem as suas ocupações, ficava sempre, até ao fim dos espectáculos, mesmo os mais fracos.

Quando Monákhov, o célebre artista de opereta, acedeu a representar, a instância de Górki, Andréieva e Blok, papéis dramáticos e criou com grande inspiração e subtileza psicológica (no ano de 1919, em Petrogrado) a imagem do rei Filipe no *Dom Carlos* de Schiller, Lunatchárski correu para ele nos bastidores, quando nem ainda tivera tempo para tirar a maquilhagem, e beijou-o na cara pintada. Monákhov, que habitualmente era frio, tranquilo, perturbou-se extraordinariamente e ficou comovido com a impetuosa saudação do Comissário do Povo.

Se se quisesse um exemplo mais expressivo e brilhante do entusiasmo juvenil que o expansivo Anatoli Vassílievitch sentia pelo teatro, bastaria citar o bilhete que mais tarde escreveu a Vakhtángov, mortalmente doente, encontrando-se ainda sob a impressão que lhe produziria a estreia de *Turandot*, encenada pelo magnífico mestre do teatro.

«Querido, meu muito querido Evgueni Bagratiónovitch: Sinto uma sensação estranha. Você fez com que a minha alma se sinta alegre como num dia sem nuvens, leve, cantante... mas, ao mesmo tempo, soube que está doente. Ponha-se bom, meu querido, inteligente e dotado amigo. O seu talento é tão diverso, tão poético e tão profundo que não se pode deixar de o amar e de sentir orgulho por si. Todos os seus espectáculos que me foi possível ver são muito prometedores e emocionantes. Deixe-me pensar um pouco. Não quero escrever sobre si ao correr da pena. Mas escreverei o meu *Vakhtángov*. Não será um ensaio, claro, mas uma impressão de tudo o que você me deu, ao conceder o seu generoso dom ao público. Recupere. Aperto fortemente a sua

mão. Felicito-o pelo seu êxito. Espero de si algo de grande, de extraordinário.

Seu
Lunatchárski»

É preciso estar loucamente apaixonado pelo teatro para escrever a um dos seus servidores uma carta com tanta paixão juvenil.

II

Lunatchárski exigia de si mesmo, como representante do poder de Estado, um amor solícito, activo e terno pelos artistas. Falou muito bem sobre isto num artigo dedicado à memória de Maiakóvski. Referindo-se à morte do poeta, fez a seguinte confissão:

«Nem todos nos parecemos com Marx, que dizia que os poetas precisam de um grande carinho. Nem todos o compreendemos e nem todos soubemos compreender que Maiakóvski precisava de um grande carinho.»

Desse «carinho» foi Maiakóvski objecto quase desde os primeiros dias da Revolução de Outubro; era o seu arauto, o seu defensor, o seu intérprete e amigo. No ano de 1918 vi-os juntos mais de uma vez. A um observador superficial poderia parecer que Maiakóvski não precisava de «carinho» algum: mantinha-se com juvenil orgulho, muito independentemente, e era necessário ter a grande sensibilidade de Lunatchárski para ver, atrás daquela pose, «uma grande sede de ternura e de amor, uma grande sede de simpatia extraordinariamente íntima..., o anseio de ser compreendido e, por vezes, consolado e afagado». «Sob aquela couraça metálica em que se reflectia toda a gente — disse Lunatchárski —, pulsava um coração que não só era fogoso e terno, mas frágil e facilmente vulnerável.»

Foi um grande mérito de Lunatchárski ter protegido na medida das suas forças, para bem da cultura soviética, aquele «coração frágil e facilmente vulnerável».

As relações entre o poeta e o Comissário do Povo, claras e isentas de todo o carácter oficial, eram as que podiam existir entre dois homens rigorosamente fiéis aos seus princípios e que aparentemente excluíam (de parte a parte) toda a ternura. Maiakóvski, por exemplo, nunca escondeu a Anatoli Vassílievitch que, embora o estimasse como crítico brilhante, não tinha uma opinião muito lisonjeira sobre os seus dramas e versos. Mais tarde, exprimiu este parecer em público. No ano de 1920 realizou-se em

Moscovo, na Casa de Imprensa, uma sessão, presidida por Kérjentsev, sobre estas obras de Lunatchárski. Aquela sessão converteu-se num julgamento implacável. Os oradores, incluindo Maiakóvski, criticaram unânimes, durante quatro horas seguidas, as obras teatrais do Comissário do Povo.

Anatoli Vassílievitch «estava sentado no palco e, durante aquelas quatro horas, escutou a crítica demolidora das suas obras... — recordaria depois Mikhaíl Koltsov. — Lunatchárski escutava tudo aquilo em silêncio e tornava-se difícil imaginar que pudesse objectar algumas coisa a tão grande saraivada de acusações. Mas, por volta da meia-noite... Anatoli Vassílievitch usou da palavra: E que pensam que aconteceu? Falou durante duas horas e meia sem que ninguém se fosse embora, sem que ninguém saísse do seu lugar. No seu maravilhoso discurso defendeu as suas obras e fulminou os seus oponentes, todos junto e cada um em separado.

«Ao terminar, pelas três da madrugada, toda a sala, incluindo os mais furibundos oponentes de Lunatchárski, vibrou numa ovação como nunca se ouvira na Casa da Imprensa.»

Eu não assisti àquela memorável disputa, mas nunca esquecerei com que entusiasmo Maiakóvski me falou dela, em Leninegrado, ainda muito impressionado.

— Lunatchárski falou como um deus — disse-me textualmente Maiakóvski. — Naquela noite, Lunatchárski foi genial.

Naquela noite, Anatoli Vassílievitch saiu com Mikhaíl Koltsov.

«Eu sentia interesse — viria a recordar Koltsov — em conhecer a impressão que lhe deixara aquela fatigante batalha. Mas o que ele me disse foi: "Notou como Maiakóvski parecia triste? Não sabe o que se passa?"... E acrescentou, preocupado: "Tenho de o ir ver para o animar." Mas Maiakóvski, embalado pela polémica, falara com muita aspereza dos dramas de Lunatchárski.

Mas isto aconteceu mais tarde, quando Anatoli Vassílievitch se transferiu para Moscovo. No ano de 1918, em Petrogrado, ouvi-o falar em público, no máximo três ou quatro vezes, mas isso me bastou para compreender e sentir quanto era enorme o seu talento de propagandista, de orador, de mestre do discurso improvisado. Todos os discursos que lhe ouvi (tanto em Petrogrado como depois em Moscovo) foram improvisações no pleno sentido da palavra. Recordo que, no começo da Primavera do ano de 1918, se preparava para visitar Górki, que vivia então em Petrográdskaia Storoná.

— Krónverkski Pereúlok — disse ao motorista.

Góski vivia então ali, e Anatoli Vassílievitch visitava-o com muita frequência, quase todos os dias. Daquela vez, mal entrámos no carro, tirou da pasta uns papéis — actas, projectos e ofí-

cios — e, com aquela rapidez própria unicamente dele, pôs-se a relê-los atentamente, preparando-se para a entrevista com Górki.

Mas, antes de chegar a Krónverskski Pereúlok, tivemos de parar. Como naqueles tempos os automóveis eram extraordinariamente raros, muitos conheciam de longe o carro de Anatoli Vassílievitch e, como sabiam o seu itinerário habitual, faziam-no parar pelo caminho. Desta vez aproximaram-se, com a sua atitude independente de senhores da cidade, uns marinheiros do Báltico, armados dos pés à cabeça. Um deles parecia-se assombrosamente com Essénine. Depois de falarem uns cinco minutos com o Comissário do Povo acerca de algumas anormalidades que se observavam na Fortaleza de Pedro e Paulo, arrancaram-lhe a promessa de que naquele mesmo dia iria lá. Depois fizeram parar o carro uns operários já idosos, todos eles do tipo petersburguês que eu conhecia desde a infância — magros, circunspectos, silenciosos, duros —, e convidaram-no a assistir à inauguração do Clube de Artes Gráficas, que se encontrava, se a memória não me é infiel, na rua Sadóvaia. Lunatchárski consultou a sua agenda e prometeu-lhes que não faltaria.

Lembro-me que notei então o que mais tarde, principalmente em Moscovo, me foi possível apreciar muitas vezes: aquele conhecedor de Botticelli e de Richard Wagner, aquele intérprete de Ibsen, Maeterlinck, Proust e Pirandello, sentia-se entre os proletários como peixe na água, pois aqueles homens eram para ele verdadeiramente *seus*, e todo o seu trabalho e todos os seus conhecimentos eram *para eles.*

KONSTANTIN FÉDINE

No Outono de 1919, apareceu na Petrogrado revolucionária um jovem soldado vermelho, ainda com o seu capote: era Fédine (nascido em 1892), o futuro autor de *Cidades e Anos, Primeiras Alegrias, Um Verão Extraordinário* e outros romances amplamente conhecidos no estrangeiro.

Quando chegou mobilizaram-no para a frente; trabalhou em vários jornais do exército até ao final da guerra civil. A abundância de impressões alimenta a sua antiga paixão pela literatura. Fédine escreve muito. Por essa altura conhece Górki, que é o primeiro juiz dos seus contos e novelas da vida real. Nos fragmentos do seu livro *Górki Entre Nós*, incluídos na presente antologia, Fédine fala-nos dos seus encontros com o autor de *A Mãe* nos primeiros anos da Revolução.

«O seu papel na formação da literatura soviética dos anos vinte foi enorme — escreve K. Fédine —, a sua participação nos destinos dos escritores determinou com frequência o desenvolvimento dos dotes dos novos literatos e facilitou o seu caminho.»

GÓRKI ENTRE NÓS

> Não! Não! Era realidade, era algo mais que realidade: eram realidade e recordações.
>
> *Lev Tolstói*

Quando, no Outono de 1919, já mobilizado, fui parar a Petersburgo, a cidade era uma fortaleza. E chamava-se assim: Região Fortificada de Petrogrado, cujo Estado-Maior se encontrava no centro da cidade, na Fortaleza de Pedro e Paulo. Os guardas brancos de Iudénitch estavam mesmo às portas da cidade. O seu comando via já com os binóculos a Porta de Moscovo, das alturas de Púlkov. Preparavam-se para conquistar a cidade por assalto ou para a sitiar.

E então os operários de Petersburgo e o Exército Vermelho realizaram um esforço que a muitos poderia parecer inconcebível:

Detiveram o inimigo, repeliram-no e forçaram-no a recuar. O exército de Iudénitch foi aniquilado e coberto de opróbio.

As marcas daquele esforço heróico permaneceram muito tempo em cada rua, em cada casa, em cada pedra de Petersburgo.

Vivia na cidade uma terça parte da população dos tempos de paz. As pessoas padeciam por causa da fome e do tifo exantemático, gelavam, eram atormentadas por mil pequenas privações e doenças de cuja existência nem sequer podiam suspeitar quando reinava a paz...

Mas aquela fortaleza faminta e gelada guardava uma fé imorredoura na sua manhã maravilhosa...

O trabalho contínuo, apaixonante, não me impedia — nem a quantos se encontravam em volta — de lutar pela conservação de uma existência que tinha a morte a um passo. Mas, ao mesmo tempo, eu nem durante uma hora esquecia a literatura. Estava completamente só na imensa cidade, ontem capital, e que hoje não tinha o menor pressentimento de que pelas suas avenidas ia aparecer outro jovem com sonhos de escritor, com esperanças de imprecisas conquistas e talvez de glória.

Sentia uma insaciável necessidade de tudo compreender, e estava convencido de que era precisamente a literatura o que melhor podia satisfazer essa necessidade. O amor mais forte com que eu cheguei à Revolução depois da guerra, passada no cativeiro, foi o amor à Pátria, à Rússia. E esse sentimento, longe de ser anulado pela Revolução, com ela se fundiu num todo único...

Muita gente reaciocinava de modo parecido com o meu e estou convencido de que muitos esperavam da literatura a última palavra...

Naquela Petersburgo do heroísmo, da fome, das epidemias e do silêncio, encontrava-se um homem que, embora aparentemente se mantivesse à parte, constituía na realidade o próprio centro do movimento que na altura se iniciava. Esse homem era Górki. É o movimento, o começo do trabalho soviético dos intelectuais.

A flauta mágica de Górki tocava a reunir e, pouco a pouco, ganhando coragem, iam aparecendo os homens à entrada das suas guaridas e buracos. Havia algo de medieval naquela saída para a luz das agonizantes corporações: apareciam os literatos, aquecendo a tinta congelada; saíam os cientistas, para se colocarem junto dos suportes das retortas e das provetas. Górki dispunha de muitos meios de influência. O principal era a sua personalidade. Deve dizer-se que nenhuma pessoa inteligente duvida da pureza das intenções de Górki. Mas esta pureza encontra-se com bastante frequência entre os intelectuais. Górki tinha sobre todos eles a superioridade de a sua vida estar entrelaçada com a história da Revolução e a ela pertencer. Era a biografia do seu século. Por isso, a sua presença neste lado das barricadas, na Revolução, era coisa natural, e os seus apelos não podiam ter nenhum matiz de oportunismo ou interesse pessoal. A sua fama, a sua influência na arte e, consequentemente, a sua autoridade sobre os cérebros, eram de antemão tão grandes que não precisava de as aumentar.

Os irónicos podem dizer que a flauta mágica de Górki era a ração de pão. Mas então todos viam que naquilo não havia emboscada alguma: Górki fazia-o pela cultura. Era sua parte integrante e não podia ter qualquer outra intenção senão a que tinha: obrigá-la a viver.

Górki escreve junto de uma larga janela que dá para a avenida Krónverkski. Velo a sua silhueta, inclinada para uma mesa grande, muito bem arrumada e que, por isso, parece vazia. Brilha um raio de Sol nas lentes dos seus óculos, olha por cima e, ao ver-me, tira-os. Ágil, com um ombro anguloso e um tanto descaído, vem ao meu encontro, agarra-me o braço e volta-se para outra mesa, pequena:

— Bom, aqui tem. À sua disposição.

Dá umas palmadas num monte de livros e depois, um após outro, começa a abri-los pelo frontispício; de cabeça levemente deitada para trás, tamborila com os dedos sobre os nomes dos autores e vai dizendo:

— Muito inteligente, muito... Mas irónico, sempre com gracinhas e, muitas vezes, sem motivo. Este é de pouco peso, mas informado, dá muitos factos. Nos argumentos, completamente chocho... Não caia na tentação... E esse aí tem aquela agudeza e elegância que são mais próprias de um francês. No entanto, é consequente: apesar da sua origem alemã, carece em absoluto de sistema e é um cínico completo...

— Isto é tudo o que até agora consegui encontrar em relação à revolução de 48. Desapareceu um livro magnífico que não consegui encontrar. Levam-nos, sabe, das estantes toda a espécie de ratos.

As estantes estão como nas bibliotecas: presas às paredes; entre elas falta espaço, mas a luz da sala soalheira e espaçosa chega até ali.

Górki afasta-se dos livros e, um pouco em gracejo, troveja com a sua voz de baixo profundo:

— Não se acanhe. Arranje o palco maior possível. Se quer o circo, arranja-se! Ou uma praça da cidade, com centenas, milhares de personagens! Não lhe agradaria, por exemplo, o adro de uma igreja?... O espectáculo seria soberbo...

E de novo está sentado à mesa, envolto em complicadas volutas de fumo. Tocando em vários objectos como que para verificar que estão ali — o lápis azul, o cinzeiro, os óculos, as folhas de papel pautado —, conta:

— Cada vez com mais frequência tenho de lidar com os nossos homens de ciência. É uma gente assombrosa! Com luvas de fabrico caseiro e as pernas embrulhadas em cobertores, continuam nos seus escritórios a escrever. Está a ver o que isto é? Como se de um momento para o outro fosse apresentar-se a sentinela para verificar se estavam no seu posto... Nos Urales erram por abruptas montanhas, recolhendo pedras preciosas, em fantásticas colecções para a Academia de Ciências. Passam meses e meses sem provarem um pedaço de pão. De que vivem eles? — pergunta uma pessoa. Vivem de caça, como os selvagens. Sim! E sabe porquê? Não se trata da Califórnia nem da febre do ouro. São homens desinteressados e não cobiçosos. Temos de sentir orgulho por tais homens...

— É preciso salvar a ciência russa... São precisos abastecimentos, ainda que tenham de ser pagos ao preço mais caro. Alimentos...

— Sabe uma coisa? Antes nunca me acontecia isto. Dói-me o coração e incham-me as pernas. Falta de fósforo. Não há açúcar...

Cala-se bruscamente (pois está falando outra vez de si!) e explica, professoral:

— No nosso trabalho, onde se gastam tantos nervos, não se pode passar sem fósforo...

Reanima-se:

— Antes de você chegar, estive com o professor Fersman. Tinha acabado de falar com Lénine, por telefone directo, acerca dos assuntos da comissão para melhorar as condições de vida dos cientistas. Lénine está muito atento e disposto a ajudar. Fersman garante que Lénine é a favor dos intelectuais...

De novo o vejo a falar de Lénine. Com mímica mal perceptível, bruscos movimentos de ombros e carinhosos gracejos, vai representando a conversa entre ele e Lénine.

— Há anos que venho sustentando que os pouco perspicazes ainda virão a arrepender-se do seu desprezo pelos intelectuais. Hão-de andar à procura desses mesmos académicos e professores. Agora é evidente que sem a intelectualidade não é possível fazer coisa nenhuma... Bom, e os senhores instruídos puseram-se imediatamente a cantar vitória, triunfantes. Isto, claro, também não está certo. Não está certo...

Tento embrulhar os livros escolhidos.

— Dê cá, dê cá! — exige. — Nisso de embrulhos tenho muita prática.

— E a minha não é pequena.

— Vamos lá ver quem faz melhor!

Com conhecimento de causa, pega numa folha de papel de embrulho, coloca o monte de livros bem ao centro; aperta fortemente com as palmas das mãos as dobras, enrola no indicador uma ponta do cordel e, apertando contra si o embrulho, ata-o bem apertado em cruz. Depois de apertar o nó corredio com a mão esquerda, corta habilmente a guita e oferece-me o embrulho já feito, inclinando-se sorridente:

— Permita-me, senhor!... Quem ganhou?

— Eu também sei embrulhar, e tão bem como você.

— Isso havemos de o ver para a próxima...

Com unção de iniciado, levo comigo as suas recomendações, apertando com força o embrulho dos livros onde talvez se esconde o meu futuro — o ensino do trabalho, o segredo da arte, a verdade da vida —, quem sabe!...

No Verão vi Górki ao lado de Lénine.

Aconteceu em Julho, na abertura do II Congresso da Internacional Comunista. O facto de Lénine ter vindo ao Congresso e de intervir na cidade que recentemente, à custa de enormes sacrifícios, soubera defender as suas muralhas dos ataques do inimigo, bem como a circunstância de ali se terem reunido representantes dos partidos operários de quase todos os pontos do Mundo, tudo aquilo dava ao acto um carácter triunfal. Mas naquele triunfo havia também imperativos duros, inflexíveis: a luta ainda continuava, era uma luta de morte, e o Congresso realizava-se de dentes cerrados e no firme propósito de lutar até ao fim.

O aparecimento de Lénine causou sensação.

O amarelado resplendor dos candeeiros, amortecido pela intensa luz do dia, que entrava pela clarabóia, parecia aumentar a emoção daqueles que enchiam a sala. O calor sufocante acumulara-se no palácio muito antes de começar o Congresso. E de repente a tensão produzida pela luz diferente das lâmpadas e do sol, o ambiente pesado e a longa espera começou a descarregar-se nos aplausos que ressoaram na galeria; um tanto intermitentes a princípio, logo se fundiram para descerem lentamente em vaga que pareceu abarcar e mover todo o palácio: de cabeça inclinada, como que oferecendo resistência ao vento, diante da multidão de delegados, Lénine atravessou toda a sala. Subiu com rapidez à cadeira da presidência e desapareceu durante aquela ovação cres-

cente e prolongada. Depois, surgiu de novo, inesperadamente, subindo apressado pelo corredor do anfiteatro. Quando o viram, as pessoas começaram a redemoinhar no lugar onde ele se detivera, formando um círculo cada vez mais apertado, e o fragor dos aplausos fez que mais uma vez a sala parecesse oscilar. Lénine falava amistosamente com Mikha Zkhakaia, inclinando-se cada vez mais para o seu ouvido; por fim, deixou cair a mão como que irritado com aquele alvoroço, quase rompeu o círculo de gente e lançou-se para baixo.

Mas teve de suportar uma terceira ovação, quando subiu à tribuna para fazer o seu relatório. Esteve um longo momento examinando uns pequenos papéis. Depois, levantou muito alto a mão e agitou-a ao ar para serenar a sala inquieta. No meio daquele efervescente trovejar, Lénine, como que para se defender, tirou de repente o relógio do bolso do colete e mostrou-o à multidão, batendo enfadado com o dedo no vidro. Mas também isto de nada serviu. Então, pôs-se outra vez a ver nervosamente os seus papéis, como se já lhe faltassem as forças para suportar aquela lamentável alteração da ordem.

As primeiras palavras de Lénine aproximaram-no, de um modo surpreendentemente real, do seu auditório. Não falava muito alto, pronunciava o «r» um pouco à maneira francesa. Com voz aguda, dizia coisas práticas, prosaicas, mas com uma exaltação extraordinária, de verdadeiro orador. Mencionava números, aproximando dos olhos os pequenos papéis, e nas suas palavras tudo era útil e claro, sem adornos nem palha; fundidas com os gestos, simples e persuasivos, com a mobilidade e leveza do seu corpo, pareciam de fogo pelo seu próprio sentido.

Lénine ia revelando perante o Congresso um grande mundo, o mundo da luta pela humanidade com as forças do primeiro Estado Soviético da Terra. Dir-se-ia que pegara na mão da história e a trouxera com facilidade à sala, e ela, docilmente, mostrava-nos as acções da recém-derrotada Polónia e do esmagado Wrangel, bem como a atitude da sua defensora Inglaterra que, de repente, se sentira cheia de amor pela paz e propusera a sua mediação entre os Sovietes e a contra-revolução. Lénine reproduzia um instante da história. Porém nas suas palavras práticas, semelhantes a cálculos de cientista, palpitavam, como um coração, os sonhos num mundo novo, e o Congresso não se limitava a seguir na sua trajectória o pensamento leninista: parecia, além disso, tocar com as suas mãos na própria alma de Lénine.

O camarote da imprensa, onde eu me encontrava, ficava ao lado da tribuna. Eu não afastava os olhos de Lénine, e tinha a convicção de que se fosse pintor, pintaria o seu retrato de memória.

Continuei a olhá-lo quando, terminada a sessão, entre a multidão de delegados, se encaminhou para a saída do palácio. O aperto era terrível. No meio de um calor sufocante e de uma aglomeração extraordinária, centenas de pessoas procuravam avançar aos empurrões para o verem mais de perto. E enquanto iam por entre os bastidores, pela sala circular e pelo átrio, as pessoas constantemente o apertavam.

De repente, sobressaindo muito por cima dele e da multidão, vi a cabeça de Górki. Precisamente diante das portas, detiveram-se todos; depois, muito lentamente, como se flutuassem, foram-se filtrando até ao portão. Lénine e Górki saíram também assim do palácio, quase unidos, apertados pela multidão, bem juntos, mas naquele momento no batente do portão a procissão voltou a parar e então, abrindo caminho por todos os lados, aproximaram-se deles os fotógrafos, fazendo disparar as máquinas e escondendo-se do sol com panos e lenços negros. Górki estava parado junto de uma coluna, atrás de Lénine, sem chapéu, e a cabeça, banhada pelo sol, via-se bem de longe. Em todo o lado se repetia o seu nome. Apercebi-me de novos traços no rosto de Górki, que não recordava dos encontros anteriores. Devia estar comovido até ao fundo da sua alma e dominava a sua emoção, e aquele esforço tornava o seu olhar duro e mantinha imóveis as acentuadas rugas da cara, habitualmente vivas. Parecia-me muito autoritário, e dir-se-ia que todo o seu rosto exprimia a inflexibilidade que acabava de ressoar no discurso de Lénine e que todo o Congresso acolhera.

Apertado pela multidão, olhando por cima dos ombros e das cabeças, eu procurava com todas as minhas forças não perder nem um só movimento daqueles dois homens que estavam juntos: Lénine e Górki. E imaginava que tudo o que de melhor sempre pensara acerca de Górki estava encarnado nele naquele instante, estava naquela proximidade com Lénine, com a mais elevada compreensão de quanto acontecia no mundo.

Entrei em sua casa, absorvido como sempre pela entrevista que ia ter lugar e não me apercebi de que, na sala, certamente entre as estantes dos livros, está mais alguém além de nós. Durante a conversa agarrou-me pelo braço e fez-me voltar um pouco.

— Apresento-lhe Vsévolod Ivánov. Também escritor. Da Sibéria. Sim.

De costas apoiadas no fogão, está de pé um homem com roupa muito usada, meio militar, pernas apertadas por grevas de soldado. A monótona indumentária há muito que ganhou sobre o corpo dele aquela rugosidade desbotada que se adquire nas marchas. A cara e as mãos tinham uma cor terrosa — acinzentada. Pela

sua magreza, que era quase definhamento e por todo o seu aspecto de homem treinado para andar, parecia um fugitivo.

— É um espanto o que conta — disse Górki, suspirando.

E na verdade aquilo que nos conta é espantoso. Acaba de chegar do Oriente, não sei como, e a visão das hordas de Koltchak ergue-se ainda diante dos seus olhos estreitos e das pequenas lentes dos óculos, que não se harmonizam com os malares salientes. Esteve dois anos no meio do turbilhão da guerra civil, e saiu indemne, se é que é possível sair dela sem dano algum. Fala dos horrores com muito poucas palavras, em frases curtas, cortantes. Mantém as mãos atrás das costas, a sua cara parece indiferente ao que diz, a sua voz é baixa:

— Tiram as tripas a um soldado vermelho. Cravam-nas num poste. Obrigam-no, à coronhada, a dar voltas em torno do poste até que todas as tripas se enrolem nele.

— A que poste? — pergunta Górki, minucioso, com ar severo.

— Tanto faz! A um do telégrafo.

— Bem terrível é isso — diz Górki esfregando as mãos como se tivesse frio. — Bem terrível. E os guerrilheiros que fazem?

— Não se portam mal. Os guerrilheiros são gente desembaraçada.

Górki olha Ivánov esquadrinhador, mas a curiosidade e o sentimento de admiração impõem-se: existe algo de épico nas incríveis narrativas do fugitivo, e é bem pouco provável que minta, pois viu muita coisa. Se carrega nas tintas fá-lo com tanto talento que seria uma pena não escutar os seus terríveis exageros.

...Já o fugitivo está instalado no bairro de Víborg, no antigo altar da capela do hospital. Do tecto olham-no beatíficos os evangelistas Marcos e Lucas, João e Mateus, coloridos. Sobre aquela divina mesa decorre uma vida rara, que nada tem do sacramento do altar: amontoam-se, arrancam-se, cortam-se, ficam cobertas de manchas de lápis páginas de papel couché com tabelas, mapas e gravuras a cores. Nas costas das páginas arrancadas de uma enciclopédia, Vsévolod Ivánov escreve com rapidez febril, como que perseguido pelas pavorosas visões, narrativas dos horrores presenciados. Górki, de vez em quando, chama-o pelo telefone. Ivánov acode a correr do altar à casa contígua e escuta as atentas perguntas:

— Recebe pão?... Escreve?... Muito bem, continue a escrever.

Isto acontecia no início dos cuidados de Górki para garantir o pão quotidiano a escritores novos que ninguém conhecia, e Vsévolod Ivánov era o primeiro entre eles que, com o saco às costas, se punha na bicha para receber a sua ração na Casa dos Cientistas.

Eu não tenho dúvidas de que se trata de um dos mais audazes escritores do período posterior a Outubro.

Ele conseguiu a afinidade química entre coisas tão difíceis de combinar como a dura verdade e a forma leve, fácil, da exposição. A sua prosa acerca da guerra civil constitui hoje uma das fontes da literatura soviética. Os seus camaradas deveriam reconhecer que ele foi o primeiro que, depois da guerra, conseguiu dar com força literária um novo material, revolucionário, à arte de escrever: aquilo que fizera palpitar os corações de toda a jovem geração da literatura russa.

Talvez uma das mais felizes descobertas que Górki fez entre os escritores foi precisamente Vsévolod Ivánov.

...Os inícios do ano de 1921 foram para Górki os dias mais penosos de então. A sua doença desenvolvia-se com rapidez, e difícil é encontrar outro mal que possa comparar-se à tuberculose quanto à requintada capacidade para alterar o equilíbrio espiritual.

Vio-o em Janeiro, na Casa das Artes, numa sessão dedicada à literatura mundial. Sentado a uma pequena mesa, abriu a sessão com palavras muito breves, umas quantas frases e nada mais. Na serena e silenciosa sala ouvia-se a sua respiração. Tentava vencer a fadiga com um supremo esforço, mas aquilo saltava aos olhos dos ouvintes, deixando-os muito inquietos. Acabou de falar e saiu, com passadas grandes e oscilantes, como se de repente tivesse perdido a sua leveza habitual.

Nunca subi com tão lamentável estado de ânimo a estreita escada da Avenida de Krónverkski, e isso não se deve à escuridão e ao frio, próprios de Outubro, nem por estar doente. Não, o motivo é saber que venho aqui pela última vez, para me despedir. Górki parte para se curar, como agora se diz, para Naugueim e depois, certamente, para a Finlândia. Que mais se pode desejar? Eu sei muito bem que atingiu um limite para o qual já não há talvez cura possível. Imagino claramente como o vou ver quando entrar e ele se levantar para se dirigir ao meu encontro. Mas só a palavra «despedida» me aflige cuelmente, e um egoísmo involuntário opõe-se a que reconheçamos essa necessidade. Górki precisa de ir. Bem, para ele será bom, mas será bom para mim, para nós, para todo o mundo de esperanças que ele iniciou com tão boa vontade e tanta rapidez? Claro que ele é obrigado a ir curar-se, pois morrer é o mais simples. A espantosa perda de Blok ainda está fresca na memória e continua a surpreender todos pela sua rapidez. Mas que fazer com este sentimento de pena, com esta amargura de saber que vou agora falar com ele pela última vez?

Muito mais tarde, Górki, nas suas memórias de Lénine, incluía a carta que este lhe dirigira e que decidiu definitivamente a sua ida para o estrangeiro:

«[...] Tem vómitos de sangue e não se vai embora? Isso é uma falta de consciência e de cálculo, palavra de honra! Na Europa, num bom sanatório, irá curar-se e ali fará três vezes mais do que faz. Palavra de honra! Enquanto aqui nem cura nem trabalho eficiente, unicamente fadiga, vã fadiga. Vá e cure-se! Não seja teimoso, peço-lhe!

Seu muito amigo

Lénine»

Volta a espantar-me que Górki, acima de tudo, se preocupe com os outros, com as pessoas de quem se despede. Mas também fala de si, com embaraço, sorrindo confuso e levantando ora um ombro ora outro.

Tem no rosto umas rugas novas, umas pregas que pendem. Os olhos tornaram-se mais ardentes e o seu azul é de maior transparência, mas a febre não animou o olhar, não fez mais que acentuar o cansaço que parece incrustado em cada um dos seus traços.

— Por pouco não morria em Moscovo. É o que lhes digo, sim... Nunca nada de semelhante me tinha acontecido. Por vezes, antes, o perigo ameaçava-me, mas eu não o sentia. Enquanto desta vez senti, compreendem? Senti a possibilidade de morrer.

Ri com alegria e num espanto infantil e, abrindo muito os olhos, repete várias vezes:

—Senti a possibilidade de morrer... Possibilidade muito real, compreendem? Muito... Encontraram-me não sei que dilatação estranha no coração...

E o pior de tudo é que temos de acreditar nele...

Passando bruscamente a uma expressão séria, como se tivesse compreendido quanto aquela conversa a nada conduzia e como se a si mesmo se repreendesse, pergunta:

— E como vai você, meu caro senhor?

Eu tinha acabado de sair da clínica e em breve teria de ser hospitalizado para me submeter a uma operação. Quando lho digo, inquieta-se e começa a perguntar-me quem vai operar-me, quem cuidará de mim depois da intervenção cirúrgica...

— A operação não tem qualquer importância — diz sem acreditar nas suas próprias palavras nem que eu me iluda com elas. — Mas que vai você fazer depois da operação? Vai precisar de alimentação... Já vê que inconveniente... E onde vai arranjar os alimentos, hein?...

Fica a tossir um longo instante, agitando constantemente o dedo levantado para indicar que lhe ocorreu uma ideia e que tenha paciência até acabar de tossir para o poder dizer:

— Espere um pouco... — pede-me, mal retoma o fôlego. — Quando publicarem os meus livros, receberei os direitos e mandarei dinheiro. Para todos os Serapiões (*).

Mas logo me recomenda com um carinho que me enternece:

— Preocupe-se consigo. E diga aos seus que tratem de si. Sim, cuidem uns dos outros... Este grupo é para mim singularmente querido. Temos de o salvar, de o conservar a todo o custo...

Avança para mim, sorrindo com o seu sorriso oblíquo que um dia me comovera e, desajeitadamente, contendo-se, toca-me no ombro.

— Como você emagreceu — murmura baixinho.

— Então é o Grékov que o vai operar? Bom cirurgião, um mestre... Claro que talvez fosse melhor que o fizesse Fiódorov...

Fita-me alarmado, mas logo rectifica sem vacilar:

— O principal é o período pós-operatório. E disso trataremos nós. Trataremos disso sem falta!...

Uma vez mais, a última, tenho por um instante a sensação de que se pode penetrar pelos seus olhos. Mas perco-a, já não a tenho, ficou para trás, como tudo.

Estou em baixo, no portal, junto da saída, e antes de sair é-me indispensável desembaraçar-me de um sentimento que me estorva, que me estorva porque não o compreendo. Para isso preciso de reunir muitas forças, forças físicas, vulgares, e quando por fim o consigo, digo para mim, contente com a inesperada libertação: «Sim, sou um homem feliz! Como sou feliz!»

(*) Membros de um grupo de intelectuais russos, de que K. Fédine fazia parte. *(Nota da edição portuguesa.)*

«Pela sua beleza espiritual e pela força do seu amor ao mundo, constituem um fenómeno sem par; eu não conheço nenhum semelhante», dizia Górki, referindo-se aos revolucionários russos.

Toda a vida do grande literato e cantor da Revolução esteve ligada no movimento proletário, na mais estreita conexão com ele. Máximo Górki (1868-1936) conheceu pessoalmente muitos destacados revolucionários da sua época; acerca deles escreveu livros ou teve o veemente desejo de o fazer. Amigo íntimo de Lénine, deixou memórias a ele referentes que ocupam justamente um destacado lugar, talvez o primeiro entre escritos literários análogos.

É do conhecimento geral que a obra cimeira de Górki se baseia nalguns factos da biografia do revolucionário russo Piotr Zalómov e de sua mãe, com os quais manteve amizade até ao final dos seus dias.

No presente livro figuram narrativas de Górki acerca de Simón Archakóvitch Ter-Petrossián, conhecido na história pelo nome de «Kamó», e de outros revolucionários.

KAMÓ

Em Novembro e Dezembro do ano de 1905, vivia na esquina das ruas Mokhovaia e Vozdvíjenka — onde até há pouco tempo se encontrava ainda o Comité Executivo Central da Rússia — uma *drujina* (*) de combate composta por doze georgianos. Organizada por L. Krássine e subordinada a um grupo de camaradas bolcheviques e ao Comité que tentava dirigir o trabalho revolucionário dos operários de Moscovo, aquela *drujina* fazia serviço de ligação entre os bairros e guardava a minha casa nas horas das reuniões. Várias vezes teve de intervir activamente contra os «cem-negros» e, em certa altura, na véspera do enterro de N. Bauman, quando uma multidão de milhares de cem negros se dispunha a assaltar a Esco-

(*) Destacamento revolucionário de operários armados. *(Nota da edição portuguesa.)*

la Técnica, onde se encontrava a urna com o cadáver de Bauman, assassinado pelo miserável Mikhaltchuk (*), o pequeno destacamento, bem armado, de jovens georgianos, dispersou aquela multidão.

Ao cair da noite, os da *drujina*, extenuados das fadigas e perigos do dia, reuniam-se na casa e, deitados no chão da sala, contavam uns aos outros os incidentes do dia. Todos eles eram jovens de dezoito a vinte e dois anos de idade. Eram comandados pelo camarada Arabidze (**), homem que andaria perto dos trinta anos e era um revolucionário enérgico, exigente, severo e sempre disposto para acções heróicas. Se não estou errado, foi ele quem matou a tiro, em 1908, o general Azantchéiev-Azantchévski, chefe de um dos destacamentos punitivos da Geórgia.

Da boca de Arabidze ouvi pela primeira vez o nome de Kamó e os relatos sobre a actuação daquele artista, de excepcional audácia, na esfera da técnica revolucionária.

Os relatos eram tão assombrosos e lendários que custava a acreditar que, mesmo naqueles dias heróicos, um homem pudesse ter em si ao mesmo tempo tanta audácia, quase fabulosa, e uma extraordinária engenhosidade, ao lado de uma candura infantil. Parecia-me então que, se eu escrevesse quanto ouvira sobre Kamó, ninguém acreditaria na existência real de tal homem, e o leitor tomaria a figura de Kamó pela invenção de um romancista. Quase tudo o que Arabidze me contava tomava eu como romantismo revolucionário do narrador.

Mas, como acontece com bastante frequência, resultou que a realidade ultrapassava a «invenção» em complexidade e brilho.

Pouco depois, os relatos acerca de Kamó eram-me confirmados por N. Flérov, homem que eu conhecera em Tiflis no ano de 1892, quando trabalhava como revisor no jornal *O Cáucaso*. Era então «populista», acabava de voltar do desterro na Sibéria, muito fatigado, mas travara conhecimento com as teorias de Marx e, de maneira muito eloquente, assegurava ao meu camarada Afanássiev e a mim:

— A história trabalha a nosso favor.

Como a tantos já fatigados, a evolução agradava-lhe mais que a revolução.

Mas em 1905 apareceu em Moscovo como outro homem, diferente.

(*) Porteiro de uma casa da Rua Alemã, hoje de Bauman. Pelo assassínio de Bauman, foi absolvido. Em 1906 foi julgado por roubo de alguns objectos domésticos e foi condenado. *(Nota de M. Górki.)*

(**) Artista dramático georgiano, camarada Vassó Arabidze. *(Nota de M. Górki.)*

— Entre nós, paizinho, começa a revolução social. Está a entender? Começa e continuará, porque começou por baixo, pela base — dizia com uma tossezinha seca e voz cautelosa de quem tem os pulmões abrasados pela tuberculose.

Para mim era agradável ver que perdera a sua miopia de racionalista limitado, dava gosto ouvir as suas ardentes palavras.

— Que assombrosos revolucionários saem dos meios operários! Escute!

E começou a falar-me de um homem surpreendente. Mas eu, depois de o escutar durante uns momentos, perguntei-lhe:

— Chama-se Kamó?

— Conhece-o? Ah! Só de ouvir falar...

Esfregou com força a testa ampla, passou a mão pelos raros cabelos, ondulados e cinzentos, de uma calva incipiente, ficou um instante pensativo e disse, fazendo-me recordar o céptico e racionalista que era treze anos antes deste encontro:

— Quando se fala muito de um homem é porque se trata de um homem extraordinário e talvez da «andorinha» que «não faz a Primavera».

Mas, depois de prestar tributo ao passado com aquele comentário, confirmou-me os relatos de Arabidze e contou-me por sua vez:

Em Baku, na estação, onde Flérov tinha ido esperar uma sua conhecida, um operário deu-lhe um forte empurrão e disse-lhe a meia voz:

— Faz o favor de me insultar!

Flérov compreendeu que era preciso insultar, e enquanto o fazia, aquele operário, tirando o gorro com ar culpado, murmurou:

— Tu és Flérov, eu conheço-te. Estou a ser seguido. Virá um homem com a cara ligada e um sobretudo de tecido aos quadrados. Diz-lhe: «A casa falhou: há uma cilada.» E leva-o para tua casa. Compreendes?

Depois, o operário pôs o gorro na cabeça e também ele começou a gritar com insolência:

— Já chega de gritos! Que está para aí a dizer? Que eu lhe parti as costelas?

Flérov começou a rir:

— Fiz bem o papel, não fiz? Depois, estive um bom bocado a pensar. Porque não despertou em mim qualquer suspeita e me submeti com tanta facilidade? Certamente, surpreendeu-me a expressão imperiosa do seu rosto. Um provocador ou um da secreta ter-me-ia pedido, não teria a ideia de ordenar. Mais tarde, voltei a vê-lo duas ou três vezes. Numa delas passou a noite em minha casa e estivemos a conversar muito tempo. No aspecto teórico, não

é um homem muito preparado. Sabe-o e envergonha-se muito com isso, mas não tem tempo para ler nem para estudar. Além disso, parece que não lhe faz grande falta, visto ser revolucionário por temperamento, um revolucionário indomável, para sempre. O trabalho revolucionário é para ele uma necessidade física, como o ar e o pão.

Uns dois anos mais tarde, na ilha de Capri, Leonid Krásssine punha de novo na minha frente a figura de Kamó. Estávamos a recordar os camaradas e ele, sorrindo irónico, perguntou-me:

— Lembra-se de que em Moscovo você ficou espantado por me ver piscar o olho a um emproado oficial caucasiano? Você, maravilhado, perguntou-me: «Quem é aquele?» E eu disse-lhe: «Um conhecido de Tiflís, o príncipe Dadechkeliani.» Lembra-se? Parecia-me que você não acreditava na minha amizade com aquele empertigado sujeito e até ficara a suspeitar de um gracejo meu. Pois bem, aquele fulano era Kamó. Desempenhava perfeitamente o papel de príncipe! Agora está preso em Berlim e encontra-se em condições tais que, certamente, desta vez não escapará. Enlouqueceu. Diga-se aqui entre nós, não é impossível, mas é muito pouco provável que isso o salve. A Embaixada da Rússia exige que lho entreguem como delinquente comum. E se a polícia sabe, mesmo que seja só metade, do que ele já fez, enforcará Kamó.

Quando contei a Krássine o que ouvirá de Kamó e lhe pedi que me dissesse que parte de verdade havia naquilo, ele, depois de meditar um pouco, respondeu-me:

— É possível que seja tudo verdade. Eu também ouvi esses relatos sobre a sua extraordinária audácia e habilidade. Claro que os operários, no seu desejo de terem um herói, talvez exagerem um tanto as proezas de Kamó e criem à volta dele uma lenda revolucionária, apercebendo-se da sua importância educativa do ponto de vista de classe. Mas de qualquer maneira trata-se de um rapaz de uma originalidade excepcional. Por vezes parece que, mimado pelos êxitos, se torna traquinas e faz-se palhaço. Mas isso, aparentemente, não obedece a leviandade juvenil, nem a jactância, nem a romantismo. Deve ter outra origem. Faz as suas tropelias com muita seriedade, mas, ao mesmo tempo, como que em sonho, sem contar com a realidade. Aconteceu o seguinte caso: em Berlim, pouco antes da sua prisão, ia ele pela rua com uma camarada, uma rapariga russa. Ela apontou-lhe um gato ainda pequeno à janela de uma casa burguesa e comentou: «Olhe que bonito!» E logo Kamó trepou até lá rapidamente, apoderou-se do gatinho e entregou-o à assombrada acompanhante dizendo-lhe: «Fique com ele, por favor!»

— A rapariga teve depois de demonstrar aos alemães que o gatinho saltara da janela. E esta não é a única história do género.

Eu penso que Kamó carece em absoluto do instinto de propriedade. «Fique com ele, por favor!» diz ele com frequência quer se trate da sua camisa, das suas botas e em geral de coisas que lhe são necessárias.

— É bondoso? Não. Mas é um excelente camarada. Para ele não há o meu nem o teu. Para ele só há «o nosso gru», «o nosso Partido», «a nossa causa»...

— De outra vez, também em Berlim, numa rua muito concorrida, um comerciante pôs na rua um rapazinho. Kamó entrou pelo estabelecimento e começou a gritar, enquanto aquele que o acompanhava, muito assustado, tentava contê-lo com grande dificuldade. «Deixa-me, faz favor. Tenho de lhe partir a cara com uns murros.» Provavelmente já estava a ensaiar o seu papel de louco, é o que agora me parece. Mas naquele tempo não se podia deixar que ele fosse à rua sozinho, pois era como se saísse para se meter nalgum escândalo.

— É verdade. Ele próprio me contou que, durante uma expropriação, pareceu-lhe que o sítio para onde devia atirar uma bomba estava a ser vigiado por dois agentes da secreta. Até ao momento da acção ainda lhe restavam uns minutos. Aproximou-se dos agentes e ordenou-lhes: «Fora daqui ou disparo!»

«— E eles foram-se?» — perguntei eu.

«— Claro que foram.»

«— E porque lhes disseste isso?»

«— Olha que pergunta! Tinha de dizer e disse.»

«— Sim, mas por que razão? Tiveste pena deles?»

— Enfadou-se e ficou muito corado.

«— Pena nenhuma! Eram apenas uns pobres diabos. Que lhes interessava aquilo? Que tinham eles a fazer ali? Não era só eu que ia atirar bombas. Podiam feri-los ou matá-los...»

— A sua conduta neste caso completa-se, e talvez se explique, com outro caso análogo: uma vez, em Didub, descobriu que alguém o espiava. Agarrou-o, encurralou-o contra uma parede e começou a convencê-lo: «Tu és pobre? Então porque actuas contra os pobres? Os teus companheiros são os ricos, não é verdade? Porque és um canalha? Queres que te mate?»

— Aquele homem não desejava que o matassem. E era afinal um operário russo de um grupo de Batumi que viera buscar livros e panfletos, mas perdera o endereço do camarada e procurava encontrar a casa. Está a ver que rapaz original é Kamó?

A mais surpreendente das suas façanhas é a simulação genial com que enganou os mais sábios psiquiatras berlinenses. Contudo, a hábil simulação não lhe serviu de muito, pois o governo de Guilherme II entregou Kamó aos polícias do tsar. Carregado de concorrentes e grilhetas, levaram-no para Tiflís, onde foi internado

no serviço de psiquiatria do hospital Mikháilov. Se não me engano simulou a loucura durante três anos. A sua fuga do hospital de Tiflís foi também qualquer coisa de fantástico.

Conheci pessoalmente Kamó no ano de 1920 em Moscovo, em casa de Fortunátova, que fora a minha antiga morada, na esquina das Ruas Vozdvijenka e Mokhovaia.

Homem forte, vigoroso, com típico rosto de caucasiano e uma expressão boa, muito atenta e severa, dos seus afáveis olhos escuros, vestia a farda de soldado do Exército Vermelho.

Pelos seus gestos, cautelosos e inseguros, via-se que aquele ambiente pouco habitual para ele o perturbava um pouco. Via-se claramente que as perguntas sobre o seu trabalho revolucionário o aborreciam e que estava completamente absorvido por outra tarefa. Dispunha-se a entrar numa academia militar.

— É difícil entender a ciência — lamentava-se com amargura, dando palmadas num livro de estudo e passando-lhe a mão como se afagasse um cão vadio. — Tem poucos desenhos. É preciso pôr mais ilustrações nos livros, para que se veja imediatamente o que é uma deslocação. Sabe o que é isso?

Eu não sabia e Kamó, sorrindo confuso, comentou:

— Está a ver...

Era um sorriso de impotência, como que infantil. Aquele desamparo conhecia-o eu bem, pois na minha juventude experimentara-o com frequência ao tentar alcançar a sabedoria verbal dos livros. Também compreendia como devia ser difícil vencer a resistência dos livros a um prático audaz, para quem servir a Revolução era acima de tudo actuar, criar novos factos.

No primeiro encontro que tive com Kamó, aquilo logo despertou em mim uma viva simpatia por ele, e quanto mais o tempo passava, mais me surpreendia com o homem e com a profundidade e exactidão do seu sentido revolucionário.

Era completamente impossível unir tudo o que eu sabia sobre o lendário arrojo de Kamó, a sua força de vontade sobre-humana e o seu espantoso autodomínio, com o homem que tinha na minha frente, sentado a uma mesa, a abarrotar de manuais.

Parecia inacreditável, que depois de uma tão prolongada tensão de forças, continuasse a ser um camarada tão simples e agradável, que conservasse a juventude de espírito, a alegria e o vigor.

O jovem vivia ainda nele, e com juvenil romantismo estava enamorado por uma mulher boa, ainda que não brilhasse pela beleza; além disso, parece-me que tinha mais anos que ele.

Falava dos seus amores com aquele lirismo apaixonado que só se encontra nos jovens fortes, sãos e castos:

— É magnífica! Doutora, percebe? E sabe tudo, todas as ciências. Vem do trabalho e diz-me: «O quê? Como é que não podes entender? Isso é simplíssimo!» E é verdade! É muito simples! Que pessoa!...

E quando contava os seus amores, por vezes com palavras cómicas, fazia inesperadas pausas, despenteava o abundante e encaracolado cabelo e ficava a olhar-me, perguntando-me qualquer coisa em silêncio.

— Bem, e depois? — animava-o eu a continuar.

— Bem vês... — dizia vagamente, e era preciso estar a insistir com ele um bom bocado para depois ouvir uma pergunta ingénua:

— Será altura de casar?

— Porquê?

— Bem vês... a Revolução... Tem de se estudar, tem de se trabalhar. Estamos cercados de inimigos. É preciso combater!

E as sobrancelhas franzidas, o severo fulgor dos olhos denotavam claramente que o atormentava muito uma dúvida. Não seria o casamento uma traição à causa da Revolução? Causava estranheza, era um tanto cómico e muito especialmente comovedor que o vigor juvenil e a frescura do seu amor de homem não coincidissem com a sua arrojada energia de revolucionário.

Com a mesma paixão com que falava do seu amor pela mulher, dizia que era necessário ir ao estrangeiro, trabalhar lá.

— Pedi a Ilitch: «Deixa-me ir. Eu serei no estrangeiro um homem útil!» «Não — respondeu-me —, estuda!» Bem, que hei-de eu fazer! Ele é que sabe o que é preciso. Um homem como ele! Ri como uma criança! Já alguma vez ouviste o riso de Lénine?

Sorriu radiante e voltou a ficar sombrio e a lamentar-se das dificuldades para atingir a ciência militar.

Quando lhe fazia perguntas sobre o seu passado, confirmava-me de má vontade todos os relatos extraordinários a seu respeito, mas franzia as sobrancelhas e pouco acrescentava de novo que fosse desconhecido para mim.

— Também fiz muitas tolices — confessou uma vez. — Numa ocasião embebedei um polícia e untei-lhe a cabeça, com alcatrão, até à barba. Era meu conhecido. Chega-se a mim e pergunta-me: «Que levavas ontem no cesto?» «Ovos.» «E que papéis havia debaixo deles?» «Não estavam lá papéis nenhuns.» «Estás a mentir — responde-me —, eu vi-os.» «E porque não me revistaste?» «Porque vinha do banho.» Que imbecil! Eu aborreci-me: porque me obrigava a mentir? Levei-o a uma taberna e, quando estava bêbado como um cacho, bezuntei-o de alcatrão. Eu era novo e ainda fazia travessuras. — Calou-se e torceu a boca como se tivesse bebido um trago de vinagre.

Comecei a tentar convencê-lo de que devia escrever as suas memórias, garantindo-lhe que seriam extremamente úteis para os

jovens que não conheciam a técnica daquele trabalho. Durante um bom bocado recusou-se, com a cabeça encaracolada.

— Não posso. Não sei. Que escritor posso eu ser, um homem sem cultura?

Mas quando reconheceu que as suas memórias eram também um serviço à Revolução, acabou por ceder. E, tomada a decisão, lançou imediatamente mãos à obra, como sempre fez na sua vida.

Escrevia não muito correctamente, com secura, procurando manifestamente falar mais dos camaradas e menos de si. Quando lho disse, aborreceu-se:

— E que devo fazer? Lançar incenso sobre mim? Não sou nenhum padre.

— E os padres lançam incenso sobre eles próprios?

— Então quem há-de ser? São as meninas?

Contudo, depois começou a escrever com mais clareza e menos reserva em relação a si mesmo.

Era belo à sua maneira, de uma beleza singular, que não se notava imediatamente.

Estava sentado diante de mim um homem forte, hábil, com o uniforme do Exército Vermelho, e eu via o operário, o vendedor ambulante de ovos, o cocheiro, o peralvilho, o príncipe Dadechkeliani, o louco acorrentado, o homem que convecera sábios cientistas de que estava verdadeiramente louco.

Não me recordo já porquê, referi que em Capri estivera comigo um tal Triadze, que só tinha três dedos na mão esquerda.

— Eu conheço-o. É um menchevique! — afirmou Kamó e, depois de encolher os ombros com gesto depreciativo, acrescentou: — Não compreendo os mencheviques. Como é possível? Vivem no Cáucaso e lá a natureza é pródiga... Os montes sobem até ao céu, os rios correm para o mar, há príncipes por todo o lado, tudo é riqueza. Mas a gente é pobre. Porque são os mencheviques tão débeis? Porque não querem a revolução?

Esteve a falar um longo momento: sentia-se no que dizia um ardor crescente, mas alguns dos seus pensamentos não encontravam palavras. E, depois de um profundo suspiro, acabou por dizer:

— Muitos inimigos tem a classe operária. Mas o mais perigoso é aquele que sabe dizer mentiras na nossa linguagem.

O meu maior desejo era, como é evidente, saber como aquele homem tão «bonzão» soubera encontrar forças e arte para convencer os psiquiatras da sua loucura.

Mas as perguntas a esse respeito não pareciam agradar-lhe. Encolhendo os ombros, respondeu-me vago:

— Que queres que te diga?... Tinha de o fazer! Só assim me salvava; considerava isso útil para a revolução.

E só quando lhe disse que nas memórias devia descrever aquele duro período da sua vida, que era preciso pensar bem tudo isso e que talvez eu lhe pudesse ser útil, ele ficou pensativo, fechou mesmo os olhos e, crispando a mão bem fechada, respondeu lentamente:

— Como hei-de contar-te?... Eles apalpavam-me, batiam-me nas pernas, faziam-me cócegas... Bom, e tudo o mais neste género... Mas será possível apalpar a alma? Um obrigou-me a ver-me no espelho. Olho e vejo nele não a minha cara, mas a de um tipo magro, cabeludo, de olhos selvagens e cabelos em pé. Feio! Mesmo horrível.

— Mostrei os dentes. E pensei: «Quem sabe se realmente não endoideci?» Foi um minuto terrível! Depois caí em mim e escarrei no espelho. Os dois entreolharam-se, como dois velhacos, sabes? E eu disse para mim: «Aqueles dois ficaram contentes por um homem se esquecer de si próprio!»

Fez uma pausa e continuou, baixando a voz:

— Durante muito tempo estive a pensar: «Aguentarei ou ficarei mesmo doido?» Aquilo não estava bem. Duvidava de mim mesmo. Compreendes? Encontrava-me como que à beira de um precipício. E não sabia como é que não caía nele.

Depois de outra pausa, dilatou os lábios num amplo e astuto sorriso:

— Eles, como é natural, conhecem o seu ofício, sabem da sua ciência. Mas não conhecem os caucasianos. Para eles, todo o caucasiano tem de ser maluco. E eu, além disso, era bolchevique... Isto também eu pensei naquela altura. Bem, decidi, vamos lá ver quem endoidece primeiro! Mas não aconteceu nada! Eles ficaram como estavam e eu também. Em Tiflis já não me atormentaram tanto. Aparentemente acreditaram que os alemães não podiam ter-se enganado.

De tudo quanto me contou, aquele foi o relato mais longo.

E, pelo que parecia, foi o mais desagradável para ele. Passados uns minutos, voltou inesperadamente àquele tema. Empurrou-me suavemente com o ombro — estávamos sentados um ao lado do outro — e comunicou-me a meia voz, mas em tom severo:

— Existe uma palavra russa: *iárost* (*). Mas sabes, eu não compreendia o que essa palavra significava. Mas naquela altura, na frente dos médicos, eu estava em pleno *iárost*, assim creio agora. *Iárost* é uma grande palavra! Sou doido por ela. É verdade que houve um deus russo que se chamava Iarilo?

(*) Furor, ira, raiva. *(Nota da edição portuguesa.)*

E ao ouvir-me dizer que sim, que existira tal deus — encarnação das forças criadoras —, começou a rir.

Na minha maneira de ver, Kamó é um daqueles revolucionários para os quais o futuro é mais real que o presente. Isto de modo algum quer dizer que sejam uns sonhadores, não; isto significa que a força do seu espírito revolucionário, emocional, de classe, está organizada de um modo harmonioso e eficiente, que alimenta a razão, é base do seu crescimento, vai como que diante dela.

Fora do trabalho revolucionário, toda a realidade em que vive a classe a que pertencem lhes parece um sonho mau, um pesadelo, enquanto a realidade autêntica em que vivem é o futuro socialista.

MÍTIA PÁVLOV

Não sei em que lugar de Elets, morreu de tifo Mítia Pávlov, meu conterrâneo, operário de Sórmovo.

No ano de 1905, nos dias da insurreição de Moscovo, trouxe de Petersburgo uma grande caixa com cápsulas de fulminato de mercúrio e mais de dez metros de mecha inflamável, enrolada no peito. Por causa do suor, a mecha deve ter encurtado ou talvez a tivesse enrolado no peito com demasiada força; o caso é que, ao entrar em minha casa, Mítia caiu no chão. Tinha a cara azulada e os olhos desorbitados, como as pessoas que estão prestes a morrer de asfixia.

— Endoideceu, Mítia? E se no caminho tivesse desmaiado? Está a ver o que lhe teria acontecido?

Ofegante, respondeu-me, pesaroso:

— Tinham-se perdido a mecha e as cápsulas...

M. Tíkhvinski, enquanto lhe friccionava o peito, também lhas cantava, resmungão, enquanto Mítia, semicerrando os olhos, inquiria:

— Quantas bombas dará? Esmagar-nos-ão? O Présnia (*) resistirá?

Depois, deitado no divã e apontando com os olhos para Tíkhvinski, que examinava as cápsulas, perguntou num sussurro:

— É ele que vai fazer aqui as bombas? É algum professor? Um operário? Não é possível?

E de súbito, inquieto, perguntou:

— Não os fará ir pelos ares a vocês?

Dele, do perigo que passara e de que escapara por milagre, nem uma palavra.

(*) Bairro de Moscovo. *(Nota da edição portuguesa.)*

Os leitores soviéticos travaram conhecimento com as obras de Iuri Guerman (1910-1967) nos anos 30 e recordam o êxito que alcançou o seu romance *Nossos Conhecidos*. Já depois da Guerra Pátria, apareceram os livros *Jovem Rússia* e *Tenente-Coronel do Serviço de Saúde*. Foi traduzida em muitas línguas europeias a trilogia de Iuri Guerman sobre o médico Vladímir Ostímenko (*Esta É a Tua Causa, Meu Ser Querido* e *Respondo Por Tudo*). Entre as obras mais conhecidas de I. Guerman figuram as suas narrativas sobre Felix Dzerjínski, ilustre revolucionário leninista, uma das quais é publicada no presente livro.

DZERJÍNSKI E RÓSSOL

Na prisão de Sedlets partilhava a cela com Antón Róssol. A tuberculose fazia o seu trabalho com uma rapidez impiedosa. Róssol estava a morrer. Mal se podia levantar do estrado de tábuas que na cela fazia as vezes de cama, e durante a noite tinha vómitos de sangue que lhe arrebatavam as últimas energias. Antón perdera por completo o apetite. Durante horas e horas ficava imóvel, de olhos postos na parede suja, pensando sempre no mesmo.

Era duro morrer aos vinte anos.

Era insuportavelmente horrível morrer no cárcere, longe da família e dos amigos íntimos, atrás de uma grade, ouvindo o metálico bater das grilhetas, os rudes insultos dos carcereiros e os gritos dos camaradas que tiravam das celas para serem executados.

Sim, era horrível morrer na prisão, na Primavera, quando para lá da janela gradeada da cela floresciam os castanheiros, o céu era de dia para dia mais azul, mais diáfano, e o ar da rua tão fresco e puro.

A crueldade humana a nada se pode comparar. É claro que podiam pôr Róssol em liberdade, sob fiança, e talvez no campo, rodeado de erva verde, bebendo leite acabado de ordenhar e assim o poderiam salvar, afastando-o das garras da morte. E se não se salvasse, pelo menos teria a esperança de continuar a viver. Mas não o punham em liberdade porque diziam que ele não tinha salvação e na rua não poderia fazer mais que morrer. E para morrer na rua mais valia morrer na prisão e com vantagem para o Estado, pois que antes de expirar talvez tivesse medo e dissesse o que não quisera dizer até ali; talvez desse os nomes, permitisse fazer car-

reira ao capitão da polícia encarregado do seu caso e o ajudasse a pôr à sombra um bom número daquela gente que a autocracia tanto odiava.

Por isso o mantinham na prisão.

As pernas negavam-se a sustê-lo, não podia andar, mas não o soltavam. Na porta da cela havia um grande cadeado, e durante o dia abria-se uma infinidade de vezes o olho-de-Judas. O carcereiro espreitava para ver se o tuberculoso Róssol não estaria a abrir uma galeria ou a limar as grades da janela.

Por vezes perdia por completo as forças, mas o capitão da polícia interrogava-o sempre na presença de outros polícias pela simples razão de que aquele homem nada tinha a perder e era portanto capaz de qualquer coisa e havia que tomar com ele determinadas precauções.

À noite tinha dolorosos vómitos de sangue, e Oberiukhtine, o médico prisional, que escrevia nas revistas pequenos artigos sobre casos de simulação, deixara de se interessar pelo doente e de o visitar, pois pudera certificar-se de que Róssol nada simulava.

Róssol não queria ir para o hospital. Já ali estivera quase duas semanas e ele próprio solicitara que o voltassem a meter na cela. O hospital era ainda mais horrível que a prisão. Estava-se ali tão monstruosamente mal que Antón se limitou a fazer um gesto muito eloquente quando Dzerjínski lhe perguntou a razão por que voltara. Deu um murro no ar, estendeu-se no catre, fechou os olhos e disse:

— Está-se aqui como no paraíso.

Como seria aquele hospital se Antón considerava a cela um paraíso!

Uma tarde, Róssol disse de súbito:

— Talvez tudo isto venha da sova que apanhei.

— De que sova? — perguntou Dzerjínski sem o entender.

— Nunca te contei?

— Não.

— Um dia — começou Róssol pausadamente —, antes de te prenderem a ti, veio ver-me o director da prisão. Entrou, sentou-se e começou a falar comigo. Perguntou-me que tal me sentia e depois começou a pregar. Eu ouvia-o calado. O homem discursava em torno da autocracia, afirmava que o tsar era bom, que a revolução era má... Já sabes o que eles costumam dizer. «Vai para o diabo!», pensava eu, sem vontade nenhuma de discutir com ele. Por fim, acabou por me perguntar o que faríamos com ele se a revolução triunfasse. Pensei que estava a brincar, que não falava a sério, mas olhei para ele e vi que me enganava, que falava com toda a seriedade. Os olhos dele reflectiam um profundo interesse. Eu levei a coisa para o gracejo. «Perdoe — disse-lhe —, mas que podemos nós fazer-lhe? A sua patente é muito alta, o senhor ocupa um lugar de importância...» «Deixe-se de graças — disse-me —, estou a falar à sério. Sabe-se lá o que pode acontecer? Interessa-me muito conhecer o meu futuro, sou chefe de família, tenho filhos e devo estar ao corrente das perspectivas.» Foi assim que ele disse: «estar ao corrente das perspectivas».

— E depois? — perguntou Dzerjínski.

— Comecei outra vez a troçar, mas quanto mais troçava, maior era o desejo de lhe dizer o que pensava. Estás a entender-me?

— Era o que faltava! — riu Dzerjínski.

— Bem — continuou. — Disse-lhe que perguntasse a outros, pois eu morreria antes disso. Mas sentia que iria acabar por lho dizer, que não deixaria escapar esse prazer, ainda que me custasse muito caro, ainda que tivesse de pagar muito por essa pequena alegria. E disse-lhe.

— Como foi?

— Muito simplesmente. Disse-lho com muita cortesia, com suavidade e delicadeza, quase como a um amigo: «Pois saiba Vossa Senhoria que fatalmente o teremos de fuzilar, custe o que custar. Não se aborreça por lhe dizer a verdade, foi o senhor mesmo quem insistiu, não fui eu quem iniciou esta cordial conversa.» Mas, imagina, o tipo voltou à carga. «É essa — perguntou — a sua opinião pessoal, ou a sua é de todos os seus camaradas?»

— E para terminar ordenou que te dessem uma sova?

— Não foi logo. Continuámos a falar de temas científicos relacionados com as prisões. Estivemos muito tempo a conversar e foi ao despedir-se que me disse que me castigava com cem chicotadas para que não me envaidecesse e não pensasse que a revolução estava perto e que iriam ajustar contas com alguns. Acrescentou que havia um magnífico provérbio russo que sempre se devia ter bem presente: «Não cuspas no poço de cuja água talvez tenhas de beber.» Respondi-lhe que conhecia um ditado que não lhe ficava atrás: «Cospe no poço, que não hás-de beber-lhe a água.»

Dzerjínski deu uma gargalhada.

— Zurziram-te?

— Claro...

— Foram cem chicotadas?

— Não sei, não me lembro. Ao princípio ainda as contava, depois desmaiei.

Ficaram uns minutos em silêncio. Em seguida, Róssol disse:

— Talvez a sova tenha sido a causa de tudo. É possível que tenha sido ela e não a doença que me pôs tão fraco. Talvez me

tenham magoado alguma coisa cá dentro e que isto não seja tuberculose. Que dizes?

Róssol confiava que, se o pusessem em liberdade, se respirasse ar fresco e puro, se bebesse leite, se vivesse no campo, rodeado de verdura, se tratassem bem dele e apanhasse sol, se recomporia e viveria muito tempo, até aos cem anos. Com toda a força e paixão de que era capaz, Dzerjínski encorajava este sonho de Róssol no seu restabelecimento, defendia-o com tanto entusiasmo e tão a sério que por vezes ele próprio acreditava que ambos viveriam muitos anos e trabalhariam ainda muito tempo, até à revolução e depois dela, que tudo transformaria e tornaria o mundo melhor, mais livre, mais justo.

Falava muito a Róssol da ciência, dizia-lhe que a medicina avançava com botas de sete léguas e que à descoberta de Pasteur podiam seguir-se outras tão importantes ou mais. Qualquer dia, dizia-lhe, apareceria um sábio que livraria o mundo da tuberculose, fazendo dela um fantasma tão distante como já o eram as bexigas. Róssol levantar-se-ia, trabalharia, seria preso em cárceres, fugiria deles, lutaria com os carcereiros, enfim, viveria a vida que ele próprio escolhera. Róssol escutava-o com desconfiança, mas muito atento, como se consentisse que o convencessem daquilo em que não acreditava, mas em que tanto queria crer.

De uma maneira geral, aquelas conversas melhoravam a disposição de Róssol. Sentia-se mais tranquilo, mais confiante, os seus lábios pálidos sorriam, e nos olhos aparecia a expressão atrevida, obstinada e infantil que tanto agradava a Dzerjínski.

Dzerjínski entregava todas as suas energias e pensamentos a Róssol.

Não dormia de noite, ao notar, no meio da escuridão da cela, que Antón não conseguia adormecer. Fingia sofrer de insónias, procurava distrair o doente conversando com ele, contava-lhe incidentes cómicos de que ria muito, embora não sentisse qualquer vontade de rir nem de falar, embora estivesse a cair de sono, pois estava cansado dos penosos dias de cárcere, do doente, por vezes irascível e injusto, dos esforços que tinha de fazer para conseguir na prisão, com o seu monstruoso regime, um pedaço de gelo quando Antón tinha vómitos, um pouco de água salgada ou quente, algum remédio ou um pano limpo.

Mas que podia fazer?...

Deixar aquele homem doente, moribundo, a sós com a sua mágoa, os seus receios, os seus sofrimentos?

Dzerjínski sentava-se aos pés da tarimba de Antón, na escura e fétida cela, e dizia animado e alegre:

— Não estás a dormir? Ainda bem. Eu também não consigo. Estou deitado nem sei há quanto tempo sem conseguir pregar olho... Não me chega o sono...

— Porque não podes dormir? — perguntava-lhe Antón desconfiado.

— Não sei — respondia Dzerjínski. — Bem sabes o que é o sono da prisão.

— Eu quando estava bom dormia perfeitamente, mesmo na cadeia.

A voz de Róssol denotava a sua irritação e Dzerjínski percebia no seu tom que procurava um motivo para desabafar.

— Dormia perfeitamente em qualquer lado — continuava Róssol, exasperando-se cada vez mais —, mas agora que estou doente não posso... No entanto, não peço a ninguém... — a sua voz ganhava um tom metálico —, não peço a ninguém que deixe de dormir por minha causa. Pelo contrário, peço seja a quem for que durma e não estrague a noite e esteja todo o dia seguinte de mau humor. Tudo o que peço é que me deixem em paz. Sim, que me deixem em paz e nada mais!

A voz de Róssol quebrava-se, vibrante, numa nota muito alta, e as suas palavras, molhadas pelas lágrimas, denotavam dor porque não conseguira fechar os olhos nem por um só instante, enquanto Dzerjínski tinha dormido e não ouvira que ele queria beber e que o jarro lhe escapara das mãos, que não pudera levantá-lo e continuava sem ter podido matar a sede...

— Porque não me chamaste?

— Porque sei que estás farto, porque sei que te tenho martirizado... Mas não posso mais, não posso, não tenho forças para...

— Não digas tolices, Antón...

— Não são tolices. Na verdade estou insuportável com os meus caprichos e as minhas esquisitices. Mas se soubesses o que sofro, a ânsia que tenho de viver, como estou cansado de tanto pensar na morte, que depressa, bem depressa deixarei de existir, e que de mim não ficará mais que pó, quando ainda não consegui fazer nada, absolutamente nada...

Vencido pela fraqueza, cheio de angústia, Róssol chorava muito e dolorosamente, com a cara na dura almofada de palha. As lágrimas sufocavam-no, procurava às apalpadelas na escuridão a mão de Dzerjínski, apertava-a e dizia num fio de voz:

— Diz-me... que devo fazer? Em que posso confiar? Ajuda-me. E não me desprezes, não julgues que sou um cobarde, uma nulidade... Estou doente, tudo isto acontece por causa da doença. Não tenho culpa, não tenho nem uma pontinha de culpa. Diz... Tu compreendes que eu não tenho culpa?

— Claro que compreendo — respondia Dzerjínski sinceramente, muito convencido. — Naturalmente. Isso há-de passar. Tudo isso passará quando te curares...

E tal como na véspera, tal como dois dias antes, dizia-lhe o que fariam quando se pusesse bom. Sairiam juntos da cadeia, iriam tomar banho ao rio, depois dariam um passeio pelo bosque e jantariam ali mesmo, numa velha estalagem que ele conhecia numa encruzilhada...

Dzerjínski falava e via brilhar no escuro os olhos de Róssol, acendia-se neles a ânsia de viver, um apaixonado desejo de ir à floresta, ao rio, à estalagem, à cidade, onde vivia tanta gente, onde se ouvia música e não havia grades atrás das quais até as madrugadas primaveris pareciam tristes e sombrias. Iriam até onde não houvesse grilhetas, nem guardas, nem compridas e fatigantes noites de reclusão...

— Iríamos a um restaurante — dizia Róssol. — Esqueceste-te do restaurante. Escolheríamos um muito elegante, que diabo! Um desses onde toca uma orquestra. Sentar-nos-íamos a uma mesa como dois senhores e pediríamos tudo o que se pudesse pedir. Nem consigo imaginar o que pediríamos!

Dzerjínski escutava Antón e dizia graças para fazer com que naqueles lábios ressequidos aparecesse um sorriso, por mortiço que fosse. Sim, falava disto e daquilo mas pensava numa coisa completamente diferente. Pensava que Róssol, doente, fraco, moribundo, era mais forte que milhares de homens transbordantes de saúde. Que força de vontade tão gigantesca, tão sobre-humana tinha de possuir para amar a liberdade e a vida como Antón as amava e ver-se na situação em que se via, sabendo que lhe bastaria dizer o mínimo que fosse ao capitão da polícia, que bastaria dar um fio a que o outro pudesse agarrar-se para que, naquele mesmo dia, o pusessem em liberdade. E poderia ir então ao bosque, ao rio, à estalagem, onde quisesse...

Mas tinham-no preso e não o julgavam porque abrigavam a esperança de que ele se acobardasse e lhes dissesse quanto sabia, se o pusessem em liberdade, se o deixassem sair à rua.

Levá-lo a tribunal não lhes parecia conveniente, pois teriam de o levar à vista de todos numa maca, como quando o levavam para os interrogatórios.

Deportá-lo para a Sibéria depois do julgamento também não convinha. Mas o principal era que o tribunal podia absolvê-lo.

Sim, mantinham-no preso, acreditando que acabaria por falar.

Mas Antón não falava.

Não dizia uma palavra, sorria com o seu sorriso obstinado e rebelde e respondia a todas as intimidações:

— Bem me importo com isso!

E ao dizer isto, os olhos acendiam-se como os de um lobo.

Na manhã quente, quando deixou ouvir a sua voz o primeiro trovão da Primavera, Róssol disse com tristeza:

— Amanhã vocês podem ir ao recreio metendo os pés nas poças. Com que gosto eu meteria os pés nas poças!

Disse-o meio a sério, meio a brincar, mas depois ficou calado toda a tarde, escutava o som da chuva, olhava os ferrujentos varões da janela e tossia.

Quando, pelo meio-dia, Dzerjínski voltou do recreio, Róssol perguntou-lhe:

— Meteram-se nas poças?

— Sim — respondeu Dzerjínski sentindo-se como que culpado de alguma coisa.

— São grandes?

— Não muito... Regulares...

— São fundas? — continuou Róssol a perguntar.

— Poças vulgares — respondeu Dzerjínski e, para mudar de conversa, contou-lhe que o novo guarda se zangara porque os presos tinham pensado que ele pensava encurtar o recreio.

Mas Róssol não o ouvia.

— Tenho de ir para a rua! — disse numa voz que não parecia a sua. — Compreendes, Iacek? Seja à custa do que for, tenho de sair. Não posso mais! Tenho de sair!

Dzerjínski fitava-o sem uma palavra.

— Que me ponham em liberdade! — disse Róssol. — Que me soltem! Estás a ouvir-me?

Na sua voz havia um desespero tão grande, que Dzerjínski sentiu um nó na garganta.

— Quero ir para a rua! — disse precipitadamente Róssol, quase aos gritos, erguendo-se num cotovelo, olhando Dzerjínski nos olhos com uma expressão quase de loucura. — Quero ir para a rua por qualquer preço. A paciência tem o seu limite. Como quiseres, Iacek, mas não posso mais! Tira-me da prisão! Para o diabo!...

Teve de lhe dar água, pois sufocava. Parecia desorientado, fora de si. Sem ele próprio saber o que dizia, pela compaixão e pena, Dzerjínski prometeu-lhe imediatamente, sem o poder evitar, que no dia seguinte havia de fazer com que ele fosse para o pátio, para o recreio.

— Eu? Ao recreio? — Róssol não acreditava no que tinha ouvido.

— Sim, tu! — disse Dzerjínski.

Compreendia perfeitamente que Antón não podia sair para o pátio, mas que havia de fazer? Dissera-o sem pensar e Róssol tomara-o a sério, aferrara-se à palavra «passear». Queria acreditar

que sairiam para o pátio, que veria o céu, o sol, os castanheiros, a erva, as poças...

— Amanhã, as poças já devem estar secas — avisou Dzerjínski.

Mas Antón não o ouvia. Falava sem nada perguntar. Tinha medo de fazer perguntas. Receava que, se perguntasse alguma coisa, logo ficasse claro que não haveria passeio algum, que aquilo era uma ilusão, que tinha sonhado. Dzerjínski exclamaria: «Mas que estás tu a dizer?» De que passeio me estás a falar?», e tudo acabaria.

Por isso Antón nada perguntava.

Limitava-se a falar do recreio, que no dia seguinte iria ao pátio.

Era claro que não poderia passear, mas o importante era a palavra; repousaria ao ar livre, apanharia sol no pátio e, para festejar o acontecimento, havia de fumar um cigarrinho. Como costumava dizer-se: perdido por cem, perdido por mil. Que os outros dessem voltas e mais voltas como tantos; ele iria sentar-se e ficaria a contemplar o céu. Não, não fumaria. Era uma tolice fumar ao ar livre. Não tinha sentido. Melhor seria mordiscar uma haste de erva. Santo Deus, há quanto tempo não mordiscava uma haste de erva! E havia gente com sorte, que o podia fazer todos os dias!...

Sim, ia sentar-se no chão, sim, no chão, e os outros que dessem as voltas que quisessem. Isso para ele não interessava.

Se passasse um bocado ao ar livre, voltar-lhe-ia o apetite. E logo que começasse a comer, a doença iria desaparecendo por si. O principal era o apetite, sim, o apetite. Não era verdade?

A tuberculose tinha ele de a matar com gordura, leite, natas... A tuberculose temia os alimentos como o diabo a água benta. E depois do recreio...

Quando estava já próxima a hora do recreio, Rossol voltou-se para a parede e tapou a cabeça com a manta. À excitação que experimentara na tarde anterior sucedera a apatia, uma prostração muito grande e uma absoluta indiferença. Compreendia que era uma tolice pensar em recreio, em ver os castanheiros e em todas aquelas ilusões.

Durante a manhã, Dzerjínski chamara-o várias vezes, mas ele não respondia e fingia estar a dormir, embora não dormisse nem pensasse fazê-lo.

Pouco antes da hora do recreio, Dzerjínski aproximou-se dele, puxou-lhe a manta e, quando Antón abriu os olhos, enfurecido, disse-lhe:

— Veste-te, antes que se faça tarde.

— Para que vou vestir-me?

— Vamos ao recreio...

Durante um segundo, no máximo, Antón olhou para Dzerjínski, esforçando-se por compreender se ele brincava. Viu que o seu companheiro falava a sério. Sim. pois como se poderia ter graças tão pesadas?

— Não posso aguentar-me de pé, cairei.

E acrescentou em tom culpado:

— Estou muito fraco, Iacek. As pernas não vão aguentar comigo.

— Não tens de andar — disse Dzerjínski —, que necessidade tens disso quando penso levar-te às costas. Serei eu as tuas pernas. De acordo?

— Sim — respondeu Antón submissamente, com o mesmo tom contrito —, mas vais cansar-te muito.

— Veste-te e não fales tanto — ordenou-lhe Dzerjínski. — Já vamos ver se me canso ou não.

Antón sentou-se na tarimba e inclinou-se para agarrar as botas, mas logo caiu sobre a almofada de palha. A sua fraqueza era tão grande que sentia a cabeça às voltas. Dzerjínski deitou a mão às botas, sentou-se ao lado de Antón e pôs-lhe o braço por cima dos ombros, para que se sentisse mais tranquilo, mais confiante.

— Não é nada — balbuciava Antón, tentando calçar as botas —, não é nada, vai passar, agora mesmo. Levantei-me muito depressa. Mas já estou a sentir-me melhor, está a passar...

A emoção e a fraqueza perlaram-lhe a testa de suor. Não podia agarrar a pega da bota, não podia meter o pé no cano, já não tinha força para nada...

— Não te apoquentes tanto — disse-lhe Dzerjínski com a voz mais alegre e branda que pôde modular —, não estás assim tão fraco, é dos nervos. Por isso não acertas. Tranquiliza-te, não tenhas pressa. Agarra nos dois puxadores da bota e puxa. Já está? Vês como é simples? Agora calça a outra bota. Já está? Vês como fizeste bem? Agora veste a blusa. Onde puseste a blusa?

Dzerjínski vestia Antón fingindo que era ele quem se vestia sozinho e que ele em nada participava e se limitava a tranquilizá-lo, a chegar-lhe a roupa e a distraí-lo com a sua conversa.

— Vês como vai bem? — dizia. — Já estás pronto. Agora levanta-te, mas sem pressas. Apoia-te a mim e levanta-te. Assim, muito bem... magnífico...

— As pernas não aguentam comigo — disse Antón com voz desmaiada. — Não me seguro direito, Iacek...

A porta abriu-se rangendo, e na cela entrou Zakharkine, o chefe dos guardas.

— Preparem-se para o recreio! Depressa!

Ao ver Antón perguntou:

— Esse para onde vai? Passear?

— Passear — respondeu-lhe Dzerjínski.

— Então não pode ir pelo seu pé aos interrogatórios e agora quer ir ao passeio — disse Zakharkine, e saiu da cela sem fechar a porta.

Antón não podia aguentar-se de pé: a cabeça dava-lhe voltas e os joelhos vergavam-se-lhe. O plano de Dzerjínski — levá-lo a passear agarrando-o pela cintura —, tornava-se irrealizável. Tinha de arranjar quanto antes outra saída, pois Zakharkine mandava já formar os presos no corredor e toda a demora trazia o perigo de fazer tardar o recreio.

Tremiam os lábios de Antón. Era a segunda vez no mesmo dia que se via forçado a despedir-se da sua ilusão de sair para o pátio.

— Serenidade, Antón — disse-lhe Dzerjínski —, tudo vai resolver-se agora mesmo. Senta-te na tarimba.

— Para quê?

— Senta-te. Faz o que eu te digo.

A sua voz soou severa, quase em repreensão. Era impossível desobedecer-lhe.

— Agora, agarra-te aos meus ombros. Não, não te agarres ao pescoço, mas aos ombros. Põe aqui as pernas. Estás bem seguro?

— Estou...

— Agarra-te. Vou levantar-me...

— Estou bem agarrado.

Dzerjínski levantou-se com Antón às costas.

— Vais ficar com uma hérnia, Iacek — protestou Antón. — A ideia que tiveste é uma loucura.

— Não te mexas — aconselhou Dzerjínski.

Dzerjínski saiu para o corredor levando às costas Antón, que estava lívido mas se sentia feliz. Os presos, formados já em duas filas cinzentas, não viram no primeiro instante a carga que o seu camarada levava. Mas, quando se aperceberam, ambas as fileiras estremeceram, oscilaram, moveram-se e de novo ficaram imóveis. Zakharkine corria para os reclusos, gritando:

— Firmes! Alinhar pela direita!

O director e o subdirector da cadeia seguiam o chefe dos guardas. Aquilo nada anunciava de bom: raramente se viam ambos os funcionários àquela hora do dia.

Dzerjínski encontrava-se no flanco esquerdo. Os funcionários tinham aparecido pela direita e ali continuavam passando revista aos presos.

— Não receie, camarada — disse a Dzerjínski o recluso que estava a seu lado, um médico muito gordo, de bigode descaído. — Não lhe dirão nada. Não se atreverão.

— Atrevem-se sim, atrevem-se — Dzerjínski sorriu —, mas não tenho medo. Vamos lá ver.

Antón era alto e ossudo e trazê-lo às costas era muito fatigante, apesar da sua magreza.

Dzerjínski estava também muito fraco depois de tantos meses de prisão e, com aquela carga, mal se aguentava de pé. O suor corria-lhe pela cara e o coração batia-lhe como louco. Mas os funcionários moviam-se como uma lentidão que lhe parecia que iria ficar uma eternidade naquele corredor húmido e escuro, com o seu camarada às costas. Se ao menos Antón não estivesse tão nervoso!

O director da prisão observava cada recluso e revistava-o pessoalmente. Durante os recreios, os presos passavam uns aos outros cartas, bilhetes e até livros, e o director declarara guerra àquilo. Até àquele momento nada encontrara e isso enfurecia-o. Se a busca não resultasse cairia no ridículo.

Quanto menos presos ficavam por revistar tanto mais se exasperava o director da cadeia. Dzerjínski via já a sua cara pálida barbeada, nariz adunco, sobrancelhas angulosas e a pronunciada barbela e as pontas do colarinho de goma a aparecerem no uniforme.

— Qual a razão, permito-me perguntar-lhe — vociferava —, porque lhe faltam botões? O senhor não conhece o regulamento? Pois eu vou-lho ensinar! Zakharkine, mande-o três dias para o segredo!

Encolerizado, encontrava sempre alguma coisa que lhe parecia mal na roupa ou na conduta de cada recluso: um não se perfilara devidamente, outro tinha as mãos nos bolsos, este sorria com descaramento, aquele atrevera-se a pedir os óculos que lhe tinham tirado no interrogatório...

— Que quer dizer com isso de lhos tirarem?

— O juiz de instrução tirou-me os óculos para me obrigar a confessar — disse o preso, que era o quarto a contar de Dzerjínski, um homem de rosto fino e inteligente —, e sem óculos não vejo nada. Peço-lhe que me devolvam os óculos...

Mas o director da cadeia já não o ouvia. Vira Dzerjínski e dirigia-se para ele, acompanhado do subdirector, um jovem de cara cheia de borbulhas.

— Que quer isto dizer? — perguntou o director semicerrando os olhos. — Isto é uma brincadeira ou quê? Formem os dois imediatamente — vociferou. — Já!

— O senhor já sabe que o meu camarada está doente — replicou Dzerjínski — e não pode aguentar-se de pé.

— Cale-se! — berrou o director. — Em formatura!

— Mas se ele não pode... — objectou Dzerjínski.

— Silêncio! — guinchou o director, muito congestionado, de estribeiras perdidas. — Para a cela! Proíbo-o! Zakharkine! Por ter saído sem autorização... por ter tirado da cela sem autorização...

Engasgou-se e esqueceu-se do que queria dizer. Mas naquele instante ouviu-se no corredor a sonora voz de Antón:

— Carrasco! Hás-de ser fuzilado! Não escapas! Carrasco!

Não se sabe o que teria acontecido se Antón naquele momento não tivesse um acesso de tosse tão forte que se soltou dos ombros de Dzerjínski e, lívido, inconsciente, caiu de cabeça para baixo, sobre as lajes do corredor. Mas o médico que se encontrava ao lado de Dzerjínski com rapidez evitou que ele batesse com a cabeça nas pedras e amparou-o com os braços.

Zakharkine agarrou o médico por um braço e afastou-o de Antón. O médico sacudiu-o violentamente. Antón continuava a tossir. Da boca corria um fio de sangue.

— Para trás. Em formatura! — gritou em voz estentórea o director da cadeia e desafivelou o coldre da pistola. — Aos vossos lugares!

Zakharkine voltou a puxar por ele, agarrando-o por um ombro.

— Afaste-se — gritou-lhe Dzerjínski. — Fora daqui!

— Que é isso? — perguntou Zakharkine desorientado. E empunhou o revólver.

— Todos em formatura! Atrás! — continuava a vociferar o director. — Para trás ou disparo!

A formatura deixara de existir. Desfizera-se subitamente. Os reclusos rodeavam em três grupos o director, o subdirector com a cara cheia de borbulhas e Zakharkine. Alguém gritou com voz frenética, aguda:

— Camaradas, morte aos verdugos!

Uma palidez acizentada cobriu a cara de Zakharkine.

— Guarda o revólver, canalha! — disse-lhe Dzerjínski. — Esconde-o, se não queres que te matem!

À esquerda, aquela voz enraivecida e fina continuava a guinchar como que ébria:

— Morte aos verdugos, camaradas! Morte aos verdugos!

Não mataram ninguém. O director, o subdirector e Zakharkine retiraram-se precipitadamente. Deixaram-nos ir e seguiram. Obedecendo a Dzerjínski, os reclusos voltaram às suas celas. Antón foi levado para a sua tarimba e o médico sentou-se a seu lado. A prisão emudeceu.

Esperaram até à noite pelas represálias, mas não houve. Apareceu Zakharkine, suave como uma luva, e mostrou-se tão cortês que chegou a perguntar pelo olho-de-Judas como se sentia Antón.

— Agora está melhor — respondeu-lhe Dzerjínski também miuto delicadamente. — Obrigado pelo seu interesse.

Mas Zakharkine não se afastou e viam-lhe a boca rodeada de pêlos, pela abertura na porta. Aquela boca disse:

— Há doenças terríveis...

Dzerjínski não soube que resposta dar-lhe.

À noite, Antón já se sentia melhor. O seu rosto magro parecia mais chupado e estava ainda mais cinzento do que antes, tinha os olhos mais encovados e os lábios ressequidos e gretados.

— Demos um bom passeio, não demos, Iacek? — perguntou, tentando esboçar um sorriso.

— Amanhã vamos ao recreio — respondeu Dzerjínski impassível.

— Achas?

— Tenho a certeza.

Estava de pé em frente de Róssol, esbelto, alto e dele partia uma força tão serena que o doente ficou convencido de que no dia seguinte passeariam, que nada poderia fazê-lo mudar de decisão e que sairiam para o pátio custasse o que custasse.

Naquela noite, pela primeira vez, havia muitos meses, Róssol dormiu tranquilamente. Na manhã seguinte, Dzerjínski, como se nada tivesse acontecido, ajudou-o a vestir-se e, quando Zakharkine abriu a porta da cela e chamou para o recreio, carregou com ele e foi alinhar na formatura.

O director da prisão não estava, desde o dia anterior que o tinham deixado de ver.

Zakharkine fingia não se importar com Dzerjínski nem com a sua carga, com nada que não fosse o recreio. Não olhava para a cara dos presos e, de olhos no chão, gritava:

— Têm de levantar os pés! Não arrastem as correntes! Silêncio na formatura! Direita... volver! Devagar nas escadas!

Acompanhados pelo barulho dos passos e pelo som metálico das grilhetas, os presos seguiam por corredores, escadas e novamente por corredores até ao pátio da prisão.

— Pesa muito? — perguntou o médico em voz baixa a Dzerjínski.

— Não tem importância. Cá me irei habituando — respondeu Dzerjínski.

Desceram o último lanço de escadas, atravessaram o último corredor e saíram para o pátio empedrado. Brilhava o sol e o dia estava tépido, quase quente. Ainda estavam em flor os castanheiros e brancas candeias piramidais embelezavam os seus ramos.

Zakharkine, andando às arrecuas, ia na frente dos dois primeiros e gritava, movendo as mãos como um director de orquestra:

— Manter a distância. Três passos de intervalo! Ordem, ordem, filhinhos, se não quereis que vos surre! Silêncio!

Estava-se ali tão bem que os grosseiros gritos de Zakharkine nem sequer incomodavam.

Juntamente com o som das grilhetas e o barulho que originavam o pisar daquelas centenas de botas, ouvia-se a ofegante respiração de Antón, as suas palavras entrecortadas, transbordantes de alegria:

— Iacek, olha os castanheiros! Estás a ver os castanheiros? Erva! Olha como cresce entre as pedras! Olha para a esquerda, vê que erva tão verde! Estás cansado, Iacek? Cansaste-te? Olha que pomba tão gorda! Como pode ela voar com tanto peso?

Róssol parecia ter tirado muitos anos de cima de si.

E todos em volta pareciam rejuvenescidos e como que estonteados. De toda a parte partiam exclamações entusiastas:

— Sim, a vida é a vida!

— A natureza! E com isto está tudo dito!

— Minha mãe, como o sol aquece!

— Não aquece nem para ti nem para mim!

— Que tempo tão bonito!

Dzerjínski sufocava e um véu enevoava-lhe os olhos. Nada mais ouvia senão as pulsações tumultuosas do seu coração e as palavras que Antón lhe sussurrava ao ouvido.

«Tenho de aguentar — pensava —, não posso cair com Antón no meio do pátio.»

E não caiu. Acabaram os quinze minutos. Zakharkine apitou e deu ordem de voltar às celas. Dzerjínski tinha de subir com Antón ao quarto andar e levá-lo ainda pelos corredores...

A partir daquela manhã, todos os dias levou Antón até ao recreio. Naquele Verão prejudicou muito o seu coração. Mas alguma vez Dzerjínski prestou atenção a tais ninharias?

Sabe-se que alguém disse dele:

«Se em toda a sua vida consciente Dzerjínski nada mais fizesse senão aquilo que fez por Róssol, isso bastaria para que os homens devessem erguer-lhe um monumento.»

A autora deste conto é uma veterana comunista, militante do partido leninista desde 1917. Na sua juventude Drábkina trabalhou com muitos companheiros de luta de Lénine, incluindo Nadejda Konstantínovna Krúpskaïa, esposa do guia da Revolução. Drábkina conheceu Lénine pessoalmente e foi testemunha de muitos episódios da sua vida, que conta no seu livro *Pão Duro e Negro*. No presente volume publicamos um relato extraído dessa obra.

MEDITAÇÃO

Naquele ano prolongaram-se por muito tempo os dias quentes, soalheiros. O frio caiu de repente. Na véspera do aniversário da Revolução de Outubro soprou de repente um vento gélido e no segundo dia da festa desencadeou-se uma tempestade de neve. Húmidos flocos cobriram as janelas. A mamã e eu estávamos hesitando se havíamos de ir ou não a um concerto na Sala Grande do Conservatório, para o qual tínhamos bilhetes. Ainda bem que acabámos por resolver ir!

As ruas estavam cobertas de neve. Os candeeiros, encobertos pela neve, lançavam uma luz ténue. Junto da Casa dos Sindicatos havia uma estátua de madeira representando um soldado vermelho. Simbolizava as vitórias alcançadas sobre Deníkine e Iudénitch nas últimas semanas; a sua baioneta trespassava generais, agrários e industriais.

A mamã e eu íamos de mãos dadas contra o vento que fustigava as bandeiras e sacudia os fios eléctricos. Uma vereda, cortada na neve, levava à entrada do Conservatório. O vestiário não funcionava. Sacudimos a neve e entrámos.

A sala estava quase cheia. Os empregados colocavam as estantes e pousavam nelas as partituras. Os nossos bilhetes eram de plateia, fila quinta ou sexta. O lugar na frente do meu estava desocupado. Na cadeira ao lado encontrava-se um homem com gorro de orelheiras, adornado com pele preta. Tinha levantado a gola do sobretudo e estava sentado com os ombros descaídos, como se estivesse fatigado ou quisesse aquecer-se.

Entraram o músicos com os sobretudo e os gorros. A pianista não tirava as luvas de lã. Soavam languidamente os instrumentos ao serem afinados, como se os sons ficassem também gelados naquele frio glacial. Por fim entrou o maestro, Serguei Kussevítski, se a memória não me trai. Vestia fraque, mas em vez do branco peitilho engomado via-se um colete de lã, cinzento. O maestro cumprimentou rapidamente, soprou para as mãos e levantou a batuta. Começou o concerto...

Encolhi-me quanto pude no casaco e preparava-me para escutar, quando a mamã me tocou suavemente com o cotovelo. Com os olhos indicou o homem que estava sentado em frente, à nossa esquerda. Tirara o gorro e baixara a gola. Era Vladímir Ilitch.

Muitas vezes eu vira Lénine a falar na tribuna, a presidir a reuniões, em sua casa. E sempre estava em acção, em movimento. Via-o agora pela primeira vez num momento de concentrada meditação, parecendo encontrar-se a sós consigo mesmo.

Enquanto escutava — por vezes não escutava — a abertura de *Coriolano,* eu observava imperceptivelmente Vladímir Ilitch. Continuava sentado, sem se mover, absorto na música. A orquestra libertou-se gradualmente do entorpecimento, mas conservava um som velado; o gelado timbaleiro, quando chegava o momento de tocar, batia no instrumento com força excessiva.

— Parece que pateia como um cavalo — gracejou alguém atrás, em voz baixa.

No final, soaram os aplausos. Vladímir Ilitch moveu-se ligeiramente. Compreendi que procurava ajeitar melhor o ombro esquerdo, do qual ainda não tinham sido extraídas as balas dos socialistas-revolucionários.

Este movimento fez-me recordar como os funcionários do Conselho de Comissários do Povo e mesmo do Secretariado do Comité Central do Partido, cuja sede se encontrava fora do recinto do Krémlin, nos primeiros dias que se seguiram ao atentado contra Vladímir Ilitch, andavam nas pontas dos pés e falavam em voz baixa. Depois começou a melhorar e sentíamos uma grande felicidade quando, ao dirigirmo-nos ao refeitório do Krémlin, o víamos passear pelo pátio.

Novos aplausos interromperam os meus pensamentos. Agora Vladímir Ilitch estava sentado de maneira que lhe via a metade direita da cara. A sua expressão estava concentrada, um tanto triste. E um sentimento de imenso carinho por ele me invadiu a alma.

Recordo o 1.° de Maio de 1919. A festa do proletariado internacional comemorava-se de maneira diferente da de hoje. Toda a Moscovo revolucionária vinha formada em colunas até à Praça Vermelha, ouvia os discursos dos oradores, desfilava perante Lénine, cantava, pronunciava o juramento de fidelidade à Revolução Socialista e, depois de passar pela Praça Vermelha durante horas, dispersava-se pelos bairros, para ali terminar a comemoração do dia internacional de solidariedade dos trabalhadores do mundo inteiro.

Também a Praça Vermelha era diferente da de hoje. Ao longo da muralha do Krémlin estavam os túmulos das vítimas da Revolução, cobertas de relva. A praça era empedrada com paralelipípedos. Por ela passavam duas linhas de eléctricos, que, tocando as campainhas e rangendo, subiam a rampa junto ao Museu de História e depois desciam com estrondo para a pequena ponte de Moskvorétski. Do outro lado da catedral de São Basílio havia uma fila de casas velhas e feias e devido a isso a praça parecia mais pequena e estreita do que hoje.

Naquele 1.° de Maio de 1919, a praça tinha um aspecto mais festivo que das outras vezes. Nos edifícios hoje ocupados pelo GUM estavam suspensas enormes telas escarlates; numa estava desenhado um operário; na outra, um camponês. Em cada ameia da muralha do Krémlin ondulava uma bandeirinha vermelha, e até Minin e Pojarski, cujo monumento estava então situado diante dos edifícios do actual GUM, tinham, cada um deles, uma bandeirinha vermelha na mão. No *Lóbnoe mesto* (que noutros tempos foi patíbulo), uma tela branca encobria o monumento a Stepan Razine, que devia ser inaugurado naquela dia. O túmulo recente de Iákov Mikhailovitch Sverdlov encontrava-se coberto de flores.

Brilhavam o sol. As árvores, cheias de botões, perfilavam-se como uma verdejante moldura contra o fundo claro do céu. Reinava um ânimo alegre. Das frentes de batalha chegavam notícias das vitórias do Exército Vermelho. A multidão entoava canções, os que se conheciam saudavam-se aos gritos, com as palavras que então circulavam: «Uma saudação no 1.° de Maio, camarada!» A juventude declamava em coro as estrofes de um poema recente de Demián-Bedni:

Oh, Scheidemann, bicho malvado!
Que consolo eu terei
Quando vir o candeeiro
Em que te tenham enforcado!

Perto do meio-dia chegou à Praça Vermelha Vladímir Ilitch, que foi aclamado por todos. Lénine fez um apaixonado discurso que terminou com as seguintes palavras: «Viva o comunismo!» Depois desceu para se dirigir à tribuna seguinte (havia várias em

diferentes pontos da praça, de modo a que todos os que chegavam pudessem ouvir Lénine e outros dirigentes bolcheviques). Detiveram Vladímir Ilitch e entregaram-lhe uma pá.

Aquele 1.º de Maio fora declarado Dia de Plantação de Árvores. A República Soviética, cercada de inimigos por toda a parte, decidira plantar árvores.

Vladímir Ilitch, sorrindo maliciosamente, esfregou as mãos, agarrou a pá e começou a cavar a terra junto da muralha do Krémlin.

Feita a cova, aproximou-se uma carreta com rebentões. Entregaram a Vladímir Ilitch uma frágil tília. Colocou-a cuidadosamente no lugar que lhe era destinado, pôs-lhe a terra, regou-a e, quando o trabalho terminou, continuou o seu caminho e subiu a outra tribuna.

No primeiro discurso daquele dia fez o balanço do passado; o seu pensamento estava agora voltado para o futuro, para o mundo novo que se vislumbrava atrás do fumo de pólvora que envolvia a Rússia Soviética. Via este futuro nas crianças que o escutavam junto da tribuna e nas pequenas árvores que acabara de plantar.

Apoiados nas pás, todos escutavam as palavras de Vladímir Ilitch.

— Os nossos netos — dizia, estendendo em frente a mão negra de terra — contemplarão como algo de curioso os documentos e monumentos da época do regime capitalista. Mas terão dificuldade em imaginar que pudessem encontrar-se nas mãos de particulares o comércio de artigos de primeira necessidade; que as fábricas e oficinas pudessem pertencer a particulares; que um homem pudesse explorar outro; que pudessem existir os que não trabalhavam. Até ao presente, falámos como que de um conto, daquilo que verão os nossos filhos; mas a partir de agora, camaradas, vereis claramente o edifício da sociedade socialista, de que lançámos os alicerces e que já não é uma utopia. Os nossos filhos construirão este edifício com uma vontade ainda maior.

Contemplou as crianças e, depois de uma pausa, disse o seguinte:

— Nós não veremos esse futuro, como não veremos florescer as árvores que hoje foram plantadas; mas vê-lo-ão os nossos filhos, vê-lo-ão os que hoje são jovens...

... A primeira parte do concerto foi acolhida com uma salva de palmas. Todos se levantaram dos seus lugares, fazendo esforços para se aquecerem. Também Vladímir Ilitch se levantou.

Pôs o gorro, esfregou as mãos, depois voltou-se e viu-nos à mamã e a mim.

— Ah, Elizaveta-Pardalinho! — disse, tratando-me pela alcunha que me davam quando era pequena. Cumprimentou a mamã e depois a mim, com um forte e rápido aperto de mão...

Sim, tudo isto passou...

— E hoje, ao recordá-lo, sentem-se desejos de ser melhor, mais nobre, de merecer sempre o elevado nome de comunista!

VERA PANOVA

Vera Panova (1905-1973), autora de muitos romances, peças de teatro, contos e guiões cinematográficos (*Companheiros de Viagem, Serioja, As Estações do Ano, Romance Sentimental*, etc.), foi distinguida por três vezes com o Prémio Nacional.

Vera Panova conhece e ama Leninegrado, a sua cidade natal, a que chama «berço da Revolução». Panova escreveu alguns contos sobre o passado revolucionário da cidade. *Três Crianças Diante de um Portal*, um belo conto, fala-nos das crianças, da nova geração destinada a conservar e a desenvolver as tradições de seus pais, construtores da Revolução.

TRÊS RAPAZES DIANTE DE UM PORTAL

Três rapazes encontram-se diante de um portal de uma bela casa. É uma casa antiga, amarela e com colunas brancas, que se ergue no Campo de Marte. É um quente dia de Agosto, corre a última semana de férias, de liberdade e de lindas borboletas. Ai, como foi agradável o Verão! Mas já acabou...

— Vamos a um cigarro — disse Vitka pensativo, oferecendo aos amigos um maço de *Belmor*.

Sachka tirou um cigarro com filtro.

— E tu? — pergunta Vitka a Iúrtchik.

— Obrigado, deixei de fumar.

— Para sempre?

— Sim — responde Iúrtchik —, para sempre.

É um rapaz adoentado, e pálido, que usa óculos. Mal chega ao ombro de Vitka e Sachka. Quando sua mãe soube que ele fumava — foi na casa de campo; ela atravessava o jardim e viu fumo sobre os arbustos —, chorou tão desesperadamente como se o rapaz tivesse tentado suicidar-se. Iúrtchik não podia suportar aquilo, e sacrificou o seu prazer para que a mãe não chorasse tão dolorosamente.

— Não estejas a tentá-lo — disse Sachka a Vitka. — Não te disse que deixou de fumar? Não sejas maçador.

— Não o estou a tentar. Ofereci-lhe um cigarro...

— Pois não ofereças mais. Achas que para um fumador é fácil deixar de fumar? É preciso muita força de vontade.

Aqueles vigorosos gigantes têm pena de Iúrtchik por a sua mãe ser tão louca, mas respeitam-no. E não só pela sua força de vontade. Consideram-no um verdadeiro poço de saber. Pode responder a qualquer pergunta que lhe façam. Logo, ou o mais tardar no dia seguinte. Chamam-lhe carinhosamente o «nosso óculos».

Diante da casa, na estreita calçada, podem ver-se os carris do eléctrico. Do outro lado da linha há um vasto campo com alamedas de frondosas tílias podadas e grupos de arbustos em franjas de relva verde-clara. A erva é esmaltada por prateados globozinhos de dente de leão. Sobre o campo, no céu azul, flutuam esponjosas nuvens brancas... Do portal os rapazes vêem a ampla saída para o Neva, a ponte de Kírov. Está ali o monumento a Suvórov: um jovem forte de pernas musculosas com um capacete e uma curta túnica. Vitka e Sachka pensavam que era o generalíssimo Suvórov, mas Iúrtchik disse-lhes que era Marte, o deus da guerra. Disse-lhes também que aquele campo se chama Campo de Marte porque em tempos os soldados faziam ali os exercícios e desfilavam e ali nada crescia, nem uma pequena árvore, nem uma haste de erva. Espezinhado pelas botas dos soldados, a terra era dura como pedra, e por ela corriam turbilhões de pó.

Os rapazes não viram nada disso. Quando nasceram, aquele campo era já verde e florescia. Florescem ali rosas e outras flores; nos bancos repousam avós e amas, e as crianças brincam na areia. Umas mulheres dedicam-se especialmente a vigiar pela ordem e, se alguma coisa não lhes agrada, apitam. Aquelas mulheres nunca tiram os olhos das crianças mais velhas: pensam sempre que foram ali para alterar a ordem.

Dos tempos antigos não restaram no Campo de Marte mais que dezasseis candeeiros. São candeeiros muito estranhos, com arestas, com vidros escuros. Pelas tardes, quando por todo o campo se acendem, claros como pérolas, redondos lampiões, as dezasseis velhas lanternas lançam uma luz fraca, pobre, anacrónica. Parecem iluminar do outro mundo. Os candeeiros encontram-se no meio do campo, junto às valas comuns.

Rodeia as valas um muro baixo de granito. Na pedra cinzenta estão gravadas inscrições. São longas, têm muitas linhas cada uma delas. Umas são de letras grandes, outras de letras mais pequenas.

O muro está aberto dos quatro lados para que se possa entrar lá dentro. Ali estão enterrados homens que deram a sua vida pela Revolução, há muito tempo, quando nem ainda os pais daqueles rapazes tinham nascido.

Nas campas arde um fogo eterno. Aquele fogo é de gás. Por baixo da terra há um cano que alimenta uma boca instalada à superfície. Os funcionários do serviço de gás estão sempre atentos para que a boca funcione bem.

Aquilo nada tem do outro mundo. Estes rapazes vivem na cidade onde foi construído uma quebra-gelos atómico, interessam-se pelo cosmos, pelos *spútniks* e pela cibernética e para eles uma boca de gás não é mais que uma boca de gás. Por fogo eterno entendem eles principalmente que os funcionários do serviço de gás cumprem muito conscienciosamente as suas obrigações.

Iúrtchik disse-lhes em certa altura que as longas inscrições do muro tinham sido escritas por Lunatchárski. Há muito tempo viveu efectivamente o camarada Lunatchárski, Comissário do Povo da Instrução Pública. Certamente, as locomotivas que então existiam no país estavam todas avariadas, eram muito velhas e os norte-americanos ofereciam-nos cem locomotivas novas se lhes déssemos a grade do Jardim de Verão.

— Sim, esta mesma grade. Sim, cem locomotivas.

— Eu tê-la-ia dado — diz Vitka.

— Tê-la-ias dado?

— Se davam cem locomotivas, porque não?

— Achas que cem locomotivas eram um bom preço?

— Claro! — diz Vitka.

— Que parvo! — diz Iúrtchik.

— Porque me chamas parvo? — pergunta Vitka.

— Porque nós fabricamos tantas locomotivas quantas nos façam falta, e já não são locomotivas a vapor, mas diesel e eléctricas, e aquele gradeamento é único no mundo.

Lunatchárski era da mesma opinião e persuadiu o Conselho de Comissários do Povo de que não se devia vender o gradeamento.

— Será possível que seja único no mundo? — pergunta Sachka.

De um lado encontra-se o Jardim de Verão com o seu gradeamento, que vale mais que cem locomotivas, e do outro, o Jardim de Mikháilovski. Se se virar à esquerda, ao sair pela porta, a dois passos dali encontra-se o Clube de Energia Eléctrica de Leninegrado, onde há cinema todas as tardes, e, se se atravessar a ponte, chega-se à Fortaleza de Pedro e Paulo. Entre o Neva e a fortaleza existe uma faixa de areia, uma estreita praia. As muralhas da fortaleza protegem-na dos ventos do Norte. As pessoas vão ali tomar banho e apanhar sol. Claro, quando há sol. Em Abril, mesmo nos dias soalheiros, a areia está fria como gelo e, se alguém se deita nela, pode morrer. Os homens, novos e velhos, de tronco nu, apanham sol de pé, em numerosos grupos, pacientes e corajosos.

Enquanto se é pequeno, não se imagina o que é a vida de um homem. Pensa-se que o pai trabalha as oito ou sete horas que lhe correspondem e, naquele dia, nada mais tem para fazer. Resta, claro, o trabalho social, alguma reunião ou coisa desse género. Mas quando se cresce um pouco e se começa a afastar para a esquerda ou para a direita do portal de sua casa, é que se dá conta da quantidade de ocupações que os homens têm. Por exemplo, na Praça das Cavalariças todos os dias são examinados motociclistas para que lhes dêem a carta de condução. O examinador, um tenente da milícia, observa, um homem executa complicadas viragens com a sua moto, velhos e novos, que parecem ter deitado raízes à terra e não podem sair dali, olham e criticam. Um acaba de sair do trabalho e tem a roupa suja de cal ou de óleo. Outro — a mãe mandou-o à padaria — traz um pão no saco. A mãe está à espera dele, mas ele está completamente esquecido.

Sachka frequenta a loja da Avenida Névski, perto de Liteini, onde vendem selos aos coleccionadores. Também aquilo está cheio de adultos. Juntam-se no estabelecimento e vêm à rua para fumar um cigarro. Trocam selos com os estudantes, discutem as transformações que se deram no mundo e enumeram os novos Estados africanos. Sachka diz que nesses assuntos são tão entendidos como os professores de Geografia.

Na alameda do Jardim de Mikháilovski que corre paralela ao Moika, os homens organizaram um clube de xadrez. Para ali levam tabuleiros e pedras. Em volta dos jogadores juntam-se os que assistem e discutem as jogadas. Ali se organizam competições. Aquele clube tem os seus Botvínnik e os seus Tal.

Na verdade, como não se há-de sentir respeito por Iúrtchik quando aqueles homens tão sérios aceitam jogar com ele e o convidaram a participar num torneio? Ele queria e teria jogado se sua mãe não o tivesse levado para a casa de campo.

Os três rapazes encontram-se diante do portal. Olham para o Campo de Marte. As pessoas passeiam pelas alamedas e as avós e as amas conversam sentadas nos bancos.

Uma pequenita com um bibe vermelho e um bebé com uma camisinha branca arrancam dentes-de-leão na relva verde.

Uma porteira puxou uma mangueira do pátio e preparava-se para lavar a rua. Mas, antes de abrir a torneira da água, ficou a olhar, defendendo-se do sol com a mão em pala diante dos olhos.

Do Neva, dobrando a esquina com elegante suavidade, aproximam-se grandes automóveis negros. São muitos e rolam muito perto uns dos outros.

— Olha tantos! — diz Sachka.

Os primeiros carros abrandam a velocidade e outros vão-se aproximando. Parece que já não cabem na nossa estreita rua. Juntam-se com cuidado, deslizam pelos carris, e o eléctrico que vinha em sentido contrário pára.

— Devem ser polacos — diz Iúrtchik.

— Porque julgas isso? — pergunta Vitka.

— Li no *Leningrádskaia Pravda.*

— É verdade — confirma Sachka. — Na rádio também disseram que tinha chegado uma delegação polaca.

— Vão depositar uma coroa — diz Iúrtchik — e levarão para a Polónia o fogo eterno.

— Como vão levá-lo? — perguntou Vitka. — Todo?

— Que perguntas tu fazes! Acenderão no nosso fogo um archote e levam-no.

Os automóveis param. Uns na rua e outros depois de terem entrado no Campo de Marte pela ampla alameda. Ouvem-se as portas que se abrem. Pessoas apeiam-se. Dois usam chapéus, os outros vêm em cabelo. Um veste um casaco verde, os outros gabardinas claras e cinzentas.

Duas pessoas levam uma grande coroa para o muro dos túmulos.

Os transeuntes param para ver o que acontece. As avós e as amas, dando as mãos às crianças, chegam de todos os lados e aproximam-se dos túmulos.

Os três rapazes também para lá se encaminham. Mas vão sem se apressarem, de mãos nos bolsos, muito ciosos da sua dignidade.

As pessoas que chegaram de automóvel encontram-se junto do muro. Os dois que levavam chapéu descobriram-se, o vento alvoroça-lhes o cabelo. O do casaco verde, certamente um intérprete, gesticula e está sempre a falar. Vê-se que está a traduzir as inscrições. A delegação rodeia-o e escuta-o. Depois, um deles afasta-se do grupo. Dirige-se a passo largo para a abertura no muro, para o centro do recinto onde arde o fogo eterno. Os outros seguem-no em fila. O homem põe um joelho em terra e os rapazes deixam de o ver porque os outros o escondem.

Mas o que viram agradou-lhes. Nas suas caras há uma expressão satisfeita e orgulhosa. Sim, gostaram que ele pusesse o joelho em terra e inclinasse a cabeça, a sua cabeça de cabelos brancos. Aquilo é cavalheiresco e belo. Nunca antes tinham visto alguém que pusesse o joelho em terra em sinal de homenagem; só o tinham lido nos romances históricos.

O principal é que o homem se ajoelhou aqui, diante das *nossas* valas comuns. Sim, ajoelhou-se na terra de Leninegrado,

cheio de veneração, e o vento do Neva faz-lhe voar o cabelo branco.

Todos olham em silêncio. Os transeuntes, as crianças, os funcionários de Energia Eléctrica, das janelas do segundo andar, e os funcionários da estação de Correios, das janelas do rés-do-chão... O grupo de polacos dá passagem ao homem de cabelo branco, que se dirige pela alameda para os automóveis. Traz consigo qualquer coisa na mão direita e com a esquerda protege-a. Acendeu um pequeno archote no nosso fogo e leva-o para o seu país... O homem de cabelo branco é seguido em fila pelos outros. Abrem-se, com estalidos, as portas dos automóveis. A delegação entra nos carros. Num deles entra também o intérprete de casaco verde.

E foi tudo. Os negros automóveis dão a volta, ronronando suavemente. O impressionante cortejo de brilhante verniz negro afasta-se. Dando toques de campainha, circulam os eléctricos. As avós e os seus netos dispersam-se pelo bancos.

Sem nada combinarem os três rapazes dirigem-se para os túmulos, sem se apressarem, de mãos nos bolsos. Cresceram perto daqueles túmulos vendo todos os dias, no Inverno ou no Verão, o muro de granito com as inscrições escritas pelo Comissário do Povo Lunatchárski. Mas nenhum deles, nem mesmo Iúrtchik, leu atentamente aquelas inscrições. Pelos onze ou doze anos não se sente muito interesse pelo que está escrito em sepulcros.

Mas agora vão percorrendo lentamente o muro e param diante de cada inscrição para lerem atentos as linhas austeras e solenes. Os três rapazes querem saber o que leram os polacos na pedra, o que levaram para a Polónia do nosso Campo de Marte.

sem conhecer os nomes
de todos os heróis da luta
pela liberdade
dos que deram o seu sangue
o género humano
honra os heróis anónimos
e em memória e honra
de todos eles
esta pedra
por longos anos
coloca

Os rapazes lêem em silêncio, para si: Sachka, franzindo a sobrancelha; Vitka, metendo para dentro os lábios muito vermelhos; Iúrtchik, com uma séria e concentrada expressão na cara miúda. Penetram, mais rápida ou mais lentamente, no sentido

daquelas palavras. Imagina! Não há sinais de pontuação! As dores de cabeça que uma pessoa tem com estes sinais e afinal podemos passar sem eles. Aquelas palavras são dirigidas à eternidade, aos russos, aos polacos, a todos o povos, por isso pouca importância podem ter os sinais de pontuação.

é imortal
quem caiu pela grande
causa
na memória do povo vive
eternamente
quem pelo povo
deu a sua vida
trabalhou lutou
e morreu
pelo bem comum

A uns passos dali, o pequenito da camisinha branca e a menina do bibe vermelho olham os rapazes mais velhos que lêem as inscrições. Parece que esperam algum novo acontecimento. Talvez mais alguém se ajoelhe. Mas os rapazes limitam-se a tirar da boca as beatas e a guardá-las nos bolsos.

do antro da opressão
da miséria e da ignorância
te levantaste
tu proletário
conquistando
a tua liberdade e felicidade
a toda a humanidade
farás feliz
e arrancarás
da escravidão

Os rapazes entram no recinto onde se encontram os túmulos. Num canto vêem, encostada à parede, a coroa dos polacos. No centro, numa cavidade de uma pequena praça quadrada, arde o fogo eterno, que se agita ao vento, à luz clara do dia, como uma bandeira viva, vermelha e ouro. É o fogo que os polacos vieram buscar. É o fogo pelo qual velam os funcionários do gás para que arda eternamente.

Não são vítimas mas heróis
os que jazem neste túmulo
não é dor mas inveja
o que a vossa sorte gera
nos corações
de todos os reconhecidos
descendentes
em dias belos e terríveis
vivestes gloriosamente
e morrestes com honra

— Que tem de especial — pensam os rapazes — que os funcionários do gás velem pelo fogo? Claro que têm de vigiar por ele e limpar a boca quando se suja.

— Que importância tem — pensam — que um dia de vento ciclónico o apagasse? As pessoas voltariam a acendê-lo e acendê-lo-ão sempre que isso se repita. Naturalmente, é fogo eterno. Claro que é eterno!

A seus pés, bronzeados, poeirentos, cheios de arranhões, calçados com sandálias, conversam com vozes serenas as lápidas dos túmulos. Dizem nomes e explicam:

— Tombou em combate com os guardas brancos.

— Foi assassinado pelos socialistas-revolucionários de direita.

— Morreu na frente.

— Foi assassinado pelos guardas brancos finlandeses.

— Morreu às mãos dos guardas brancos ao sufocar a sublevação de Iaroslavl, em Julho de 1918.

— Aqui jazem os que caíram nos dias da Revolução de Fevereiro e do Grande Outubro de 1917.

contra a riqueza
o poder e os conhecimentos
para uns poucos
vos erguestes em guerra
e tombastes com honra
para que a riqueza
o poder e o conhecimento
fossem
a sorte de todos

Os três rapazes, de mãos nos bolsos, afastam-se dos túmulos. É bom, pensam, que os estrangeiros fixem estas coisas e as

levem para os seus países. Sim, deve ser assim. Diz-se ali: vivestes gloriosamente e morrestes com honra. Naqueles dias distantes, belos e terríveis.

— Terríveis, porquê? — pergunta Vitka.

Mas os seus camaradas não querem discutir aquilo agora. Querem meditar um pouco. Iúrtchik aperta com força os lábios pálidos, dando a entender que não tem vontade de conversar. Pensa tu próprio, Vitka, com a tua cabeça, se é que podes.

Os rapazes caminham pela ampla alameda, entre as frondosas tílias, e as nobres palavras vibram nos seus corações.

Afastaram-se a tempo. Já para os túmulos corria a mulher do apito. Viu os rapazes e correu para o muro o mais que podia. Pensava — assim o disse logo às avós — que os rapazes se tivessem aproximado dali para roubar flores da coroa. Mas os rapazes foram-se embora e a coroa está intacta. Aborrecida por ter feito trabalhar em vão as suas pernas, a mulher, mesmo assim, embora já estejam longe, apita.

A menina do bibe vermelho e o pequenito da camisinha branca voltaram aos seus dentes-de-leão. Não compreenderam nada, absolutamente nada. Não chegou ainda a sua hora. A pequenina baixa-se, com o bibe tufado, e parece uma grande flor. Ela e o pequenito parecem flores num prado verde.

COLECÇÃO CAMINHOS DA REVOLUÇÃO

Volumes publicados:

1 — *Da Resistência à Revolução*
Miguel Urbano Rodrigues

2 — *I Congresso do Partido Comunista de Cuba*
Fidel Castro

3 — *José Martí e a Revolução Cubana*
Alexandre Cabral

4 — *Lénine e a Revolução de Outubro*
Albert Williams

5 — *Dez Dias que Abalaram o Mundo*
John Reed

6 — *A Revolução Latino-Americana*
Rodney Arismendi

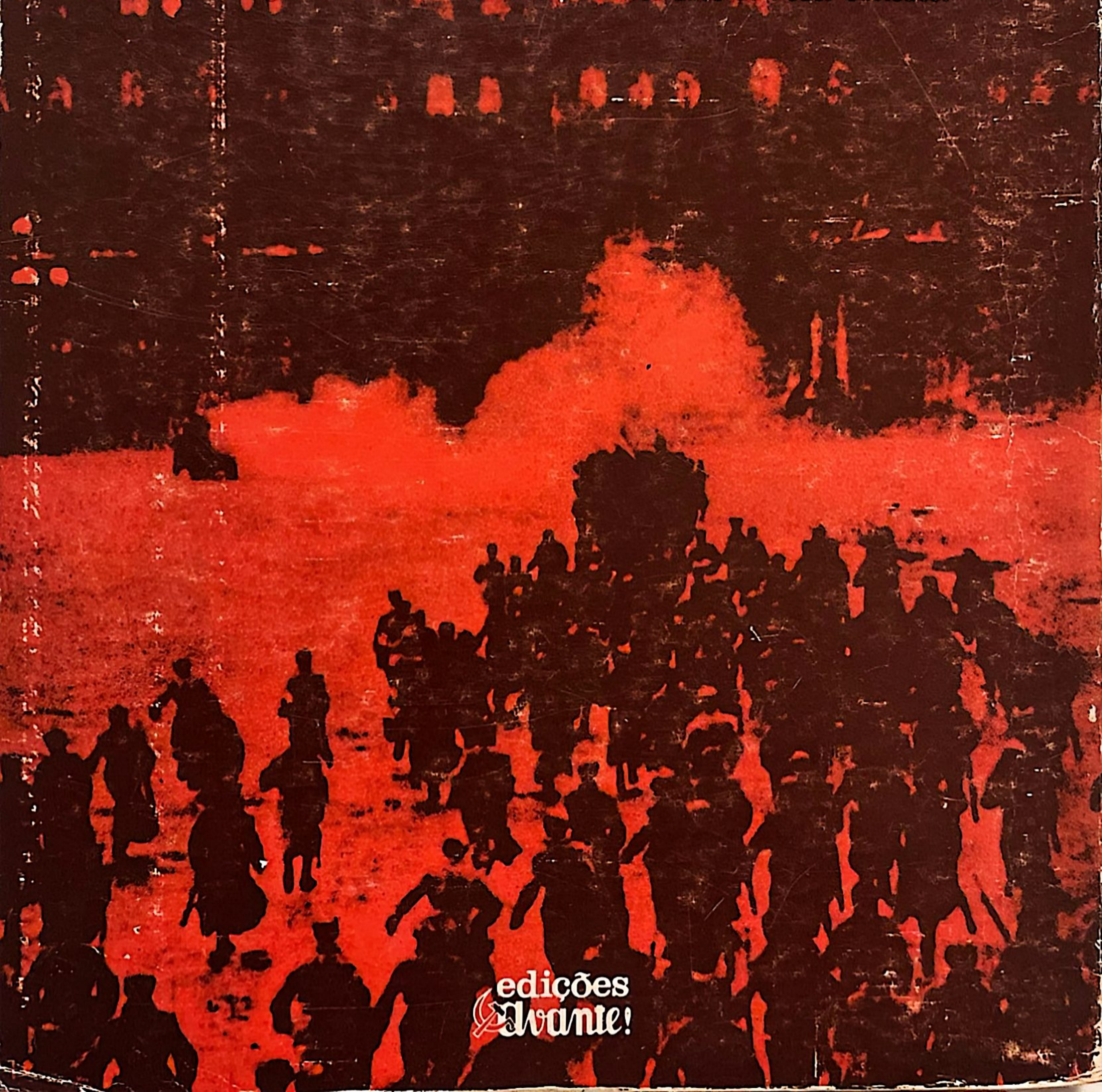
7 — *Da Tempestade Nasceram (Relatos da Revolução de Outubro)*

Título: *Da Tempestade Nasceram*
(Relatos da Revolução de Outubro)
Editor: Edições «Avante!»
Tiragem: 3000 ex.
Acabou de imprimir em: 16 de Novembro de 1979
Oficinas: Guide-Artes Gráficas, Lda.
LISBOA — PORTUGAL

COLECÇÃO

CAMINHOS DA REVOLUÇÃO

Da Tempestade Nasceram... é uma antologia de textos — recordações pessoais e ficção — sobre a Revolução de Outubro, a guerra civil e os primeiros passos da construção pacífica do socialismo. Grandes personalidades da Revolução — Lunatchárski, Bontch-Bruévitch, Alexandra Kollontai — relatam episódios por eles próprios vividos nas jornadas revolucionárias que se seguiram ao 7 de Novembro. Escritores como Chólokhov, Fadéiev, Katáev, V. Ivánov, Fédine, Górki, Lavreniov, descrevem com uma arte admirável o heroísmo e a abnegação dos combatentes soviéticos em luta contra os invasores e os contra-revolucionários, a extrema dureza dos combates travados, as condições difíceis da criação de uma sociedade nova e de um homem novo. Os contos e narrativas incluídos em Da Tempestade Nasceram... oferecem ao leitor uma ampla e vigorosa visão da vida nos primeiros anos do Poder Soviético.



edições Avante!